

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

GUSTAVO MONTEIRO CHAGAS

O BATE-PAPO NO AR:
COLOQUIALIDADE, VINCULAÇÃO E REPRESENTAÇÃO
NAS RÁDIOS GAÚCHA, CBN E MITRE

PORTO ALEGRE

2022

GUSTAVO MONTEIRO CHAGAS

O BATE-PAPO NO AR:
COLOQUIALIDADE, VINCULAÇÃO E REPRESENTAÇÃO
NAS RÁDIOS GAÚCHA, CBN E MITRE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Comunicação.

Linha de pesquisa: Culturas, Política e Significação

Orientador: Prof. Dr. Luiz Artur Ferraretto

PORTO ALEGRE

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Chagas, Gustavo Monteiro

O bate-papo no ar: coloquialidade, vinculação e representação nas rádios Gaúcha, CBN e Mitre / Gustavo Monteiro Chagas. -- 2022.

186 f.

Orientador: Luiz Artur Ferraretto.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Radiojornalismo. 2. Coloquialidade. 3. Vinculação. 4. Representação. I. Ferraretto, Luiz Artur, orient. II. Título.

GUSTAVO MONTEIRO CHAGAS

O BATE-PAPO NO AR:

**COLOQUIALIDADE, VINCULAÇÃO E REPRESENTAÇÃO
NAS RÁDIOS GAÚCHA, CBN E MITRE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Comunicação.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Artur Ferraretto – UFRGS

Orientador

Prof.^a Dr.^a Magda Rodrigues da Cunha – PUCRS

Examinadora

Prof. Dr. Felipe Moura de Oliveira – UFRGS

Examinador

Prof. Dr. Marcell Bocchese – UCS

Examinador

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Marli e Miguel, por tudo. Aos familiares, amigos e colegas de jornalismo pela convivência. À formação sensível e humanista que tive ao ser aluno do extinto Colégio Luterano São Paulo e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ao professor Luiz Artur Ferraretto, orientador e amigo, e aos colegas pesquisadores do Núcleo de Estudos de Rádio (NER) pelo aprendizado. Aos professores que, gentilmente, aceitaram avaliar este trabalho, meu agradecimento na pessoa do professor Flávio Porcello, que, infelizmente, faleceu em decorrência da covid-19 semanas depois da produtiva banca de qualificação que tivemos. Por fim, meu agradecimento ao Rádio e à Educação Pública, que fazem parte de minha trajetória profissional e acadêmica. Dedico esta pesquisa a quem, da forma como pode, defende essas duas fundamentais instituições de tantos ataques daqueles que, por ignorância ou má-fé, nos microfones ou nos gabinetes, destroem suas bases e prejudicam a comunicação, o ensino e, conseqüentemente, a democracia e o futuro do Brasil.

RESUMO

Esta pesquisa tem, como objetivo, estudar o bate-papo no radiojornalismo das cidades de Porto Alegre e São Paulo, no Brasil, e Buenos Aires, na Argentina. Parte-se da hipótese de que essa característica aproxima o rádio porto-alegrense do bonaerense, enquanto o distancia do paulistano. Para isso, são analisados o papel da coloquialidade e as representações das emissoras Gaúcha, CBN e Mitre diante do público como forma de reforçar seus vínculos com a audiência. Toma-se como base teórica as ideias dos meios como mensagem e extensões do corpo humano (McLUHAN, 1972; 1974) e os conceitos de vínculos sonoros (MENEZES, 2007), vinculação social (SALOMÃO, 2003) e representação (GOFFMAN, 2002). O estudo faz uma análise de conteúdo (BARDIN, 2011) de seis programas, dois de cada emissora, e considera que o bate-papo do rádio de Porto Alegre se aproxima do praticado em Buenos Aires pelas possibilidades de coloquialidade, vinculação e representação que a regionalização permite, enquanto se distancia do rádio de São Paulo, cujos elementos constroem uma identidade voltada ao nacional.

Palavras-chave: Radiojornalismo; Coloquialidade; Vinculação; Representação.

ABSTRACT

This research aims to study the chat in radio journalism in the cities of Porto Alegre and São Paulo, in Brazil, and Buenos Aires, in Argentina. It starts from the hypothesis that this characteristic brings the Porto Alegre's radio closer to the Buenos Aires' radio, while distancing it from the São Paulo's radio. For this, the role of colloquiality and the presentations of the stations Gaúcha, CBN and Mitre before the public are analyzed as a way of reinforcing their bonds with the audience. It takes as theoretical basis the ideas of the media as a message and as extensions of the human body (McLUHAN, 1972; 1974) and the concepts of sound bonds (MENEZES, 2007), social bonding (SALOMÃO, 2003) and presentation (GOFFMAN, 2002). The study does a content analysis (BARDIN, 2011) of six shows, two from each station, and considers that the chat on the radio in Porto Alegre is similar to that practiced in Buenos Aires due to the possibilities of colloquiality, bonding and presentation that regionalization allows, while it distances itself from the radio in São Paulo, whose elements build an identity focused on the national.

Keywords: Radio journalism; Colloquiality; Bonding; Presentation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema do universo comunicativo da entrevista.....	42
--	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. RÁDIO, COLOQUIALIDADE, VINCULAÇÃO E REPRESENTAÇÃO.....	21
2.1 McLuhan e ecologia das mídias	21
2.2 Vinculação sonora e social.....	31
2.3 A fala e a representação no rádio	36
3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS.....	44
4. O BATE-PAPO NO AR.....	49
4.1 <i>Gaúcha Atualidade</i>	55
4.2 <i>Timeline Gaúcha</i>	72
4.3 <i>CBN Brasil</i>	88
4.4 <i>Estúdio CBN</i>	106
4.5 <i>Cada Mañana</i>	126
4.6 <i>Pase Longobardi-Lanata</i>	149
5. ELEMENTOS DO BATE-PAPO	161
5.1 <i>Gaúcha Atualidade</i>	161
5.2 <i>Timeline Gaúcha</i>	164
5.3 <i>CBN Brasil</i>	166
5.4 <i>Estúdio CBN</i>	168
5.5 <i>Cada Mañana</i>	170
5.6 <i>Pase Longobardi-Lanata</i>	173
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	175
7. REFERÊNCIAS	179

1. INTRODUÇÃO

O rádio se estabelece, no Rio Grande do Sul, no ano de 1924, tendo “como matrizes próximas as emissoras do Rio de Janeiro, de São Paulo e dos países do Rio da Prata” (FERRARETTO, 2002, p. 29) e com “papel destacado as transmissões provenientes da Argentina, em especial, e do Uruguai” (FERRARETTO, 2002, p. 29). Quase um século depois – após ter passado por transformações tecnológicas e rearranjos empresariais, além de ter explorado variadas alternativas técnicas e de linguagem –, o meio segue sendo parte da rotina dos ouvintes sul-rio-grandenses, que acompanham a programação das emissoras locais nos mais diversos segmentos.

Uma das características do rádio do Rio Grande do Sul, na contemporaneidade, em especial na capital do estado, a cidade de Porto Alegre, é a coloquialidade. Ela se manifesta em programas de bate-papo, mesa-redonda e debate, práticas que remontam à segunda metade do século XX (FERRARETTO, 2007, p. 455) e ganham força com o passar dos anos em atrações como o *Sala de Redação*, da Rádio Gaúcha, a partir de meados da década de 1970 (FERRARETTO, 2007, p. 229-230). O estilo marca a radiofonia sul-rio-grandense até o presente, quando “a conversa e o debate se estendem como forma de preencher grade de programação, indiretamente podendo permitir mais tempo de reflexão sobre a informação” (GAMBARO, 2019, p. 224). O debate em si, recurso comum na programação esportiva propiciado pela dualidade entre os clubes de futebol do estado, Grêmio e Internacional, acaba também “funcionando nos programas de jornalismo geral, quando estes compreendem a força que essa estrutura de conversa oferece para o aprofundamento em um tema” (GAMBARO, 2019, p. 226).

No Brasil, dentro dos mais diversos segmentos, há adaptações dos modelos estadunidenses baseados na notícia e no diálogo, como *news*, *news/talk*, *all-news* e *all-talk* (KEITH, 2010, p. 81). Ferraretto observa que, “as emissoras dedicadas 24 horas por dia à notícia, mesmo que se autodenominando *all-news* ou apenas *news*, em realidade, desenvolveram um formato intermediário que pende para o *all-talk*” (2014a, p. 65). Mencionando Meditsch (2002)¹, Ferraretto pontua que o mercado brasileiro de radiojornalismo incorporou entrevistas e mesas-redondas ao formato *all-news*, e fugindo à rigidez do *format clock*² estadunidense (2021, p. 3), em

¹ MEDITSCH, Eduardo. Fatiando o público: o rádio na vanguarda da segmentação da audiência. **Verso & Reverso**, São Leopoldo: Editora da Unisinos, ano 16, n. 35, p. 55-60, jul.-dez. 2002.

² “Padrão que baseia a marcação do tempo destinado aos conteúdos jornalísticos, de serviço, de entretenimento, musicais e educativos em relação às parcelas ocupadas pelo intervalo comercial” (FERRARETTO, 2014a, p. 53).

emissoras como a Central Brasileira de Notícias (CBN) e a BandNews FM (FERRARETTO, 2021, p. 14).

Um dos exemplos citados pelo pesquisador é o da Rádio Gaúcha de Porto Alegre, que, após um processo de reposicionamento iniciado na década de 1970 (FERRARETTO, 2021, p. 10) e consolidado em 1986 (FERRARETTO, 2021, p. 13), adotou formato *news and talk*³, que compreende a veiculação de notícias e de conversas por meio de comentários, entrevistas, informativos, mesas-redondas, quadros fixos, reportagens e transmissão ao vivo de eventos (FERRARETTO, 2021, p. 5).

Se, no passado, as transmissões do Rio Grande do Sul eram influenciadas por aqueles polos socioeconômicos e culturais, Rio de Janeiro e São Paulo ao norte e Argentina e Uruguai ao sul, existiria, no presente, algo que aproxime ou distancie os modos de se fazer rádio nessas localidades? Com base na escuta de programas, lastreada por conceitos específicos, este estudo tem como hipótese a ideia de que a coloquialidade no ar, ou seja, a conversa na qual se exige pouca formalidade, colocaria a radiofonia de Porto Alegre mais próxima da praticada ao sul do que ao norte. Na concretização dessa proximidade, estariam elementos de vinculação e representação, que consolidam a identidade das emissoras.

Direciona-se, então, o foco para pontos específicos: período histórico, localização, segmento, emissora, programa – antes de iniciar a discussão sobre as teorias, conceitos e ideias que guiam esta discussão. A determinação de cada ponto busca compreender o fenômeno tema do trabalho de forma abrangente, observando critérios que correspondam a este objetivo. Este estudo se atém a questões contemporâneas a sua produção, na virada da década de 2010 para a de 2020. Olhar para um período em específico na trajetória do meio, no entanto, não significa ignorar a história ou negar-se a discutir seu futuro. Como lembra Gambaro, “observar o rádio hoje é ouvir o que essa instituição tem a dizer sobre seu passado, e como isso pode construir o seu futuro” (2019, p. 49).

Na delimitação geográfica, reconhecendo a importância histórica da influência do rádio do Rio de Janeiro e do Uruguai, bem como sua capital, Montevidéu, ao meio no Rio Grande do Sul, nota-se que, na atualidade, as configurações de ambos os mercados se mostram restritas. O rádio carioca, por exemplo, tem seu alcance limitado ao estado. A Rádio Globo, única das oito maiores redes do Brasil com sede na capital fluminense (GRUPO DE MÍDIA SÃO

³ Eventualmente, autores adotam grafias diferentes para determinados formatos, como *news/talk* (KEITH, 2010) e *news and talk* (FERRARETTO, 2021).

PAULO, 2020, p. 239), reforçou seu foco no Rio de Janeiro fechando “o ciclo de desmobilização da rede de transmissão para todo o Brasil”, conforme comunicado do Grupo Globo reproduzido por Ricco (30 maio 2020). Já, no Uruguai, as dimensões reduzidas do país em comparação com os vizinhos, Brasil e Argentina, limitam o alcance populacional do rádio a 982 mil ouvintes na zona metropolitana da cidade de Montevidéu (MEDICIONES Y MERCADO, 2018). Já em São Paulo e na Argentina, especificamente na capital Buenos Aires, o tamanho de seus respectivos mercados as torna relevantes para o paralelo sugerido. A capital paulista é a maior metrópole brasileira e reúne 76% de ouvintes de rádio (KANTAR IBOPE MEDIA, 2021, p. 12) entre seus estimados 21 milhões de habitantes. A capital argentina e suas cidades vizinhas têm uma população aproximada de 16 milhões de pessoas, entre as quais o alcance do rádio é de 82% (KANTAR IBOPE MEDIA apud ESPADA, 2022)⁴.

O segmento jornalístico é aquele que, além dos rádios popular, cultural e religioso, em que mais se explora o bate-papo ao microfone (FERRARETTO, 2014a, p. 50-52). Nas praças selecionadas, destacam-se as rádios Gaúcha, CBN e Mitre, líderes de audiência e emissoras relevantes dentro do segmento, e programas que contemplam critérios como os de audiência, além de formatos de programação e de programas condizentes com objetivos desta observação⁵:

a) *Gaúcha Atualidade*, da Gaúcha, transmitido de segunda a sexta-feira, das 8h10 às 10h, com apresentação de Daniel Scola e Rosane de Oliveira⁶.

b) *Timeline Gaúcha*, da Gaúcha, transmitido de segunda a sexta-feira, das 10h às 11h, com apresentação de Luciano Potter, Kelly Matos e David Coimbra.

c) *CBN Brasil*, da CBN, transmitido de segunda a sexta-feira, das 12h às 14h, com apresentação de Carlos Alberto Sardenberg e Cássia Godoy.

d) *Estúdio CBN*, da CBN, transmitido de segunda a sexta-feira, das 14h às 17h, com apresentação de Tatiana Vasconcellos e Fernando Andrade.

e) *Cada Mañana*, da Mitre, transmitido de segunda a sexta-feira, das 6h às 10h, com apresentação de Marcelo Longobardi e equipe⁷.

⁴ KANTAR IBOPE MEDIA. Buenos Aires, 2021.

⁵ Ver capítulo 4, *O bate-papo no ar*.

⁶ Meses após a análise do programa, o apresentador Daniel Scola entrou em licença por motivos de saúde, sendo substituído, de forma interina, pela jornalista Andressa Xavier (“NÃO...”, 25 ago. 2021), e a jornalista Giane Guerra passou a compor a bancada do *Gaúcha Atualidade* de forma fixa (“ATUALIDADE”..., 10 set. 2021).

⁷ No dia 2 de novembro de 2021, Marcelo Longobardi anunciou sua saída do *Cada Mañana*, após 21 anos de programa, sendo oito deles na Rádio Mitre (LONGOBARDI, 3 nov. 2021).

f) *Pase Longobardi-Lanata*, da Mitre, transmitido de segunda a sexta-feira, por volta das 10h, em uma transição entre a equipe do *Cada Mañana* e a do *Lanata Sin Filtro*, apresentado por Jorge Lanata e equipe, logo na sequência⁸.

Quando da transição do rádio brasileiro da fase de implantação à fase de difusão, com a afirmação dos espetáculos de alcance popular (FERRARETTO, 2012, p. 13), o poeta e escritor Mário de Andrade fez uma problematização da linguagem do meio. O debate, não inédito em outras partes do mundo, ganhou contornos nacionais em um breve artigo do intelectual modernista publicado no jornal *Diário de Notícias* no ano de 1940. Andrade observava a existência de um idioma próprio do rádio, motivado pela necessidade de “alcançar o maior número de pessoas, de lhes ser acessível e as convencer a todas” (2005, p. 115). Para fazer tal apreensão, o autor citou uma discussão feita na Argentina acerca do assunto. No país vizinho ao Brasil, o órgão responsável por regulamentar a radiodifusão propusera uma consulta que objetivava resolver problemas do meio, entre eles o da linguagem. A validade da adoção, ao microfone, de vícios de pronúncia e de linguagens como a familiar e a regional estava no centro da questão, que acabara não sendo solucionada tamanha variedade de respostas, muitas delas críticas ao coloquialismo. Diante disso, Andrade exclamou com ironia: “e o problema da língua radiofônica castelhano-argentina ficou sem direção e provavelmente o ficará por toda a vida. Mas não se dirige uma língua viva!...” (ANDRADE, 2005, p. 113).

Reconhecendo o aspecto vivo da linguagem, essa postura mais flexível ao microfone conquistou espaço na radiofonia brasileira com o passar dos anos. Na fase de segmentação do rádio, a partir da década de 1950 até meados dos anos 2000 (FERRARETTO, 2012, p. 6), as transmissões ganharam coloquialidade com o papel cada vez mais central do comunicador:

Abandonando o texto escrito dos *scripts* de outrora, o meio vê surgir um novo protagonista: o comunicador também a simular uma relação próxima, em uma conversa constante – e imaginária – com o ouvinte, um bate-papo mais exclusivo ainda a partir da disseminação dos receptores transistorizados. (FERRARETTO, 2012, p. 13-14).

A cultura da portabilidade acentuou-se nas décadas seguintes, com o desenvolvimento de aparelhos como o *walkman*, o telefone celular e o *smartphone*. Essa condição, sugere Ferraretto, caracteriza o rádio como companheiro do ouvinte:

⁸ Meses após a análise do programa, em agosto de 2021, o *Pase Longobardi-Lanata* foi tirado do ar pela Mitre, em razão de uma briga entre as duas equipes. Conforme a imprensa local, Jorge Lanata teria reclamado que Marcelo Longobardi estaria atrasando o encerramento do *Cada Mañana*, conseqüentemente, atrasando o início do *Lanata Sin Filtro*, após o *Pase* (ELTENSO..., 13 ago. 2021). Posteriormente, Longobardi deixou seu programa na emissora.

[...] algo que está próximo no dia a dia e quebra a solidão, seja nas metrópoles, seja nas zonas rurais mais afastadas dos centros urbanos. E, gradativamente, com a transformação dos locutores em comunicadores e com o simulacro da conversa próprio destes últimos, esse meio passou a *falar* com o ouvinte. (FERRARETTO, 2014a, p. 26).

A presença do rádio no cotidiano do ouvinte abre espaço para a discussão das bases teóricas e conceituais deste estudo. O canadense Marshall McLuhan trabalha com ideias consagradas em expressões como “o meio é a mensagem” e “os meios de comunicação como extensões do homem”. É possível enxergar o rádio em todas essas relações. Ainda que este trabalho se atente ao conteúdo emitido pelo meio em questão, considera-se o observado pelo autor, que aponta a influência das características de cada suporte, controlando a proporção e a forma da comunicação produzida através dele (McLUHAN, 1974). Assim, sugere-se que a mensagem e a forma dela, tema desta análise, são condicionadas pelo meio – o rádio –, assumem uma forma própria – as representações – e geram efeitos – de vinculação.

Tomando como exemplo o rádio em seu início, é possível perceber o tratamento cerimonial conferido por locutores à audiência. Não por acaso, os comunicadores se dirigiam ao público no auditório ou para uma família de ouvintes na sala de casa, postada em frente ao aparelho. O avançar da tecnologia, que fez diminuir o tamanho dos receptores, levou o conteúdo do rádio diretamente para os ouvidos de uma única pessoa, individualizando o consumo, e, conseqüentemente, alterando a mensagem, como mencionado anteriormente. McLuhan observa que “o rádio propicia intimidade ao jovem, juntamente com os estreitos laços tribais do mundo do mercado comum, da canção e da ressonância” (1974, p. 340). A conversa destinada para um público vasto se transformou em um diálogo, ainda que simulado, entre o locutor e seu ouvinte, ainda que vários deles. Com a ressalva de que McLuhan descreveu o fenômeno na década de 1970 e que, por exemplo, o funcionamento da televisão já não seja o mesmo atualmente, o autor observa que:

O rádio foi liberado das pressões dessa cadeia centralizadora por obra da TV. A carga da centralização passou para a TV, que dela pôde livrar-se graças ao Telstar. Como a TV aceitou o encargo da cadeia central derivado de nossa organização industrial centralizada, o rádio passou a ter liberdade de diversificação, prestando serviços locais e regionais que antes não conheceu, mesmo nos primeiros tempos dos amadores de rádio galena. Com a TV, o rádio se voltou para as necessidades individuais do povo, em diferentes horas do dia, bem em sintonia com a multiplicidade de aparelhos receptores nos quartos, banheiros, cozinhas, carros e – agora – bolsos. Programações diferentes são fornecidas para atender às mais diversas atividades. O rádio, que antes foi uma forma de audiência grupal que enchia as igrejas, reverteu ao uso pessoal e individual – com o advento da TV. O adolescente se afasta da TV grupal para o seu rádio particular. (McLUHAN, 1974, p. 344-345).

Esse avanço ainda potencializa a ideia do rádio como uma das extensões do corpo humano, em que a humanidade projeta sentidos e consciência aos meios. O canadense observa

que “cada produto que molda uma sociedade acaba por transpirar em todos e por todos os seus sentidos” (McLUHAN, 1974, p. 37). Para o autor:

Este poder da tecnologia em criar seu próprio mercado de procura não pode ser desvinculado do fato de a tecnologia ser, antes de mais nada, uma extensão de nossos corpos e de nossos sentidos. [...] A pressão para o uso contínuo independe do ‘conteúdo’ dos programas ou do sentido de vida particular de cada um, testemunhando o fato de que a tecnologia é parte de nosso corpo. (McLUHAN, 1974, p. 88).

Ao estar na palma da mão, seja em um aparelho transistorizado ou em um *smartphone*, e em fones no ouvido, o rádio também se estende à consciência do usuário e, nos exemplos trabalhados nesta pesquisa, reproduz um comportamento ao bater papo com esse ouvinte. Pois, como McLuhan observa, considerando a tecnologia da época:

O poder que tem o rádio de envolver as pessoas em profundidade se manifesta no uso que os adolescentes fazem do aparelho de rádio, durante seus trabalhos de casa, bem como as pessoas que levam consigo seus transístores, que lhes propiciam um mundo particular próprio em meio às multidões. (McLUHAN, 1974, p. 335).

Ainda discutindo McLuhan, o rádio acaba tendo o poder de tribalizar uma comunidade, reunindo as pessoas, muitas vezes distantes entre si, em torno de lugares-comuns através da conversa. Para o autor, “o efeito do rádio sobre o homem letrado ou visual foi o de reavivar suas memórias tribais” (1974, p. 63), ou seja, de reavivar vínculos ou tornar a comunicação mais natural e menos artificial (LEVINSON, 2000, p. 20).

As ideias de McLuhan dialogam com as interpretações da chamada ecologia das mídias, ou *media ecology* em inglês, ainda que o termo tenha sido cunhado por Neil Postman (STRATE; BRAGA; LEVINSON, 2019, p. 16). O autor aborda as “interações entre as pessoas e suas tecnologias de comunicação. Mais particularmente, a ecologia das mídias observa como os meios de comunicação afetam a percepção, o entendimento, o sentimento e os valores humanos” (POSTMAN, 1970, p. 161, tradução nossa)⁹. Essa compreensão do todo é reforçada por outros nomes, que consideram o funcionamento de um ambiente no qual ocorrem as relações entre humanidade e meios de comunicação, assim como quais os reflexos, sejam eles positivos ou negativos, na sociedade.

Para Paul Levinson, a contribuição de McLuhan à ecologia das mídias se dá porque:

⁹ No original: “the interaction between people and their communications technology. More particularly, media ecology looks into the matter of how media of communication affect human perception, understanding, feeling and value.”

Sem seu trabalho nas décadas de 1950 e 60, não haveria campo de estudo que procurasse explicar como as nuances e grandes traços da história humana são possibilitados pelos meios de comunicação – como os meios de comunicação determinam os pensamentos e ações das pessoas e da sociedade, de uma forma “suave”. (LEVINSON, 2000, p. 17, tradução nossa)¹⁰.

Com postulações próprias, mas conversando com os conceitos McLuhanianos, retratados nas conhecidas expressões mencionadas anteriormente, pesquisadores no campo da ecologia das mídias observam como o funcionamento dos meios prevalece e molda o ambiente em que a humanidade vive.

Nos conceitos, trabalha-se com as ideias de vinculação/vínculos, abordadas pelos autores Mozahir Salomão (2003) e José Eugenio de Oliveira Menezes (2007). Uma emissora de rádio consegue, “pelo tipo de programação, pela linguagem e pela atuação de seus apresentadores [...] construir com seu público um contrato de comunicação marcado pela extrema proximidade e fidelidade desses ouvintes” (SALOMÃO, 2003, p. 22). O autor, que discute em sua obra a vinculação social do meio, prossegue sinalizando para a “ideia de que o rádio cumpre um papel de preenchimento e mostra que a lógica da identificação – de caráter coletivo – significa para o ouvinte uma alternativa de compartilhamento de experiências e emoções” (SALOMÃO, 2003, p. 23). Menezes, por sua vez, discutindo o que chama de vínculos sonoros, sublinha que “os processos comunicativos são construções de vínculos agregam ou segregam indivíduos” (2007, p. 23-24). Logo o sucesso dessa finalidade significa atender uma das missões do rádio, como sustentou Andrade (2005), a de alcançar, ser acessível e convencer o maior número de pessoas.

Os vínculos proporcionados pelo rádio criam uma comunidade de ouvintes. Na compreensão do sociólogo alemão Ferdinand Tönnies, a comunidade se difere da sociedade por ser um organismo vivo e não um agregado mecânico e artificial como a segunda (1995, p. 232). O autor sublinha os laços de sangue e parentesco sobre os quais se sustenta a comunidade, reforçada por associações com a terra e o lugar onde se vive, amizade, sentimentos compartilhados e crenças comuns (SCHMITZ, 1995, p. 177).

Mesmo com essas evoluções, os problemas da linguagem no rádio, como os discutidos por Andrade (2005), ainda motivam questionamentos – agora de outra ordem. Nos eventos analisados por este trabalho, a conversa em tom coloquial não parece ser simulada entre o comunicador e seu ouvinte, senão efetiva entre os próprios comunicadores para o ouvinte,

¹⁰ No original: “Without his work in the 1950s and ’60s, there would be no field of study that sought to explain how the nuances and great sweeps of human history are made possible by media of communication – how media determine the thoughts and actions of people and society, in a ‘soft’ way.”

indicando, ainda, que representações específicas ajudam a construir uma identidade e vínculos entre uma emissora, seus programas e comunicadores com o público e que essas representações se dão de forma diferente em cada localidade.

O sociólogo Erving Goffman observa, em suas obras, a relação entre as pessoas a partir da oralidade e do comportamento decorrente dela. Canadense radicado nos Estados Unidos da América, o pesquisador afirma que “a informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar” (2002, p. 11). O autor prossegue o pensamento pontuando que os indivíduos, “assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada” (GOFFMAN, 2002, p. 11). Citando Gustav Ichheiser¹¹, Goffman resume seu pensamento sublinhando que o sujeito se expressa enquanto os outros são impressionados por ele (2002, p. 12).

Ainda que venha a tratar da radiofonia em suas pesquisas, notadamente em *Forms of talk* (1981), Goffman não se referiu ao meio de comunicação em si nas frases mencionadas anteriormente. No entanto, as palavras do estudioso convergem para algumas das características fundamentais do rádio. Pode-se postular que a forma pela qual uma emissora ou um programa (neste caso, o indivíduo) se apresenta para os ouvintes os torna capazes de conhecer e reagir à informação prestada. Nos estudos sobre o meio, ideias semelhantes são discutidas dentro do conceito de identidade de uma emissora.

Ferraretto lança as premissas de que a estratégia visa criar uma relação de empatia com o público, fazendo com que a estação represente anseios, interesses, necessidades e objetivos dos ouvintes (2014a, p. 39-41). O autor prossegue, ao notar que a criação do vínculo parte “da compreensão do que aquela manifestação radiofônica significa, projetando ali uma espécie de personalidade ou respondendo à construída pelo emissor, criando, assim, uma identificação” (FERRARETTO, 2014a, p. 41). Entre as formas de envolvimento do ouvinte, segundo o pesquisador, estão colocar o receptor dentro da narrativa, no plano do imaginário; simular um diálogo; e oferecer o que o público deseja escutar (FERRARETTO, 2014a, p. 41).

Erving Goffman sustenta que, “na medida em que uma representação ressalta os valores oficiais comuns da sociedade em que se processa, podemos considerá-la [...] como uma cerimônia, um rejuvenescimento e reafirmação expressivos dos valores morais da comunidade”

¹¹ ICHHEISER, G. Misunderstandings in Human Relations. *The American Journal of Sociology*, [s.l.], v. 55, n. 2, p. 6-7, 1949.

(2002, p. 41). O rádio pode ser visto como campo de afirmação desse tipo de representação no Brasil, onde o meio se manifesta em empreendimentos regionais (FERRARETTO, 2012, p. 21). No Rio Grande do Sul, a representação do rádio não é apenas regional, como também explora o “hiperlocalismo” (GAMBARO, 2019, p. 222), ora classificado de bairrismo, situação na qual “são valorizadas características como polarizações de debates, conquistas políticas que derivam de luta e resistência, além da manutenção da cena cultural forte” (GAMBARO, 2019, p. 222). A ideia da presença do hiperlocalismo na mídia do Rio Grande do Sul considera que a “busca pela afirmação da identidade regional foi uma constante e perdura até hoje, mesmo sob o efeito forte e decisivo dos meios de comunicação de massa” (JACKS, 1998, p. 13). E um dos espaços de reforço do hiperlocalismo seria, na visão levantada por este estudo, a coloquialidade ao microfone.

Tendo esses elementos em vista, a pesquisa sugere que o rádio do Rio Grande do Sul, em geral, e o de Porto Alegre, em particular, lançam mão de especificidades da linguagem coloquial gaúcha e porto-alegrense a fim de criar sua representação e identidade diante do público e, por fim, reforçar sua vinculação a ele. Como uma das especificidades mais evidentes, conforme consulta em teses e dissertações produzidas por pesquisadores vinculados ao Projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), cita-se o fato de que “em Porto Alegre a concordância verbal com o pronome TU é praticamente inexistente” (LOREGIAN, 1996, p. 33). Outro indicador é a “tendência de substituição do pronome ‘nós’ pelo pronome ‘a gente’, que, em um caso semelhante ao do pronome ‘tu’, passa a ser conjugado na terceira pessoa do singular” (TAROUCO, 2018, p. 17).

O bate-papo no ar colocaria a radiofonia de Porto Alegre mais próxima da praticada em Buenos Aires, como é possível inferir fazendo uma escuta inicial de emissoras das duas praças. A aproximação entre Rio Grande do Sul e Argentina tem o modelo paulistano como parâmetro. O mercado de São Paulo representaria o padrão brasileiro, considerando o alcance de suas emissoras através das redes e da influência que a cidade tem sobre a vida do país em geral. Ainda que aproveite da linguagem coloquial em alguns espaços, o rádio da capital paulista seria mais focado em fórmulas menos expressivas, numa representação mais rígida de si mesmo. Uma das explicações para a diferença observada seria uma dita obrigação de uma rede estabelecida em São Paulo em falar para ouvintes de todo o Brasil, enquanto uma emissora do Rio Grande do Sul fala para ouvintes sul-rio-grandenses e uma emissora de Buenos Aires, mesmo tendo alcance sobre boa parte da Argentina, se aproveita do domínio da cultura bonaerense no país para reproduzir esta identidade.

Assim, a pesquisa busca verificar como se manifesta o bate-papo e analisar o papel da coloquialidade no segmento jornalístico do rádio nas cidades de Porto Alegre e São Paulo, no Brasil, e Buenos Aires, na Argentina, conferindo como ocorrem as representações de Gaúcha, CBN e Mitre diante de seus respectivos públicos como forma de reforçar seus vínculos para com os ouvintes. Para operacionalizar o cumprimento do objetivo geral da pesquisa, alguns objetivos específicos são elencados:

a) Selecionar e categorizar elementos de coloquialidade e vinculação ao microfone após escuta e posterior análise dos programas de Gaúcha, CBN e Mitre.

b) Identificar, a partir dos resultados obtidos na etapa anterior, possíveis papéis representados por âncoras, programas ou pelas próprias emissoras (GOFFMAN, 1981; 2002) e como eles contribuem para a consolidação de vínculos sociais (SALOMÃO, 2003) e sonoros (MENEZES, 2007).

c) Comparar as representações observadas, a fim de demarcar padrões que permitam aproximar ou distanciar as práticas das três emissoras e os respectivos mercados observados.

d) Articular os resultados da pesquisa de campo com as teorias e conceitos que embasam o estudo, propondo considerações acerca dos problemas vistos ao longo do trabalho.

e) Confirmar a hipótese apresentada.

Para isso, opta-se pelo caminho metodológico da análise de conteúdo, com base em Bardin (2011), além da escolha das emissoras em si. As etapas listadas pela autora são aqui identificadas. A pré-análise (BARDIN, 2011, p. 125), consiste na definição do tema e delimitação do objeto, concretizada na escolha dos documentos (os programas de rádio), na formulação das hipóteses e dos objetivos e, por fim, na elaboração dos indicadores (de coloquialidade, vinculação e representação). A pré-análise é seguida pela exploração do material (BARDIN, 2011, p. 131), etapa que precede o tratamento e a interpretação dos resultados obtidos. Os elementos verificados serão classificados a partir do tema, considerando conceitos técnicos do rádio, e da presença ou ausência de determinada característica, segundo Bardin (2011, p. 144). Assim, é feita a codificação do conteúdo coletado, definindo suas unidades, e, enfim, agregando em categorias (BARDIN, 2011, p. 133).

As ideias desenvolvidas estarão articuladas nos capítulos que seguem esta introdução:

a) O capítulo *Rádio, coloquialidade, vinculação e representação* (2) discute teorias, conceitos e ideias que guiam esta pesquisa. O subcapítulo *McLuhan e ecologia das mídias* (2.1)

discute o rádio como um dos meios de comunicação que se comporta como extensão do corpo humano e de sua consciência, a forma como o meio influencia a mensagem e o papel da oralidade no rádio; além disso, avança sobre compreensões acerca da ecologia das mídias, observando como as relações entre seres humanos e meios de comunicação moldam o ambiente. O subcapítulo *Vinculação sonora e social* (2.2) articula os conceitos trabalhados por Menezes (2007) e Salomão (2003), buscando entender como se formam os vínculos entre rádio e público e como esses vínculos criam uma comunidade de ouvintes, utilizando, para tal compreensão, o conceito trabalhado por Tönnies (1995). Por fim, o subcapítulo *A fala e a representação no rádio* (2.3) expõe ideias que discutem como a oralidade e a representação de papéis nas interações humanas, entre elas, as que ocorrem pelo rádio, contribuem para a construção de identidades, tendo como base Goffman (1981, 2002) e Prado (1989).

b) O capítulo *Estratégias metodológicas* (3) desenvolve a base metodológica da análise de conteúdo (BARDIN, 2011) e explica os procedimentos adotados para o exercício.

c) O capítulo *O bate-papo no ar* (4), além de situar as emissoras e os programas escutados, traz a coleta da amostra, ou seja, o conteúdo observado e a categorização de elementos analisados, o tratamento e a interpretação dos resultados obtidos na análise de conteúdo.

d) O capítulo *Elementos do bate-papo* (5) articula os resultados do capítulo 4 com as teorias e conceitos trabalhados no capítulo 2.

e) Por fim, o capítulo 6 oferece as considerações finais desta pesquisa.

Como será demonstrado no desenvolvimento desta dissertação, a hipótese lançada, do rádio de Porto Alegre ser mais próximo do de Buenos Aires, a partir da observação de programas de radiojornalismo, se confirma, verificando semelhanças nas formas de exploração dos elementos de coloquialidade, vinculação e representação, em comparação com o rádio de São Paulo. Ainda assim, algumas ponderações são necessárias na discussão dos resultados obtidos.

Esta dissertação foi aprovada pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Compesq-Fabico) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em novembro de 2020 e aprovada pela banca de qualificação em agosto de 2021. Por não realizar procedimentos científicos conduzidos com seres humanos (entrevistas), animais ou meio ambiente, não foi necessária submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa da universidade. Além disso, a metodologia foi testada em resumo expandido e trabalho apresentado no IV Simpósio Nacional de Rádio, realizado virtualmente em abril de 2021 (CHAGAS; FERRARETTO, 2021).

2. RÁDIO, COLOQUIALIDADE, VINCULAÇÃO E REPRESENTAÇÃO

Ao ter, como premissa, o rádio como meio de comunicação capaz de vincular o público a si através do som, da linguagem e da tecnologia – como já foi pontuado anteriormente e será visto, com mais profundidade, adiante – esta pesquisa baseia-se na obra Marshall McLuhan e na ecologia das mídias para fundamentar-se teoricamente e abrir caminho para as ideias de vinculação sonora e social e o papel da fala na representação no rádio.

2.1 McLuhan e ecologia das mídias

A vasta obra de McLuhan é frequentemente lembrada por expressões como “o meio é a mensagem”, “aldeia global” e “os meios de comunicação como extensões do homem”. A compreensão de postulados históricos do autor reconhece, no entanto, críticas feitas ao trabalho do canadense, que seria fruto de determinismo tecnológico pouco convencido do condicionamento econômico sofrido pelos meios (RÜDIGER, 2011a, p. 112). Todavia, antes de explorar tais conceitos, é necessário assinalar que o autor foi influenciado por Harold Innis, também canadense, professor de Economia Política da Universidade de Toronto. Innis destaca, em suas obras, que as transformações da história podem ser explicadas pela ação das tecnologias de comunicação (RÜDIGER, 2011b, 121), visão que seria reforçada por McLuhan, mais tarde, na interpretação da prevalência dos meios sobre a mensagem e na alegoria das galáxias. A essa característica, Innis atribui o conceito de *bias* ou, em português, viés, tendência ou inclinação. Com isso, o autor destaca que as tecnologias de comunicação não são neutras.

Harold Innis reforça os impactos das tecnologias na sociedade, observando reflexos nas relações de poder, na política e na economia, ao afirmar que “os ‘monopólios do saber’ determinados pela tecnologia comandam a distribuição do poder político entre os grupos sociais. O poder é uma questão de controle do espaço e do tempo” (MATTELART; MATTELART, 1999, p. 180). O domínio sobre o tempo seria uma característica da era da escrita e da comunicação oral, descentralizada, favorecendo “a memória, o senso histórico, pequenas comunidades e formas tradicionais de poder” (MATTELART; MATTELART, 1999, p. 180). Já domínio do espaço seria simbolizado pela imprensa, conduzindo à expansão e ao controle de um território e tendo caráter centralizador. Na leitura de Innis, Rüdiger sinaliza para o caráter da comunicação na era da elétrica, observando que a “concentração de poder sobre o tempo e o espaço gerada pelas telecomunicações constituía apenas uma das tendências dessa mídia, potencialmente portadora das condições para um restabelecimento da cultura oral e do contato pessoal” (2011b, p. 121).

A comparação dos efeitos de cada era da comunicação e do poder dos meios é retomada por Marshall McLuhan. Para o canadense, a forma como os meios determinam a história humana faz com que eles prevaleçam sobre a mensagem. Segundo o pesquisador, isso significa que “as consequências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos – constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos” (McLUHAN, 1974, p. 21). Na compreensão de McLuhan, “o ‘conteúdo’ de qualquer meio ou veículo é sempre um outro meio ou veículo. O conteúdo da escrita é a fala, assim como a palavra escrita é o conteúdo da imprensa e a palavra impressa é o conteúdo do telégrafo” (1974, p. 22). Dessa forma, o salto de uma tecnologia para outra e seus impactos sobre a sociedade são mais importantes que o conteúdo em si, pois “a ‘mensagem’ de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas, humanas” (McLUHAN, 1974, p. 22).

O autor faz uma defesa de sua compreensão de críticas que valorizam a mensagem ao meio. McLuhan afirma que:

[...] é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas. O conteúdo ou usos desses meios são tão diversos quão ineficazes na estruturação da forma das associações humanas. Na verdade não deixa de ser bastante típico que o ‘conteúdo’ de qualquer meio nos cegue para a natureza desse mesmo meio. (McLUHAN, 1974, p. 23).

O pesquisador também condena aqueles que enxergam uma suposta neutralidade dos meios de comunicação. McLuhan cita a fala de David Sarnoff, pioneiro do rádio e executivo que viu o potencial massivo do meio, na observação do valor das tecnologias de comunicação sendo determinado a partir da forma de uso empregada pelos seres humanos:

Ao aceitar um grau honorífico da Universidade de Notre Dame, há alguns anos, o Gen. David Sarnoff declarou o seguinte: ‘Estamos sempre inclinados a transformar o instrumental técnico em bode expiatório dos pecados praticados por aqueles que os manejam. Os produtos da ciência moderna, em si mesmos, não são bons nem maus: é o modo com que são empregados que determina o seu valor’. (McLUHAN, 1974, p. 25).

O canadense tece comparações entre as tecnologias de comunicação com outros instrumentos e ironiza, dizendo que, na visão de Sarnoff, as armas ou a televisão seriam boas ou ruins conforme o uso de cada uma, entendendo que esse tipo de pensamento “ignora a natureza do meio, dos meios em geral e de qualquer meio em particular” (McLUHAN, 1974, p. 25). McLuhan acrescenta, afirmando que tal postura revela o “estilo narcisístico de alguém que se sente hipnotizado pela amputação e extensão de seu próprio ser numa forma técnica nova” (1974, p. 25) e não percebe “que qualquer tecnologia pode fazer tudo, menos somar-se ao que já somos” (1974, p. 26). Para o pesquisador, “os meios têm o poder de impor seus pressupostos e sua própria adoção aos incautos” (1974, p. 30).

Compreendendo o meio como mensagem, McLuhan periodiza a história humana através das transformações provocadas justamente pelos meios de comunicação. A primeira era das interações humanas é chamada de fase tribal, na qual a oralidade prevalece. Silveira (2011) lista características deste momento descrito pelo pesquisador canadense, entre as quais estão a implicação de vínculos de proximidade, memória coletiva e uma noção de pertencimento geográfico. A destribalização da sociedade começa, para McLuhan, a partir da escrita, quando “o alfabeto fonético estabelece uma cisão entre a visão e a audição, entre o significado semântico e o código visual” (1972, p. 44). Este processo se completa “na cultura impressa ou tipográfica, própria das sociedades modernas, alfabetizadas, já com relações de hierarquia” (SILVEIRA, 2011, p. 133), batizada por McLuhan de “galáxia de Gutenberg”, na qual se “descobriu um novo modo de conservar a memória, aumentando seu volume e liberdade de emprego” (RÜDIGER, 2011b, p. 122). A terceira fase das comunicações ocorre a partir da transição da era da imprensa escrita para a era da cultura elétrica ou eletrônica, cujas características são:

[...] baseadas na instantaneidade, nos vínculos globais, numa outra percepção de tempo e espaço (encurtados pelos avanços tecnológicos), em novas formas de vinculação e aproximação social, numa cultura massiva homogeneizada, no apelo à sensibilidade múltipla dos espectadores. (SILVEIRA, 2011, p. 133).

A criação desses vínculos globais faz com que McLuhan enxergue um retorno do mundo à era tribalizada graças ao poder das tecnologias de comunicação. O autor afirma que “eletricamente contraído, o globo já não é mais do que uma vila. A velocidade elétrica, aglutinando todas as funções sociais e políticas numa súbita implosão, elevou a consciência humana de responsabilidade a um grau dos mais intensos” (McLUHAN, 1974, p. 19).

O resumo dos três períodos listados por Marshall McLuhan não é completo sem o exame de outros conceitos do autor. O canadense observa que, na fase oral, todos os sentidos do ser humano são aproveitados. Além da fala e da escuta, a visão e o tato participam através de gestos e expressões faciais. Rüdiger ainda pontua que as sociedades orais, na interpretação mcluhani-ana, “são culturas integrais porquanto seus membros agem e reagem ao mesmo tempo. Os indivíduos são bem informados, constituem pessoas completas, formadoras de uma irmandade total” (2011b, p. 123). Já na mudança da fase oral para a era da escrita impressa, “o alfabeto fonético reduziu o uso simultâneo de todos os sentidos, que é a expressão oral, a um simples código visual” (McLUHAN, 1972, p. 66).

A contemporaneidade, por sua vez, reforça a ideia dos meios de comunicação como extensões do corpo humano, expressão que dá título a uma das obras do autor (1974). Logo no prefácio do clássico, o canadense assinala a diferença entre a era da mecânica e a era da

tecnologia elétrica. Enquanto, na primeira, o ser humano expandia seu corpo pelo espaço, através das ferramentas a sua disposição; na segunda, “projetamos nosso próprio sistema nervoso central num abraço global, abolindo tempo e espaço” (McLUHAN, 1974, p. 16). Esta fase estaria cada vez mais próxima da simulação tecnológica da consciência, que seria a última das extensões humanas, “pela qual o processo criativo do conhecimento se estenderá coletiva e corporativamente a toda a sociedade humana, tal como já se fez com nossos sentidos e nossos nervos através dos diversos meios e veículos” (McLUHAN, 1974, p. 16). A ideia das extensões proposta por McLuhan recorre ao pensamento de Harold Innis, para quem “a comunicação é um meio de projeção da consciência, que se reveste de determinadas estruturas técnicas e, assim, modela as formas de vida em sociedade” (RÜDIGER, 2011b, 121). Os prolongamentos do corpo, segundo McLuhan, afetam os complexos psíquico e social das pessoas (1974, p. 18) e é sobre esses reflexos que o autor concentra parte de sua pesquisa.

Ao aprofundar a discussão sobre os efeitos das extensões humanas, o autor sugere a separação dos meios entre quentes (*hot*) e frios (*cool*). Vê-se necessário destacar que, na tradução para o português, o termo *cool* perde a ambiguidade que tem em inglês, podendo significar também “legal, descolado, envolvente” (BARBOSA, 2017, p. 7). McLuhan afirma que “um meio quente é aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em ‘alta definição’” (1974, p. 38). Nesta categoria estariam enquadrados o rádio e o cinema, em razão da alta saturação de dados e da menor intervenção do receptor no processo. Já os meios frios, como a televisão, a fala e o telefone, seriam meios de baixa definição, nos quais são fornecidas poucas informações, exigindo maior participação do usuário e mais sentidos em atividade.

Entretanto, algumas ressalvas podem ser feitas sobre as assertivas do autor acerca da temperatura dos meios. Fabrício Silveira lembra que “tais categorias/tipologias não devem ser aplicadas de forma estanque, de modo a ‘amarrar’ os meios” (2011, p. 136). Outro ponto a ser destacado é que a evolução tecnológica, como sustenta Rodrigo Miranda Barbosa: “McLuhan não poderia prever as características dos novos meios e a evolução tecnológica e social dos meios que conheceu” (2017, p. 13). Aplicando a conceituação de McLuhan para o rádio contemporâneo, por exemplo, é possível relativizar seu estabelecimento como um meio quente. Percebe-se a ativação de outros sentidos além da audição, como ocorre com a visão (no rádio transmitido por vídeo via internet e televisão) e até mesmo táteis (com o manuseio de dispositivos e a participação dos ouvintes em comentários escritos no computador ou no *smartphone*) e orais (com a participação dos ouvintes enviando recados falados para emissoras). Da mesma forma, a imersão total do receptor no meio, o que caracteriza a alta definição do processo, não

é algo estanque, tendo em vista que o rádio deixou de ser o centro da sala de estar para estar no carro e nos dispositivos móveis, para selecionar alguns exemplos de consumo menos exigente em termos de atenção.

Ao aplicar as ideias de Marshall McLuhan sobre o rádio, notam-se, pelo menos, dois caminhos de aproximação. Um deles está na configuração do meio como agente retribalizador e as características decorrentes disso; outro, na compreensão do rádio como uma das extensões do ser humano e suas consequências. As duas visões se complementam, não fazendo sentido categorizar uma como mais importante que a outra.

McLuhan demarca a importância da oralidade no rádio e vislumbra, através do meio, a retomada do tribalismo ancestral perdido com a imprensa, marcada pela “uniformidade e a repetibilidade”, conforme explica Menezes (2007, p. 38). O autor brasileiro prossegue analisando a compreensão do canadense, comparando as duas tribalidades. Na antiguidade, “um universo tribal, marcado por preocupações gregárias, pela força da repetição oral de histórias captadas por ‘ouvidos’ reunidos ao redor da mesa” (MENEZES, 2007, p. 38); na contemporaneidade, “é por isso que McLuhan chamou o rádio, uma mídia eletrônica, de ‘tribal drum’ (tambor tribal) que, de modo diferente, retoma o universo oral das ‘tribos’” (MENEZES, 2007, p. 38). Na observação de McLuhan de que os meios de comunicação contemporâneos recuperam padrões da comunicação oral, a mídia eletrônica “se torna mais natural, menos artificial, mais humana, à medida que evolui” (LEVINSON, 2000, p. 20).

McLuhan via, no meio, a capacidade imediata de afetar as pessoas “oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o escritor-locutor e o ouvinte” (1974, p. 336). Segundo o autor, citando os exemplos de Orson Welles em *A Guerra dos Mundos* e os discursos de Adolf Hitler, está neste ponto o aspecto mais imediato do rádio:

Uma experiência particular. As profundidades subliminares do rádio estão carregadas daqueles ecos ressoantes das trombetas tribais e dos tambores antigos. Isto é inerente à própria natureza deste meio, com seu poder de transformar a psique e a sociedade numa única câmara de eco. (McLUHAN, 1974, p. 336-337).

O pesquisador das mídias e da tecnologia descreve o rádio seguindo o caminho oposto da cultura escrita. Enquanto, nas letras, houve o individualismo; o rádio tende à coletividade. Tal movimento tem reflexos tanto na cultura oral, pré-letrada, quanto nas culturas letradas. Na primeira, “para os povos tribais, para aqueles cuja existência social constitui uma extensão da vida familiar, o rádio continuará a ser uma experiência violenta. [...] Para estes, o rádio é absolutamente explosivo” (McLUHAN, 1974, p. 337). Já as culturas letradas, “que há muito subordinaram a vida familiar à ênfase individualista nos negócios e na política, têm conseguido

absorver e neutralizar a implosão do rádio sem revolução” (McLUHAN, 1974, p. 337). Segundo o autor, o Ocidente letrado se adaptou ao rádio tendo o meio como um novo companheiro de jornada.

Como a cultura letrada incentivou um individualismo extremo e o rádio atuou num sentido exatamente inverso, ao fazer reviver a experiência ancestral das tramas do parentesco do profundo envolvimento tribal, o Ocidente letrado procurou encontrar uma espécie de compromisso com a responsabilidade coletiva, em sentido amplo. (McLUHAN, 1974, p. 339).

Na comparação entre os períodos da escrita impressa e da comunicação elétrica, Nelia P. Del Bianco percorre o trajeto postulado por McLuhan em suas leis da mídia, nas quais aponta os impactos da tecnologia sobre a sociedade em *aperfeiçoar, obsolescer, recuperar e reverter*. O rádio, demonstra a autora: 1) ressalta a cultura oral e a fala humana; 2) torna obsoleta ou substitui a cultura escrita; 3), resgata o sentido de comunidade, o localismo e a comunicação íntima e particular; 4) tem o efeito reverso ao que se pretendia, de comunicação ponto a ponto, ao tornar-se um meio massivo, explosivo, mobilizador e quente (DEL BIANCO, 2005, p. 156-157).

Mozahir Salomão recorre à interpretação de Michel Maffesoli (1998)¹² para discutir o tribalismo no rádio e identificar “sentimentos de reconhecimento e pertencimento que se criam para o receptor a partir de experiências estéticas com uma clara sensação de participante efetivo no processo comunicativo” (2003, p. 26). O autor prossegue afirmando que “esses fortes elos é que viabilizam um estar-junto, um compartilhamento, a convivência mediatizada de um cotidiano que resulta de um mundo agora extremamente complexificado” (SALOMÃO, 2003, p. 26-27). O autor cita justamente a coloquialidade como um dos fatores pelos quais “o rádio seduz, por privilegiar essa comunicação de caráter acima de tudo relacional” (SALOMÃO, 2003, p. 27).

Já a relação entre o rádio e o ouvinte encontra eco na expressão de McLuhan acerca das extensões do corpo, que ajuda a entender como ocorrem os vínculos entre mídias e pessoas. No caso do rádio, McLuhan cita um exemplo de como os ouvintes “dançavam como que em transe, ao som do tambor tribal do rádio, que produzia a extensão de seu sistema nervoso central para criar um envolvimento em profundidade que atingia a todos” (McLUHAN, 1974, p. 335). Aliás, esse e outros exemplos são oriundos do uso político do meio em ditaduras, como a Alemanha nazista de Adolf Hitler, caso dessa citação, e em democracias liberais, ao lembrar das diferentes

¹² MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

impressões do público, entre telespectadores e ouvintes, sobre o debate entre os estadunidenses John Kennedy e Richard Nixon.

O pesquisador prossegue elencando características presentes no meio até hoje e que seriam efeitos da mudança provocada pelo surgimento da televisão. Para McLuhan, “notícias, hora certa, informações sobre o tráfego e, acima de tudo, informações sobre o tempo agora servem para enfatizar o poder nativo do rádio que envolve todas as pessoas por igual” (1974, p. 335). Essas demarcações sincronizam a atividade humana, seja ela física ou mental, como as batidas de um tambor. Menezes vê nos meios eletrônicos, o rádio entre eles, um estímulo aos corpos, mencionando que, “na cultura do ouvir, somos desafiados a repotencializar a capacidade de vibração do corpo diante dos corpos dos outros” (2007, p. 81). Del Bianco assinala que “ao produzir imagens auditivas, o rádio cria um ambiente totalmente inclusivo e absorvente que propicia às pessoas um mundo particular em meio às multidões” (2005, p. 154).

A autora ainda sublinha que o rádio “altera os índices de sensibilidade ou modos de percepção de quem transita em ambientes moldados por ele” (DEL BIANCO, 2005, p. 154). Outra conclusão possível de ser feita acerca do meio é a de que “as tecnologias contribuem para a produção de sentidos, porque criam uma ambiência na qual o homem se move, e que seus efeitos são culturais” (DEL BIANCO, 2005, p. 156). No rádio, essa característica de produção de sentidos se diferencia, por exemplo, da televisão, pois o desafio que é imposto aos humanos é de gerar suas próprias imagens, afirma Menezes (2007, p. 60). A capacidade do rádio em gerar sentidos poderia contrariar a própria visão de McLuhan sobre meios quentes e frios, conforme questionado anteriormente. Por outro lado, ao enxergar o potencial do rádio em prolongar o sistema nervoso central humano, McLuhan abre espaço para as percepções de Del Bianco (2005) e Menezes (2007):

O rádio possui o seu manto de invisibilidade, como qualquer outro meio. Manifesta-se a nós ostensivamente numa franqueza íntima e particular de pessoa a pessoa, embora seja, real e primeiramente, uma câmara de eco subliminar cujo poder mágico fere cordas remotas e esquecidas. Todas as extensões tecnológicas de nós mesmos são subliminares, entorpecem; de outra forma, não suportaríamos a ação que uma tal extensão exerce sobre nós. Mais do que o telégrafo e o telefone, o rádio é uma extensão do sistema nervoso central, só igualada pela própria fala humana. Não é digno de meditação que o rádio sintonize tão bem com aquela primitiva extensão de nosso sistema nervoso central, aquele meio de massas aborígene – que é a língua vernácula? O cruzamento destas duas e poderosas tecnologias humanas não poderia deixar de fornecer algumas formas extraordinariamente novas à experiência humana. (McLUHAN, 1974, p. 339-340).

As relações sensorial e tribal do rádio, abordadas por McLuhan e vistas até este ponto, permitem com que o meio seja interpretado como agente de vinculação.

Além de McLuhan, outros autores tratam da influência das tecnologias na comunicação, como os vinculados à *ecologia das mídias*, que podem ser aproximadas com o pensamento do canadense. A ideia foi batizada assim por Neil Postman, mesmo que o próprio autor reconheça não ser o inventor da teoria (1970, p. 161). Segundo Postman, a palavra ecologia refere-se aos ambientes e suas estruturas, conteúdos e impactos nas pessoas (1970, p. 161). O autor explica que o ambiente compreende “um complexo sistema de mensagens que impõe aos seres humanos certas maneiras de pensar, sentir e se comportar” (POSTMAN, 1970, p. 161, tradução nossa)¹³, sendo que, nos meios de comunicação, essas especificidades são mais implícitas e informais. Ao questionar como os meios de comunicação alteram a vida das pessoas, o pesquisador sugere que a ecologia das mídias seja uma disciplina escolar, na qual os estudantes sejam preparados para usar todos os meios de comunicação (POSTMAN, 1970, p. 165). A partir disso, Postman lança uma série de questões, entre as quais, estão as diferenças de linguagem e de símbolos que existem entre várias pessoas em uma comunidade, como as tecnologias afetam instituições e crenças, como a mídia de massa informa ou desinforma o público e como serão as formas de arte do futuro (1970, p. 166-168). As questões, projetadas para a década de 1980, permanecem vivas, uma vez que as tecnologias seguem avançando.

Anos mais tarde, comentando seu próprio artigo e os estudos sobre a ecologia das mídias, Postman afirma que a ideia foi guiada por uma metáfora biológica e que “um meio é uma tecnologia dentro da qual uma cultura cresce; ou seja, dá forma à política da cultura, à organização social e às formas habituais de pensar” (POSTMAN, 2000, p. 10, tradução nossa)¹⁴. O pesquisador sugere que a conjugação das expressões “ecologia” e “mídia” indica o interesse “nas formas nas quais a interação entre mídia e seres humanos dão a uma cultura seu caráter e, pode-se dizer, ajudam uma cultura a manter equilíbrio simbólico” (POSTMAN, 2000, p. 11, tradução nossa)¹⁵. Como ambientes nos quais a humanidade vive, Postman cita o natural e o das mídias, que consiste na linguagem, nos números, imagens e outros símbolos, técnicas e máquinas que existem. O autor também questiona a moral dos meios, se eles são bons ou ruins para o ser humano, e problematiza seus impactos e suas contribuições para o pensamento crítico e a democracia, por exemplo, ao dizer que a questão da ecologia das mídias “existe para

¹³ No original: “a complex message system which imposes on human beings certain ways of thinking, feeling and behaving.”

¹⁴ No original: “a medium is a technology within which a culture grows; that is to say, it gives form to a culture’s politics, social organization, and habitual ways of thinking.”

¹⁵ No original: “in the ways in which the interaction between media and human beings give a culture its character and, one might say, help a culture to maintain symbolic balance.”

aprofundar nossas percepções sobre como nos posicionamos como seres humanos, como estamos moralmente na jornada que estamos fazendo” (POSTMAN, 2000, p. 16, tradução nossa)¹⁶.

Em uma forma de exemplificar como se interpreta a ecologia das mídias, Scolari cita uma figura de linguagem atribuída a Postman: “se deixarmos cair uma gota de tinta vermelha em um copo de água, se dissolve no líquido, e colore cada uma das moléculas. Da mesma maneira, a emergência de um novo meio não se limita a ser adicionado ao que já existe: esse meio muda todo o seu entorno” (SCOLARI, 2015, p. 1031, tradução nossa)¹⁷.

No diálogo entre a ecologia das mídias e McLuhan, Scolari analisa a obra do autor, afirmando que o teórico “contribuiu para difundir uma visão holística dos meios” (SCOLARI, 2015, p. 1031, tradução nossa)¹⁸ e que o canadense:

[...] nunca se cansou de repetir que os meios de comunicação formam um ambiente sensorial ou entorno (*medium*) em que os seres humanos nascem e crescem. [...] Segundo McLuhan, os meios modelam as percepções dos sujeitos: os seres humanos criam instrumentos de comunicação, mas, em um segundo momento, estes mesmos meios lhes modelam a percepção e cognição sem que sejam realmente conscientes deste processo. (SCOLARI, 2015, p. 1031, tradução nossa)¹⁹.

Scolari (2015, p. 1048) também menciona Robert Logan (2007)²⁰, que integra a tecnologia, os meios, a linguagem e a cultura em uma ecologia unificada. Logan, por sua vez, afirma que, para compreender a filosofia da ecologia das mídias de McLuhan, “é essencial entender que mídias são tecnologias e que tecnologias são mídias” (LOGAN, 2016, p. 135, tradução nossa)²¹ e que, para o canadense, “mídia inclui todas as ferramentas, tecnologias e sistemas de comunicação pelos quais humanos interagem entre si e, portanto, medeia seus ambientes físico, biológico, cultural, social e econômico” (LOGAN, 2016, p. 135, tradução nossa)²². Na avaliação de Paul Levinson, McLuhan viu que os meios “mudam a maneira como vivemos e quem

¹⁶ No original: “it exists to further our insights into how we stand as human beings, how we are doing morally in the journey we are taking.”

¹⁷ No original: “si dejamos caer una gota de tinta roja en un vaso de agua, se disuelve en el líquido, y colorea cada una de las moléculas. De la misma manera, la emergencia de un nuevo medio no se limita a ser añadido a lo que ya existe: ese medio cambia todo su entorno.”

¹⁸ No original: “contribuyó a difundir una visión holística de los medios”.

¹⁹ No original: “[...] nunca se cansó de repetir que los medios de comunicación forman un ambiente sensorial o entorno (*medium*) en el que los seres humanos nacen y crecen. [...] Según McLuhan, los medios modelan las percepciones de los sujetos: los seres humanos crean instrumentos de comunicación, pero, en un segundo momento, estos mismos medios les modelan la percepción y cognición sin que sean realmente conscientes de este proceso.”

²⁰ LOGAN, R. K. The biological foundation of media ecology. **Explorations in Media Ecology**, [S.l.], v. 6, p. 19-34, 2007.

²¹ No original: “it is essential to understand that media are technologies and technologies are media.”

²² No original: “media include all the tools, technologies and communication systems by which human interact with each other and hence mediate their physical, biological, cultural, social and economic environments.”

somos. E a ecologia das mídias assumiu a tarefa de detalhar algumas das muitas maneiras como isso aconteceu e continuará a acontecer” (2000, p. 17, tradução nossa)²³.

Antes de falar da ecologia das mídias, Lance Strate recorda as ideias de McLuhan e pontua que o objetivo da crítica do canadense:

[...] era a liberação da mente e do espírito humanos da submissão do sistema de símbolos, meios e tecnologias. Isso somente pode começar chamando a atenção para os meios, porque são os meios que têm o maior impacto nas relações humanas, não a específica mensagem que nós enviamos ou recebemos. É a forma simbólica que é mais significativa, não o conteúdo. É a tecnologia que mais importa, é a natureza e a estrutura, e não as nossas intenções. São os materiais com os quais nós trabalhamos com, e os métodos que usamos para trabalhar com eles, que tem mais a ver com o resultado final do nosso trabalho. (STRATE, 2008, p. 130, tradução nossa)²⁴.

Strate comenta que, para McLuhan, a fato do usuário ser o conteúdo é uma outra razão pela qual o meio é a mensagem, considerando que “o público e os leitores devem interpretar as mensagens que recebem, processar os dados sensoriais que absorvem, dar sentido a seus ambientes, aos artefatos que existem neles e aos eventos que ocorrem dentro deles” (STRATE, 2008, p. 132, tradução nossa)²⁵. O autor também faz ponderações às máximas mcluhanianas, afirmando que o contexto determina o conteúdo e que a ideia de que o meio é a mensagem não é uma fórmula matemática, senão uma forma de explicar o caráter complexo e dialético da relação entre esses dois entes (STRATE, 2008, p. 132). Ao, enfim, relacionar McLuhan com a compreensão ecológica dos meios de comunicação, Strate observa que os teóricos dessa linha também usam categorias como as de culturas oral, escrita, impressa e eletrônica, reconhecendo a entrada em um novo período da história.

Lance Strate também trata de diferenças na compreensão do ambiente midiático. Enquanto há autores que trabalham com a ideia de *transporte*, outros preferem *transformação*, *ressonância*, *ritual* ou *comunicação humana* (2008, p. 134-135). Assim, comenta, “entender mídia como ambiente é um antídoto para o pensamento de mídia em termos de relação de causa e efeito. Um meio não é como uma bola de bilhar, produzindo seus efeitos ao atingir outra bola.

²³ No original: “change the way we live and who we are. And Media Ecology has taken up the task of detailing some of the many ways this has happened and will continue to happen.”

²⁴ No original: “[...] was the liberation of the human mind and spirit from its subjugation to symbol systems, media, and technologies. This can only begin with a call to pay attention to the medium, because it is the medium that has the greatest impact on human affairs, not the specific messages we send or receive. It is the symbolic form that is most significant, not the content. It is the technology that matters the most, its nature and its structure, and not our intentions. It is the materials that we work with, and the methods we use to work with them, that have the most to do with the final outcome of our labors.”

²⁵ No original: “that audiences and readers must interpret the messages that they receive, process the sensory data that they take in, make meaning out of their environments, the artifacts that exist in them, and the events that occur within them.”

Em vez disso, é mais como a mesa sobre a qual o jogo é praticado” (STRATE, 2008, p. 135, tradução nossa)²⁶.

Como ambiente, a mídia não determina nossas ações, mas define a gama de ações possíveis que podemos realizar e facilita certas ações enquanto desencoraja outras. Os meios de comunicação funcionam como ambientes, ecologias e sistemas. Conteúdo é o que acontece dentro do sistema e pode ou não afetar o sistema. A inovação tecnológica é uma mudança que ocorre no próprio sistema e seu impacto será profundo e de longo alcance. E, de uma perspectiva sistêmica, podemos entender que a mídia não causa certos efeitos de maneira linear, mas, em vez disso, formas particulares de comunicação, consciência e cultura emergem de ecologias de mídia particulares. (STRATE, 2008, p. 135, tradução nossa)²⁷.

Strate também comenta a ideia dos meios como extensões do corpo humano, dizendo que, “ao nos expandirmos, nossas tecnologias se interpõem entre nós e nosso ambiente e, assim, tornam-se nosso novo ambiente”, afirma o autor (STRATE, 2008, p. 135, tradução nossa)²⁸. O autor não vê, portanto, grandes diferenças com a compreensão das mídias em contexto ecológico, destacando que há apenas ênfases diferentes.

2.2 Vinculação sonora e social

O conceito de vinculação é explorado por Menezes (2007) e Salomão (2003), com pontos de vista particulares, em busca de motivos que expliquem a preferência de um ouvinte por determinada emissora, programa, comunicador, bem como os resultados do processo comunicativo em questão. O primeiro autor enxerga, nos meios eletrônicos, o “papel de sincronizador social; os ouvintes são chamados a acertar sua posição dentro da cidade. Para que ela funcione, os sistemas comunicativos têm sempre a função ordenadora que implica na criação de ritmos” (2007, p. 43). A mídia acaba, segundo Menezes, “pressionando o movimento do corpo obrigado a se adequar aos ritmos das máquinas” (2007, p. 43). O aspecto corpóreo do rádio é lembrado pelo autor, que cita Rudolf Arnheim e seu *Elogio à cegueira: liberação dos corpos*. O alemão sustenta que:

²⁶ No original: “understanding media as environments is the antidote to thinking of media in terms of cause and effect relations. A medium is not like a billiard ball, producing its effects by striking another ball. Rather, it is more like the table on which the game is played,”

²⁷ No original: “As environments, media do not determine our actions, but they define the range of possible actions we can take, and facilitate certain actions while discouraging others. Media function as environments, ecologies, and systems. Content is what happens within the system, and it may or may not affect the system. Technological innovation is a change that occurs to the system itself, and its impact will be profound and far-reaching. And from a systems perspective, we can understand that media do not cause certain effects in a linear manner, but rather, particular forms of communication, consciousness, and culture emerge out of particular media ecologies.”

²⁸ No original: “In extending ourselves, our technologies come between ourselves and our environment, and thereby become our new environment.”

[...] o olho sozinho dá uma imagem bastante completa do mundo, mas o ouvido sozinho fornece uma imagem incompleta. Portanto, torna-se uma grande tentação para o ouvinte "completar" com sua própria imaginação o que está "faltando" tão claramente na transmissão radiofônica. E, no entanto, nada lhe falta! Pois a essência do rádio consiste justamente em oferecer a totalidade somente por meio sonoro. (ARNHEIM, 2005, p. 62).

Menezes (2007) comenta o texto clássico, ressaltando que até no rádio jornalístico o narrador precisa descrever o que acontece de forma que permita que o ouvinte viva aquele acontecimento mesmo sem vê-lo. Arnheim sustenta que o jornalista atua “como numa conversa, que nada tem a ver com o formalismo de uma redação escolar ou com um interrogatório” (2005, p. 65).

Após se apropriar de leituras teóricas sobre o rádio, Menezes (2007) firma sua ideia de vinculação sonora com exemplos práticos do rádio brasileiro. Aqui cabe destacar os conceitos levantados pelo autor, que acabam ajudando a lapidar a compreensão de como o meio se aproxima do público através de estímulos. Para o pesquisador, o ouvinte vibra com os ritmos radiofônicos e “percebe que já não vive apenas num ambiente puramente físico, mas também num universo simbólico” (MENEZES, 2007, p. 62). Nesse plano, relacionam-se os ritmos do corpo, do rádio e da cidade em sincronia, expressão que ganha espaço com o desenvolvimento da tese. As atividades do cotidiano do cidadão são embaladas pelos toques do rádio, que dita o tempo do dia e da cidade. “O rádio não se limita a uma sincronização de atividades a serem desenvolvidas pelo conjunto das pessoas vinculadas em uma sociedade; remete a um universo simbólico que trabalha com memórias e narrativas que dão sentido ao tempo de cada dia”, observa Menezes (2007, p. 63).

Na análise de objetos concretos do radiojornalismo, o autor sugere que o meio tem a capacidade de criar um “mundo próprio com o material sensível que dispõe, partilha o estado de ânimo do narrador e das personagens, exhibe a desenvoltura e a amabilidade do repórter, cria com suas próprias leis um universo acústico da realidade e, por isso, tem o poder de seduzir os ouvintes” (MENEZES, 2007, p. 116). O pesquisador conclui afirmando que, no rádio, “percebemos a importância dos trânsitos sonoros da cultura do ouvir, a dinâmica das vozes dos protagonistas (narradores ou entrevistados) e a possibilidade da multiplicidade de paisagens sonoras” (MENEZES, 2007, p. 118). Concordando com McLuhan, Menezes ainda afirma que os sons “tocam o mundo e acariciam – ou incomodam – os nossos corpos” (2007, p. 121) e que o “rádio participa da recuperação da sensorialidade dos corpos” (2007, p. 131).

Um dos aspectos da sensorialidade, como também do já abordado papel do rádio como companhia, é a cultura da portabilidade. Marcelo Kischinhevsky sublinha que, “a despeito de todos os desdobramentos regulatórios, a possibilidade de comprimir arquivos digitais de áudio

viabilizou a reprodução em aparelhos portáteis e impulsionou tremendamente o Acesso à mídia sonora ao longo da última década” (2009, p. 227). O autor avança sobre as questões sociais da portabilidade, fugindo da interpretação de McLuhan, mais centrada na tecnologia, dizendo que “uma abordagem comunicacional possível para esta cultura da portabilidade é a investigação do entorno tecnológico, com ênfase nos usos de aparatos portáteis e na sociabilidade entre seus usuários” (KISCHINHEVSKY, 2009, p. 229). As possibilidades tecnológicas:

[...] apontam para novas sociabilidades partilhadas por uma geração conectada, formada por indivíduos favorecidos em termos socioeconômicos. Uma geração afeita à cultura da portabilidade e cada vez mais apta a interagir, de modo ativo, na comunicação por mídia sonora, explorando as múltiplas possibilidades oferecidas pelas ferramentas digitais. (KISCHINHEVSKY, 2009, p. 236).

Se os vínculos sonoros abordam a relação do ser humano com o rádio através dos sentidos, os vínculos sociais colocam o ouvinte como ente em relações tribais. Salomão desenvolve a ideia de que os vínculos são sociais e estabelecidos entre o ouvinte e uma emissora “são bastante complexos, ativos e profundos” (2003, p. 27). Entre os fatores que justificam essa ligação estão a forma como a informação é transmitida e até a postura dos locutores. Segundo o pesquisador, “a sociabilidade que desponta dessa recepção, marcada pela paixão, pela identificação grupal, tem um caráter efetivador de aglutinações” (SALOMÃO, 2003, p. 29).

Outra característica ressaltada por Salomão vai ao encontro do fenômeno em pauta, da coloquialidade. De acordo com o estudioso, “uma das alternativas de sobrevivência encontradas pelo rádio foi abandonar um estilo tradicional de programação (da voz empostada, do tratamento cerimonioso e distante em relação ao ouvinte)” (SALOMÃO, 2003, p. 29). O autor vê na aposta de “um rádio mais ‘vivo’” (SALOMÃO, 2003, p. 29) uma estratégia discursiva que acaba por estabelecer um contato mais próximo entre emissor e receptor. Sobre essa situação, Salomão (2003) vislumbra a existência de um contrato de leitura ao ouvinte, estabelecido na estrutura discursiva adotada pelo comunicador. As práticas do emissor, por sua vez, são ordenadas a partir da idealização do público.

Discutindo as relações e o contrato firmado entre rádio e ouvinte, Salomão se baseia em diversos autores e na premissa da enunciação. Segundo o autor, essa ideia “é percebida classicamente como ‘a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização’. Essa função, porém, ganha novos contornos e mesmo possibilidades em função das condições e finalidades de seu uso” (SALOMÃO, 2003, p. 47). O receptor se apropria do que é dito em um meio de comunicação e, neste momento, cria-se um contrato de leitura:

[...] Eliseo Verón define o contrato de leitura como a relação entre o suporte e sua leitura, ou ainda, como os meios procuram construir um vínculo ativo com o receptor. Deve-se distinguir, aí, dois níveis de funcionamento do discurso: o do enunciado e o da enunciação, já que é através das modalidades que esta última assume que o discurso constrói uma certa imagem do enunciador, uma certa imagem do destinatário e uma relação entre ambos que vai além do conteúdo enunciado. (SALOMÃO, 2003, p. 49).

No rádio, os contratos de leitura se efetuam de formas específicas e múltiplas. Salomão elenca dois exemplos, o primeiro é o reconhecimento do ouvinte, que se identifica com os atos de fala – o que se torna importante nesta análise sobre a coloquialidade –; o segundo é o da adesão, quando o ouvinte concorda ou discorda do que é dito (2003, p. 51-52).

Salomão recorre à semiolinguística para listar quatro objetivos comunicativos: *factitivo*, no qual a fala é uma ordem; *informativo*, que implica em transmitir um saber a outra pessoa; *persuasivo*, quando se procura fazer com que o outro creia em algo; e *sedutor*, que consiste em dar prazer ao outro (2003, p. 53-54). No discurso radiofônico, o autor vislumbra a presença dos três últimos. Eles ocorrem de forma objetiva, simples, clara e concisa, com elementos como a oralidade e a argumentação utilizados para atingir a audiência (SALOMÃO, 2003, p. 55).

Ao estabelecer vínculos, então, o comunicador de rádio “acompanha o seu público, criando uma espécie de comunidade virtual neste entorno medido pelo alcance das estações e, hoje, em função da internet, não restrito exclusivamente ao *hertziano*” (FERRARETTO, 20214b, p. 949, grifo do autor). A ideia de comunidade tem como base a distinção feita pelo sociólogo alemão Ferdinand Tönnies, que a define como “uma vida real e orgânica”, frente à sociedade, cuja estrutura é “mecânica e imaginária” (TÖNNIES, 1995, p. 231). O autor faz uma oposição que considera inerente aos conceitos, afirmando que “tudo aquilo que é partilhado, íntimo, vivido exclusivamente em conjunto [...] será entendido como a vida em comunidade. A sociedade é a vida pública – é o próprio mundo” (TÖNNIES, 1995, p. 231). A comunidade é denominada pelo autor como *Gemeinschaft*; já o conceito de sociedade, *Gesellschaft* (TÖNNIES, 1995, p. 231).

Em uma série de contraposições entre uma ideia e outra, Tönnies comenta que a sociedade é a mera coexistência de indivíduos e um fenômeno novo, enquanto a comunidade, antiga, é entendida “como mais forte e mais viva entre os homens; é a forma de vida comum, verdadeira e duradoura” (1995, p. 232). A sociedade, desenvolve, “consiste em um grupo humano que vive e habita lado a lado de modo pacífico, como na comunidade, mas, ao contrário desta, seus componentes não estão ligados organicamente, mas organicamente separados” (TÖNNIES, 1995, p. 252).

O sociólogo apresenta uma teoria da comunidade, que:

Decorre, a partir da determinação da unidade completa das vontades humanas, de um estado primitivo e natural que se preserva – a despeito da separação empírica, e conservando-se apesar dela – caracterizando-se diversamente segundo a natureza das relações entre indivíduos diferentemente condicionados. (TÖNNIES, 1995, p. 234-235).

Uma das diversas formas citadas pelo autor, e que se enquadra com a analisada no contexto de vinculação através do rádio, é a “comunidade de sangue, lugar, espírito, parentesco, vizinhança, amizade” (TÖNNIES, 1995, p. 239). Na comunidade de lugar, explica Tönnies, “as relações vinculam-se ao solo e à terra” (1995, p. 239) e se desenvolvem na cultura humana geral e na sua história. A vizinhança, por sua vez:

É o caráter geral da vida em comum, na aldeia ou entre habitações próximas. A mera contiguidade determina numerosos contatos. As necessidades do trabalho, da ordem e da administração comuns criam o hábito da vida conjunta e o conhecimento mútuo e confiante, e conduzem à súplica de favores, misericórdias e graças diante dos deuses e espíritos tutelares da terra e da água, que dispensam bênçãos e conjuram o mal. Condição essencialmente pela proximidade física, essa comunidade mantém-se com maior dificuldade em condições de afastamento. Deve principalmente buscar sustentação nos hábitos de encontros e nas práticas sagradas. (TÖNNIES, 1995, p. 239-240).

A amizade, por sua vez, se distingue das demais por reunir as pessoas “a partir das condições de trabalho ou no modo de pensar”, sustenta Ferdinand Tönnies (1995, p. 240). Para o autor, aqueles que compartilham uma mesma condição “reconhecem-se entre si, pois estão ligados pelos mesmos laços e trabalhando em uma mesma obra” (TÖNNIES, 1995, p. 240). Ainda que trate da religião, o postulado do sociólogo serve para as comunidades contemporâneas cujos elementos de vinculação são outros, como os explorados pelo rádio. A amizade, prossegue o alemão, forma “uma espécie de laço invisível, um imperativo moral, uma reunião mística animada de algum modo por uma intuição e uma vontade criadora” (TÖNNIES, 1995, p. 240).

Ao comentar a estrutura das comunidades, Tönnies diz que o consenso é “a expressão mais simples do ser íntimo e da verdade de toda convivência autêntica, da habitação e da ação comuns” (1995, p. 244). Para o pesquisador:

A importância de uma associação orgânica dos seres, por sangue ou aliança, aparece de modo mais completo nas famílias cujo parentesco remonta à formação primitiva, a família antes de se conceber como família, mas já possuindo uma realidade familiar. A partir desses grupos, e sobre eles, desenvolveram-se, como suas modificações, complexos delimitados pelo espaço, que distinguimos em uma classificação geral: a. nação; b. região ou província; c. a representação mais íntima desses complexos, a aldeia. (TÖNNIES, 1995, p. 245).

A partir da aldeia, explica o autor, a cidade se desenvolve e encontra sua expressão do espírito comum que mantém sua coesão, afirmando que “não é senão uma grande aldeia, um agrupamento de aldeias vizinhas ou uma aldeia cercada por muralhas” (TÖNNIES, 1995, p. 245). A cidade, para Tönnies, “deve ser considerada como um todo, em que indivíduos e

famílias, dos quais se compõe, encontram-se em uma necessária dependência. Com sua linguagem, seus costumes e suas crenças, assim como sua terra, suas construções e seus tesouros, representa algo duradouro” (1995, p. 250).

Ao analisar os fundamentos psíquicos da ação humana, Tönnies trabalha com o conceito da vontade humana. O autor diferencia a vontade que contém o pensamento – real e natural – denominada de *Wesenwille*, do pensamento que abrange a vontade – ideal ou artificial – chamada de *Kürwille* (TÖNNIES, 1995, p. 273). Os encadeamentos mentais da primeira correspondem à comunidade, enquanto os que representam a segunda correspondem à sociedade, aponta Tönnies (1995, p. 297).

Entre as formas de vontade real e natural, estão o hábito e a memória. O hábito é o desejo resultante da experiência e “supõe alguma percepção sensível; os hábitos humanos supõem também a compreensão dos signos de linguagem” (TÖNNIES, 1995, p. 280). A memória, por sua vez, “significa a capacidade de reproduzir impressões recebidas; em seu sentido científico, é a capacidade de repetir atos apropriados para a realização de fins desejados”, explica Tönnies (1995, p. 282). Mais uma vez, o autor relaciona a vontade à linguagem, como a expressão geral da vida mental:

A linguagem, que é o conhecimento do significado e valor das palavras e a aptidão para associá-las e suá-las, deve ser aprendida, o que é alcançado principalmente pela prática e pelo hábito. Mas com o domínio dessa arte, a palavra falada depende muito pouco do pensamento e, regra geral, apenas do prazer momentâneo ou inspiração, cujo significado é claro para quem fala, em certas circunstâncias, e particularmente do modo pelo qual quem fala é pressionado, requisitado ou questionado. A satisfação pode ser sempre interpretada como juízo inconsciente, tendo nesse sentido expressão própria na língua alemã. Assim, a satisfação rege as escolhas por toda a vida, inclusive no imaginário, forma de memória ainda não condicionada pelas palavras, mas que, uma vez existente, reproduz-se em grupos diversos, semelhantes às outras ideias. Da mesma forma, os grupos de ideias habituais apresentam-se em maior medida como funções da imaginação e da memória. (TÖNNIES, 1995, p. 282-283).

Assim, é possível considerar que a *Wesenwille* é voltada ao interior e à consciência humana e a *Kürwille* é uma vontade que se manifesta de modo exterior.

2.3 A fala e a representação no rádio

Uma das formas de se vincular socialmente é através da fala. Como exposto anteriormente, Erving Goffman afirma que a oralidade e o comportamento decorrente dela ajudam um indivíduo²⁹ a conhecer outro. Para o autor, “quando um indivíduo se apresenta diante de outros,

²⁹ Esta pesquisa irá tratar como indivíduos tanto as pessoas que trabalham no rádio, como locutores e apresentadores, além dos programas e as emissoras onde trabalham.

terá muitos motivos para procurar controlar a impressão que estes recebem da situação” (GOFFMAN, 2002, p. 23). São, justamente, as técnicas de impressão que Goffman estuda em suas obras.

Na sistematização das ideias que fundamentam sua pesquisa, Goffman estabelece alguns conceitos básicos antes de prosseguir as suas principais ideias. A *interação* é definida como um encontro de indivíduos e a influência recíproca de uns sobre os outros; o *desempenho* é a ação de um participante para influenciar outros, observadores ou coparticipantes; e o padrão de ação estabelecido em uma representação é chamado de *movimento* ou *prática* (GOFFMAN, 2002, p. 23-24).

Uma das ideias fundamentais de Goffman para este estudo é a de *representações*. O autor define o termo como “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 2002, p. 29). A partir daí, o pesquisador lança novas expressões para caracterizar o processo de representação. Deixando de lado aspectos cênicos, aproveitados por Goffman em razão de sua análise tratar, principalmente, das relações pessoais em uma alegoria teatral, aqui foca-se nos aspectos da interação propriamente dita. A ideia de *fachada*, por exemplo, é o padrão expressivo, seja ele consciente ou não, utilizado pelo indivíduo em uma representação (GOFFMAN, 2002, p. 29). Já a *fachada pessoal* é a conjunção de características inerentes ao indivíduo, entre as quais estão as distintivas “de função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes” (GOFFMAN, 2002, p. 31).

Nos profissionais de rádio, nem todas as fachadas citadas são perceptíveis, e, nos programas e emissoras, outras características podem construir uma de caráter institucional. Como destaca Goffman, “além do fato de que práticas diferentes podem empregar a mesma fachada, deve observar que uma determinada fachada social tende a se tornar institucionalizada em termos das expectativas estereotipadas abstratas às quais dá lugar” (2002, p. 34). Com isso, tende-se “a receber um sentido e uma estabilidade à parte das tarefas específicas que no momento são realizadas em seu nome. A fachada torna-se uma ‘representação coletiva’ e um fato, por direito próprio” (GOFFMAN, 2002, p. 34).

O autor sustenta que, na presença de outros, um indivíduo passa a realizar uma atuação dramática, na qual “inclui em sua atividade sinais que acentuam e configuram de modo impressionante fatos confirmatórios que, sem isso, poderiam permanecer despercebidos ou obscuros” (GOFFMAN, 2002, p. 36), expressando o que ele precisa transmitir. Ocorre inclusive a

necessidade de dramatização do próprio trabalho. Goffman cita um exemplo radiofônico dessa situação: “para fazer uma palestra no rádio que pareça genuinamente natural, o locutor pode ter de planejar seu ‘texto’ com esmerado cuidado, ensaiando frase por frase, a fim de imitar o conteúdo, a linguagem, o ritmo e a fluência do falar cotidiano” (2002, p. 38).

O pesquisador afirma que, durante uma representação, é exigida uma coerência expressiva que destaca a diferença do “eu humano” e do “eu socializado”, mas que, enquanto no papel de personagem, o indivíduo não deve estar sujeito a altos e baixos que coloquem em xeque sua representação. Goffman sustenta que “espera-se que haja uma certa burocratização do espírito, a fim de que possamos inspirar a confiança de executar uma representação perfeitamente homogênea a todo tempo” (2002, p. 58).

Ao prosseguir sua análise sobre a representação, Goffman cita a necessidade de distanciamento social entre o ator e o público, num espaço de mistificação. A tese sustenta que, ao impedir o público de ver o indivíduo, constrói-se uma relação de respeito entre as partes. Ainda que considere o exemplo extremo, o pesquisador justifica a necessidade de distância por oferecer “ao ator certo campo livre de ação para formar uma impressão escolhida” (GOFFMAN, 2002, p. 69), impedido qualquer inspeção apurada. Relacionando a ideia com o rádio, a divisão de espaços entre emissores e receptores podem funcionar das duas maneiras, criando vínculos diferentes, seja ocultando o ator e suas práticas e criando uma representação que instigue o imaginário do ouvinte, seja revelando todo o cenário da representação, fazendo com que o público se sinta parte da cena.

Goffman ainda sustenta que a representação não se limita a atuação de um indivíduo, podendo ser também cooperativa, o que se aproxima do contexto do rádio. Pode ser exigido, segundo o autor, que cada membro da equipe se apresente de uma forma diferente para que o efeito final seja atingido (GOFFMAN, 2002, p. 76-78).

Há ainda, no trabalho de Goffman, as definições de decoro, ou seja, a forma como os indivíduos se portam em determinados locais, e de regiões de *fundo* ou de *bastidores*, onde determinada encenação suprimida do palco ou tida como natural aparece. O estudioso ainda enxerga a existência de uma familiaridade entre membros de uma equipe, que costuma ocorrer em ambientes de intimidade, nos bastidores, longe dos olhos do público. Goffman separa os comportamentos visíveis e ocultos, afirmando que:

Em toda a sociedade ocidental tende a haver uma linguagem de comportamento informal ou de bastidores e outra linguagem de comportamento para ocasiões em que a representação está sendo exibida. A linguagem dos bastidores consiste no emprego recíproco do primeiro nome, nas decisões tomadas em comum, na irreverência, francas observações de ordem sexual, queixas minuciosas, fumar, trajes comuns grosseiros, postura ‘desleixada’ no sentar e estar de pé, uso de linguagem dialetal ou abaixo do padrão, resmungos e gritos, agressividade e ‘caçoadas’ jocosas, desconsideração pelos outros em atos de pouca importância mas potencialmente simbólicos, atitudes físicas menos importantes como zumbidos, assobios, mascar gomas, dentadas, arrotos e flatulência. A linguagem do comportamento na região da fachada pode ser considerada como a ausência (e, de certa forma, o oposto), disto. (GOFFMAN, 2002, p. 120-121).

No rádio, a simulação ou o tratamento de questões de bastidores ao microfone, assim como a explicitação de uma relação de familiaridade, como algumas das várias citadas por Goffman no exemplo anterior, podem significar também uma forma de se vincular ao ouvinte, conferindo naturalidade ao ato, dessacralizando o comunicador, numa hibridização de fachada e fundo.

Em *Forms of talk* (1981), Goffman dedica um capítulo à conversação no rádio. Antes, porém, o autor lista três processos em jogo na análise da oralidade. O primeiro deles é o da “ritualização”, na visão do pesquisador, a categoria consiste nos movimentos, sons e gestos não intencionais que se faz ao falar e ouvir; segundo refere-se ao “quadro de participação”, no qual leva-se em consideração as pessoas que estão no alcance da palavra falada; por fim, há a “incorporação”, que trata da capacidade de se falar em nome de outros sujeitos, implícitos ou explícitos (GOFFMAN, 1981, p. 2-3, tradução nossa)³⁰. Com isso, Goffman relaciona os três, afirmando que:

Cada enunciado e sua audição têm acompanhamentos gestuais, estes sob algum controle dos atores. Cada enunciado e sua audição trazem as marcas da estrutura de participação em que o enunciado e a audição ocorrem. Podemos imitar, mimetizar e reconstituir abertamente todas essas características, nos permitindo liberdades dramáticas. Assim, quando falamos, podemos definir, no específico quadro participação, o que é estruturalmente caracterizado como parte do outro, representando uma dúzia de vozes para fazê-lo. (GOFFMAN, 1981, p. 3-4, tradução nossa)³¹.

Especificamente sobre o rádio, o autor inicia o capítulo afirmando que “a contingência chave na locução de rádio (eu suponho) é produzir o efeito de um fluxo espontâneo e fluente de palavras – se não uma personalidade convincente e agradável – em condições que falantes

³⁰ No original: “ritualization”, “participation framework” e “own”.

³¹ No original: “Every utterance and its hearing have gestural accompaniments, these under some control of the actors. Every utterance and its hearing bear the marks of the framework of participation in which the uttering and hearing occur. All these markings we can openly mimic, mime, and reenact, allowing us dramatic liberties. Thus, when we speak we can set into the current framework of participation what is structurally marked as integral to another, enacting a dozen voices to do so.”

leigos seriam incapazes de conseguir” (GOFFMAN, 1981, p. 198, tradução nossa)³², tratando essa habilidade como uma competência.

O foco da discussão “é a análise dos erros em programas radiofônicos, sendo a preocupação principal do autor a competência na produção da fala” (PESSOA, 2008, p. 4). Os erros, tratados como lapsos, podem passar despercebidos na fala cotidiana, mas ganham peso quando ditos ao microfone. Antes de abordar os erros em si, Goffman cita outros autores para lembrar que uma fala normal não precisa ser, necessariamente, perfeita, uma vez que a conversa é interrompida por pausas, hesitações, problemas na articulação e outros problemas; outro ponto é que os ruídos nem sempre são percebidos pelo ouvinte, que, inconscientemente, só processa a mensagem recebida (GOFFMAN, 1981, p. 206). O autor lista uma série de quatro lapsos, divididos entre falhas informadas e desinformadas. Na primeira categoria, aparecem justamente os ruídos, que truncam o fluxo das palavras, e lapsos, nos quais palavras ou parte delas são misturadas, confundidas ou pronunciadas de forma incorreta. Na segunda categoria, são enquadradas falhas intelectuais e as gafes (GOFFMAN, 1981, p. 208-211).

O autor analisa as funções do *speaker*, ou seja, enunciador, falante ou, no caso do rádio, o locutor. Relacionado à questão da incorporação da fala, Goffman busca identificar os papéis do enunciador, afirmando que:

Na conversa de rádio, por exemplo, embora o locutor normalmente permita a impressão (normalmente injustificada) de que ele próprio é o autor de seu roteiro, geralmente suas palavras e tom implicam que ele está falando não apenas em seu próprio nome, mas para entes mais amplos, como a estação, o patrocinador, pessoas de pensamento de direita, americanos em geral e assim por diante, ele mesmo sendo apenas uma pequena parte composta de um todo maior. (GOFFMAN, 1981, p. 226, tradução nossa)³³.

Nessa condição, o autor lista três categorias de posições do locutor: o *animador*, “uma caixa sonora de onde emergem as elocuições” (PESSOA, 2008, p. 5); o *autor*, “agente que compõe as falas” (PESSOA, 2008, p. 5); e o *diretor* ou *responsável*, alguém cujas “palavras atestam a posição e as crenças do grupo” (PESSOA, 2008, p. 5). Em outro tripé conceitual, Goffman lista três bases da produção vocal: *memorização* ou *recitação*, *leitura não memorizada* ou *leitura em voz alta e fala espontânea* ou *improvisada* (1981, p. 227). Sobre esse processo, o autor afirma que, “na medida em que um locutor formula unidades de discurso, como um enunciado

³² No original: “The key contingency in radio announcing (I take it) is to produce the effect of a spontaneous, fluent flow of words-if not a forceful, pleasing personality-under conditions that lay speakers would be unable to manage.”

³³ No original: “In radio talk, for example, although the announcer typically allows the (typically unwarranted) impression to be formed that he himself is the author of his script, usually his words and tone imply that he is speaking not merely in his own name, but for wider principals, such as the station, the sponsor, right-thinking people, Americans-at-large, and so forth, he himself being merely a small, composite part of a larger whole.”

sentencial, antes de codificá-las em som, então toda fala improvisada é, nesse grau, recitar um texto preparado, embora preparado há um curto momento atrás pelo próprio locutor” (GOFFMAN, 1981, p. 227). O pesquisador conclui, afirmando que “cada uma das três bases da produção da fala, provavelmente, envolverá um formato de produção diferente, com cada um desses formatos apoiando diferentes fundamentos para a relação do falante com seus ouvintes” (GOFFMAN, 1981, p. 229).

Ao abordar a locução, Goffman a apresenta em três modos: *simultâneo*, *triangular* e *direto*. Pessoa sustenta que esses tipos de locução levam em consideração o conceito de *footing*, que aqui é traduzido como “postura”, e é definido como “postura, alinhamento ou projeção social” (2008, p. 3) do falante. O primeiro caso, do modo *simultâneo*, ocorre quando um locutor “está em posição de observar desdobramentos que os membros da audiência do rádio não podem (ou não podem com conhecimento de causa), e pode se comprometer a fornecer um relato contínuo de ‘o que’ está acontecendo imediatamente após seu acontecimento” (GOFFMAN, 1981, p. 232, tradução nossa)³⁴. O modo *triangular* ocorre em *talk shows* ou entrevistas, no qual o apresentador “mantém uma conversa – uma conversa aparentemente nova – com um ou mais no estúdio, enquanto o público remoto (e do estúdio) é tratado como se fosse um participante ratificado, embora um que não possa assumir o papel de falante” (GOFFMAN, 1981, p. 234, tradução nossa)³⁵. Por fim, a locução *direta* é aquela na qual “o locutor fala ostensivamente apenas com o público e, em certo sentido, fala como se cada ouvinte fosse o único. Assim, tenta-se simular uma conversa entre duas pessoas, algo como uma conversa telefônica, exceto que ninguém pode responder do outro lado da linha” (GOFFMAN, 1981, p. 235, tradução nossa)³⁶. Na sequência do capítulo, Goffman se detém aos erros que são objeto de sua análise.

Por fim, e ainda tratando da locução em rádio, recorre-se a Emilio Prado, cujo livro *Estrutura da informação radiofônica* (1989) ajudará a operacionalizar os resultados da pesquisa de campo, bem como Goffman (1981). As fórmulas de Prado, guardadas as ressalvas do tempo, do formato informativo e da aproximação ao rádio espanhol, são válidas, uma vez que orientam para uma postura natural do locutor ao microfone. De acordo com o autor, “para um rádio informativo ágil e dinâmico é absurdo a divisão entre redação e locução. Estas duas ações devem

³⁴ No original: “in a position to observe unfoldings that members of the radio audience can't (or can't as knowledgeably), and can undertake to give a running account of "what" is happening immediately following its happening.”

³⁵ No original: “sustains a conversation-ostensibly fresh talk-with one or more others in the studio whilst the remote (and studio) audience is treated as if it were a ratified participant, albeit one that cannot assume the speaking role.”

³⁶ No original: “the announcer ostensibly speaks to the audience alone, and, in a sense, speaks as if each individual hearer were the only one. A simulation of two-person conversation is thus attempted, something like a telephone conversation except that no one can answer from the other end of the line.”

confluir na mesma pessoa, com o que se ganhará autenticidade na expressão” (PRADO, 1989, p. 19). Prado continua, sustentando que “a locução informativa deve ser *natural*. Os textos não são lidos, devem ser ditos” (PRADO, 1989, p. 20, grifo do autor). O autor sustenta que a informação no rádio deve ser clara e simples, levando em consideração itens como gramática e pontuação. Na questão da oralidade, Prado reforça essa necessidade, pregando que “a linguagem oral no rádio deve utilizar um *vocabulário de uso corrente*” (1989, p. 38, grifo do autor).

Ao analisar a entrevista, o pesquisador elenca características que, na contemporaneidade, são vistas também em outros espaços de programas e podem ser comparadas à conversa coloquial no rádio. Segundo Prado, “a entrevista, em todos os seus tipos e modelos, é formalmente um diálogo que representa uma das fórmulas mais atraentes da comunicação humana” (1989, p. 57). O autor prossegue, sustentando que “esta interação – natural na comunicação humana a nível oral – exerce um efeito de aproximação no ouvinte, que se sente incluído no clima coloquial, ainda que não possa participar” (PRADO, 1989, p. 57). Neste processo, o estudioso estabelece um esquema comunicativo, no qual entrevistador e entrevistado estabelecem uma comunicação interpessoal bidirecional entre si. Nesse caso, comenta Ferraretto, comunicador e entrevistado se alternam nas posições de emissor e receptor (2014a, p. 179).

O receptor, na outra ponta, recebe três fluxos, um de comunicação unidirecional direta por parte das respostas do entrevistado, de forma espontânea; outro que surge também das respostas do entrevistado, mas a partir das provocações do entrevistador, que é a comunicação unidirecional diferida; e um terceiro, no qual recebe as observações, narrativas e descrições do entrevistador ou do repórter sem a participação do entrevistado (PRADO, 1989, p. 58). Assim, para o ouvinte, ambos emitem informação (FERRARETTO, 2014a, p. 179). Ferraretto comenta que o processo é influenciado pela familiaridade da audiência com o assunto, bem como a empatia estabelecida entre comunicador e ouvintes (2014a, p. 179).

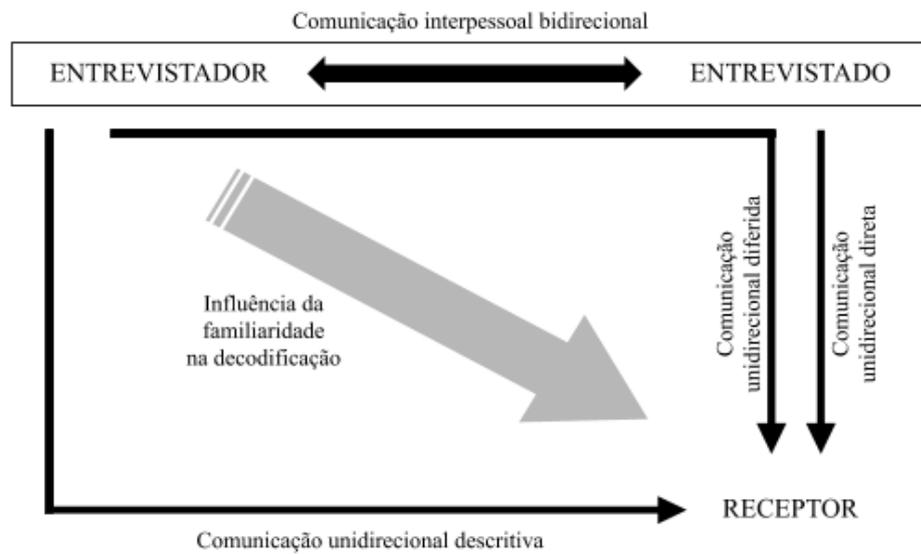


Figura 1 – Esquema do universo comunicativo da entrevista (PRADO, 1989, p. 58)

No caso da pesquisa aqui proposta, em vez de entrevistado e entrevistador (ainda que estas figuras possam aparecer nos exemplos levantados), o foco recai sobre jornalistas, apresentadores, locutores e participantes de programas de rádio.

Em conclusão, a pesquisa proposta busca aplicar, nos resultados da pesquisa de campo acerca dos programas de Gaúcha, CBN e Mítre, os conceitos de (1) vinculação, vistos em Menezes (2007) e Salomão (2003), e (2) representação, visto em Goffman (2002) – operacionalizados a partir das definições de Goffman (1981) e Prado (1989) e articulados com McLuhan (1974; 1972) e seus leitores –, a fim de compará-los e verificar a hipótese lançada.

3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

O pesquisador Marcelo Kischinhevsky, em artigo que debate métodos de pesquisa aplicados à comunicação radiofônica, pontua que o meio pode ser abordado de diversas maneiras “e cada chave teórica citada comporta métodos próprios” (2016, p. 279). Para dar conta dos fenômenos em análise, seleciona-se o caminho da análise de conteúdo, além da já descrita escolha das emissoras e dos programas analisados.

Laurence Bardin afirma que a metodologia em questão tem como objetivos superar as incertezas e enriquecer a leitura; já como funções, a análise de conteúdo segue o caminho exploratório ou o de confirmação de uma prova (2011, p. 35). A autora recorre à definição de Berelson sobre o campo, explicando que a análise de conteúdo “uma técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações tem por finalidade a interpretação *destas* mesmas comunicações” (BARDIN, 2011, p. 42, grifo da autora). No caso específico desta pesquisa, serão buscados elementos que caracterizem a coloquialidade de comunicadores e, em determinados casos, de convidados de programas de rádio, sistematizando-os de forma a poder comparar os programas e as emissoras.

Na identificação desses elementos, reforça-se o caráter exploratório, diante do grau de variabilidade do conteúdo a ser selecionado. Para cumprir esse processo, lança-se mão da “inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (BARDIN, 2011, p. 44). Com isso, tenta-se fazer não “uma leitura ‘à letra’, mas antes o realçar de um sentido que figura em segundo plano” (BARDIN, 2011, p. 47). O polo da inferência recai sobre o emissor. “Neste caso, insiste-se na função expressiva ou representativa da comunicação. Com efeito, pode se seguir com a hipótese de que a mensagem exprime e representa o emissor”, analisa Bardin (2011, p. 165).

A análise de um conteúdo falado, caso deste estudo, não se trata de uma análise linguística propriamente dita. Como observa Bardin, “a linguística é um estudo *da* língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades *por meio* das mensagens” (2011, p. 50, grifo da autora). É justamente por meio das mensagens, dos elementos de coloquialidade, que serão buscados sinais da realidade do rádio jornalístico em Porto Alegre, São Paulo e Buenos Aires. Sublinha-se que a análise de uma enunciação “apoia-se numa concepção da comunicação como processo e não como dado. Funciona desviando-se das estruturas e dos elementos formais” (BARDIN, 2011, p. 217).

No trabalho de campo, será percorrido o caminho sugerido pela autora, que propõe a análise de conteúdo partindo de uma pré-análise. Esse processo foi iniciado durante a elaboração do projeto de pesquisa nas etapas de leitura flutuante, escolha dos documentos e formulação das hipóteses e objetivos (BARDIN, 2011, p. 125-130), que permitiram a escolha do tema, das emissoras e dos programas, além das premissas e metas a atingir. Os passos seguintes são a referenciação dos índices e a elaboração de indicadores e a preparação do material (BARDIN, 2011, p. 130), exercitados no projeto de qualificação e detalhados a seguir nos trabalhos de codificação e de categorização do conteúdo. Com a escuta dos programas em uma semana regular, parte-se para a exploração do material e o posterior tratamento dos resultados obtidos e interpretação (BARDIN, 2011, p. 131).

A leitura flutuante, por exemplo, que consiste em “estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 2011, p. 126), se deu na etapa de definição do tema de pesquisa, sendo imprescindível conhecimento prévio do texto, ou seja, do conteúdo sonoro, só obtido através da escuta de programas e emissoras, alguns descartados. A consequente escolha dos documentos é a constituição de um *corpus*, “o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 2011, p. 126). A pesquisa busca obedecer às regras da *representatividade*, quando “os resultados obtidos para a amostra serão generalizados ao todo” (BARDIN, 2011, p. 126), ou seja, os rádios de Porto Alegre, São Paulo e Buenos Aires; da *homogeneidade*, quando “os documentos retidos devem ser homogêneos, isto é, devem obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora desses critérios” (BARDIN, 2011, p. 128); e da *pertinência*, quando “os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise” (BARDIN, 2011, p. 128).

No trabalho com os indicadores, parte-se para a codificação do conteúdo. Ainda que, vez ou outra, sejam observadas palavras específicas, busca-se, como unidade de registro do fenômeno estudado, sinais que apontem para a temática em questão. Bardin aponta que “fazer uma análise temática consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (2011, p. 135).

Nesta etapa, é importante discorrer sobre a categorização do material coletado. O processo é definido por Bardin como “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero

(analogia), com os critérios previamente definidos” (2011, p. 147). Os critérios de organização terão como base os já mencionados conceitos de estrutura da informação radiofônica, da conversa no rádio e questões teórico-práticas sobre o meio. Bardin observa que “classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum existente entre eles” (2011, p. 148). A autora ainda pontua que o processo consiste em duas etapas, a do inventário, que faz o isolamento dos itens coletados, e a classificação propriamente dita, com a organização das mensagens.

Somente a audição dos programas indica com o que a pesquisa irá trabalhar. Logo, recorre-se ao processo que Bardin observa como sendo aquele em que “o sistema de categorias não é fornecido, antes resulta da classificação analógica e progressiva dos elementos. Este é o procedimento por ‘acervo’. O título conceitual de cada categoria somente é definido no final da operação” (BARDIN, 2011, p. 149).

As categorias aqui trabalhadas são as seguintes, avaliadas por suas respectivas presenças nos exemplos analisados:

a) *Elementos de coloquialidade*, que engloba especificidades da linguagem coloquial, entre as quais, estão itens como: a contração do verbo “estar” como “tá” e semelhantes; a pronúncia dos verbos no infinitivo sem o “r” no final; a contração da palavra “para”, pronunciada “pra”; a substituição do pronome “nós” por “a gente”; a combinação do pronome “tu” (segunda pessoa do singular) com o verbo conjugado na terceira pessoa do singular; a contração da palavra “você”, pronunciada “cê”; além de outros elementos particulares de Porto Alegre, São Paulo e Buenos Aires.

b) *Elementos de vinculação*, que trata de sinais particulares de conexão entre comunicadores e ouvintes, criando um vínculo social ou sonoro entre as partes, entre as quais, estão: hábitos e sentimentos compartilhados com os ouvintes; proximidade geográfica; uso de vocativos na conversa; sobreposição de falas, reforçando o bate-papo; menção à participação e à memória dos ouvintes.

c) *Elementos de representação*, que observa a maneira como os comunicadores se portam através da fala. São considerados itens como as fachadas pessoais e coletivas dos indivíduos em questão e suas respectivas posturas no ar, a relação com as regiões de bastidores e, ainda, a incorporação e a forma fala, além da estrutura da conversa.

Esta pesquisa foca-se na análise qualitativa dos elementos de coloquialidade, vinculação e representação. Leva-se em mente, assim, o reconhecimento de eventuais dificuldades na transcrição de conteúdo sonoro, observa Kischinhevsky, “considerando toda a riqueza plástica (vinhetas, efeitos, música de fundo, sonoras de entrevistados, spots publicitários, inserções gravadas de ouvintes e/ou personalidades da música, toda uma constelação de metadiscursos) da comunicação radiofônica” (2016, p. 286). Há, ainda, as complicações elencadas por Miquel de Morgas Spa (1976)³⁷ para a análise radiofônica, como a complexidade de reunir as variantes temáticas distribuídas e repetidas de modo anárquico em uma transmissão sonora (apud SALOMÃO, 2003, p. 103-104). Bardin observa que “a análise qualitativa não rejeita toda e qualquer forma de quantificação. Somente os índices é que são retidos de maneira não frequencial, podendo o analista recorrer a testes quantitativos: por exemplo, a aparição de índices similares em discursos semelhantes” (2011, p. 146). Para a autora, “o que caracteriza a análise qualitativa é o fato de a ‘inferência – sempre que é realizada – ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem etc.!), e não sobre a frequência da sua aparição, em cada comunicação individual” (BARDIN, 2011, p. 146).

Por ser uma análise comparativa, a audição dos programas escolhidos cumpre a regra que diz ser “necessário que as condições sejam estandarizadas (com a mesma problemática de partida, e com as mesmas condições situacionais)” (BARDIN, 2011, p. 221). Kischinhevsky cita “procedimentos consagrados, como a gravação e escuta de um conjunto de edições de um mesmo programa (recortado por foco de interesse) em dias escolhidos aleatoriamente, mas num mesmo horário para detectar recorrências” (2016, p. 290).

Neste ponto, é importante ressaltar os impactos da pandemia de covid-19 na rotina de trabalho de emissoras de rádio. O agravamento do cenário sanitário no Brasil entre fevereiro e abril de 2021, quando houve aumento expressivo nos números de casos e mortes da doença (MORTES..., 2021), alterou a programação das emissoras e o conteúdo dos programas, consequentemente refletindo no cronograma de análise desta pesquisa. A fim de coletar resultados impactados da menor forma possível pelo contexto excepcional do período, buscando as já mencionadas condições estandarizadas, a análise de conteúdo foi adiada. Contudo, ainda assim, mudanças inevitáveis foram observadas, como, em alguns casos, a transmissão de programas com os comunicadores participando de casa – o que poderia acarretar a alteração dos resultados aqui buscados, como uma maior coloquialidade ou diferentes formas de representação dos profissionais de rádio. Situações como essa não serão ignoradas na discussão dos

³⁷ SPA, M. M. *Semiótica y comunicación de masas*. Barcelona (Espanha): Gustavo Gilli, 1976.

resultados, servindo, inclusive, como documento de como o rádio viveu a pandemia. Por fim, julgando não prejudicar a análise, uma vez que aqui o mais importante não é a comparação dos temas abordados pelos programas – que, naturalmente, nem sempre seriam semelhantes, uma vez que são de localidades e realidades diferentes –, mas da forma do conteúdo, optou-se por fazer a gravação dos programas em datas diferentes, todos em semanas regulares.

4. O BATE-PAPO NO AR

No Rio Grande do Sul, a rádio escolhida é Gaúcha, de Porto Alegre. Em março de 2021, a emissora do Grupo RBS completou seis anos na liderança em todos os segmentos do mercado local (SEIS..., 10 mar. 2021; MASSARO, 12 mar. 2021). Essa condição se manteve até, pelo menos, o final de 2021 (STARCK, 28 jan. 2022). A estação foi fundada, em 1927, como Rádio Sociedade Gaúcha. Em 1957, o animador de auditório Maurício Sirotsky Sobrinho se tornou sócio da rádio e, na década de 1960, a solidificou como parte da Rede Brasil Sul (hoje Grupo RBS) da qual faziam parte uma emissora de televisão, a TV Gaúcha (hoje RBS TV), e o jornal Zero Hora (RÜDIGER, 1993, p. 75). O autor descreve que, rapidamente, a empresa se transformou em líder do mercado, “cuja explicação transcende a problemática do jornalismo, constituindo capítulo da história da indústria cultural no Brasil” (RÜDIGER, 1993, p. 75).

Outros autores buscam explicações para o fenômeno. Entre as décadas de 1960 e 1970, a emissora de Sirotsky ensaiou maiores investimentos no setor de jornalismo (FERRARETTO, 2007, p. 420-421) e, em paralelo com a crise da Companhia Jornalística Caldas Júnior, controladora da Rádio Guaíba, a Gaúcha assumiu a liderança em jornalismo em meados da década de 1980 (FERRARETTO; MORGADO, 2017, p. 6). Ferraretto lembra que, naquela época, “a RBS decide apostar no *talk and news*, mesclando entrevistas e notícias com a figura de um âncora participativo, que simula continuamente uma conversa com o ouvinte” (2021, p. 11) e que esse processo suplanta “o música-esporte-notícia de sua concorrente direta, a Guaíba” (FERRARETTO; MORGADO, 2017, p. 6). Um dos responsáveis por ambos os formatos, de Guaíba e Gaúcha, o jornalista Flávio Alcaraz Gomes afirma que a emissora da RBS passou a ter programas falados (1995, p. 242 apud FERRARETTO, 2021, p. 11)³⁸. O pesquisador aponta ainda que, “em paralelo, a RBS aproveita as oportunidades de expansão proporcionadas pela decadência das operações dos Diários e Emissoras Associados no Rio Grande do Sul” (FERRARETTO, 2021, p. 12), consolidando um processo que acaba por definir “uma maneira de fazer rádio e uma grade de programação que, em termos práticos, chega, com poucas correções de rumo, às décadas iniciais do século 21” (FERRARETTO, 2021, p. 12).

Já consolidada, a emissora do Grupo RBS se distanciou das concorrentes do segmento na medição de audiência. Comparada com a TV Globo, cuja situação se assemelha na configuração do mercado nacional de televisão, a Gaúcha constituiu “significativas barreiras à entrada da concorrência” e reuniu “os melhores recursos humanos e tecnológicos, o que acaba se

³⁸ GOMES, Flávio Alcaraz. **Diário de um repórter**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

refletindo na audiência e no investimento publicitário obtidos, formando um ciclo que se retroalimenta” (FERRARETTO; MORGADO, 2017, p. 12). Em relação ao conteúdo, Saballa Jr. sublinha a definição dada pelo então gerente de jornalismo da Gaúcha, Daniel Scola, para o estilo adotado contemporaneamente: “um permanente *breaking news*” (SABALLA JR., 2019, p. 83).

Observa-se, em São Paulo, uma configuração diferente do mercado radiofônico em comparação a Porto Alegre. Na capital paulista, as opções musicais e populares dominaram a preferência do público em 2021 (STARCK, 11 jan. 2022). Contudo, o *dial* paulistano conta com rádios exclusivamente dedicadas às notícias. Destacam-se BandNews FM, do Grupo Bandeirantes de Comunicação (também proprietária da Rádio Bandeirantes), e CBN, do Grupo Globo. Posicionadas próximas entre si na aferição de público feita pela Kantar IBOPE Media em 2021 (STARCK, 11 jan. 2022), as emissoras se diferenciam pelo formato adotado.

A BandNews tem um “projeto mais próximo do *all-news* estadunidense, que irradia blocos de 20 minutos com espaços padronizados com noticiário, prestação de serviços e comentários” (FERRARETTO, 2014a, p. 65). Pesquisadoras como Lopez (2009) e Betti (2009) mencionam o catalão Martí i Martí para sinalizar que a programação da emissora segue o formato de relógio. Ferraretto ressalva que esse conceito é associado à expressão *format clock*, que, nos Estados Unidos, se refere ao “padrão que baseia a marcação do tempo destinado aos conteúdos jornalísticos, de serviço, de entretenimento, musicais e educativos em relação às parcelas ocupadas pelo intervalo comercial” (2014a, p. 53), sendo, portanto, diferente da ideia de formato de programa ou programação. Mesmo com uma lista de atrações fixas em sua grade (BANDNEWS FM, 20--), sobressai a característica da divisão de blocos horários, com demarcações sonoras, chamadas de manchetes e de repórteres a cada ciclo. Já a CBN, apesar de se denominar pioneira no modelo *all-news* (CBN, 20--a), é apontada por Ferraretto como uma emissora “com doses consideráveis de conteúdos que, na origem do formato, seriam considerados mais próprios do *talk*” (2014a, p. 65). Betti resume a comparação entre as duas redes paulistas, salientando que:

O modelo de programação da CBN se diferencia do utilizado pela BandNews FM em diversos aspectos, embora as duas emissoras estejam focadas na produção e transmissão de informações. Isto porque a variedade dos formatos jornalísticos encontrados na emissora é maior. Além do que, os espaços são organizados como programas que possuem identidades e estruturas diferentes. (BETTI, 2009, p. 151).

A CBN foi fundada em 1991, atribuindo inspiração ao *all-news* do rádio estadunidense (LOPEZ, 2009; BETTI, 2009). Marangoni relata que a proposta da emissora era “prestar serviços através das ondas de rádio durante vinte e quatro horas por dia” (1999, p. 3). O autor destaca

que, nos primeiros momentos, a rádio “começou com música e notícia, mas logo acabou se transformando só em informação. Mesclando informação³⁹ com opinião, chegando ao vivo aos quatro cantos da cidade, do estado, do país e, tendo ainda a participação de vários correspondentes no exterior” (MARANGONI, 1999, p. 3). No ano de 1995, o sinal da emissora, antes veiculado em amplitude modulada (AM), passou a ser replicado em frequência modulada (FM), sendo assim “a primeira emissora jornalística a transmitir em frequência modulada no país” (LOPEZ, 2009, p. 142).

Atualmente, a CBN tem quatro emissoras próprias (São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte), sendo a estação de São Paulo sua cabeça de rede (CBN, 20--b). Além disso, a CBN conta com 36 afiliadas nos estados do Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins (CBN, 20--b).

Na Argentina, por sua vez, a escolha é a Rádio Mitre. A emissora nasceu em 1925 na cidade de Buenos Aires, ainda sob o nome de Rádio La Nación. A estação “foi a primeira rádio pertencente a um veículo impresso” (AGUSTI; MASTRINI; ARRIBÁ, 2006, p. 37, tradução nossa)⁴⁰, em referência ao jornal *La Nación*. Na primeira metade do século XX, a Mitre, já com o nome atual, passou ser propriedade da Editorial Haynes e parte da Red Azul y Blanca. No final da década de 1940, primeiros anos do governo de Juan Domingo Perón, o estado argentino controlou parte da emissora, que ficou na órbita dos governos (alternando vários períodos ditatoriais e democráticos) até 1983, ano da queda do último regime militar (ESPADA, 2015). A Mitre seria então controlada pelo grupo privado Radiocultura SA, “entre os integrantes da empresa podemos encontrar um dos mais produtivos produtores daqueles anos, Julio Moyano, quem durante os anos 80 estreitou relações com o diário *Clarín* (verdadeiro dono da emissora)” (POSTOLSKI; MARINO, 2006, p.181, tradução nossa)⁴¹.

A influência do Grupo Clarín, dono do jornal de mesmo nome, se consolidou anos mais tarde quando, além da exploração do canal 13 na televisão, obteve o controle efetivo sobre a Rádio Mitre. Tal medida só foi possível “graças à eliminação das travas legais para a compra

³⁹ O autor utiliza a palavra “informação” como sinônimo de notícia ou de jornalismo informativo ou interpretativo, a fim de diferenciá-la do conteúdo opinativo.

⁴⁰ No original: “fue la primera radio perteneciente a un medio grafico.”

⁴¹ No original: “entre los integrantes de la empresa podemos encontrar a uno de los más prolíficos productores de aquellos años, Julio Moyano, quién durante los años 80 estrechó relaciones con el diario *Clarín* (verdadero dueño de la emisora).”

de emissoras de rádio por parte de empresas jornalísticas” (ROSSI, 2006, p. 239, tradução nossa)⁴². No mesmo período, a rádio alcançou a liderança no espectro AM, “quando a televisão, os jornais e o rádio começaram a trocar protagonistas” (ESPADA, 2015, tradução nossa)⁴³. Após perder espaço para a Rádio 10, a Mitre voltou a se recuperar no final dos anos 2000, reassumindo a liderança em 2013 (ESPADA, 2015). A condição de líder se manteve em 2021, quando a emissora do Grupo Clarín obteve média superior a 37% de *share*⁴⁴ e vantagem de 23% a 26% sobre as três emissoras que se alternam na segunda colocação, Rivadavia, Radio 10 e La Red (RADIODIFUSIONDATA, 10 jan. 2022).

As grades de programação de Gaúcha, CBN e Mitre permitem ampliar a delimitação. O veículo de Porto Alegre tem suas principais atrações no turno da manhã: os programas *Gaúcha Hoje* (de segunda a sexta-feira, das 5h às 8h, com Antônio Carlos Macedo), *Gaúcha Atualidade* (de segunda a sexta-feira, das 8h10 às 10h, com Daniel Scola e Rosane de Oliveira) e *Timeline Gaúcha* (de segunda a sexta-feira, das 10h às 11h, com Luciano Potter, Kelly Matos e David Coimbra), sendo que o *Gaúcha Atualidade* era o programa mais ouvido da emissora, com 107,9 mil ouvintes por minuto no início de 2021 (SEIS..., 10 mar. 202). Enquanto o *Gaúcha Hoje* adota um formato mais próximo ao de radiojornal, na definição de Ferraretto (2014a, p. 73), com “constante entrada de repórteres” (SABALLA JR., 2019, p. 18) e priorizando “informações do trânsito, do tempo e assuntos que serão destaque ao longo do dia” (SABALLA JR., 2019, p. 18), os demais da manhã reúnem características de programa de entrevista, programa de opinião e mesa-redonda, também na classificação de Ferraretto (2014a, p. 73-74). Por essa razão, *Atualidade* e *Timeline* são as escolhas para análise.

O *Gaúcha Atualidade* é sucessor do programa *Atualidade*, lançado em 1977, com a apresentação de Jorge Alberto Mendes Ribeiro e focado em entrevistas sobre os “grandes temas do momento” (FERRARETTO, 2021, p. 11-12). Em 1992, o programa passa a ser conduzido por Armindo Antônio Ranzolin, de Porto Alegre, e por Ana Amélia Lemos, de Brasília (FERRARETTO, 2007, p. 463-464). Posteriormente, foi apresentado por André Machado, em substituição a Ranzolin (FERRARETTO, 2017), ao lado de Ana Amélia Lemos e Rosane de Oliveira; e por Daniel Scola, em substituição a Machado, desde 2013 (ANDRÉ..., 24 set. 2013), ao lado de Rosane de Oliveira e Carolina Bahia, que substituiu Ana Amélia Lemos em Brasília

⁴² No original: “gracias a la eliminación de las trabas legales para la compra de radioemisoras por parte de empresas periodísticas”.

⁴³ No original: “cuando la televisión, los diarios y la radio comenzaron a intercambiar protagonistas.”

⁴⁴ A palavra inglesa *share* significa “a parcela de participação da emissora dentro do total de ouvintes” (FERRARETTO; MORGADO, 2017, p. 5).

em 2010. Desde 2020, com a saída de Bahia do Grupo RBS, Scola e Rosane passaram a apresentar o programa. Posteriormente à escuta das edições por esta pesquisa, o apresentador Daniel Scola entrou em licença para realizar um tratamento de saúde, sendo substituído, de forma interina, pela jornalista Andressa Xavier (“NÃO...”, 25 ago. 2021), e a comentarista de economia Giane Guerra ingressou na atração como comentarista fixa (“ATUALIDADE”..., 10 set. 2021). O *Timeline Gaúcha*, por sua vez, é mais recente, “estreou no dia 17 de novembro de 2014, com o desafio de substituir o Polêmica – programa tradicional da emissora, conduzido, desde 1999, pelo jornalista e radialista Lauro Quadros – que anunciou sua aposentadoria” (BAINI, 2021, p. 12). Conforme a autora, o programa “foi criado com a proposta de acentuar essa participação dos ouvintes, através dos canais de comunicação na internet” (BAINI, 2021, p. 13).

Na diferenciação entre as duas atrações, o segundo é resumido “basicamente, em entrevistas e bate-papos entre os apresentadores” (SABALLA JR., 2019, p. 100). O autor ainda repara que as participações da reportagem “costumam ocorrer de forma mais coloquial” (SABALLA JR., 2019, p. 100) na atração apresentada por Mattos, Potter e Coimbra. Vê-se necessário pontuar programas que apostam na estrutura de bate-papo, como o *Sala de Redação*, que é descartado desta pesquisa por se tratar de uma atração exclusivamente voltada ao debate esportivo.

Observando o volume de ouvintes por faixa horária (KANTAR IBOPE MEDIA, 2021, p. 9), percebe-se que a maior audiência do dia se concentra no período entre 7h e 12h, com pico na faixa das 10h. Assim, infere-se que o programa de maior público da CBN seja o *Jornal da CBN*, veiculado de segunda a sexta-feira, das 6h às 10h. O programa é apresentado por Milton Jung e adota características mais próximas às de um radiojornal. Quando a atração era apresentada por Heródoto Barbeiro, Betti a descreveu como um programa com “espaços para entrevistas, comentários, notas, matérias e boletins especiais. Cada uma das colunas ou espaços de comentários possui uma microestrutura própria, além de temáticas exclusivas” (2009, p. 156). Uma audição preliminar do *Jornal da CBN* permite notar que a estrutura permanece semelhante ao apontado por Betti (2009) mesmo mais de uma década depois. O objeto da amostra que mais se aproxima da proposta alvo da análise aqui levantada e, conseqüentemente, o escolhido é o *Estúdio CBN*, apresentado por Tatiana Vasconcellos e Fernando Andrade, de segunda a sexta-feira, das 14h às 17h. Na página de podcasts da CBN, a atração é descrita como “programa jornalístico de entrevistas e debates, que mescla informação e informalidade. Repórteres trazem, ao vivo, as principais notícias do Brasil e do mundo que serão analisadas por nossos comentaristas e convidados no estúdio” (CBN PODCAST, 20--a). Para compor o corpo da

amostra, seleciona-se o *CBN Brasil*, irradiado das 12h às 14h, de segunda a sexta-feira, com apresentação de Carlos Alberto Sardenberg, jornalista de perfil mais analítico, e Cássia Godoy. A descrição do programa no site da emissora pontua que, no *CBN Brasil*, “o noticiário político e econômico é debatido de maneira simples, com a credibilidade e o estilo suave de Carlos Alberto Sardenberg” (CBN PODCAST, 20--b).

Na emissora bonaerense, as atrações mais ouvidas também são emitidas no turno da manhã. O programa *Cada Mañana*, veiculado de segunda a sexta-feira, das 6h às 10h, com Marcelo Longobardi e equipe, registrou 47,5% de *share* (RADIO MITRE, 9 set. 2021); na sequência, o *Lanata Sin Filtro*, também de segunda a sexta-feira, das 10h às 14h, com Jorge Lanata e equipe, marcou 36,5% de *share* (RADIO MITRE, 9 set. 2021)⁴⁵. Tendo em vista características estruturais semelhantes (opinião do âncora, debates sobre atualidades e presença de comentaristas) em ambos e a diferenciação se dando apenas pela personalidade de cada apresentador, opta-se pela análise do *Cada Mañana* e do chamado *Pase Longobardi - Lanata*. Apesar de não ser um programa propriamente dito, a transição entre o *Cada Mañana* e o *Lanata Sin Filtro* aparece na grade da Mitre (CIENRADIOS, 20--). Nesse espaço, veiculado das 10h às 10h30min, os dois âncoras e suas equipes conversam entre si sobre os temas mais importantes do dia.

O *Cada Mañana* foi lançado por Longobardi em 2001, na Rádio 10, ingressando na Mitre em 2013 e deixando a emissora em novembro de 2021 (LONGOBARDI, 3 nov. 2021). A imprensa local registra que a atração foi líder de audiência (MASCAREÑO, 3 nov. 2021), fato que é comentado por Longobardi em sua despedida, ao dizer que, “desde 2013, a Rádio Mitre me confiou o horário mais valioso de sua programação e creio que cumpri meu trabalho de uma maneira apropriada. Devolvo o programa em uma posição de liderança absoluta” (LONGOBARDI, 3 nov. 2021)⁴⁶. Poucas semanas antes disso, em agosto de 2021, o *Pase Longobardi-Lanata* foi tirado do ar após uma briga entre as duas equipes motivada por atrasos na entrega de um programa para outro (ELTENSO..., 13 ago. 2021).

Nesta etapa, analisam-se os programas veiculados nas seguintes datas:

⁴⁵ Observam-se os dados referentes ao mês de agosto, o último do *Pase Longobardi-Lanata*, ainda que o *Cada Mañana* tenha sido emitido até novembro de 2021 com Marcelo Longobardi e o *Lanata Sin Filtro* tenha permanecido na grade da Rádio Mitre até a conclusão desta dissertação.

⁴⁶ No original: “desde 2013, Radio Mitre me ha confiado el horario más valioso de su programación y creo que he cumplido mi trabajo de una manera apropiada. Devuelvo el programa en una posición de liderazgo absoluto” (LONGOBARDI, 3 nov. 2021).

CBN: *CBN Brasil e Estúdio CBN* – Entre 22 e 26 de março de 2021

Mitre: *Cada Mañana e Pase Longobardi-Lanata* – Entre 5 e 9 de abril de 2021

Gaúcha: *Gaúcha Atualidade e Timeline Gaúcha* – Entre 12 e 16 de abril de 2021

Essa disposição é justificada pelos motivos já mencionados no capítulo *Análise de conteúdo* (3), buscando condições estandarizadas de análise no contexto da pandemia de covid-19, priorizando a observação da forma do conteúdo.

4.1 *Gaúcha Atualidade*

Entre as características mais observadas nos programas da Gaúcha, estão alguns vícios de linguagem comuns em Porto Alegre, como a contração da palavra “para”, pronunciada “pra”; a combinação do pronome “tu” (segunda pessoa do singular) com o verbo conjugado na terceira pessoa do singular; a pronúncia dos verbos no infinitivo sem o “r” no final; e a substituição do pronome “nós” por “a gente”. Também se nota a repetição de palavras, como um reforço para algo que não foi ouvido, o uso de vocativos entre os participantes e repórteres e outros elementos que reforçam o caráter de conversação e bate-papo no rádio. Além disso, os apresentadores aproveitam de elementos de vinculação, como de proximidade geográfica, de hábitos, memória, sentimentos e a participação de ouvintes.

No dia 12 de abril, o programa *Gaúcha Atualidade*, apresentado por Daniel Scola e Rosane de Oliveira, trata do Código de Trânsito Brasileiro (CTB); da vacinação contra o coronavírus em Porto Alegre; da construção de uma estátua de Cristo em Encantado, no interior do Rio Grande do Sul; da concessão de rodovias no Sul do estado; e da taxaço de livros no Brasil. A atração é veiculada durante cerca de uma hora e 45 minutos, considerando os intervalos comerciais.

A abertura, com a confirmação da hora certa, a temperatura e as condições climáticas e o anúncio das manchetes e destaques do programa, é feita adotando a linguagem formal, sem vícios de linguagem comuns em Porto Alegre. Contudo, em comentários ou posicionamentos dos âncoras, nota-se maior flexibilização, como quando Scola reforça a importância da vacinação contra a covid-19:

Daniel Scola – É importante *chamá*⁴⁷ a atenção da população, dos familiares desses idosos, *pra* que se mobilizem e respeitem a data que está prevista ali no cartão de vacina para a imunização contra o coronavírus. (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021a).

A partir do ingresso de Rosane de Oliveira, Scola passa a dialogar com a colega, fazendo uso de uma linguagem mais comum a uma conversa entre amigos. Um problema técnico que impede a entrada de Rosane no ar também contribui para a flexibilização da linguagem, com o inesperado reduzindo a postura mais solene de apresentação da companheira de bancada. Outra observação é a sobreposição de falas, o que pode ser uma característica da transmissão do programa a partir pontos diferentes, uma vez que, em razão da pandemia, os apresentadores estão em casa em vez de no estúdio da emissora. Entretanto, isso sublinha o caráter de bate-papo entre os âncoras:

Daniel Scola – Rosane de Oliveira, bom dia...

[Silêncio e trilha sonora ao fundo]

Daniel Scola – Opa, já, já, a Rosane de Oliveira aqui conosco no Gaúcha Atualidade.

Rosane de Oliveira – Oi, Scola.

Daniel Scola – Oi, Rosane. E aí?

Rosane de Oliveira – *Bá*, caiu bem na hora, *né*, mas já voltei, já voltei.

Daniel Scola – Ah, que bom, que bom, que bom. E aí, Rosane, bom dia.

Rosane de Oliveira – Bom, primeiro bom dia, bom dia *pra* ti, bom dia *pros* ouvintes. Scola, quero emendar nessa tua informação, que depois nós vamos detalhar, sobre o pedágio da BR-116. É o fim da picada se isso for feito. (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021a).

Na primeira entrevista, com o diretor-geral adjunto do Departamento de Trânsito do Rio Grande do Sul (Detran RS), Marcelo Soletti, é constante a demarcação feita por Scola durante a fala do entrevistado, com “uhum”. Com o prolongamento da resposta do participante, o apresentador intervém, trazendo uma experiência pessoal para fazer uma pergunta:

⁴⁷ Palavras pronunciadas de modo informal, com, por exemplo, contrações, e outros elementos de coloquialidade são demarcados em itálico nas transcrições das falas.

Daniel Scola – Deixa eu só me *prendê*, deixa eu só me *prendê*, Soletti, *nessa* questão dos faróis. Porque, às vezes, é até... por experiência própria, *né*, às vezes, a gente, inadvertidamente, involuntariamente, se esquece de *acioná* os faróis durante o dia, por exemplo. (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021a).

Em outro trecho, a situação se repete:

Entrevistado – ... essa é obrigatória, mas também...

Daniel Scola – Se eu *saí* agora, por exemplo... Se eu *saí* agora, por exemplo, de Porto Alegre e *pegá* a Rodovia do Parque e for até o Vale dos Sinos, por exemplo, não preciso *acioná* o farol porque é pista dupla, *né*.

Entrevistado – Isso.

Daniel Scola – Agora, se eu *pegá*... Se eu *pegá* a 290, em direção à Região Central do estado, eu vou *precisá*, porque ali a 290, a partir de Eldorado do Sul, fica pista simples. (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021a).

Em meio à entrevista sobre as mudanças no CTB, Scola menciona a participação dos ouvintes sobre a situação do trânsito em uma rodovia do Rio Grande do Sul:

Daniel Scola – Alguns ouvintes estão nos alertando aqui sobre congestionamento na BR-290, nós já vamos *falá* sobre isso aqui no Gaúcha Atualidade. (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021a).

Ao abordar as condições do trânsito, logo após a entrevista, o repórter Tiago Bitencourt conduz as informações em forma de diálogo, trocando de assunto no meio de seu boletim, informando sobre uma suspeita de feminicídio em Porto Alegre. Scola e Rosane, em seguida, recordam de outro crime semelhante ocorrido no interior do estado, e analisam o tema da violência em um bate-papo, ainda que sóbrio, com elementos de informalidade:

Tiago Bitencourt – E aí, por isso, tem muito congestionamento, na BR-290, na região das ilhas, *pra* quem está saindo de Eldorado do Sul. Eu falo agora, *viu*, Scola, aqui da Rua Beija-Flor, no bairro Agronomia, onde um crime ocorreu no início da manhã de hoje. [...] ⁴⁸ A gente também *tá* acompanhando essa situação aqui na Zona Leste de Porto Alegre.

Daniel Scola – Nossa, *brigado*, Tiago, *brigado* pelas informações.

Rosane de Oliveira – Que horror isso, Scola.

[...]

Rosane de Oliveira – Aquele caso de Bom Princípio é absolutamente chocante.

⁴⁸ Utiliza-se sinal indicativo de supressão de texto na reprodução de algumas falas analisadas.

Daniel Scola – *Bá*, porque tinha antecedentes, porque ele tinha antecedentes, Rosane.

Rosane de Oliveira – Além de tudo, *né*, assim, ela pediu socorro e não foi ouvida. Isso é o que mais dói, saber que é um caso em que ela pediu socorro e a própria mãe, segundo os relatos, “não, é normal o que ele faz”.

Daniel Scola – Sabendo dos antecedentes, Rosane. Sabendo dos antecedentes. (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021a).

Em outro momento, o repórter Tiago Boff, que acompanha a vacinação em postos de saúde Porto Alegre, estabelece vínculos de localização. É constante o uso de advérbios de lugar, em uma enunciação que não aparenta ser escrita, mas estruturada mentalmente a partir da observação do repórter:

Tiago Boff – Aqui no Modelo, Scola, posto de saúde Modelo, uma referência, um dos mais movimentados da Capital, tem esse cenário. Na avenida João Pessoa, onde eu estou agora, são as pessoas que buscam a vacina contra a covid, 63 anos completos ou quem já fez a primeira dose e *tá* buscando a segunda. [...] Há pouco, conversei com uma senhora que veio do Morro Santa Teresa. *Tua vizinha aí*, Scola. Chegou aqui às oito horas. Oito e quinze, já estava indo embora com a neta, de um ano e oito meses, vacinada contra a gripe. É importante, *né*, Scola. (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021a).

A pauta da vacinação foi o gancho para a chamada do meteorologista Cléo Kuhn, responsável pela previsão do tempo na programação da Gaúcha. Repete-se o expediente de relatar experiências pessoais, indicando uma forma de aproximação dos radialistas para com a realidade do ouvinte.

Daniel Scola – *Tá* bem, *tá* bem. Bom, quem foi vacinado no final de semana foi o Cléo Kuhn, *tá?* Recebeu a primeira dose, a segunda agora em maio, *né*, Cléo. Bom dia.

Cléo Kuhn – Bom dia, Scola. Bom dia, Rosane. Bom dia aos ouvintes. E agora eu vou esperar *tomá* a segunda dose, *pra* depois *passá* quinze dias *pra tomá* a da gripe.

Daniel Scola – [Risos]

Cléo Kuhn – *Pra* não misturar as estações. Vai que o Tico e o Teco não *tejam* muito bem. [...] Não deu nada... eu não tenho problema de tomar injeção, não senti dor nenhuma.

Em meio ao boletim do tempo, Kuhn faz uso de expressão como “vapt-vupt”, para designar a velocidade dos fenômenos climáticos. Após a participação, Rosane de Oliveira atende uma ouvinte de Kuhn:

Rosane de Oliveira – Não desliga, Cléo. Não desliga, que eu preciso te *dá* um recado aqui. A Mari Rosa, tua amiguinha de seis anos, *tá* superfeliz que o tio Cléo se vacinou, *tá* orgulhosa que o Cléo se vacinou. Olha, teus fãs... Longa vida profissional ao Cléo, olha que já tem fanzinha de seis anos aqui.

Na sequência do programa, Scola e Rosane entrevistaram o prefeito de Encantado, para falar da construção da estátua de Cristo no município. O âncora recorda conhecer a cidade:

Daniel Scola – Já *tive* aí, sim. Muito bom, muito bom. Baita evento. Evento regional muito interessante.

Em outra participação da reportagem, com o retorno da pauta dos feminicídios no Rio Grande do Sul, Rosane de Oliveira e Daniel Scola voltam a comentar sobre os crimes, dividindo com os ouvintes suas opiniões e sentimentos:

Rosane de Oliveira – Esse não pode sair da cadeia nunca.

Daniel Scola – Não pode, não pode.

Rosane de Oliveira – Crime bárbaro, cara com antecedentes de crimes sexuais. Como é que uma mulher se envolve com um tipo à toa desses? E aí comete um crime bárbaro... Essa menina... É uma comoção enorme lá em Bom Princípio e no Rio Grande do Sul inteiro, por óbvio, *né*. É uma menina querida de todo mundo, é uma menina que tinha talento *pra* música. Eu olho a foto, assim, me dá uma dor, uma dor de *vê* isso. (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021a).

O *Gaúcha Atualidade*, em uma dinâmica troca de assuntos, passa a tratar dos pedágios em rodovias do estado, com a participação do repórter Jocimar Farina. Enquanto o jornalista dá seu boletim, ele é interrompido por Scola e Rosane, que passam a dialogar com o colega em um bate-papo sobre o assunto:

Daniel Scola – Deixa eu *pará* nesse ponto, que eu acho que é muito importante, Jocimar. A empresa se compromete, numa futura extensão de contrato, a *reduzí* de doze *pra* sete e *tomá* conta de mais trechos de estradas, é isso?

Jocimar Farina – Não, mais trechos de estradas, não, mas fazer obras que não estavam previstas no contrato original. A redução do pedágio...

Daniel Scola – De qualquer maneira, de qualquer maneira...

Rosane de Oliveira – Só agora, *né*, só agora...

Daniel Scola – Isso demons... pois é. Isso demonstra quão distorcido *tá* o contrato atual, *né*. (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021a).

Menos evidente que outros elementos, também há a exploração da memória dos âncoras e dos ouvintes sobre temas abordados no passado, como em uma manifestação do repórter Jocimar Farina:

Jocimar Farina – Vocês vão se *lembrá*, até porque foi no Gaúcha Atualidade, que, em 2017, o então ministro da Casa Civil, Eliseu Padilha, *chegô a cogitá* uma ampliação de contrato da EcoSul. (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021a).

O impasse envolvendo a praça de pedágio na rodovia faz com que Rosane de Oliveira demonstre sua insatisfação com o problema, se colocando ao lado do ouvinte que circula pela estrada:

Rosane de Oliveira – Seria muito, muito, muito mais lógico fazer uma concessão nova aqui. *Tá* bem que esse ainda tenha cinco anos, mas começa a *fazê* agora, pega esse trecho que tem até Camaquã aqui, junta com a 290, e pensa na 290, que tem que *sê* duplicada ontem, tá superesgotada essa estrada, mas não um contrato de pai *pra* filho, *né*. O Jocimar ia dando as sugestões feitas pela EcoSul e eu quase perguntei *pro* Jocimar: eles não *tão* pedindo uma cervejinha junto *pra acompanhá* essa proposta?

[...]

Rosane de Oliveira – Agora deixa eu *acrescentá*, Scola, mais uma pitada de sal e pimenta nesse angu que virou essa duplicação. Qual é o sentido de alguém que vai *pra* Pelotas e Rio Grande, que transporta cargas, *pagá* um pedágio a mais em Camaquã, mesmo nessa proposta feita pelo governo federal, *tá, pra financiá* a duplicação da BR-290? Quem tem que *pagá* a duplicação da BR-290 é quem usa a 290. Eu uso a 290. Eu quero *pagá* pedágio na 290. Agora, se eu só vou *pra* Pelotas, quem só vai *pra* Pelotas, por que vai *pagá* um pedágio a mais *pra financiá* uma estrada ali do lado que não é a que ele usa? (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021a).

Os âncoras do retomam o programa, após um intervalo comercial, saudando o ingresso de uma vinícola no quadro de anunciantes da atração. Durante quatro minutos, Scola e Rosane falam do consumo de vinhos e espumantes e de viagens a vinícolas no Rio Grande do Sul:

Rosane de Oliveira – Quem vai *pra* Veranópolis, entra à direita, é isso, *né*.

Daniel Scola – Isto, isto, isto. Quem sabe a gente faz uma visita lá, Rosane, hein?

Rosane de Oliveira – Ah, *tô* sempre, *né*. *Tô* sempre pronta *pra í pra* Serra, Scola. Essa maldita pandemia atrapalhou nossos planos, *né*. *Tô* com uma saudade danada de *subí* a Serra. (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021a).

Nessa edição do programa, é possível observar a alta presença de elementos de coloquialidade comuns à linguagem adotada em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul. Além disso, estão também presentes elementos de vinculação entre comunicadores e ouvintes.

No dia 13 de abril, o *Gaúcha Atualidade* trata das obras no aeroporto de Porto Alegre; da produção da vacina CoronaVac, utilizada contra o coronavírus; da CPI da Pandemia; e da volta às aulas em regime presencial no Rio Grande do Sul. Pelo segundo dia consecutivo, a atração discute problemas envolvendo a concessão de estradas no Sul do estado.

Após a abertura do programa, apresentadores ingressam nos assuntos previstos na pauta do dia. Ao ouvir o boletim do repórter Jocimar Farina sobre os atrasos na conclusão das obras na pista do Aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre, Daniel Scola faz um destaque em meio à fala do colega:

Jocimar Farina – O término da ampliação da pista sofreu uma alteração. Em vez de ser concluído agora em dezembro de 2021, passou para agosto do ano que vem. E a Fraport...

Daniel Scola – Jocimar, deixa eu te *interrompê*. Essas setenta famílias que ainda continuam ali na área têm apartamento garantido para transferência? (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021a).

A participação do repórter prosseguiu, de modo linear, sem o uso de expressões coloquiais, com exceção da contração “pra” em alguns momentos. Após Jocimar Farina encerrar o boletim, Daniel Scola, que conduziu o diálogo com o jornalista, convida a companheira de bancada para analisar o tema, fazendo uso de uma expressão para sugerir que há uma “maldição” atrasando a obra.

Daniel Scola – Jocimar, *brigado* pela informação. Jocimar Farina sempre em cima, em cima desses assuntos que envolvem infraestrutura, que envolvem obras. Rosane de Oliveira, tem um sapo enterrado naquela região, só pode *tê* um sapo enterrado ali. (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021a).

Depois de um intervalo comercial, os apresentadores acionam outro repórter, que circula pelas ruas de Porto Alegre conferindo a situação do trânsito.

Daniel Scola – O *Gaúcha Atualidade* vai às ruas. Tiago Bitencourt, bom dia.

Tiago Bitencourt – Muito bom dia, Scola. Muito bom dia a todos. Falando aqui da Sarmento Leite, viu Scola. A gente foi alertado por ouvinte e veio *conferir* a situação de um vazamento de água bem grande, bem em frente à Faculdade de Arquitetura da UFRGS. É do outro lado da Sarmento Leite. A gente percebe que *tá* saindo água do asfalto. (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021a).

Nota-se que o jornalista trata com familiaridade o nome do local, sem referir ser uma rua ou avenida, mas apenas a “Sarmento Leite”. Finalizando sua participação, o repórter fala das condições do tempo na cidade.

Tiago Bitencourt – *Nublô* de novo, viu Scola. *Chegô* a *dá* uma aberturinha de sol durante a manhã, mas a temperatura *tá* bem agradável. (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021a).

O comentário serve de gancho para que Scola inicie a conversa com Cléo Kuhn, responsável pela previsão do tempo na emissora.

Daniel Scola – Cléo Kuhn e a previsão para os próximos dias. *Nublô* de novo, Cléo. Temperatura mais baixa hoje pele manhã.

Cléo Kuhn – Aham. E vai continuar assim, com essa coisa de tenta abrir e volta a fechar. (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021a).

Durante o boletim de Kuhn, ouve-se Scola, ao fundo, fazendo comentários como “aham”, “*tá* bem” e “*é*”. Logo em seguida, o âncora dá início a uma entrevista com o diretor do Instituto Butantan, Dimas Covas. Imagina-se que as falas do apresentador fossem sinais para que Cléo Kuhn encerrasse seu boletim, a fim de começar a entrevista, com o convidado já posicionado ao telefone. Por ser um assunto sério e diante da presença de uma autoridade de saúde, a abordagem é menos coloquial. Ainda assim, é possível verificar tentativas de incluir o ouvinte indiretamente no diálogo:

Rosane de Oliveira – Bom dia, doutor Dimas. Hoje há uma discussão, uma preocupação se vai ser ou não necessária uma terceira dose da CoronaVac. O que o senhor poderia dizer *pros* nossos ouvintes sobre esses estudos? (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021a).

Em determinado momento, a ligação telefônica entre a emissora e o entrevistado cai, em meio à entrevista. A apresentadora Rosane de Oliveira reproduz a onomatopeia do som da ligação caindo.

Daniel Scola – Estamos conversando com o diretor do Butantan, Dimas Covas, direto de São Paulo.

Rosane de Oliveira – Acho que caiu.

Daniel Scola – É, caiu a ligação.

Rosane de Oliveira – Deu um *tu, tu, tu*, que parece que caiu. (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021a).

Rosane, mais de uma vez, faz uso de expressões populares em seus comentários, como ao relatar uma conversa que teve com o governador do Rio Grande do Sul sobre o pedágio em uma rodovia federal do estado.

Rosane de Oliveira – Ele fala nessa possibilidade, redução imediata da tarifa. Parece uma coisa sedutora. *Oba*, pagamos doze e pouco, vamos pagar sete mais ou menos. Só que, com uma praça a mais, acaba dando, de certa forma, elas por elas. (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021a).

No comentário de Giane Guerra sobre uma grife de sapatos, quando a jornalista não participava de forma fixa da bancada titular, Rosane de Oliveira fala de sua experiência pessoal de uso de calçados durante a pandemia de covid-19, se aproximando da realidade dos ouvintes.

Rosane de Oliveira – Fiquei curiosa com essa da Giane agora. Fala aqui uma pessoa que, nesse ano todo de pandemia, só usa dois tipos de calçado, tênis e chinelo *havaiana*⁴⁹. O que alguém faz com sapato de salto altíssimo numa pandemia que não tem festa *pra í*, não tem casamento, não tem nada. *Pra mim*, é o mistério dos mistérios.

Giane Guerra – Sabe que uma das minhas descobertas na pandemia foi a babuche.

Daniel Scola – *Quê* que é isso?

Rosane de Oliveira – *Quê* que é uma babuche?

Giane Guerra – Sabe aquele calçado de, de... Emborrachado, que é bem confortável. O pessoal conhece pela marca famosa, Crocs, mas tem vários.

Rosane de Oliveira – Que troço horrível.

Giane Guerra – [Risos]

Rosane de Oliveira – É feio, mas é confortável.

Giane Guerra – Tem outros modelos, Rosane. Tem outros modelos. Eu também era bem resistente, viu? Mas, depois que coloquei no pé... Difícil, difícil tirar.

Rosane de Oliveira – Dentro de casa, também, eu ando muito de pés descalços. (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021a).

⁴⁹ Em referência à marca Havaianas.

Ao falar do número de atrasados na vacinação contra o coronavírus, Daniel Scola se dirige ao público e adota tom coloquial, dizendo: “*vamo baixá esse percentual aí, gente. Né? Vamo baixá*” (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021a).

Na quarta-feira, dia 14 de abril, o programa tem como pauta temas referentes à vacinação contra a covid-19 e a ocupação de leitos para pessoas com a doença e a aplicação de exame toxicológico para motoristas profissionais. Além disso, o âncora Daniel Scola, usando o pronome “eu”, o que nem sempre é verificado, introduz uma pauta com teor mais opinativo, logo na apresentação dos destaques do *Gaúcha Atualidade*. Rosane de Oliveira também repete o pronome “eu”, reforçando o caráter opinativo de sua fala. O apresentador critica o veto do governo à destinação de recursos para escolas públicas e a manutenção de atividades remotas no ensino durante aquele período da pandemia.

Daniel Scola – Eu também quero falar sobre prioridades e como a educação não é prioridade no Brasil. *Vô dá* dois exemplos. Um deles, o Congresso aprova um projeto, que é vetado pelo governo federal, que dá melhores condições para as escolas públicas. Dezoito milhões de estudantes frequentam as escolas públicas. Dá banda larga e tablet. Só que o governo veta dizendo que não tem dinheiro. Mas, para as emendas parlamentares, sobra dinheiro. Que prioridade é essa? Que prioridade é essa, de um país que dá mais dinheiro *pro* deputado *gastá* como *quisé* e menos *pra* educação. Eu *vô dá* outro exemplo de que educação não é prioridade no Brasil: escolas fechadas. *Tá* tudo, tudo voltando. Todas as atividades, de certa forma, a maioria das atividades sendo retomada, e a escola, que segundo a Unicef⁵⁰, deveria ser a última a fechar e a *primêra* a abrir, no Brasil, foi a *primêra* a fechar e a última a abrir. Tem algo muito errado nessa discussão sobre prioridade na educação. Eu quero *falá* um *poquinho* mais sobre isso aqui no *Gaúcha Atualidade*. (RÁDIO GAÚCHA, 14 abr. 2021a).

Rosane de Oliveira também comenta o tema, trazendo repercussões jurídicas sobre o retorno às aulas presenciais no estado. Scola retoma o assunto, dando sua visão pessoal acerca da questão.

Daniel Scola – Olha, eu *vô dizê* algo que eu já disse aqui algumas vezes. Que é importante sempre *reforçá*. Não se trata de *abri* os portões das escolas e *jogá* todo mundo lá *pra* dentro, sem critério, sem distribuição. Acho que *tá* faltando modulação nesse debate. (RÁDIO GAÚCHA, 14 abr. 2021a).

Ainda na abertura do programa, Rosane traz sua experiência pessoal, dizendo ser criticada pelo seu posicionamento favorável ao retorno das atividades presenciais nas escolas e sua atuação profissional em regime de teletrabalho, apresentando o programa de casa.

⁵⁰ Sigla em inglês para o Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância.

Rosane de Oliveira – Scola, tem muitas falácias nisso também. Vários... Obviamente, estou sendo super criticada por ter defendido essa posição e muitos ouvintes dizem: “Ah, se não tem problema, por que vocês não trabalham em modo remoto?”. A nossa tese é a seguinte, quem *podé trabalhá* em modo remoto, sem prejuízos a suas atividades, ótimo. É uma pessoa a menos na rua *pra provocá* aglomeração. (RÁDIO GAÚCHA, 14 abr. 2021a).

Com exceção de três minutos dedicados a informações do trânsito, o debate entre os âncoras sobre a retomada de aulas presenciais domina os primeiros vinte minutos da atração. Em seguida, pelo terceiro dia consecutivo, o programa repete a pauta da concessão de estradas no Sul, agora durante uma entrevista sobre o exame toxicológico para motoristas profissionais, reforçando o interesse no tema. Rosane de Oliveira comenta mensagens de ouvintes motoristas.

Rosane de Oliveira – Tem até um ouvinte aqui, diz um absurdo: “ah, se não *tomá* alguma coisa, como é que a pessoa vai *ficá* quatorze, quinze horas na estrada?”. Não é *pra ficá* quatorze, quinze horas na estrada.

[...]

Rosane de Oliveira – Aí tem um ouvinte que diz assim: “A Rosane deve *tá* vivendo na Europa, *achá* coerente esses exames toxicológicos *pra* motoristas comuns custando quase quatrocentos reais”. Não, não custa quatrocentos reais, *primêro*. É mais barato do que isso. E, segundo, por que a gente não pode *desejá* um trânsito mais civilizado? (RÁDIO GAÚCHA, 14 abr. 2021a).

Os apresentadores acionam a reportagem que traz detalhes de uma série de ataques a estabelecimentos comerciais que tiveram as vidraças quebradas durante a madrugada.

Daniel Scola – Tiago Boff vai nos *falá* agora sobre esses casos de vidraças de estabelecimentos comerciais quebradas em série nessa madrugada, Tiago.

Tiago Boff – E é o assunto principal, Scola, de todo mundo que chega *pra trabalhá*. Bom dia a ti, bom dia a Rosane.

Daniel Scola – Bom dia.

Tiago Boff – Eu estou, *nesse* momento, num plantão de vendas da construtora Melnick, aqui no bairro Jardim Botânico, na avenida Carlos Gomes. Por aqui, Scola, tinha uma senhora, há pouco, limpando, varrendo o chão, depois que a Brigada Militar já veio *pra constatá* o que aconteceu e eu *tô* conversando agora, *nesse* momento, com um segurança aqui do local, que *tá* me explicando como a vidraça foi atingida. São dezenas de vidraças, Scola, que foram atingidas por uma espécie de espingarda de chumbinho ou aquelas usadas em *paintball*, sabe, aquelas arminhas de *airsoft*. Aqui eu consigo *vê* Scola, que tem um furo bem no meio – bem no meio, não – na parte mais inferior, um pouquinho, da vidraça e ela *ficô* toda estilhaçada, não *chegô* a *sê* derrubada. (RÁDIO GAÚCHA, 14 abr. 2021a).

Na volta do intervalo comercial, o âncora Daniel Scola noticia o anúncio da chegada de novas doses de vacina contra o coronavírus no Rio Grande do Sul. Rosane de Oliveira reage com uma interjeição.

Daniel Scola – Tem novidade sobre vacina contra o coronavírus. Novidades.

Rosane de Oliveira – Oba! (RÁDIO GAÚCHA, 14 abr. 2021a).

Na sequência do programa, os apresentadores falam da premiação da loteria Mega-Sena. Rosane de Oliveira volta a dividir suas experiências pessoais com os ouvintes.

Rosane de Oliveira – Eu falo como apostadora mesmo. Eu sempre aposto na Mega-Sena e gosto da Lotofácil também – fazendo propaganda *pra* Caixa Econômica Federal aqui –, mas eu sempre confiro meus números. Porque, imagina, quem joga é porque tem a esperança de *ganhá*.

[...]

Rosane de Oliveira – *Tô* jogando hoje também, viu, Scola, 33 milhões...

Daniel Scola – Opa, é?

Rosane de Oliveira – É a bolada de hoje.

Daniel Scola – *Vamo fazê* um bolão.

Rosane de Oliveira – Pode *tê* certeza.

Daniel Scola – *Vamo fazê* um bolão, quem sabe. *Fazê* um bolão.

Rosane de Oliveira – Mas, sobre o bolão, porque o bolão hoje, ele é oficializado. Então, já vai um pedacinho *pra* cada um dos apostadores quando se faz um bolão.

Daniel Scola – É? Olha aí.

Rosane de Oliveira – E tem o bolão que a gente compra lá na loteria mesmo. Em geral, tu *vai fazê*, eles te oferecem: “Ah, tem um bolão”. Porque eles imprimem antes. Fazem, *pra ganhá* tempo e, aí, vendem ali no balcão os pedaços daquele bolão. Como antigamente ou ainda hoje – tem pouca gente que compra, mas ainda existe – se comprava um pedaço da Loteria Federal. A Loteria Federal tem um número, são vários pedaços, e poderia *comprá* uma fraçãozinha daquelas. O bolão é, mais ou menos, a mesma lógica. (RÁDIO GAÚCHA, 14 abr. 2021a).

Mais adiante, é Daniel Scola quem divide uma experiência pessoal com os ouvintes, falando da vacinação dos pais contra a covid-19.

Daniel Scola – Como é bom quando as pessoas ao nosso redor são vacinadas, *né*, Rosane. Como é bom. Minha mãe foi vacinada hoje.

Rosane de Oliveira – Nossa! Tua mãe, dona Cecília.

Daniel Scola – *Tá* vacinada, coisa boa.

Rosane de Oliveira – Ah, que coisa boa, Scola.

Daniel Scola – Meu pai já *tava* vacinado.

Rosane de Oliveira – É uma das coisas mais emocionantes da vida da gente *vê* o pai e a mãe vacinados.

Daniel Scola – Minha mãe é AstraZeneca/Oxford, tem três meses entre uma dose e outra, mas *tá* lá, primeira dose foi garantida. Que bom, que bom, que bom. *Bá*, dá um alívio na gente, assim. Meu pai foi vacinado ainda em janeiro, é outro, outro grupo. Então, *tá* todo mundo no caminho. Meu pai *tá* protegido, totalmente imunizado; minha mãe, no caminho aí. (RÁDIO GAÚCHA, 14 abr. 2021a).

No dia 15 de abril de 2021, o *Gaúcha Atualidade* aborda a vacinação contra o coronavírus, a privatização da Companhia Estadual de Distribuição de Energia Elétrica (CEEE-D), o investimento de um frigorífico no estado e, mais uma vez, a retomada das aulas presenciais em meio à pandemia de covid-19.

Ao falar do avanço da vacinação, na época limitada a idosos, os apresentadores usaram o exemplo de Rosane de Oliveira, com 60 anos, que poderia receber a primeira dose dentro de alguns dias.

Daniel Scola – Então, eu vou *dá* algumas informações aqui com todo o cuidado *pra* não *criá* uma expectativa falsa naqueles que estão prestes a *serem* vacinados, como é o caso da Rosane de Oliveira. Rosane, com 62 anos, tu *tá* na boca do túnel, fardada, fazendo o sinal da cruz.

Rosane de Oliveira – Tenho sessenta, calma, não me envelheça.

Daniel Scola – Ah, sessenta, Rosane. Sessenta, sessenta. Mas é quase isso.

Rosane de Oliveira – Sessenta e dois serão os próximos a *vaciná*.

Daniel Scola – Serão os próximos, segunda-feira. Semana que vem, começa 62, porque já *chegô* vacina *pra* isso. A Rosane vem logo na sequência. (RÁDIO GAÚCHA, 15 abr. 2021a).

A idade dos vacinados voltou a ser motivo de comentários entre os apresentadores, que falaram de uma campanha da Prefeitura de Veranópolis sobre a imunização de idosos.

Daniel Scola – Rapidinho. Nós temos que *í pro* intervalo, já, Rosane – e, depois, tem educação em debate aqui no *Gaúcha Atualidade* –, mas eu gostei do que a Prefeitura de Veranópolis... A maneira que a Prefeitura de Veranópolis... A maneira criativa que ela *encontrô pra* não *chamá* de “idoso”, já que você não gosta do termo “idoso”, Rosane.

Rosane de Oliveira – *Bêjo*, Prefeitura de Veranópolis, que atendeu aqui o meu pedido *pra* não *chamá* de “idosa”. Quero *vê* agora, quando *passá* dos sessenta, eles vão *chamá* os idosos de 59. A minha filha *qué sabê* quando é que os idosos de 25 vão *sê* vacinados. “Longevos”, *né*, Scola?

Daniel Scola – É “longevos”. A Prefeitura de Veranópolis *encontrô* essa maneira criativa. (RÁDIO GAÚCHA, 15 abr. 2021a).

A entrevista com o presidente da CEEE-D sobre a privatização da empresa é aberta com uma pergunta na qual o âncora se coloca no lugar do ouvinte.

Daniel Scola – Pontualmente, assim, o que *tá* sendo feito agora *pra transferí* a CEEE Distribuidora do controle do estado para as mãos do Grupo Equatorial, e o que muda *pro* cliente, *né*? O cliente aqui, nós que estamos em casa, praticamente 30% do Rio Grande do Sul. Muda alguma coisa *pra* nós? (RÁDIO GAÚCHA, 15 abr. 2021a).

A jornalista Rosane de Oliveira, mais adiante, faz o uso de uma expressão popular para se referir ao furto de energia elétrica através de ligação irregular, conhecido como “gato”.

Rosane de Oliveira – No caso dos *gatos*, que é um dos problemas que acaba... Muita gente não paga energia porque faz *gato*. Isso a CEEE nunca conseguiu *resolvê*. (RÁDIO GAÚCHA, 15 abr. 2021a).

Os apresentadores voltam a usar exemplos pessoais, agora para defender a retomada de atividades presenciais em escolas.

Rosane de Oliveira – Scola, as pessoas me perguntam: “tu *mandaria* teus filhos *pra* escola?”. É uma pergunta retórica, meus filhos já estão formados na faculdade, trabalham.

Daniel Scola – Eu respondo, Rosane. Eu mandaria.

Rosane de Oliveira – Então eu *vô* te *fazê* a pergunta *pra* ti, que tem duas meninas em idade, na educação infantil.

Daniel Scola – Mando sim.

Rosane de Oliveira – Tu mandarias tuas filhas *pra* escola?

Daniel Scola – Mando, mando porque a minha realidade é um pouco diferente. É educação infantil, *tá*. Tem uma escola muito organizada, com muitos protocolos. Elas estavam indo antes e não houve nenhum problema. É uma escola que tem, olha, que tem total responsabilidade. Sei, conheço. A gente não põe o pé dentro da escola. Todo mundo é testado. Todas as pessoas lá são testadas. Tem uma preocupação enorme. Então, eu mandaria. Eu tenho segurança *pra mandá*. Eu não sei se essa é a realidade de todo mundo, eu não posso *judgá* as pessoas por isso. E até eu tenho todo o cuidado aqui, Rosane, vou te *confessá*, de não *emití* tanta opinião sobre isso, porque se não parece: “ah, *tá* em interesse”. Não, as minhas filhas *tão* em casa, mas eu vejo o quão difícil é, enquanto a gente trabalha aqui, *pra* elas terem rotina que não tinham até recentemente. Eu vejo o quão prejudicial pode ser isso também. A gente discutiu muito esse assunto aqui na minha casa e a gente *tá* convicto de que a gente, nós, quando *reabrí*, nós vamos *mandá* as crianças *pra* escolinha, sim. Mas é só a minha opinião. Não quero que todo mundo ache... É só uma opinião *pra refletí*. (RÁDIO GAÚCHA, 15 abr. 2021a).

Na sexta-feira, 16 de abril de 2021, o *Gaúcha Atualidade* aborda, mais uma vez, pautas recorrentes da semana, como a retomada das aulas presenciais no Rio Grande do Sul e o avanço da vacinação, a concessão de rodovias no Sul do estado, a anulação das condenações contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o desmatamento na Amazônia, em uma entrevista com o vice-presidente da República, Hamilton Mourão. A depredação de vidraças, abordada no dia 14, também é destacada na abertura, pelo âncora Daniel Scola:

Daniel Scola – Foi um homem com uma arma de pressão, que atirou, aleatoriamente, nas fachadas e vitrines, danificando o patrimônio e causando apreensão em comerciantes. O motivo? Nenhum. É um desmiolado, que se diz inspirado em um filme. Bom, agora ele vai *respondê*, vai *sê* responsabilizado por tudo isso. (RÁDIO GAÚCHA, 16 abr. 2021a).

Em seguida, o âncora chama a companheira de bancada, Rosane de Oliveira, mas falhas no sinal de internet impedem que a apresentadora responda.

Daniel Scola – Bom dia, Rosane.

Rosane de Oliveira – Muito bom dia, Scola. Bom dia, ouvintes. Minha conexão hoje *tá* complicadinha, mas *vamo* lá, Scola. Hoje eu... Vídeos... Festanças nas aglomerações da Padre Chagas...

[Cortes no sinal]

Daniel Scola – É, *tá* dando um cortezinho na transmissão da Rosane. Daqui a pouco, a gente retoma com a Rosane, aí. (RÁDIO GAÚCHA, 16 abr. 2021a).

Pouco depois, situação semelhante ocorre na participação do repórter Tiago Bitencourt, responsável pelo monitoramento de trânsito, ao que Daniel Scola reage e aproveita o “vácuo” da informação para ressaltar a pesquisa de audiência que coloca a Gaúcha como emissora mais

ouvida e o *Gaúcha Atualidade* como o programa mais ouvido da estação na Região Metropolitana de Porto Alegre:

Daniel Scola – Agora, com o trânsito, Tiago Bitencourt, bom dia.

[Silêncio e trilha sonora ao fundo]

Daniel Scola – Bom, já que o Tiago não *qué falá*, eu *vô falá*, Rosane. E eu *vô falá* de uma coisa boa.

Rosane de Oliveira – Coisa boa é o que nós mais precisamos, Scola.

Daniel Scola – *Tá* preparada com tua tacinha de Salton⁵¹, aí?

Rosane de Oliveira – Preparada, preparada. *Pra* de noite, *né*, Scola. Hoje é sexta-feira e tal, *né*? Agora, de manhã, eu não bebo, não.

Daniel Scola – Só um golinho, Rosane, ou só *tim-tim*, então. De noite...

Rosane de Oliveira – *Tim-tim* com um copinho d'água.

Daniel Scola – Isso, *vamo* lá. Mais uma vez, a Rádio Gaúcha é líder absoluta de audiência em todo o meio rádio aqui no Rio Grande do Sul. Entre todas as rádios... Esses dias alguém me *perguntô* assim: “O *que* que é o meio rádio?”. São todas as rádios, entre todas as rádios. O meio rádio, todas as rádios, todas as emissoras de rádio do Rio Grande do Sul. A Gaúcha, mais uma vez, é líder de audiência. Está, nesta posição, há seis anos e um mês. Não é todo mês que nós comemoramos aqui com pompa e circunstância. Sempre comemoramos, mas nem todo mês tem pompa e circunstância. Eu gosto de fazer essa pompa e circunstância pelo seguinte. O *Atualidade*, Rosane, atingiu a sua maior audiência em muito tempo e é hoje o programa da rádio mais ouvido. Então, nos dá, renova aquela responsabilidade que nós temos permanente de sempre entregar um conteúdo de extrema qualidade *pros* nossos ouvintes, sempre possibilitando... O lema do programa diz: “As notícias importantes que fazem diferença no seu dia”. Hoje, com esse volume de informação e de conteúdo que nós temos à disposição, faz todo sentido aqui nós fazermos a curadoria daquilo que realmente faz a diferença no seu dia. Hoje, por exemplo, volta às aulas, investigação da polícia *pra esclarecê* esse caso lá das vidraças quebradas, o trânsito, a previsão do tempo, daqui a pouco esse debate sobre a Amazônia. Aquilo que vai *fazê* você *formá* sua opinião, *ajudá* a *formá* tua opinião e *tomá* as melhores decisões. E nós temos esse orgulho enorme de ser o programa mais ouvido da Rádio Gaúcha. Mais ouvido nessa pesquisa, o programa mais ouvido da Rádio Gaúcha. Então, te cuida Pedro Ernesto⁵², a *Jornada Esportiva*. Nós temos mais ouvintes que a *Jornada Esportiva*, Rosane.

⁵¹ Marca de espumante patrocinadora do programa.

⁵² Referência ao narrador esportivo da Gaúcha Pedro Ernesto Denardin.

Rosane de Oliveira – Ah, Scola, sim. Eu me encho de orgulho, mas hora de agradecer, *né*. A gente só tem esses números maravilhosos. Eu até brinquei com a Andressa Xavier, ontem, isso é melhor que pudim de leite condensado isso. Então, sim, nós temos mil motivos *pra* comemorar, mas temos trezentos mil motivos *pra* agradecer aos nossos ouvintes por essa companhia aqui, todas as manhãs, e aos nossos parceiros comerciais também, que apostam *nesse* produto, e que nos prestigiam associando sua marca ao nosso programa. Muito, muito, muito obrigada. (RÁDIO GAÚCHA, 16 abr. 2021a).

Após isso, a participação do repórter Tiago Bitencourt finalmente ocorre.

Tiago Bitencourt – Eu quero falar, viu, mas teve um probleminha naquela peça fundamental *pra* se entrar no ar: o repórter, *tá*. Me embananei aqui e acabei me atrapalhando. (RÁDIO GAÚCHA, 16 abr. 2021a).

Depois de uma entrevista sobre a situação jurídica da retomada das aulas presenciais, Daniel Scola aciona o repórter Cid Martins, que acompanha entrevista coletiva da Polícia Civil sobre o caso das vidraças quebradas.

Cid Martins – Bom dia, Daniel Scola. Bom dia, Rosane. Bom dia a todos. Scola, uma coisa que me surpreendeu e surpreendeu a própria polícia. Tu e a Rosane, os ouvintes lembram do filme *Onde os fracos não têm vez?*

Daniel Scola – Sim, lembro. Ele tinha uma arma de pressão que ele ia atirando em tudo que é lugar, *né*.

Cid Martins – Isso. Em depoimento, os dois suspeitos, Scola, Rosane e ouvintes, que foram identificados, disseram que se inspiraram neste filme, se inspiraram em um jogo de *videogame* para fazer uma série de atos de vandalismo na terça à noite na Região Metropolitana. (RÁDIO GAÚCHA, 16 abr. 2021a).

Rosane de Oliveira comenta o caso, e, como no dia 12 de abril, demonstra indignação com a ocorrência policial.

Rosane de Oliveira – É uma irresponsabilidade tão grande, tão grande, que nem a uma criança seria aceitável. Agora, a dois marmanjos... Nós estamos falando, não de um, nós estamos falando de dois marmanjos. E que justificam que atiraram por prazer. Mas vá procurar outra coisa *pra* *tê* prazer, Scola. Tem tanta coisa que dá mais prazer. (RÁDIO GAÚCHA, 16 abr. 2021a).

Na sequência, tratando da vacinação em Porto Alegre, Rosane fala da expectativa de receber o imunizante, como havia comentado no dia anterior.

Daniel Scola – Não chega agora, *nesse* novo lote, não chega aos sessenta anos aqui em Porto Alegre. Era a expectativa da Rosane, *né*, Rosane, e de muita gente aqui em Porto Alegre.

Rosane de Oliveira – Eu ia *lavá* meu carro hoje, sabe, Scola. *Pra* í bem bonito, assim, todo arrumadinho lá no *drive-thru*. (RÁDIO GAÚCHA, 16 abr. 2021a).

Na entrevista com o vice-presidente Hamilton Mourão, nota-se uma adequação das falas e tratamento dispendido ao cargo, mas também a alternância de elementos mais formais com alguns aspectos de coloquialidade na fala.

Daniel Scola – Por que isso é importante, general? Por que essa meta é importante, não só para o meio ambiente, mas também *pra, pro* Brasil como, Brasil como exemplo *pro* mundo? (RÁDIO GAÚCHA, 16 abr. 2021a).

Minutos mais tarde, o boletim do repórter Jocimar Farina sobre os pedágios operados por uma concessionária de rodovias na região Sul dá início a uma nova conversa entre os âncoras.

Jocimar Farina – Foi daí que partiu, inclusive, a contraproposta de *incluí* a BR-290, o que o estado *tá* dizendo que não topa se for nessas condições.

Daniel Scola – Ah, então não vai *tê, né*.

Rosane de Oliveira – Isso é uma piada, gente. Isso é um deboche com os usuários da BR-116. (RÁDIO GAÚCHA, 16 abr. 2021a).

No final de seu comentário, Rosane pede desculpas pela ênfase que deu à crítica. O *Gaúcha Atualidade* ainda tratou de agronegócio, com a comentarista Gisele Loeblein, e de futebol, com Pedro Ernesto Denardin, que respondeu às brincadeiras de Scola, que mencionou o fato de a audiência do programa ser maior que a da *Jornada Esportiva*.

4.2 *Timeline Gaúcha*

O *Timeline Gaúcha* de 12 de abril trata de pautas como a construção da estátua de Cristo em Encantado, no interior do Rio Grande do Sul, a situação da pandemia e da política no Rio de Janeiro, em entrevista com o prefeito Eduardo Paes; além de uma entrevista com o comediante Fábio Porchat. O programa tem, aproximadamente, cinquenta minutos de duração.

Logo na abertura, o apresentador Luciano Potter faz uso de diversos elementos de coloquialidade e vinculação:

Luciano Potter – Este é o *Timeline*. O *Timeline* chega às dez horas e oito minutos, com uma temperatura de dezenove graus. *Timeline* mais gelado do ano até agora *pra* gente, da temporada. E a gente chega, firme e forte. (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021b).

Após apresentar os anunciantes do programa, Potter saúda Kelly Matos e pede que a colega introduza a participação de David Coimbra, que retorna de férias ao *Timeline Gaúcha*, destacando o compartilhamento de hábitos com os ouvintes, a participação de alguns deles no programa e a memória afetiva do público, no caso, falando de futebol:

Kelly Matos – Eu vou *apresentá* contando uma história. Na sexta-feira, sexta-feira passada, portanto, dia 9 de abril, eu estava caminhando pelo bairro, com a minha cachorrinha, o que faço sempre, *pra* que ela faça suas necessidades, como um ser vivo que é. E eu fui abordada, eu cheguei a *anotá* o nome. Eles *tavam* no carro, por três jovens, o Iuri, o Claiton e o Jair. De imediato, eu não achei que era comigo, porque eles gritaram: “e o David? E o David?” Daí eu, “o David?”. *Tavam* dentro *dum* carro, juro por Deus. O carro *tava* estacionado, acho que eles trabalhavam ali na João Abott. Eles assim: “E o David?”. Aí eu, “Bom, vou me *virá, né*”. Aí eu disse, “Quem são vocês?”. Eles: “Não, a gente é ouvinte, a gente *qué sabê* cadê o David Coimbra?”. Juro por Deus. Então, David Coimbra, *pra* esses três, que eu anotei o nome, eu digo, “Não, segunda-feira, eu vou *perguntá pra* ele”, Iuri, Claiton e Jair, o que houve com David Coimbra? Bom dia.

[...]

David Coimbra – Bom meio-campo. Tem, por exemplo, Iuri, podia ser o Iúra, que *jogô* no Grêmio. Jair podia ser o Príncipe Jajá, que *jogô* no Inter.

Luciano Potter – E o Claitinho *pra* *marcá*. (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021b).

David Coimbra, ao explicar o motivo de sua ausência, conta que esteve doente, e compartilha, com os colegas e ouvintes, detalhes do período em que esteve doente. Ainda que o tema pudesse gerar algum tipo de preocupação com a saúde do comunicador, ele é abordado de forma leve e, inclusive, com bom humor por parte da bancada:

David Coimbra – Já aproveito *pra* *pedí* desculpa *pros* leitores e ouvintes que me mandaram e-mails perguntando o que tinha acontecido comigo e tal. Foram tantos, que eu não consegui responder e respondi numa coluna, *né*. Vou *dá* a explicação do que aconteceu. Quando eu fiz o Timeline na volta da minha cirurgia, vocês lembram que eu fiz o Timeline e, no dia seguinte... Eu acho que eu fiz um Timeline só, não foi?

Kelly Matos – Parece que foram dois.

Luciano Potter – Um só. É, no máximo, dois, isso aí.

David Coimbra – Um ou dois, no máximo. E, em seguida, começou a me dar febre. Eu achei que era covid. Fiz o teste, deu negativo e acabei descobrindo que era uma prostatite, rapaz. Uma coisa horrível. O que acontece com o ser humano do sexo masculino. Quero dizer *pra* vocês, horrível.

Kelly Matos – [Risos]

David Coimbra – É um sofrimento que... eu não quero *pra* ninguém isso, assim. Porque eu não desejo mal *pra* ninguém, entende, Kelly Matos, entende, Potter. Até não sei. Por que *tá* acontecendo comigo se eu não desejo mal *pra* ninguém? [Risos] (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021b).

Na sequência, o programa entrevista o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, para comentar sobre a estátua de Cristo construída no interior do Rio Grande do Sul, pauta abordada pelo *Gaúcha Atualidade* anteriormente, em uma comparação com o Cristo Redentor da capital fluminense. Nota-se uma exploração do “hiperlocalismo” (GAMBARO, 2019, p. 222), na comparação de um feito do Rio Grande do Sul com algo de outro estado do país, em uma espécie de competição. Após um momento mais leve, o *Timeline* tratou dos impactos da pandemia no Rio de Janeiro.

Kelly Matos – Tu *tá* precisando de Cristo na tua vida. Isso é o nosso assunto agora, *né*, Potter.

David Coimbra – *Vamo falá* de Cristo, que eu preciso *fala* de Cristo.

Kelly Matos – Isso, tu *tá* precisando... por isso que a gente *chamô pra* abertura do programa o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, Potter. (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021b).

No encerramento da entrevista com o prefeito carioca, Kelly mantém o ambiente de bate-papo, falando da relação política entre Eduardo Paes e o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite:

Kelly Matos – Eu não quero me *apressá*, mas eu acho que o senhor vai ser convidado para uma visita ao Palácio Piratini, antes de Encantado ainda. Não quero me *apressá*.

Entrevistado – Eu só vou ao Piratini se tiver uma parada em Encantado antes.

Kelly Matos – Brigada, prefeito.

Luciano Potter – Olha só, o Cristo de Encantado, prefeito, vai *tê*, *vamo vê* aqui, 43 metros. O do Rio de Janeiro tem 38 metros. É pouquinhos metros a mais, não precisa nem *brigá* por causa disso.

Entrevistado – Eu vou dar um jeito, eu acho que vou botar um calço aqui no Cristo Redentor do Rio e a gente vai *pra* 44.

[Risos]

Luciano Potter – *Brigado*, prefeito, até mais.

Kelly Matos – *Brigada*, bom trabalho.

Entrevistado – Um grande abraço, tudo de bom.

Luciano Potter – Dez horas e trinta e dois minutos. É impressionante, que até uma entrevista que, aparentemente, vai *pra* um lado, *né*, e foi *pros* lados corretos. A gente precisava conversar sobre o Cristo de Encantado, a gente precisava falar sobre covid, claro, o Rio de Janeiro teme por essa onda muito forte que *tá* acometendo outros estados brasileiros e *tá* chegando no Rio. E aí, ao natural, a eleição de 2022 apareceu. (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021b).

O clima de bate-papo é reforçado quando os três apresentadores falam ao mesmo tempo, inclusive, por vezes, prejudicando a compreensão do assunto. Ao falar da vacina, Luciano Potter é interrompido pelos dois colegas que, por não estarem juntos no mesmo estúdio, acabam falando juntos:

Luciano Potter – GloboNews aberta agora aqui, Butantan entregou hoje mais de um milhão e meio de doses da CoronaVac. *Tá* ali, o governador do estado de São Paulo, João Dória, bem bonito ali, com a camisa *pra* fora da calça, ao lado das vacinas...

[Falas dos demais apresentadores] (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021b).

Na volta do segundo bloco do *Timeline*, os apresentadores tornam a levar ao programa temas de suas vidas pessoais, efeito potencializado pelo teletrabalho, com os profissionais atuando desde suas casas. Luciano Potter retoma o programa, após o intervalo, sem nenhuma saudação aos ouvintes, dialogando com seu filho, cuja voz vaza ao microfone e imagem aparece na transmissão em vídeo feita pela internet:

[Trilha]

Luciano Potter – Oh, o Bumblebee⁵³, Kelly, tu *pega* aqui, oh, e ele se transforma... *Ixe*, o Bumblebee perdeu uma perna aqui, meu amor.

[Voz de criança]

Luciano Potter – Ele perdeu uma perna.

Criança – Eu vou pegar minha ferramenta.

Luciano Potter – Isso, pega sua ferramenta. Ele vai arrumar a perna do Bumblebee.

Kelly Matos – Importante *pra* pais e mães hoje, *né*. Uma amiga minha me disse assim... Eu dei um presente, um Buzz Lightyear⁵⁴, *pro* filho dela. Ela falou: “Kelly, depois que eu me tornei mãe, eu comprei uma caixa de ferramentas”.

⁵³ Personagem da franquia de filmes *Transformers*.

⁵⁴ Personagem da franquia de filmes *Toy Story*.

Luciano Potter – [Risos]

Kelly Matos – É verdade, *pra mexê* nas peças. Até *pra colocá* pilha, *né*. Algo muito mais sofisticado, acho que, justamente, *pra* criança não *tirá* a pilha e *tê* contato.

Luciano Potter – Precisa de uma philips. Sabe o que ele fala, Kelly? Federico fala “uma chave philips”, ele fala.

Kelly Matos – [Risos] Ah, *nenê*...

Luciano Potter – Trouxe as ferramentas? *Brigado*, meu amor. Só *vô apresentá* mais um pedacinho do programa, você conserta? Fica aqui no colão então.

Kelly Mattos – Oi, Fefê? Tudo bem?

Luciano Potter – Estamos de volta com o Timeline, são dez horas e trinta e oito minutos. O Timeline *tá* de volta. (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021b).

Após o diálogo, o programa entrevista o comediante Fábio Porchat. A primeira pergunta destinada ao convidado é sobre a situação da pandemia em sua vida pessoal:

Luciano Potter – Como é que *tu tá* se protegendo e lidando com isso aí na Cidade Maravilhosa? (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021b).

Porchat apresenta no canal por assinatura GNT, do Grupo Globo, o programa *Que História É Essa, Porchat?*, no qual seus convidados contam histórias inusitadas. Kelly Matos aproveita o gancho para aproximar geograficamente o tema do ouvinte e para compartilhar hábitos em comum:

Kelly Matos – A gente fica pensando que histórias contaria da nossa vida. O David talvez contasse do IAPI⁵⁵, lá do carro cheio de *azulzinho*⁵⁶, *né*, Potter. O Potter seria o disparado o que mais contaria histórias aqui.

[...]

Kelly Matos – Que história tu *dividiria* com a gente aqui se tu *fosse* o convidado? (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021b).

Por ser um programa mais leve que o que o antecede, o *Timeline Gaúcha* aproveita mais os elementos de coloquialidade e de vinculação entre comunicadores e ouvintes, ainda que com menor duração. Contudo, também se observa menos espaço para a participação de ouvintes, ao menos nessa edição.

⁵⁵ Bairro da Zona Norte de Porto Alegre.

⁵⁶ Como são conhecidos os guardas de trânsito de Porto Alegre, que usam uniformes azuis.

Na terça-feira, dia 13 de abril, o *Timeline* aborda a vacinação contra o coronavírus. Com o regime de teletrabalho, no qual cada apresentador participa de sua casa, o *Timeline Gaúcha* utilizou programas de reuniões por vídeo para conectá-los. Isso fica claro quando o apresentador Luciano Potter, ao cumprimentar os colegas, menciona estar vendo David Coimbra, enquanto não vê Kelly Matos.

Luciano Potter – Bom dia a você, David Coimbra, porque eu estou enxergando você. Kelly Matos eu não *tô* enxergando ainda então *vô esperá aparecê pra dá* bom dia.

Kelly Matos – Felizes aqueles que creram sem *vê*.

Luciano Potter – É muito mais complicado, David, Kelly. É muito mais complicado.

David Coimbra – Não é bem assim. Aqui tem que, tem que *mostrá* também.

Luciano Potter – E esse é o nosso protesto, Kelly. Tu *vai ficá* aí nesse limbo? Também é uma história bíblica.

Kelly Matos – Nada de novo no *front*.

Luciano Potter – Exatamente. Enquanto tu não *aparecê*. Deixa eu *contá pra* audiência, *pra não ficá* uma coisa interna. Temos um sistema de vídeo muito caro pago pelo Potter *pra gente podê se vê*, aqui, *pra fazê* o programa vendo as caras. (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021b).

Logo em seguida, David Coimbra aproveita o comentário de Kelly para indicar o livro *Nada de novo no front*, de Erich Maria Remarque (1929). Já a jornalista lembra os colegas de que o entrevistado do programa já aguarda na linha.

Kelly Matos – *Veja* que vocês estão vendo, *né*, e eu não estou vendo, porque o *software* não abre *pra* mim, o *site* não abre, mas eu recebi a informação que o entrevistado está na linha. Então, primeiro, olhem o computador, vejam que o entrevistado está na linha e vamos entrevistá-lo. (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021b).

O entrevistado em questão é o médico André Luiz Machado da Silva, do Grupo Hospitalar Conceição, que fala da vacinação contra o coronavírus com o imunizante da Janssen. Nota-se que os apresentadores buscam “traduzir” termos científicos utilizados pelo entrevistado.

Entrevistado – O que a gente tem de comum entre esses eventos embólicos reportados na vacina da Janssen e comum nesses eventos embólicos reportados na vacina de Oxford. Ambas as vacinas, elas usam a mesma tecnologia de *vector virus*, de vetor viral...

Kelly Matos – Doutor, só explica *pra* gente, *pra* quem é leigo, o *que* que é evento embólico, *né*. O que significa isso *pro* ouvinte que *tá* pegando agora, a vacina provocou o quê? *Provocô* coceira, *provocô* um evento embólico. O que significa isso pensando em quem não é familiarizado, por favor? (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021b).

Potter, mais adiante, tenta explicar o que o entrevistado destacou, sobre a ocorrência de eventos adversos entre pessoas que tomaram determinado imunizante. A explicação toma pouco mais de um minuto.

Luciano Potter – Uma coisa que as pessoas não prestam atenção nesse assunto e é uma coisa até interessante, é o seguinte. Todo medicamento tem uma bula. Se a gente *lê* a bula de um medicamento, a gente não toma aquele medicamento. As possibilidades de efeitos colaterais e de... de... de transtornos que o medicamento pode *tomá*, eles são reais e eles acontecem. O que a gente mais precisa *entendê* numa notícia como essa, *né*, é a porcentagem, o tamanho do perigo. Se 25 milhões de doses, 65 casos apareceram, é uma coisa absurdamente baixa, é muito baixo. *É... é... é...* eu não sei qual adjetivo *usá* de tão baixo que é. *Pro* medicamento, desculpa, *pra* uma vacina que foi criada, entre aspas, às pressas, que *passô* por todos os estes possíveis e agora *tá* passando pelo principal teste. E o principal teste tem esse dado: de 25 milhões de doses, 65 apresentaram problema. Como qualquer vacina pode *apresentá*, como qualquer medicamento pode *apresentá*. Claro que uns, mais sérios, e outros, menos sérios. Falei alguma bobagem aqui, doutor? (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021b).

Na mesma entrevista, Potter pergunta sobre a ocupação dos leitos do Hospital Nossa Senhora da Conceição em Porto Alegre. O apresentador lança mão do nome pelo qual a população se refere ao hospital e adota uma forma bastante direta que tratar do assunto, sem grande contextualização.

Luciano Potter – Como é que *tá* a questão dos leitos hoje no Conceição? (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021b).

Após a conversa, os apresentadores falam sobre a vacinação de cada um. Luciano Potter utiliza um advérbio de lugar para se referir ao tempo, o que aparenta não atrapalhar o objetivo da pergunta. Os três falam sem dar muito espaço para longas manifestações dos outros, como em uma conversa entre amigos.

Luciano Potter – David, *tá* longe *pro* teu dia de vacinação?

David Coimbra – Eu espero que não, *né*. *Tá* 63 agora. Então, acho que...

Kelly Matos – Quantos anos tu *tá*, David?

David Coimbra – Agora *chegô* o momento *d’eu* me *vingá*, Kelly Matos.

Luciano Potter – É verdade.

David Coimbra – Que quanto mais velho agora, melhor.

Kelly Matos – [Risos]

David Coimbra – *Esse* mês, dia 28, eu faço 59. Mas eu espero me *vaciná* antes disso, *né*.

Luciano Potter – Tomara, tomara que seja rápido.

Kelly Matos – Cinquenta e nove?

David Coimbra – É. Espero me *vaciná* antes disso, *né*. (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021b).

Por mais alguns minutos, os três conversam sobre a decisão de David Coimbra de deixar os Estados Unidos, onde vivia e poderia já estar vacinado contra a covid-19, e sobre a política no Brasil, mas em tom irônico e com teor opinativo. Coimbra propõe dividir o país entre apoiadores do presidente Jair Bolsonaro, apoiadores do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e um país onde não se discutiria política, no qual o cronista viveria. Kelly Matos intervém, questionando como ficaria a divisão dos clubes de futebol na nova geografia.

David Coimbra – No Brasil do Oeste, que é o Brasil bolsonarista, não tem esse negócio desse *mimimi* de *reclamá* de discriminação, preconceito. O cara se *queixô* de alguma coisa, resolve na bala. É assim que se *resolve* as coisas lá. E já no Brasil do Nordeste, que é o Brasil do Lula, a sociedade patriarcal e branca.

Luciano Potter – Eu tenho uma sugestão. Como o *Timeline* tem três apresentadores...

[Efeito sonoro de tiros e explosão]

David Coimbra – Cada um vai *pra* um Brasil.

Luciano Potter – Cada um vai *pra* um Brasil. No próximo bloco, a gente vai *fazê* a divisão de quem vai *pra* cada país. (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021b).

Mais uma vez, na volta do intervalo, Luciano Potter interage com seu filho.

Luciano Potter – *Que* que você *qué* vê?

Criança – *Cocó*.

Luciano Potter – *Cocó? Você qué vê Galinha Pintadinha⁵⁷? Que que você qué vê? Você não qué escutá o Timeline? Qué o Timeline ou qué cocó? O que você qué?*

Criança – *Có...*

Luciano Potter – *Cocó, tá certa a escolha, né, gente?*

David Coimbra – *Cocó é a Galinha Pintadinha?*

[Grito de criança]

Luciano Potter – *Oh, ficô brabo que não teve cocó. Desculpa a gente. A gente tá fazendo o programa em casa. E as criança vêm aqui. Tá vestido de Batman⁵⁸ e veio aqui. O Batman sempre tem prioridade, né. (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021b).*

Na sequência, após a leitura dos anúncios dos patrocinadores do programa, o que leva alguns segundos, Luciano Potter pede que a colega Kelly Matos apresente a próxima entrevistada, a secretária da Saúde do Rio Grande do Sul, Arita Bergmann. Nota-se que, de uma conversa descontraída, o *Timeline* rapidamente muda de tom para abordar um tema mais sério, no entanto, seguem sendo observados elementos de coloquialidade na conversa. O gancho para a primeira pergunta à convidada é, justamente, a conversa que mantiveram minutos antes, sobre a possibilidade de vacinação de pessoas como David Coimbra, com menos de sessenta anos.

Kelly Matos – *A gente fazia a pergunta antes, a respeito do David, secretária, que vai fazê 59. Eu tava explicando pra ele que talvez não seja exatamente depois dos sessenta, da faixa etária. Porque nós temos o grupo de comorbidades. (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021b).*

Os apresentadores voltam a explicar as respostas de entrevistados, para que o público compreenda os detalhes do tema em questão. Kelly Matos repete um meme da internet, no qual o locutor Galvão Bueno se confunde ao narrar a vitória de um atleta em uma prova de nataçã, para ilustrar a situação de David Coimbra.

Kelly Matos – *Secretária, vamo fazê então, vamo desenhá pra gente entendê bem. Nós temos hoje no grupo, vamos chegá nos sessenta, né, conforme a chegada de novas doses. Isso tá vencido. A gente tá nos 63, vô usá o exemplo de Porto Alegre, vai baixá até sessenta. Depois, aí o David pensou: “Oba, sou eu, tenho 59”. Aí, a gente diz: “Vai ganhá, vai perdê, vai ganhá”. Aí para, para tudo. E a gente vai pra esse grupo que tem dois milhões de pessoas. Ou seja, vai precisá de quatro milhões de doses. (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021b).*

⁵⁷ Personagem de série infantil homônima.

⁵⁸ Super-herói de quadrinhos.

A entrevista prossegue até o final do programa.

No dia 14 de abril, o *Timeline* trata da possibilidade de instauração da CPI da Covid. Ao anunciar os patrocinadores do programa, Luciano Potter reforça a grafia das marcas para que os ouvintes possam buscar informações sobre elas na internet.

Luciano Potter – O *Timeline* de hoje, desta quarta-feira, chega. Chega firme e forte com Solled Energia, “seu sol, nosso propósito”. Solled se escreve com dois Ls ali no meio. Gruppen, com dois Ps ali no meio, “multissoluções tecnológicas para os desafios da nova era digital”. Também, com a gente, Doces Guimarães, “delícia a qualquer hora do dia”. Acesse Guimarães ponto ind – I-N-D – ponto B-R. Guimarães ponto I-N-D ponto B-R⁵⁹. (RÁDIO GAÚCHA, 14 abr. 2021b).

Potter cumprimenta Kelly Matos, mas ela, ao dizer que teria uma informação mais longa para dar, sobre vacinação, pede que David Coimbra faça primeiro sua saudação ao público, no que o colega responde:

David Coimbra – Bom dia. Então, antes de tu *dá* tua informação, quero te *dizê* que a grande pauta da semana, a grande discussão da semana não é a questão política, não é a pandemia, não é nada disso. É o Rodrigo Hilbert⁶⁰, que fez uma capela. O Potter sempre diz que ele é o cara... O ser humano mais bonito que ele já viu na vida é o Rodrigo Hilbert.

Luciano Potter – Disparadamente.

David Coimbra – E ele, além de *cozinhá*... Sabe que, por coincidência, nesse fim de semana eu *tava* vendo o programa dele, do Rodrigo Hilbert. Ele cozinhando, impressionante, cara. Ele parece minha vó cozinhando, ele parece minha vó. Os pratos que ele faz, as coisas que ele faz naquela cozinha, que é uma cozinha de vó. Aí ele vai fazendo aquela coisa toda, é um cara bonitão também, *né*. Ainda constrói uma capela. Eu quero *dizê* que eu conheci vários caras como o Rodrigo Hilbert, bons em tudo. Bom em futebol, bom na bolinha de gude, bom no pingue-pongue, bom em tudo. Por exemplo, na minha escola, eu *vô falá* de um personagem que existe, *vô citá* o nome aqui. Na minha escola, tinha dois Giorgios. Um Giorgio uruguaio e um Giorgio italiano. Nós fomos campeões de futsal, *tá*, graças a esses dois Giorgios, que jogavam muito na nossa turma, Jogavam muito. Eles jogavam bola, eles eram bons em todas, todas as disciplinas, todas as disciplinas, e ainda eram caras bonitos. Um dos Giorgios – o outro, uruguaio, eu perdi contato –, mas um dos Giorgios era um médico, se tornou médico. O Giorgio Rabolini, o famoso Giorgio Rabolini. Era bom em tudo o Giorgio Rabolini, eu achei que ele ia *sê* presidente do Brasil.

⁵⁹ Optou-se por descrever a forma pela qual o apresentador lê o endereço do site do patrocinador a fim de destacar a soletração feita.

⁶⁰ Ator de telenovelas e apresentador de televisão.

Luciano Potter – Mas não é. Kelly, tu *vai tê* que dá uma segurada, porque o nosso convidado *já* está na linha. Peço que você *traga-o pra* conversa.

Kelly Matos – Já *tá* lá em GZH⁶¹ a informação. Fiquem tranquilos. Sobre vacina. Se você *quisé sabê*, vai lá em GZH que já *tá* publicado. (RÁDIO GAÚCHA, 14 abr. 2021b).

O entrevistado em questão é o senador Jorge Kajuru, que, antes da carreira política, atuou como repórter esportivo em emissoras de rádio e televisão. Assim, ao fazer a introdução da pauta, Kelly Matos destaca que o convidado conhece a emissora, criando um vínculo também com a fonte, não apenas com o público.

Kelly Matos – *Tá* na linha conosco e, aliás, já conhece muito bem a Rádio Gaúcha, *né*, senador Kajuru? Bom dia.

Entrevistado – Bom dia. Deus e saúde para todos nossos ouvintes muito afora, pela audiência da Rádio Gaúcha. Só tenho saudades e gratidão dessa emissora ao longo dos meus quarenta anos de carreira na televisão brasileira. Eu não consigo imaginar quantas vezes fui entrevistado pela Gaúcha, às vezes, por horas e horas e com uma liberdade rara. Prazer. Ao dispor. (RÁDIO GAÚCHA, 14 abr. 2021b).

Após a entrevista com o senador, a repórter Débora Cademartori, correspondente em Brasília, acompanha uma entrevista coletiva do Ministério da Saúde sobre a aquisição de vacinas contra a covid-19. Quando Luciano Potter se despede da colega, é possível ouvir uma criança gritando ao fundo, provavelmente o filho do apresentador.

Luciano Potter – Débora, *vô pedí pra ti acompanhá*, claro, e *voltá* com a gente aqui com mais detalhes do que possa *aparecê*, certo?

[Grito de criança]

Débora Cademartori – Certo.

Luciano Potter – A felicidade que fica a garotada aqui quando chega a vacina.

Débora Cademartori – Eu vi. Maravilhoso.

[Risos] (RÁDIO GAÚCHA, 14 abr. 2021b).

Os apresentadores debatem sobre a demora do Brasil em adquirir vacinas e Kelly Matos compara a situação com a aquisição de itens de primeira necessidade doméstica.

⁶¹ Portal de notícias da Rádio Gaúcha e do jornal *Zero Hora*.

Kelly Matos – Tem que *comprá* antes, *né*. É a mesma coisa, eu quero uma coisa *pra* minha casa. *Tô* vendo que vai *faltá* papel higiênico, que todo mundo usa.

David Coimbra – *Tá* todo mundo atrás, todo mundo atrás.

Kelly Matos – Inclusive, gera uma emoção nas pessoas toda vez que vem um novo *lockdown*, nem tem *lockdown*. Mas, papel higiênico... Se você *tá* vendo que o papel higiênico vai *acabá*, querido, pensa. Pensa sua casa. Você vai *comprá*. Não adianta, a hora que *ficô* o rolinho ali, que não tem mais o papel branco, se você *dêxá pro* momento que *faltá*, que que vai *acontecê*, David Coimbra? Vai *ficá* sujo. (RÁDIO GAÚCHA, 14 abr. 2021b).

As famílias dos apresentadores são utilizadas como exemplo das datas de vacinação contra o coronavírus.

Kelly Matos – Todas as doses ou a maioria das doses que vêm da CoronaVac vai ficar reservada para o que, Luciano?

Luciano Potter – *Pra* segunda dose.

Kelly Matos – *Pra* segunda dose, por óbvio. Porque a gente não pode *corrê* o risco de não *tê* dose quando *fechá* o período, o prazo da mãe do Potter e do pai do Potter. (RÁDIO GAÚCHA, 14 abr. 2021b).

Ainda sobre a vacina, enquanto falavam de pessoas que furaram a fila da imunização, os apresentadores foram surpreendidos pelos latidos de um cachorro, cujo ruído era perceptível aos ouvintes.

Kelly Matos – Tem que *assiná* um documento e *dizê* da veracidade daquilo ali. A mesma coisa vale *pra* questão...

[Latidos]

Kelly Matos – Mas a Nina, ela *tá* revoltada. Ela *tá* revoltada.

Luciano Potter – É uma história que revolta. É uma história que revolta. (RÁDIO GAÚCHA, 14 abr. 2021b).

Na quinta-feira, dia 15 de abril de 2021, o *Timeline* tem, como pauta, a situação da pandemia de covid-19 no Uruguai. Após a leitura dos patrocínios do programa, Luciano Potter cumprimenta os colegas e dá início ao bate-papo diário do trio. De forma implícita, Kelly Matos pergunta se David está bem, pois, horas antes, o Grêmio demitira seu treinador, Renato Gaúcho, ídolo do clube. Isso só é possível se ser inferido por alguém informado sobre a questão e acostumado com os debates do programa. A trilha tradicional do *Timeline*, um *jazz*, é substituída por uma música triste.

Luciano Potter – Bom dia, Kelly Matos, e bom dia, David Coimbra. Como é que estamos, David?

David Coimbra – Bom dia, tudo bem, tudo certinho.

Kelly Matos – Hoje eu quero *perguntá* isso. Como é que tu *tá*, David? Como é que *tá* a tua alma, tu perdeste a alma? Quem perdeu a alma? (RÁDIO GAÚCHA, 15 abr. 2021b).

Sem ocorrer um “fechamento” do assunto, Potter anuncia a entrevista com o deputado uruguaio Marne Osorio, para conferir como se dá o combate à pandemia de coronavírus no país vizinho. Logo nos cumprimentos, o convidado questiona como os apresentadores preferem que ele fale, se em português ou em espanhol, misturando as duas línguas. A conversa é desenvolvida em portunhol, uma espécie de fusão linguística na qual ocorre a mistura de palavras nos dois idiomas, comum nas regiões de fronteira. O entrevistado, inclusive, representa do departamento de Rivera, cidade uruguaia conurbada com Santana do Livramento.

Entrevistado – Buenos días, un gusto estar con ustedes. Un placer. *Posso falar meu português muito ruim. Assim, que se puder falar meu espanhol, é um pouco melhor, pero ustedes deciden como prefieren que me comunique.*

Luciano Potter – *Vamos a hablar despacito* e em portunhol. (RÁDIO GAÚCHA, 15 abr. 2021b)⁶².

O entrevistado permanece falando em espanhol, ainda que pausadamente. Os apresentadores não fazem nenhum tipo de tradução. Tal postura é comum em transmissões esportivas, quando jogadores e técnicos de fala espanhola não são traduzidos para o público do estado. Potter, Kelly e David permanecem perguntando em português. Em uma das perguntas, Luciano Potter faz a tradução dos termos “panelaço” e “vacina” para que o entrevistado compreenda.

Luciano Potter – A gente *ficô* sabendo que teve... A gente chama aqui no Brasil de panelaço, *né*. O Lacalle Pou e o presidente Bolsonaro, os dois presidentes, são pessoas bem diferentes. E que o povo pedia, quando se tem panelaço no Brasil – “*cacerolas*”, *se habla, né* – se pede a mesma coisa, se pede que o governo haja com mão mais firme, de maneira mais firme com a pandemia. É a mesma coisa que *tá* acontecendo no Uruguai? A gente *tá* acompanhando e *tá* vendo que o governo uruguaio aposta muito na vacina – na “*vacuna*” – *né*. Mas toda a parte comercial uruguaia, as lojas e os restaurantes, continuam abertos, *né*? Não tem um *lockdown*, não tem nada que indique isso aí. A aposta do governo uruguaio, do Lacalle Pou, é vacinação, não é *lockdown*. (RÁDIO GAÚCHA, 15 abr. 2021b).

⁶² Em itálico, as palavras ditas no idioma oposto ao nativo do enunciador. Tradução nossa: “**Entrevistado** – Bom dia, bom estar com vocês. Um prazer. *Posso falar meu português muito ruim. Assim, que se puder falar meu espanhol, é um pouco melhor*, mas vocês decidem como preferem que me comunique. **Luciano Potter** – *Vamos falar devagarinho* e em portunhol”.

No final da entrevista, Luciano Potter aproveita ligação dos dois países com o futebol e pergunta para qual time o entrevistado torce.

Luciano Potter – *Gracias*. Mudando um pouquinho de assunto, *só pra acabá, pra dá uma leveza no final, es hincha de qué? Peñarol o Nacional?*

Entrevistado – Peñarol y Grêmio, acá somos hinchas de dos cuadros. (RÁDIO GAÚCHA, 15 abr. 2021b)⁶³.

Os apresentadores seguem o assunto da pandemia, debatendo entre si o cumprimento dos protocolos de prevenção contra a covid-19 em estabelecimentos comerciais. Após o intervalo, já próximo do final do programa, Luciano Potter conta uma história envolvendo o humorista Dedé Santana, que negociava uma entrevista com a produção da emissora. O assunto se desenvolve com as lembranças de infância de Kelly Matos acerca do programa humorístico *Sai de baixo*.

Já na sexta-feira, dia 16 de abril, o *Timeline* entrevista a atriz, apresentadora e modelo Fernanda Lima, esposa do ator Rodrigo Hilbert, mencionado por David Coimbra e Luciano Potter no programa do dia 14 de abril. Anteriormente, porém, Potter cumprimenta David e, antes que possa chamar a participação do repórter Tiago Boff sobre a campanha de vacinação, o assunto vira para experiências pessoais dos apresentadores, em tom de brincadeira.

Luciano Potter – David, como é que *tá* se sentindo hoje? *Tá* bem? *Tá* tranquilo? *Qué desabafá* alguma coisa, David? *Qué botá pra* fora alguma coisa, *qué ficá* mais tranquilo ou não?

David Coimbra – Não, não tenho nada a *desabafá* hoje.

Luciano Potter – Senão tu não *tem* nada *pra desabafá*, a gente vai *pra* rua com Tiago Boff.

Kelly Matos – Tem informação de vacina, Potter. Tiago vai *trazê* coisa boa.

Luciano Potter – Exatamente. Tiago é o nosso, como disse ontem aquele deputado lá, uruguaio, é o nosso “vacunero”. É o cara que vai *informá* o que *tá* acontecendo.

David Coimbra – Sabe que esses tempos, Potter, antes do Tiago *entrá* aí. Esses tempos, eu acho que foi sábado, a Gaúcha transmitiu a vacina do Cléo Kuhn.

Kelly Matos – Exato, sábado no *Super Sábado*⁶⁴.

⁶³ Tradução nossa: “**Luciano Potter** – *Obrigado*. Mudando um pouquinho de assunto, *só pra acabá, prá dá* uma leveza no final, *és torcedor de qué? Peñarol ou Nacional?* **Entrevistado** – Peñarol e Grêmio, aqui somos torcedores de dois times”.

⁶⁴ Programa da Gaúcha transmitido aos sábados pela manhã.

David Coimbra – Aí eu queria *dizê* o seguinte. A Gaúcha transmitiu a vacina do Cléo Kuhn. Eu passei por uma cirurgia agora e ninguém foi lá.

[Risos]

Luciano Potter – O Tiago *tentô*.

Kelly Matos – Não, não, não. Antes...

Luciano Potter – Não *deixaram ele* entrar.

Kelly Matos – David Coimbra, tu *acha* que a tua vacina não vai *sê* transmitida? Tu *tá* ralado. Tu *tá* ralado. O Tiago vai *anunciá*...

David Coimbra – Agora eu não quero.

Kelly Matos – Querido, tu *acha* que tu *escolhe*, tu *manda* o que o repórter diz, no que o repórter diz? O Tiago vai *tá* lá filmando. Vai *sê* transmitido ao vivo.

Luciano Potter – E tu *vai tê* informantes, Tiago. Vai *tê* fontes *pra esse* dia, *tá*. Já *falamo* com a Marcinha, já *falamo* com o Bernardo. Tu *vai tá* bem cercado ali.

Kelly Matos – E vai *sê* no Beira-Rio⁶⁵.

Tiago Boff – O David é o nosso chefe. O que o David manda, a gente faz. Eu acho que o Cléo Kuhn fotografa melhor que tu, de repente, David. Não quero *dizê* nada, *tá*. (RÁDIO GAÚCHA, 16 abr. 2021b).

O bate-papo prossegue por alguns minutos, até que Kelly Matos intervém, falando “tem convidada na linha” (RÁDIO GAÚCHA, 16 abr. 2021b).

Luciano Potter – Fernanda Lima, bom dia. Tudo bem? Como estamos?

Entrevistada – [Corte na fala]

Luciano Potter – Tudo bem. Agora a gente ouviu. Não *pegô* o teu comezinho de “bom dia”. Por favor, pode *repetí*?

Entrevistada – Posso *repetí*. Bom dia *pra* vocês. Como é que estão as coisas?

[Risos]

Luciano Potter – Tudo bem, tudo bem.

Kelly Matos – Seja bem-vinda mais uma vez.

Entrevistada – *Brigada, brigada* pelo convite tão insistente. (RÁDIO GAÚCHA, 16 abr. 2021b).

⁶⁵ Estádio do Internacional.

Nota-se que, por ser natural do Rio Grande do Sul, Fernanda Lima também repete alguns vícios de linguagem comuns no estado. A primeira pergunta de Luciano Potter é nesse sentido.

Luciano Potter – Fernanda, quando tu *pega* assim num programa de rádio que tem três pessoas do Rio Grande do Sul, o sotaque te acalenta? Te *leva* de novo *pro* teu passado ou, daqui a pouco, te *dá* nojo, como se diz aqui? Como é que é, exatamente, teu lidar com esse sotaque?

Entrevistada – Ai, eu gosto. Todo mundo aqui em São Paulo acha que eu tenho um sotaque muito forte. Eu acho também que eu tenho, mas quando eu escuto vocês, eu vejo que o meu já *tá* neutro.

David Coimbra – Mas o teu é forte, o teu é forte.

Kelly Matos – Ela chama de “tu” ainda, *né*, Fernanda. Tu ainda *mantém*.

Entrevistada – Claro, não tem como *mudá*, *né*. (RÁDIO GAÚCHA, 16 abr. 2021b).

Com o tom mais leve da entrevista, Kelly Matos repete o comentário de seu irmão sobre o marido de Fernanda Lima, que teria construído uma capela para o casamento dos dois, gerando um meme na internet.

Kelly Matos – Meu irmão disse assim: “Tu *vai falá* com a Fernanda Lima? Diz *pra* ela, pra ela *fazê* alguma coisa, porque não dá. A gente não *tá* conseguindo mais *lidá*. Esse homem *tá* nos demandando, nos exigindo”.

Entrevistada – Olha, é preciso *ressaltá* que o Rodrigo, realmente, é um cara muito prendado. (RÁDIO GAÚCHA, 16 abr. 2021b).

Ao ouvir de Fernanda Lima de que o marido não havia construído a capela sozinho com as próprias mãos, Luciano Potter simula uma conversa com a própria esposa, aos gritos, enquanto os outros falam ao mesmo tempo.

Luciano Potter – Marcela! O Rodrigo Hilbert não construiu com as próprias mãos a capela. Ele ajudou os *cara a fazê*! Para de me *cobrá*! (RÁDIO GAÚCHA, 16 abr. 2021b).

A despedida de Potter também reforça a característica de bate-papo e leva a extensão da conversa por mais alguns minutos.

Luciano Potter – Fernanda, *brigado* pelo teu carinho, *brigado* pelo teu tempo. Um beijo nos guris, na menina e no Rodrigo. No Rodrigo, tu *pode dá* um beijo, pode *dá* um beijo na boca dele. Fala que eu envieei.

Entrevistada – Os homens também *tão* se revelando bastante, viu. Muitos homens balançando.

Kelly Matos – Pois é, agora vai *chegá* a revelação.

David Coimbra – Deixa eu *fazê* a revelação. O Potter sempre disse, não é de agora, faz muitos anos que ele diz que o Rodrigo Hilbert é o ser humano mais bonito que ele já viu na vida dele.

Kelly Matos – Não é o homem, é o ser humano mais bonito.

Entrevistada – O ser humano.

Luciano Potter – Fernanda, tu *vai* me *entendê*. Quando ele sorri com os olhos fechados, sabe. O design que fica no rosto dele foge... É como, sei lá, *vê* uma peça de design maravilhosa. Tem uma coisa, assim, que é maior. Tu não *tá* vendo só um ser humano bonito, é uma coisa maior que isso. Não tem explicação.

Kelly Matos – Ele tem defeito, Fernanda?

Luciano Potter – Tu me *entende*, Fernanda, Tu me entende.

Entrevistada – Oi?

Kelly Matos – Ele tem defeito?

Entrevistada – Não, ele é perfeito.

[Risos] (RÁDIO GAÚCHA, 16 abr. 2021b).

Na volta do intervalo, Luciano Potter aciona os repórteres Letícia Mendes, com notícia sobre denúncias de estupro contra um empresário paulista, sendo que duas das supostas vítimas são naturais do Rio Grande do Sul, e Marcel Hartmann, sobre a possibilidade de adiamento das provas do vestibular da UFRGS. Encerrando o programa de sexta-feira, como ocorre normalmente, os apresentadores conversam com o colunista de GZH Ticiano Osório, que dá dicas de filmes para os ouvintes.

4.3 CBN Brasil

No dia 22 de março, o programa *CBN Brasil* foi apresentado apenas por Cássia Godoy. Nas segundas-feiras, o outro titular da atração, Carlos Alberto Sardenberg, tem folga, apresentando apenas as edições de terça a sexta-feira. O programa tem duração aproximada de uma hora e cinquenta minutos, considerando os intervalos comerciais. Em uma comparação inicial, o *CBN Brasil* se assemelha ao *Gaúcha Atualidade*, pelo teor das pautas abordadas, mais focadas em política e economia, e, atualmente, na pandemia de covid-19, mas com menos entrevistas e maior destaque a comentaristas. Entretanto, é possível perceber uma postura mais limitada ao roteiro no programa da emissora paulista, com menos exemplos de coloquialidade. Em alguns momentos, o programa é emitido apenas para São Paulo, com foco nas informações de trânsito

e previsão do tempo, além da leitura de mensagens de ouvintes, enquanto emissoras da CBN em outras cidades transmitem noticiários locais.

Na abertura daquela edição, o *CBN Brasil* seguiu o formato de radiojornal, com Cássia Godoy acionando a participação da repórter Thaísa Oliveira, de Brasília, para falar do monitoramento do chamado “kit-intubação” na rede hospitalar brasileira. Na sequência do bloco, outros dois repórteres foram chamados. Os momentos de maior aproximação entre a condutora e a reportagem ocorrem no cumprimento, limitando-se a dizer “boa tarde” ou “boa tarde a você”:

Cássia Godoy – O Senado tem uma comissão que está apurando diversas questões relacionadas à pandemia, inclusive a questão da disponibilidade ou falta de disponibilidade do “kit-intubação”. Quem está monitorando é a Thaísa Oliveira, direto da capital federal. Boa tarde, Thaísa.

Thaísa Oliveira – Oi, Cássia. Boa tarde a você e aos ouvintes. Exato, a comissão temporária do Senado, que acompanha essas ações do governo federal no combate à pandemia, aprovou agora de manhã um pedido para que o ministro da Saúde informe o estoque de oxigênio e de medicamentos desse chamado “kit-intubação”. (CBN, 22 mar. 2021a).

Ainda no giro da reportagem, a estrutura de abertura do programa foi interrompida em razão de um problema técnico que inviabilizou a continuação do relato do repórter Vinicius Passarelli, que reportava a movimentação em cemitérios de São Paulo. A âncora Cássia Godoy retomou a condução, lançando mão de algumas contrações como “pra”, “tava” e “né”, sinal de adoção de uma linguagem mais coloquial:

Cássia Godoy – Tivemos um problema aí na comunicação com o Vinicius Passarelli, mas deu *pra* entender bem qual é o cenário hoje lá no cemitério da Vila Formosa. [...] E aí o Vinicius Passarelli *tava* concluindo a informação, *né*, Vinicius. (CBN, 22 mar. 2021a).

Com exceções como essas, o programa segue uma linguagem formal, ao menos no primeiro bloco, com a participação dos repórteres da CBN nas principais capitais do país. Nota-se também que esses profissionais não usam de expressões próprias de suas localidades, o que se vê de modo recorrente na programação da Gaúcha.

Ao dirigir-se aos repórteres, a apresentadora Cássia Godoy utiliza o pronome “você” e a conjugação regular do verbo da terceira pessoa. Em algumas vezes, a expressão “a gente” é utilizada, como quando Cássia Godoy interage com a meteorologista Bianca Lobo, responsável pela previsão do tempo:

Cássia Godoy – Ih, perdemos o contato com a Bianca Lobo, mas ela *tava* falando *pra gente* do índice de umidade relativa do ar aqui na cidade de São Paulo. Por enquanto, *a gente* já tem uma tarde mais seca. (CBN, 22 mar. 2021a).

Uma das características do programa é a constante apresentação de vinhetas demarcando a participação de comentaristas ou de repórteres com informações das condições do tempo e do trânsito, diferentemente do que ocorre na Gaúcha, na qual os âncoras chamam os comunicadores em meio à conversa do programa. Ainda assim, após a vinheta, os apresentadores da CBN simulam uma espécie de diálogo, com perguntas e respostas entre âncora e comentarista. Observa-se, neste exemplo, que, apesar de flexibilizar a pronúncia de verbos, eventualmente suprimindo o “r” ou o “u” no final das palavras, algumas normais formais são mantidas, como a diferenciação de “este” e “esse” e suas variações como “nesta” e “dessa”:

Cássia Godoy – Oh, Merval, ontem, domingo, quem *acordô* e foi *lê* O Globo, como eu fiz, *ficô* sabendo de uma carta que se tornou assunto de todo mundo nesta segunda-feira. [...] Qual é a importância dessa mobilização, Merval? (CBN, 22 mar. 2021a).

A participação da colunista Miriam Leitão, também antecedida por uma vinheta, mantém o ar de solenidade dado pela CBN às inserções na programação. Na sequência, a âncora introduz o assunto a ser abordado pela comentarista:

[Vinheta]

Cássia Godoy – Boa tarde, Miriam Leitão.

Miriam Leitão – Boa tarde, Cássia. Boa tarde, ouvintes da rádio CBN.

Cássia Godoy – Miriam, hoje é Dia da Água e, nesse dia, nós temos uma notícia muito ruim. O Instituto Trata Brasil divulgou um levantamento a respeito de saneamento básico no país. [...] A gente tem a divulgação de um índice como esse, de um número tão ruim, ao mesmo tempo que a gente tem uma necessidade de higiene cada vez maior em tempos de pandemia de covid-19. Como *pedí pras* pessoas manterem a higiene, lavarem as mãos com constância, nesse cenário de escassez de água, *né*. (CBN, 22 mar. 2021a).

Uma das participações mais em tom de bate-papo foi a do comentarista de tecnologia da CBN, Thássius Veloso. No entanto, o diálogo foi simulado pelo comunicador, relatando uma conversa que teve com uma fonte:

Thássius Veloso – Inclusive, Cássia, eu *tava* agorinha há pouco no telefone com Denílson Santos...

Cássia Godoy – Hum.

Thássius Veloso – Ele é gerente de Suprimentos da Ericsson, trabalha nessa fábrica de São José dos Campos, Sanja, né, como chamam algumas pessoas. Ele me explicava sobre a transferência de tecnologia. Porque eu perguntei assim, isso é um indicativo de que o Brasil terá soberania no 5G? Ele me explicou: “Thássius, o desenvolvimento do 5G ocorre, principalmente, na Suécia. Só que os técnicos de lá transferem o conhecimento *pros* técnicos, *pros* engenheiros, *pros* operadores aqui no Brasil”. [...] Outra coisa que eu perguntei também *pro* gerente de suprimentos, é sobre a segurança. Perguntei *pra* ele, tem vulnerabilidade sendo apontada aí no mercado, em outros aparelhos, principalmente da Huawei, nunca foi comprovado. No caso de vocês, como é que é isso? (CBN, 22 mar. 2021a).

No final da participação, ocorre um momento de maior leveza, com uma breve interação entre Thássius e Cássia, com o acréscimo de uma participação de ouvinte:

Thássius Veloso – Fizemos uma coluna sobre esse assunto recentemente, então dá *pra catá* lá no podcast, dá *pra catá* no site da CBN também, que *tá* tudo mais explicado que neste escasso tempo que temos hoje, *né*, Cássia.

Cássia Godoy – Ah, pois é, mas oh, a gente *tava* conversando aqui. Enquanto a gente *tava* falando, chegou a mensagem do nosso ouvinte Toninho, via WhatsApp, ele é aqui de São Paulo. Ele só mandou uma linha: “o Thássius explica muito bem”.

Thássius Veloso – [Risos] A gente tenta.

Cássia Godoy – Thássius Veloso, muito obrigada pelas informações. Quarta-feira, a gente volta.

Thássius Veloso – Beijo, até quarta.

Cássia Godoy – Até mais. (CBN, 22 mar. 2021a).

A participação da analista de política Vera Magalhães também é antecipada por uma vinheta e pela introdução do assunto, de modo formal, pela âncora Cássia Godoy. A comentarista faz uso de algumas expressões populares para falar de uma aglomeração promovida em um evento da Presidência da República no Palácio do Planalto, em Brasília:

Vera Magalhães – Mais uma festa clandestina, *né*, dessa vez promovida pelo presidente da República. E num prédio oficial, num palácio, que é uma posse de todos nós e não a casa da sogra, a casa da mãe Joana. E aí a gente vê que as coisas não vão *mudá*, *né*, Cássia. (CBN, 22 mar. 2021a).

Por vezes, as pronúncias corretas de algumas palavras, como do verbo “estar”, são adotadas, principalmente no trecho mais informativo do comentário. Isso acaba reforçando o tom sóbrio da interação entre âncora e comentarista, sem características de um bate-papo:

Vera Magalhães – É um alerta muito, muito, muito eloquente de que alguma coisa está andando, de que alguma coisa está avançando no sentido de a sociedade não tolerar mais o que está acontecendo. (CBN, 22 mar. 2021a).

Já em um espaço mais opinativo, Magalhães flexibiliza sua linguagem:

Vera Magalhães – Hoje a gente chega e vê a notícia de que a Anvisa teve de *adiá* uma reunião *pra tratá* da compra de medicamentos porque esqueceu de *mandá* um e-mail. Então a gente *tá* num grau total de incompetência e falta de gestão em todas as esferas. A população não vai *ficá* em casa, calada, assistindo a isso. Bolsonaro tem que *sabê* que não adianta *serví* bolo com a mão suja *pras* pessoas, ele precisa *governá* o país, ou então *abrí* mão de *governá* o país, ou então *sê* retirado do governo do país por quem tem prerrogativas *pra fazê*. (CBN, 22 mar. 2021a).

Nota-se que o andamento de um bate-papo é inviabilizado pela constante inserção de vinhetas entre as participações no programa, impedindo um fluxo natural de conversas, o que não se observa na Gaúcha, por exemplo.

No dia 22 de março, já com a presença de Carlos Alberto Sardenberg, a abertura se dá ressaltando os locais de onde os apresentadores falam, o jornalista de sua casa e Cássia Godoy dos estúdios da emissora.

Carlos Alberto Sardenberg – Eu aqui dos estúdios da João Moura. Boa tarde a todos. Cássia Godoy.

Cássia Godoy – Boa tarde, Carlos Alberto Sardenberg. E eu aqui dos estúdios da Nove de Julho, Zona Oeste da cidade de São Paulo. Boa tarde a você, boa tarde aos nossos ouvintes também.

Carlos Alberto Sardenberg – Bom, é... Estamos no cbn.com.br, estamos no YouTube, estamos no Skype. *Que* mais?

Cássia Godoy – Estamos no Globoplay. Estamos também lá no Twitter @CBNOficial e, *pra conversá* com os nossos ouvintes, também no Twitter @CBNBrasil.

Carlos Alberto Sardenberg – Caramba. Mandem suas mensagens, os seus comentários. E eu queria *começá* com um comentário, Cássia, só *pra registrá* o seguinte. (CBN, 23 mar. 2021a).

Na sequência, Sardenberg faz uma espécie de editorial, no qual comenta sobre política e a situação da pandemia, e encaminha para a participação de uma repórter, Gabriela Echenique, a quem se refere como “Gabi”.

Carlos Alberto Sardenberg – Bom, enquanto isso, nós temos dois ministros da Saúde, um que *tá* saindo, um que *tá* designado, e, na verdade, não tem nenhum ministro da Saúde. A informação é de Brasília, com a Gabriela Echenique, Gabi. (CBN, 23 mar. 2021a).

Ao longo dos primeiros minutos do programa, mais repórteres são acionados por Sardenberg, que depois passa a conversar com Cássia Godoy sobre as notícias ouvidas. Não se observa, por exemplo, sobreposição de falas entre os âncoras. No comentário do jornalista Merval Pereira, há uma espécie de simulação de conversa, que permite a introdução do assunto a ser abordado pelo comentarista. Nota-se que o tom é bastante formal, com poucos momentos de maior coloquialidade.

[Vinheta]

Carlos Alberto Sardenberg – Merval.

Merval Pereira – Tudo bom, Sardenberg? Boa tarde, ouvintes. Boa tarde, Cássia.

Cássia Godoy – Boa tarde, Merval.

Carlos Alberto Sardenberg – Bom, hoje cedo, ficamos sabendo que a Segunda Turma do Supremo Tribunal Federal volta a julgar hoje o caso da suspeição do ministro, do ex-ministro Moro no julgamento dos casos envolvendo o ex-presidente Lula. Bom, é, para deixar o ouvinte mais bem informado, nós temos que foram já dados, são cinco ministros, foram dados dois votos, *né*. O ministro Fachin e a ministra Cármen Lúcia, *né*.

Merval Pereira – Isso.

Carlos Alberto Sardenberg – Votaram contra a suspeição e os ministros Gilmar Mendes e Ricardo Lewandowski votaram pela suspeição do ministro, do ex-juiz Moro. E falta o voto do ministro Kássio Marques, que havia pedido vistas e disse que hoje *tá* pronto *pra* votá. Como é que *cê* avalia isso aí, Merval?

Merval Pereira – Sardenberg, *tá* uma confusão grande. (CBN, 23 mar. 2021a).

A participação da repórter Marcela Lorenzetto, com informações de uma operação policial, é outro momento em que se percebe uma flexibilização no diálogo, ainda que pontual.

Cássia Godoy – Nós temos agora informações com a Marcela Lorenzetto a respeito de apreensão de drogas no aeroporto. Quando a Marcela *entrô* aqui no estúdio e disse que ia *falá* sobre isso, até perguntei: “que apreensão foi essa?”. Até porque ontem, nesse mesmo horário, aqui no *CBN Brasil*, a gente trazia uma informação sobre apreensão de drogas. (CBN, 23 mar. 2021a).

Anunciado por uma vinheta, o comentário de Miriam Leitão também é precedido por uma introdução de Sardenberg, que lê a mensagem de um ouvinte prometendo plantar árvores em homenagem aos jornalistas. Observa-se que, durante a leitura, o âncora alterna a pronúncia fiel ao escrito com algumas pronúncias mais usuais na fala.

[Vinheta]

Carlos Alberto Sardenberg – Miriam.

Miriam Leitão – Boa tarde, Sardenberg. Boa tarde, Cássia. Boa tarde, ouvintes da rádio CBN.

Cássia Godoy – Boa tarde, Miriam.

Carlos Alberto Sardenberg – Miriam, a gente que faz aqui ou procura fazer aqui um jornalismo independente, sério, olhando *pros* fatos, procurando interpretar... E a gente, especialmente você, tem levado muita porrada, muita crítica e tal, *né*. Então eu *vô lê pra* você um e-mail que foi, que foi bastante reconfortante *pra* mim, *vai sê pra* você também. Que é o seguinte, do nosso ouvinte Marcos Negri, ele diz o seguinte: “Vou plantar três mudas nativas do Brasil aqui em Piracicaba, num terreninho que tenho na Colônia Tirolesa. Será uma muda para você, Sardenberg; uma, para Miriam Leitão; e uma muda para o ambientalista Sérgio Abranches. Não *vô colocá* a placa, mas *vô mandá* uma foto. Motivos: serviços prestados para economia, meio ambiente e jornalismo. Vai *demorá* alguns dias, porque tem que chover antes, mas vou mandar”. Que tal?

Miriam Leitão – Nossa, que coisa boa! Que coisa boa! Então, depois dessa pandemia, *visitá* Piracicaba, *vê* minha arvorezinha, *né*, crescendo.

Carlos Alberto Sardenberg – Exatamente, ai, ai. E o assunto de hoje? (CBN, 23 mar. 2021a).

Quase seis minutos depois, já finalizado o comentário de Miriam Leitão, Carlos Alberto Sardenberg retoma o assunto da mensagem do ouvinte com Cássia Godoy, trocando o nome e o sobrenome de quem enviou o recado.

Carlos Alberto Sardenberg – Oh, Cássia.

Cássia Godoy – Oi.

Carlos Alberto Sardenberg – Eu *vô falá* lá com o nosso Marcelo, Márcio Neri.

Cássia Godoy – Uhum, de Piracicaba, *né*?

Carlos Alberto Sardenberg – De Piracicaba. Porque ele não plantou a árvore *pra* você, *né*. Marcos, Marcos Negri.

Cássia Godoy – Marcos Negri.

Carlos Alberto Sardenberg – Então, *vô fazê* o seguinte, a minha, eu divido com você.

Cássia Godoy – Ah, que bom! Boa! *Brigado. Ê! Vamo fazê* assim, então, é a árvore do *CBN Brasil*, *ficá* com a equipe inteira.

Carlos Alberto Sardenberg – Verdade.

Cássia Godoy – Eu, você, a Érica, o Don. (CBN, 23 mar. 2021a).

A cada participação de comentaristas, os âncoras repetem o cumprimento e a introdução do tema do comentário, sem muitas variações entre um ou outro. No entanto, o surgimento de uma notícia importante faz com que Cássia Godoy interrompa o andamento do bloco para acionar a reportagem.

[Vinheta]

Carlos Alberto Sardenberg – E aí, Vera.

Vera Magalhães – Boa tarde, Sardenberg, Cássia, ouvintes e espectadores.

Cássia Godoy – Boa tarde, Vera.

Carlos Alberto Sardenberg – *Tô* aqui com uma notícia d’O Globo, *acabô* de *entrá*, dizendo o seguinte... Pelo menos, eu acho que *entrô* agora, que é o seguinte: “o presidente Jair Bolsonaro oficializou, nesta terça-feira, a nomeação de Marcelo Queiroga no Ministério da Saúde. A cerimônia de posse foi realizada de forma reservada no Palácio do Planalto, sem constar na agenda oficial”.

Cássia Godoy – Aliás, Sardenberg, me permita *interrompê* você só um instantinho, porque *acabô* de *chegá*, com a nossa reportagem, essa informação aqui. A Gabriela Echenique *tá* acompanhando essa posse que ninguém sabia exatamente quando ela ia *acontecê* e ela tem a informação aqui ao vivo *pra* gente. É isso, Gabriela Echenique? Temos agora, oficialmente, um novo ministro da Saúde?

Gabriela Echenique – É isso mesmo, Cássia. Olha, não sei nem se a gente pode dizer novo ministro, porque ele tomou posse, mas nomeação ainda não foi publicada, *né*. O que, normalmente, não acontece. Normalmente...

[Risos]

Carlos Alberto Sardenberg – É o contrário, *né*. (CBN, 23 mar. 2021a).

Trinta segundos após o rápido boletim da repórter, Sardenberg pede para que Vera Magalhães analise o assunto. Em meio à fala de Magalhães, o âncora também faz seu comentário.

Carlos Alberto Sardenberg – É, agora também é o fato dele tomar posse em segredo, e tal, sem discurso, sem nada, também *qué dizê* alguma coisa, *né. Qué dizê*, eu acho, que o presidente não *qué falá* sobre esse assunto, *né*. (CBN, 23 mar. 2021a).

O giro de comentaristas segue até o final do programa. Na despedida, Cássia Godoy comunica aos ouvintes que estará no ar às seis horas do dia seguinte, surpreendendo o colega de bancada, uma vez que o programa que apresentam juntos começa ao meio-dia.

Cássia Godoy – Uma ótima tarde a todos. Amanhã tem mais, a partir das seis.

Carlos Alberto Sardenberg – A partir do quê?

Cássia Godoy – A partir das seis.

Carlos Alberto Sardenberg – Ah, Cássia Godoy às seis da manhã. Eu levei um susto.

Cássia Godoy – Quase que você falou “até amanhã, a partir das seis”. Eu ia te *cobrá*, eu ia te *ligá* às seis.

Carlos Alberto Sardenberg – Levei um susto danado aqui. Obrigado pela audiência! Muito boa tarde a todos. (CBN, 23 mar. 2021a).

Na quarta-feira, 24 de março, Sardenberg mantém a estrutura da abertura do programa anterior, cumprimentando Cássia Godoy e pedindo licença para comentar uma das notícias do dia, o julgamento da suspeição do ex-juiz Sergio Moro em processo contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. No entanto, aproveita para perguntar das condições do tempo dentro da cidade de São Paulo, tendo em vista que os âncoras falam de locais diferentes, Sardenberg, de casa, e Cássia Godoy, dos estúdios da CBN.

Carlos Alberto Sardenberg – Boa tarde, Cássia. Vamos para mais um *CBN Brasil*. E *tá* chovendo aí?

Cássia Godoy – Não, não *tá* chovendo. Até tem uma previsão de algumas pancadas de chuva, na tarde de hoje, na capital paulista, mas não é chuva generalizada. Por enquanto, não chegou por aqui.

Carlos Alberto Sardenberg – Bom, eu queria *começá* o programa fazendo um rápido comentário. (CBN, 24 mar. 2021a).

O comentário, contudo, é mais longo do que outras análises feitas por Sardenberg usualmente. Em alguns momentos, o apresentador flexibiliza sua linguagem, ainda que tratando de um assunto complexo que envolve detalhes jurídicos. Não ocorre um diálogo com Cássia Godoy neste momento, ainda que o âncora se refira à colega.

Carlos Alberto Sardenberg – O resumo da ópera é o seguinte, o Supremo Tribunal Federal *tá* prestando um enorme desserviço, porque o Supremo Tribunal Federal não está julgando, Cássia, ouvintes, não está julgando se houve ou não corrupção neste ou naquele caso. Ele está discutindo formalidades. Não *tá* discutindo se houve ou não corrupção. Por exemplo, não *tá* discutindo se o triplex era *pro* Lula ou não, como disse o Leo Pinheiro que era. (CBN, 24 mar. 2021a).

O programa segue de forma bastante linear. Os poucos momentos de maior flexibilidade decorrem de pequenos lapsos, como os citados por Goffman (1981, p. 208-211).

Carlos Alberto Sardenberg – Também na questão das consequências da pandemia, nós temos a informação que vem de Taubaté, com o repórter... É... Sumiu aqui da minha tela.

Cássia Godoy – É o Emerson Tersigni.

Carlos Alberto Sardenberg – Emerson Tersigni. Emerson Tersigni, a informação sobre o fechamento da fábrica da Volkswagen. (CBN, 24 mar. 2021a).

A previsão do tempo, no dia 24, permite um raro momento de quebra da linearidade do programa, pois Cássia Godoy cumprimenta o meteorologista João Basso pelo aniversário.

Cássia Godoy – Nós estávamos com muita saudade dele, os ouvintes também. João Basso, que, além de tudo, acabei de *sabê*, faz aniversário hoje, João, parabéns!

[Efeito sonoro de aplausos]

João Basso – Obrigado, Cássia. Muito boa tarde. Eu *tava* com saudade de vocês também. (CBN, 24 mar. 2021a).

Mais adiante, a comentarista Miriam Leitão faz uma referência às vítimas da covid-19 e divide um momento mais íntimo com os ouvintes.

Miriam Leitão – Como palavra final do meu comentário, Sardenberg, eu queria *dizê* o seguinte. Trezentos mil mortos, *né*. Hoje a gente chega nesse número terrível. Hoje, quando eu acordei, a primeira coisa que eu lembrei foi disso, e eu confesso que chorei. Acho que todo mundo que pensa nisso chora. Então, é um dia muito forte, e eu queria *aproveitá esse* momento final *pra dizê* que... *Dá* meu abraço a todo mundo que *tá* nos ouvindo, que perdeu algum parente, algum amigo, alguma pessoa querida ou que *tá, nesse* momento, em aflição, porque tem alguém atingido da sua família ou das suas relações. Tenha toda minha solidariedade e todo meu carinho. Hoje é um dia muito duro para o Brasil. Sardenberg, Cássia.

Carlos Alberto Sardenberg – A nossa solidariedade, *né*, Cássia.

Cássia Godoy – É isso, é isso. A Miriam *falô* tudo. Realmente, é mais um dia muito difícil, e a gente não pode *naturalizá* um número como esse. Muito obrigada, Miriam. (CBN, 24 mar. 2021a).

Um rápido e raro momento de maior leveza no programa é quando os apresentadores chamam um ao outro pelos primeiros nomes.

Carlos Alberto Sardenberg – Agora, *que* que nós fazemos, Cássia Regina?

Cássia Godoy – Agora, Carlos Alberto, nós temos intervalo. (CBN, 24 mar. 2021a).

A brincadeira é repetida, minutos depois, durante a participação do comentarista Thássius Veloso, especialista em tecnologia.

[Vinheta]

Carlos Alberto Sardenberg – Em parceria com Thássius Veloso. E aí, Thássius Vinícius, tudo bem?

Thássius Veloso – Oi, Carlos Alberto. Oi, Cássia Regina. Boa tarde *pra* vocês. Boa tarde a todos. (CBN, 24 mar. 2021a).

O comentário de Thássius é sobre o bloqueio de ligações telefônicas e mensagens de texto indesejadas pelo celular. Logo em seguida, Sardenberg pergunta se Cássia recebe muitos telefonemas e recados, desenvolvendo um diálogo com a companheira de bancada. Os âncoras não percebem que a conexão da transmissão do comentarista havia caído e permanecem conversando com ele.

Carlos Alberto Sardenberg – *Cê* recebe muito, Cássia?

Cássia Godoy – Recebo. *Tava* conversando aqui, ouvindo o Thássius, e *tava* dando uma olhada. Ontem eu recebi dois WhatsApp e dois, duas mensagens via SMS de gente que eu não conheço tentando me vender coisas.

Carlos Alberto Sardenberg – É, desse negócio de comida, vem de monte, *né*.

Cássia Godoy – Mas aí, por exemplo, eu recebi aqui...

Carlos Alberto Sardenberg – Auxílio funeral, auxílio funeral.

Cássia Godoy – *Eita!* Não, esse eu não recebi. Mas sabe o que eu acho engraçado, Thássius. Não vem, exatamente, no nome da empresa. Vem, por exemplo: “A Gabriela que trabalha na loja de cosméticos tal”, tentando me vender. Aí eu fico me perguntando, se eu for lá e *bloqueá* a Gabriela da loja de cosméticos, não vai, daqui a pouco, me *escrevê* a Érica da loja de cosméticos, será?

Carlos Alberto Sardenberg – Ah, batata! É isso que acontece. Não tem erro, é isso mesmo que acontece.

Cássia Godoy – É, eu acho que o Thássius, a gente perdeu o contato com ele. A gente *tá* falando com ele, *tá* falando sozinho, eu e você, Carlos Alberto.

Carlos Alberto Sardenberg – Não, *tamo* falando sozinho não. Eu *tô* falando com você e você, comigo.

Cássia Godoy – [Risos] Achei que a gente *tava* falando com o colunista, mas, enfim...

Carlos Alberto Sardenberg – O colunista sumiu.

Cássia Godoy – Apertem os cintos, o colunista sumiu⁶⁶. Lembra do filme? Mas, enfim, ele tinha dado o recado dele e é isso. Capaz de você *bloqueá* a pessoa física representando aquela empresa e a empresa, que é bom, nada. *Vamo vê* se funciona, tomara que melhore.

Carlos Alberto Sardenberg – A gente *bloqueô* o Thássius.

Cássia Godoy – *Cê bloqueô* o Thássius? “Não me ligue”? A gente jamais faria isso com ele. Ele *voltô*. *Vamo só dá* um “tchau”, então, *pro* Thássius Veloso.

Thássius Veloso – Eh, vexame, aí não tem como. Tchau, gente, até sexta-feira.

Carlos Alberto Sardenberg – *Que* que houve? *Que* que houve? *Que* que *cê* saiu daí?

Thássius Veloso – Eu acho que o *wi-fi* deu problema. Aí, eu migrei *pro* 4G, mas também não funcionou muito bem não. Aquela vergonha que a gente passa, de vez em quando aqui. (CBN, 24 mar. 2021a).

Na quinta-feira, 25 de março, os apresentadores iniciam o programa falando da negociação de compra de vacinas contra a covid-19 para o Brasil e, logo em seguida, fazem o primeiro giro de reportagem. O boletim sobre uma das primeiras agendas do ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, após sua posse foi seguido de um comentário de Sardenberg. Ainda que se refira à Cássia Godoy, o apresentador não dialoga, de fato, com a colega.

Carlos Alberto Sardenberg – É, Cássia. Há uma grande expectativa, realmente, sobre como o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, vai mudar o protocolo vigente, *né*, no Ministério da Saúde e *eliminá* a recomendação de cloroquina. (CBN, 25 mar. 2021a).

A situação se repete em outros momentos, nos quais o âncora analisa, de forma breve, a notícia dada pelo repórter.

⁶⁶ Em referência ao filme *Apertem os cintos, o piloto sumiu*.

Carlos Alberto Sardenberg – A frase “o número de mortes ultrapassou o limite do bom senso”⁶⁷ não *ficô* bem encaixada, *né*. Uma morte que fosse já estaria...

Cássia Godoy – Pois é. Nenhuma seria aceitável, *né*.

Carlos Alberto Sardenberg – Nenhuma seria aceitável. Três mil passou do limite do bom senso? Qual que seria o limite do bom senso? Uma frase muito mal encaixada. (CBN, 25 mar. 2021a).

A introdução ao comentário de Merval Pereira é sucinta, sem explicações de qual será o tema, senão apenas uma indicação geral feita por Sardenberg, mencionando o nome do presidente da Câmara dos Deputados.

[Vinheta]

Carlos Alberto Sardenberg – E aí, Merval.

Merval Pereira – Tudo bom, Sardenberg. Boa tarde, ouvintes. Boa tarde, Cássia.

Cássia Godoy – Boa tarde, Merval.

Carlos Alberto Sardenberg – E o Arthur Lira, hein, Merval?

Merval Pereira – É, o Arthur Lira *tá* assumindo o controle da situação. *Tá* mandando, *tá* mandando. (CBN, 25 mar. 2021a).

A previsão do tempo, com João Basso, é outro momento de maior flexibilidade na conversa entre os apresentadores.

Cássia Godoy – Eu *tô* vendo uma carinha aqui do Carlos Alberto Sardenberg. *Qué perguntá* alguma coisa *pro* João, Carlos Alberto?

Carlos Alberto Sardenberg – Não, *cê* já *perguntô*, ele rá respondeu. Até queria *sabê* aqui de São Paulo. Vai *fazê* um calorão à tarde sem chuva, *né*? (CBN, 25 mar. 2021a).

A participação de um ouvinte, durante o bloco transmitido para São Paulo enquanto outras praças da CBN emitem noticiários locais, motiva outra conversa entre Sardenberg e Cássia Godoy. Os apresentadores falam da mudança de datas de feriados, uma estratégia de autoridades paulistas na tentativa de aumentar o isolamento social da população durante a pandemia de covid-19.

Carlos Alberto Sardenberg – Oh, Cássia.

⁶⁷ Frase dita pelo vice-presidente Hamilton Mourão em 25 de março de 2021 (MAZUI, 24 mar. 2021).

Cássia Godoy – Ah, diga.

Carlos Alberto Sardenberg – Você *tava* falando agora há pouco aqui sobre a vacinação na cidade de São Paulo, as regras para vacinação na cidade de São Paulo.

Cássia Godoy – Isso.

Carlos Alberto Sardenberg – E o nosso ouvinte, o Valdir Amorim de Oliveira, ele... O telefone é aqui de São Paulo. Ele *mandô* uma bronca, que é a seguinte. A bronca do ouvinte. Ele diz o seguinte, que a Prefeitura de Caraguatatuba vai parar a vacinação nos próximos dias, sabe por quê?

Cássia Godoy – Por quê?

Carlos Alberto Sardenberg – Por causa do medo da chegada de turistas. *Tá* preocupada com a chegada de turistas, e que os turistas acabem, enfim, entrando na fila da vacina lá de Caraguatatuba e acabe faltando para os locais. Só que prejudica os locais também.

Cássia Godoy – É claro.

Carlos Alberto Sardenberg – Porque aí fica sem vacina, *né*.

Cássia Godoy – É, tem que *tê* outros mecanismos aí *pra barrá* a entrada de turistas, porque *esse* período que a gente tem de recesso *é pra aumentá* o isolamento, não *é pra* ninguém *ficá* viajando, *né*. Então, seria mais adequado *promovê* algum tipo de barreira sanitária na entrada das cidades, alguma coisa assim. Não *suspendê* a vacinação, que vai *prejudicá* quem é de Caraguatatuba e ainda não *tomô*.

Carlos Alberto Sardenberg – Pois *é, falô* tudo. Faz a barreira. E *vamo avisá* o pessoal, *né*. Oh, gente, não *é feriadão de fazê* farra nas praias, *né*. É feriadão de *ficá*... Não *é feriadão*. Nem *devemo falá* feriadão, o nome *é recesso sanitário, né*. (CBN, 25 mar. 2021a).

Minutos depois, diante de mais participações dos ouvintes sobre esse assunto, Cássia Godoy responde a dúvidas sobre a possibilidade de aplicação de doses da vacina contra a covid-19 em diferentes municípios. Nota-se que um tema levantado por uma pessoa motivou a prestação de um serviço ao público em geral.

Durante quase dez minutos, o quadro *CBN Comunicação e Liderança* rende amplo diálogo entre os apresentadores e a comentarista Leny Kyrillos. A fonoaudióloga usa o exemplo do programa *The Voice +*, da TV Globo, uma competição musical para cantores de sessenta anos ou mais, para falar da importância dos cuidados com a voz e de como ela evoluiu com o passar dos anos.

Leny Kyrillos – A partir dos 65 anos de idade, o *que* que acontece a partir desse momento, minha gente: existe uma diminuição da força e da agilidade muscular da laringe, as cartilagens da laringe enrijecem, ficam mais rígidas, e existe uma diminuição na lubrificação dessas estruturas. Na fala, a gente percebe uma diminuição na modulação, a tendência é a voz *ficá* um pouco mais monótona, existe uma diminuição no volume muitas vezes e a qualidade da voz pode se *alterá*. Então, a gente pode *observá* soproidade, um pouco de rouquidão às vezes, uma certa aspersion por conta disso.

Carlos Alberto Sardenberg – *Tá* falando de mim, *né*, Leny?

Leny Kyrillos – *Qué* isso, Carlos Alberto Sardenberg. (CBN, 25 mar. 2021a).

A edição do dia 25 de março é encerrada com o toque de um sino. Na sequência da reprodução do efeito sonoro, Carlos Alberto Sardenberg lê uma mensagem de luto, seguida de um clipe sonoro, que reúne depoimentos de familiares de vítimas da covid-19, profissionais da saúde e cientistas sobre a pandemia. O áudio tem, como trilha sonora, uma música em tom dramático. Por fim, Cássia Godoy fala em nome da emissora.

[Efeito sonoro de sino]

Carlos Alberto Sardenberg – Hoje vamos encerrar o *CBN Brasil* com um tributo aos mais de trezentos mil mortos pela pandemia da covid-19 no Brasil. Também prestamos uma homenagem aos milhares de profissionais de saúde, que fazem de tudo para salvar vidas nesta tragédia.

[Clipe]

Cássia Godoy – A CBN se solidariza com os familiares e amigos dos mais de trezentos mil que perderam a vida e faz agora dez segundos de silêncio em homenagem à memória das vítimas. (CBN, 25 mar. 2021a).

Na sexta-feira, dia 26 de março de 2021, o *CBN Brasil* começa com um comentário de Sardenberg lamentando os efeitos da pandemia, tornando os dias “iguais” uns aos outros, em razão do isolamento social.

Carlos Alberto Sardenberg – Muito boa tarde. Hoje é sexta-feira. Sexta-feira, Cássia Godoy. Também não adianta nada, tudo igual. Todos os dias são iguais e são difíceis igualmente. (CBN, 26 mar. 2021a).

Após o primeiro giro de repórteres ao vivo, os apresentadores conversam entre si sobre mensagens enviadas por ouvintes, no bloco transmitido apenas para São Paulo. Contudo, aparentemente, eles prosseguem uma conversa mantida fora do ar.

Cássia Godoy – Ei, Carlos Alberto.

Carlos Alberto Sardenberg – Sim, senhora. E a senhora?

Cássia Godoy – Ah, também *tô* por aqui.

Carlos Alberto Sardenberg – Não, é que é o seguinte. É um e-mail de um ouvinte. Pedi *pra* *falá*, *né*?

[Risos]

Carlos Alberto Sardenberg – *Cês* *tão* rindo aí, *né*? É um ouvinte aqui, nosso ouvinte Antônio Deliberi, ele é da Zona Norte, Zona Norte de São Paulo, Vila Gustavo. Ele diz o seguinte: “Não sei o que se passa na cabeça das pessoas por aqui. Vários estabelecimentos não essenciais estão abertos e fiscalização zero”. Diz que *tá* a maior *farra* lá na Vila Gustavo. Bares abertos e ninguém, muita gente deixando de *usá* máscara. Aí, *tá* vendo. Aí não adianta nada você *fazê*, *suspendê* as atividades se as pessoas vão *pro* bar e o bar abre. (CBN, 26 mar. 2021a).

O assunto é retomado por Cássia Godoy, segundos depois, quando a rede é restabelecida e todas as praças passam a ouvir o *CBN Brasil* novamente.

Cássia Godoy – Em instantes, a gente vai *conversá* com o Merval Pereira, Sardenberg. Só queria *retomá* um tema que você *tava* abordando, agora há pouco, na nossa programação *pra* São Paulo, porque é, claramente, uma preocupação *pra* outras cidades do país também. Que é, *nesse* momento que nós temos no Brasil, o pior momento da pandemia até aqui, muita gente, simplesmente, descuidando das medidas de prevenção. Descuidando do isolamento social, da utilização de máscaras. E é um fenômeno que pode *acontecê* por várias razões. Tem aí a falta de consciência individual, que, infelizmente, acontece.

Carlos Alberto Sardenberg – Que é o maior problema, não apenas aqui no Brasil, mas é por toda a parte. A gente tem acompanhado noticiário da França.

Cássia Godoy – No Reino Unido, teve manifestação no fim de semana de pessoas contra medidas de restrição.

Carlos Alberto Sardenberg – É, exatamente.

Cássia Godoy – *Fazê* manifestação na rua, se *aglomerá*, um verdadeiro perigo. Pois é.

Carlos Alberto Sardenberg – É. Então, a gente *tava* falando do nosso ouvinte aqui da Zona Norte de São Paulo, que disse que tem um número cada vez maior de pessoas circulando sem máscara. Eu também percebi isso aqui nas minhas caminhadas, aqui no lado de Pinheiros. (CBN, 26 mar. 2021a).

Na sexta-feira, o programa tem um quadro dedicado a dicas de culinária, apresentado por Rusty Marcellini. Antes de introduzir o assunto do comentarista, Sardenberg dialoga com Cássia sobre os hábitos alimentares construídos ao longo da infância.

Carlos Alberto Sardenberg – Aprendeu a comer, Cássia?

Cássia Godoy – Ah, aprendi. Aprendi com a minha família. A gente aprende isso em casa, a comer bem ou comer mal. Depende do hábito alimentar que sua família tem. Se as pessoas comem bem na sua casa, comem de uma maneira variada, *cê* vai seguindo por esse caminho. Agora, tem aqueles pais, mães, às vezes avós, que comem uma coisa e querem *ensiná* a criança a *comê* outra. Aí fica difícil, *né*, Rusty?

Rusty Marcellini – Pois é, Cássia e Sardenberg. (CBN, 26 mar. 2021a).

Durante o comentário, Sardenberg ilustra o tema com uma cena usual em muitas famílias.

Carlos Alberto Sardenberg – Me *chamô* muita atenção a primeira questão que você *colocô* que é aquela história que os pais escondem, no meio da comida, escondem. Pegam a comida que a criança gosta, por exemplo, e põem ali no meio uns legumes e tal.

Rusty Marcellini – Pois é! Pois é, Sardenberg,. É aquele negócio do pai *achá* que é mais esperto que a criança, *né*. (CBN, 26 mar. 2021a).

Sardenberg volta a relatar a história de uma criança com hábitos alimentares peculiares, quando é interrompido por um ruído na transmissão. O lapso provoca uma situação de mais flexibilidade ao microfone.

Carlos Alberto Sardenberg – Os pais tentavam *enfiá* na comida legumes verdes e remédio, remédio.

[Ruído]

Cássia Godoy – Opa! Cadê? *Tá* tudo bem, *tá* tudo bem. Estamos aqui.

Carlos Alberto Sardenberg – Foi aqui?

Cássia Godoy – Não, não. Todos estamos aqui.

[Risos]

Carlos Alberto Sardenberg – Deu uma explosão aqui. E aí, o *que* que faziam. Os pais botavam um prato colorido, *né*. Um prato colorido, com muitas cores assim embaixo e dentro enfiavam remédio, enfiavam legume e tal. A criança, que não é tonta nem nada, percebeu, *né*. (CBN, 26 mar. 2021a).

Mais adiante, os apresentadores conversam sobre uma fala do então ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, Onyx Lorenzoni, sobre a suposta ineficácia de medidas como o *lockdown* para conter a disseminação do coronavírus, uma vez que insetos poderiam transmitir a doença, o que não é comprovado cientificamente (SEM..., 26 mar. 2021).

Carlos Alberto Sardenberg – Ele é candidato àquele prêmio. Tem o Prêmio Nobel e tem um Prêmio Ignóbil, *né*.

Cássia Godoy – Isso.

Carlos Alberto Sardenberg – Mas que besteira, *né*. Como é que o sujeito...

Cássia Godoy – Que coisa, *né*. Como a pessoa vem a público *falá* uma coisa assim?

Carlos Alberto Sardenberg – E fala na rádio, *né*. “Não funciona, de repente, passa um pernilongo aí ó”. *Tá* louco. Só tem gênio nesse governo, viu. (CBN, 26 mar. 2021a).

No comentário de tecnologia de Thássius Veloso, os apresentadores e o colunista voltam a se referir aos colegas pelos primeiros nomes de cada um. Em meio à brincadeira, Sardenberg questiona qual o nome do meio de uma das integrantes da equipe de produção do programa.

[Vinheta]

Carlos Alberto Sardenberg – Em parceria com Thássius Veloso. E aí, Thássius Vinícius.

Thássius Veloso – E aí, Carlos Alberto. Boa tarde *pra* você. Boa tarde, Cássia Regina. Boa tarde, ouvintes.

Cássia Godoy – Boa tarde, Thássius Vinícius.

Carlos Alberto Sardenberg – Qual é o nome do meio da Erika Paixão?

Cássia Godoy – Ela é Erika de Cássia, olha que maravilha. Parece combinado.

Thássius Veloso – Olha só. Tem uma dupla aí.

Carlos Alberto Sardenberg – Não acredito. Mentira.

Cássia Godoy – É verdade, juro.

Thássius Veloso – Marmelada isso.

Carlos Alberto Sardenberg – Marmelada. Ah, marmelada.

Cássia Godoy – Eu fiquei comovida quando eu soube. (CBN, 26 mar. 2021a).

A brincadeira com os nomes é repetida durante o comentário do Vera Magalhães.

Carlos Alberto Sardenberg – Vera Regina também, *né*?

Cássia Godoy – É Vera Regina, Carlos Alberto.

Vera Magalhães – Vera Regina a postos.

Carlos Alberto Sardenberg – *Cê* sabe que a Erika, nossa Erika, se chama Erika de Cássia?

Vera Magalhães – Olha só. É todo um círculo que se fecha *nesse* programa. (CBN, 26 mar. 2021a).

No fim do comentário da jornalista, os apresentadores discutem sobre o nome dado à vacina contra a covid-19 desenvolvida pelo Instituto Butantan, alvo de piadas nas redes sociais.

Carlos Alberto Sardenberg – Vera, *tá* uma baita polêmica nas redes a respeito do nome, *cê* viu?

Vera Magalhães – Por quê?

Carlos Alberto Sardenberg – Tem muita gente achando que ButantanVac é muito feio.

Cássia Godoy – É ButanVac.

Vera Magalhães – É muito feio.

Cássia Godoy – Tem gente que não gosta, mas, assim, eu *tô* vendo a polêmica, mas eu acho bem “ok”, viu, gente. (CBN, 26 mar. 2021a).

A vacinação dos apresentadores e da colunista é tema de mais uma conversa bem humorada no programa, algo não muito usual no *CBN Brasil*.

Cássia Godoy – Eu já *tô* levantando a minha manguinha aqui da camisa.

Vera Magalhães – Eu já pus até uma sem manga.

Cássia Godoy – O Sardenberg *tá nesse* sossego porque ele já tomou a dele, a primeira dose.

Carlos Alberto Sardenberg – Vocês duas vão lá *pro* fim da fila. Jovem adulto saudável, ih.

Vera Magalhães – Nem tão jovem, nem tão jovem. (CBN, 26 mar. 2021a).

O *CBN Brasil* é encerrado, minutos depois, de forma simples, com a leitura da ficha técnica do programa.

4.4 *Estúdio CBN*

O programa *Estúdio CBN*, apresentado por Tatiana Vasconcellos e Fernando Andrade, tem um perfil semelhante ao do *Timeline Gaúcha*, com pautas mais leves. Na edição de segunda-feira, 22 de março de 2021, os temas abordados foram a religião evangélica e sua relação com a política, além da participação de colunistas de política, língua portuguesa, esportes automobilísticos, futebol feminino e música. O programa tem duração aproximada de duas horas e 55 minutos.

Logo na abertura, nota-se maior flexibilidade na apresentação, com um bate-papo entre os âncoras:

Tatiana Vasconcellos – Duas horas, três minutos. Boa tarde *pra* você que está na CBN. Hoje é segunda-feira, 22 de março de 2021. Fernando Andrade, e aí?

Fernando Andrade – Oi, Tati. Boa tarde *pra* você, boa tarde *pros* ouvintes.

Tatiana Vasconcellos – Tudo bem de fim de semana?

Fernando Andrade – Foi tranquilo, em casa...

Tatiana Vasconcellos – O que *cê* *aprontô*?

Fernando Andrade – Nada...

Tatiana Vasconcellos – O que *cê* *aprontô* com as crianças?

Fernando Andrade – Trabalhei no plantão.

Tatiana Vasconcellos – Ah, *cê* *trabalhô* domingo.

Fernando Andrade – É, muito... Teve um videogame, teve uma voltinha aqui embaixo no prédio só *pra tomá* um solzinho, uma vitamina D.

Tatiana Vasconcellos – Bom, vitamina D, importante. Só?

Fernando Andrade – Só.

Tatiana Vasconcellos – Eu? Eu nem lá embaixo fui. Meu solzinho na minha mini sacada. Repus a vitamina D, li, vi o primeiro episódio da série que a Patrícia Kogut nos *indicô* essa semana.

Fernando Andrade – Ah, sabe que uma amiga me falou: “ah, eu vi a Kogut *falá*”, assistiu e adorou.

Tatiana Vasconcellos – É, eu vi o primeiro episódio só, tive que *interrompê*. Cozinhei, fiz a farofa da minha mãe, farofa de família. Falta só *comê* agora. Ah, eu descii ontem *pra pegá* o jantar no *delivery*. Foi tudo, o passeio que eu fiz foi no elevador mesmo, até o térreo. (CBN, 22 mar. 2021b).

Em outro exemplo, Vasconcellos mantém a condução do programa em tom de bate-papo, sem se prender a estrutura do roteiro de abertura, conversando com Andrade enquanto ele lê os destaques do programa:

Fernando Andrade – Tem futebol feminino, em Convocadas com a Camila Carrelli.

Tatiana Vasconcellos – Ferrinha!

Fernando Andrade – A Libertadores...

Tatiana Vasconcellos – Ferroviária *ganhô*.

Fernando Andrade – *Ganhô, ganhô*. Foi muito bom. Bicampeã, *né*, Tati?

Tatiana Vasconcellos – Putz, da Libertadores? Não sei. Camila pode *confirmá* isso aí, logo mais, às quatro e vinte. Mas *cê* não sabe quem *tava* assistindo ao jogo, me *mandô* foto, *comemorô* e tudo.

Fernando Andrade – Quem?

Tatiana Vasconcellos – João Marcelo Bôscoli.

Fernando Andrade – [Risos] Mas não tinha basquete nesse dia?

Tatiana Vasconcellos – Eu não sei. Eu sei que ele *tava* vendo a final. Daí me escreveu: “*cê tá* vendo a final da Libertadores?”. Eu falei, eu não *tô*, *cê tá?* (CBN, 22 mar. 2021b).

Ao finalizar a abertura, Tatiana Vasconcellos faz um convite ao público, simulando um diálogo com os ouvintes:

Tatiana Vasconcellos – Então entre. Seja bem-vinda. Seja bem-vindo. Fique à vontade. Eu daqui, da onde eu consigo *vê*, percebo, não que aqui haja uma grande movimentação, onde eu moro, eu percebo as ruas mais vazias. Não tenho circulado por aí. Eu espero que se você não *tivé* realmente necessidade, também não circule. Mas pode... se *tivé* necessidade, *tivé* circulando por aí, esteja protegido, sabe *né*, já sabe, um ano depois já sabe. Máscaras boas, quanto mais grudadas no seu rosto, mais eficientes elas são. [...] *Vamo* nessa. (CBN, 22 mar. 2021b).

Fernando Andrade convida a participação dos ouvintes, também em tom coloquial:

Fernando Andrade – Bom, vamos lá. Pode ser no site da CBN, cbn.com.br. Lá tem Acesso às câmeras do estúdio. Se *quisé* *ouvi* só por lá, só *ouvi* também dá *pra* *fazê*. E dá *pra* *mandá* e-mail direto *pra* mim e *pra* Tati lá no site. [...] Tem também a transmissão do programa no YouTube, sim, procura o canal da CBN. Lá, nós já temos quase novecentas pessoas já com a gente. Quando você *entrá*, se *depará* com Tati de um lado, o Fê no meio e os ouvintes discutindo, hoje a discussão vai *sê* ótima aqui, aí você dá um “gostei”. Se inscreva no canal e dá um “gostei”.

Tatiana Vasconcellos – Que é o *like*, na verdade. Na verdade, não. É o *like* em inglês.

Fernando Andrade – Mas aqui *tá* “gostei”.

Tatiana Vasconcellos – E a gente *tá* no Brasil, falamos português. (CBN, 22 mar. 2021b).

O giro da reportagem no *Estúdio CBN* é feito nos moldes do realizado pelo *CBN Brasil*. Entretanto, Tatiana Vasconcellos opina sobre os assuntos veiculados, mais uma vez em uma simulação de diálogo com os ouvintes. Logo após um boletim sobre as medidas de restrição adotadas no estado do Rio de Janeiro, no enfrentamento à pandemia, a âncora comentou:

Tatiana Vasconcellos – Eu gosto de *vê* o nó retórico desse pessoal *pra mantê* shopping e bar aberto, *pra defendê, né*, que se mantenha shopping e bar aberto e praia fechada. Oh, gente, falta um pouco de vergonha aí, *né*. (CBN, 22 mar. 2021b).

Após a previsão do tempo, em que é mantida certa dose de formalismo durante o boletim do meteorologista, Tatiana Vasconcellos se despede do colega com o som de um beijo.

Fernando Andrade – *Tá certo*. Obrigado, João Basso. Boa tarde *pra* você. Até amanhã.

João Basso – Até amanhã, boa semana. Um beijo.

Tatiana Vasconcellos – [Som de beijo]. (CBN, 22 mar. 2021b).

No painel sobre a atuação de evangélicos na política, com duas entrevistadas, os âncoras conduzem o tema de modo mais formal, diferente do que se observa no *Timeline Gaúcha*. Os espaços de entrevistadores e entrevistados são bem delimitados, não ocorrendo um bate-papo propriamente dito, mas uma alternância de perguntas e respostas, com elaboração de argumentos. Também são praticamente ausentes características como a sobreposição de falas e o uso de elementos de vinculação, entre os quais o compartilhamento de hábitos e sentimentos dos âncoras. A coloquialidade aparece em vícios de linguagem comuns, mas é possível perceber algumas limitações, mantendo uma postura mais formal, dando tom sóbrio à entrevista.

Tatiana Vasconcellos – Conforme eu justifiquei no começo do *Estúdio CBN*, quando a gente olha *pros* apoiadores do presidente Jair Bolsonaro, inclusive os apoiadores das ações dele, dos comportamentos dele em relação à pandemia, a gente costuma *citá* os evangélicos, porque baseados em duas ou três figuras célebres, proeminentes, donos de igreja... Mas os evangélicos são muita gente, *né*. Então quero *começá* perguntando *pra* você, Cristina, quem são os evangélicos, quando a gente fala de política? (CBN, 22 mar. 2021b).

Já em meio à entrevista, Tatiana Vasconcellos lembra que um terceiro convidado não compareceu ao programa, em um raro momento de quebra da sobriedade no painel.

Tatiana Vasconcellos – Bom, a gente volta a conversar com a cientista social, professora da Universidade Federal Fluminense, pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião, Cristina Vital; também com a ativista de direitos humanos e teologia feminista, integrante dos grupos Evangélicos pela Diversidade e Evangélicas pela Legalização do Aborto, Camila Mantovani. O Arialdo não veio, gente. Sumiu.

Fernando Andrade – Ariovaldo.

Tatiana Vasconcellos – Ariovaldo, perdão. Ariovaldo Ramos, coordenador nacional da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito. Ainda dá tempo, Ariovaldo. Se você *tivé* ouvindo a gente, *tamo* tentando *falá* com você sem sucesso, infelizmente. (CBN, 22 mar. 2021b).

A entrevista durou, aproximadamente, uma hora. Como o bloco tomou cerca de um terço do programa, é possível sustentar que, apesar da alta presença de elementos de coloquialidade e vinculação durante a interação entre os âncoras, ela não se mantém igualmente presente na atração como um todo.

Após o painel, o *Estúdio CBN* seguiu uma estrutura semelhante à do *CBN Brasil*, com a participação de comentaristas. Todas as participações foram precedidas de uma vinheta, quebrando o ritmo de um eventual bate-papo, e introduzidas por um pequeno comentário do âncora, destacando a pauta do analista.

É curioso mencionar que um dos momentos de flexibilidade no bate-papo entre a equipe do programa e seus colunistas é o quadro do professor de português Pasquale Cipro Neto, com dicas de uso correto do idioma. O comentarista brinca que sua participação ocorre logo na sequência do comentário de política de Maria Cristina Fernandes, separados apenas por uma vinheta.

[Vinheta]

Tatiana Vasconcellos – Boa tarde, professor.

Pasquale Cipro Neto – Boa tarde, Tatiana. Boa tarde, Fernando. Boa tarde, ouvintes. Tomei um susto aqui, engatado na Maria Cristina, assim, *pá-pum?* Nossa! [Risos] Muito bem, vamos lá. (CBN, 22 mar. 2021b).

Além disso, a vinculação é explorada com a participação dos ouvintes, que enviam dúvidas de português para o especialista, que as responde. No caso da edição do dia 22 de março, o ouvinte pergunta sobre a frequência do uso de expressões do futebol no cotidiano.

Pasquale Cipro Neto – Relaxe, relaxe, relaxe porque, como eu sempre digo aqui, a língua é como roupa e a gente escolhe de acordo com a situação. Por mais que sejam formais ou travestidas de formais essas reuniões de negócios e tal, as pessoas estão falando, *né*, nessas reuniões. Elas falam. E a fala é uma coisa, a escrita é outra. É pouco provável que alguém escreva um texto técnico, *né*, dizendo que tal coisa aconteceu “aos quarenta e cinco do segundo tempo”, por exemplo. Imagine um arrazoado sobre qualquer coisa e tal, texto técnico, jurídico, algum texto que tente *prova* alguma coisa, *defendê* uma tese, é pouco provável. (CBN, 22 mar. 2021b).

No comentário sobre música, de João Marcelo Bôscoli, a equipe do programa volta a adotar um tom de bate-papo, fazendo uma brincadeira sobre o tema do quadro naquela edição:

João Marcelo Bôscoli – Tudo bem, boa tarde ouvintes. Hoje eu vou falar de uma figura muito importante da música brasileira...

Fernando Andrade – Jorge Ben Jor.

João Marcelo Bôscoli – Não, Jorge Ben Jor é aniversário dele, vai ser amanhã o tema do nosso...

Tatiana Vasconcellos – Olha essa puxada de tapete, olha essa puxada de tapete.

Fernando Andrade – Tudo bem. [Risos] *Tô* brincando.

João Marcelo Bôscoli – *Tô* chocado, Nando. *Tô* chocado.

Tatiana Vasconcellos – [Risos]

João Marcelo Bôscoli – Caramba, tantos anos de admiração...

Tatiana Vasconcellos – Agora conta!

Fernando Andrade – Não, ele que decidiu fazer amanhã... *Vamo* lá. Vou mudar. Só *vô invertê*. Amanhã, “Eu gosto sim” em homenagem ao aniversariante de hoje, que é o Jorge Ben Jor.

Tatiana Vasconcellos – Não, é porque foi assim oh. O João falou: “é aniversário do Jorge Ben Jor. *Falamo* do Jorge Ben Jor ou falo sobre tal coisa?”. Aí o Fê *falô*: “não, fala sobre tal coisa”. Aí o cara abre o quadro *pra falá* sobre tal coisa e o Fernando faz o quê: “Ah, Jorge Ben Jor”. Traíra! (CBN, 22 mar. 2021b).

Assim, é possível observar que o *Estúdio CBN* faz uso de diferentes modos de vinculação, alguns mais expressivos e outros menos, ao depender do momento do programa. Quando ocorrem interações entre os âncoras e alguns colunistas, há maior exploração de características como o compartilhamento de hábitos em comum, sobreposição de falas e de um ritmo maior de bate-papo. Quando o colunista trata de um assunto mais sério ou quando é realizada uma entrevista, ainda que mantidos elementos de coloquialidade, a vinculação é menor.

No dia 23 de março, o *Estúdio CBN* trata de acessibilidade. Logo na abertura, Tatiana Vasconcellos reclama de um problema técnico no retorno de áudio, imperceptível aos ouvintes. Ao se referir à reverberação do som, provocando eco no retorno, a apresentadora usa a expressão “sanduíche-iche”, popularizada a partir de um meme na internet (GARCIA, 1 nov. 2017).

Tatiana Vasconcellos – Duas horas, três minutos. Boa tarde *pra* você que está na CBN. Hoje é terça-feira, dia 23 de março de 2021. *Tá* rolando um “sanduíche-iche”, me ajuda aí, central. Oi, Fê.

Fernando Andrade – Oi, Tati. Boa tarde *pra* você. Boa tarde *pros* ouvintes.

Tatiana Vasconcellos – Alô.

Fernando Andrade – *Tá* me ouvindo?

Tatiana Vasconcellos – Ah, agora sim. (CBN, 23 mar. 2021b).

Ainda na abertura, Fernando Andrade anuncia os destaques do programa e os temas que serão discutidos com os comentaristas. O apresentador pede que o público envie mensagens sobre músicas do cantor Jorge Ben Jor, cujo aniversário no dia anterior foi lembrado durante o comentário de João Marcelo Bôscoli. Tatiana Vasconcellos reforça o interesse nas histórias dos ouvintes.

Tatiana Vasconcellos – Se *tivé* historinha, a gente ama. (CBN, 23 mar. 2021b).

Na leitura dos endereços das redes sociais do programa, os apresentadores brincam com as palavras em inglês adotadas no vocabulário brasileiro, chamando o *like* das redes sociais de “gosta” e *smart TV* de “TV esperta”. Tatiana Vasconcellos, aliás, lembrando que o programa é transmitido em vídeo na plataforma Globoplay, afirma:

Tatiana Vasconcellos – *Vô até passá* um batom. Porque hoje vim meio, assim... *Pra chegá* na sua casa, *vô até passá* um batom. (CBN, 23 mar. 2021b).

De imediato, a âncora aciona a reportagem, que fala dos números pandemia de covid-19 em São Paulo. Não há nenhum tipo de transição, seja explícita ou sutil, como uma mudança de trilha, que sinalize a troca de assunto ou de tom, mais leve para mais sóbrio.

Mais adiante, ao anunciar a entrevista do dia, Tatiana Vasconcellos fala coloquialmente sobre o assunto.

Tatiana Vasconcellos – *Bueno. Vamo... Vamo? Podemos? Vamo* nessa então. *Vamo*, vou *anunciá* a nossa entrevista de hoje. Como eu disse, a gente vai *falá* sobre acessibilidade. Nós estamos recebendo a médica, professora aposentada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a primeira pessoa com deficiência a comandar a Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, Isabel Maior. Isabel, bem-vinda.

Entrevistada – Olá, tudo bom?

Tatiana Vasconcellos – Tudo bem. Boa tarde.

Entrevistada – Boa tarde *pra* vocês.

Tatiana Vasconcellos – O designer, professor especialista em acessibilidade digital, Marcelo Sales. Ei, Marcelo, bem-vindo.

Entrevistado – Oi, boa tarde, bem-vindo. Bem-vindo não. Boa tarde.

Tatiana Vasconcellos – [Risos] Tudo bem? Boa tarde. (CBN, 23 mar. 2021b).

Em seguida, Tatiana anuncia a participação de um terceiro entrevistado. Pela extensão do programa e o formato de painel, a conversa se estende por boa parte do programa. Contudo, as limitações impostas pelo fato de o debate não ser presencial fazem com que cada interlocutor fale por alguns minutos sem ser interrompido, diminuindo, de certa maneira, as características de um bate-papo mais informal. Essa situação fica evidente quando, em determinado momento, Tatiana Vasconcellos interrompe o companheiro de apresentação, Fernando Andrade, para que ele permita o comentário de um dos convidados, que havia iniciado sua fala.

Tatiana Vasconcellos – Segue lá, Fê

Entrevistado – Eu...

Fernando Andrade – É o seguinte, *vamo falá* sobre o Acesso ao mercado de trabalho...

Tatiana Vasconcellos – Alguém queria *falá*, não? *Pera* aí. Gustavo?

Fernando Andrade – Pois não.

Entrevistado – Eu queria *fazê* um complemento. Vocês *tão* me ouvindo? (CBN, 23 mar. 2021b).

No decorrer do painel, a âncora oferece espaço para mais manifestações dos participantes. O debate se estende por quase uma hora.

Tatiana Vasconcellos – Alguém *qué complementá*? Gustavo? Marcelo?

Entrevistado – Eu gostaria.

Tatiana Vasconcellos – Quem tá falando?

Entrevistado – Marcelo Sales.

Tatiana Vasconcellos – Oi, Marcelo. Fale, fale. (CBN, 23 mar. 2021b).

Na volta do intervalo realizado após o debate, o *Estúdio CBN* retoma o giro da reportagem. Após o boletim sobre o julgamento da suspeição do ex-juiz Sergio Moro em processo contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva na Operação Lava Jato, Vasconcellos analisa o comportamento dos ministros do Supremo Tribunal Federal na sessão.

Tatiana Vasconcellos – A cara do ministro Gilmar Mendes, *né*. Esse discurso do ministro Kássio Nunes Marques é igual, igual, ao discurso “lavajatista”. (CBN, 23 mar. 2021b).

Ao introduzir o assunto do comentário de política de Maria Cristina Fernandes, Tatiana Vasconcellos ironiza um ato falho cometido ao se referir ao ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, empossado minutos antes no lugar de Eduardo Pazuello.

Tatiana Vasconcellos – Quem é o presidente da... Quem é o ministro da... Olha o ato falho, ó o Freudão⁶⁸. Quem é o ministro da Saúde do Brasil, Maria Cristina? (CBN, 23 mar. 2021b).

No comentário de Pasquale Cipro Neto, sobre dúvidas de português, Fernando Andrade lê a mensagem de um ouvinte que pergunta sobre eventual diferença no sentido ao alterar a ordem das palavras ao se referir a “adulto responsável” ou “responsável adulto” quando se fala da pessoa que acompanha um menor de idade. O apresentador pergunta em qual categoria Tatiana Vasconcellos se enquadra, em tom de brincadeira.

Fernando Andrade – Tati, você é uma adulta responsável ou uma responsável adulta?

Pasquale Cipro Neto – [Risos]

Tatiana Vasconcellos – Eu *sô* uma... Ah, não sei, cara. Preciso *pensá*. (CBN, 23 mar. 2021b).

Ao se referir a token não fungível, um ativo virtual, Tatiana Vasconcellos “traduz” a sigla em inglês NFT (*non-fungible token*): “N de nariz, F de faca, T de Tatiana” (CBN, 23 mar. 2021b). Na sequência, a âncora dala de dicas culturais na cidade de São Paulo, em tom coloquial.

⁶⁸ Referência ao psicanalista austríaco Sigmund Freud (1856 – 1939).

Tatiana Vasconcellos – Deixa eu *trazê* uma informação. Aliás, eu quero *trazê* duas informações, duas novidades. (CBN, 23 mar. 2021b).

Antes do quadro de música de João Marcelo Bôscoli, Tatiana Vasconcellos lê a mensagem de uma ouvinte.

Tatiana Vasconcellos – Antes de *dá* “oi” *pro* João, *vamo mandá* um beijo aqui *pra* Jonizete Monteiro Godói, que escreveu lá no nosso *chat*: “Meu nome é Jonizete e *sô* apaixonada pela CBN. Fala meu nome”. Vai, gente, Jonizete. Um, dois, três... Jonizete!

Fernando Andrade – Jonizete!

Em seguida, o sinal da transmissão do comentarista falha.

Tatiana Vasconcellos – Oi, João...

[Silêncio]

Tatiana Vasconcellos – O João foi embora. Achou que não era com ele, e falou “volto depois”. João? Mas não é possível, gente. (CBN, 23 mar. 2021b).

Bôscoli cita o cantor Tim Maia, que reclamava do retorno de áudio em apresentações, para justificar o problema no contato. A lembrança motiva brincadeiras dos apresentadores.

João Marcelo Bôscoli – *Tava* sem retorno, tipo Tim Maia

Tatiana Vasconcellos – [Imitando a voz de Tim Maia] Cadê o retorno?

João Marcelo Bôscoli – *Tava* zerado, *pô*. (CBN, 23 mar. 2021b).

Durante alguns minutos, os apresentadores comentam mensagens de ouvintes que relatam memórias de músicas de Jorge Ben Jor. Os recados são seguidos das canções e de comentários de Bôscoli, além das memórias do próprio comentarista, produtor musical e filho da cantora Elis Regina com o compositor Ronaldo Bôscoli. O *Estúdio CBN* daquela terça-feira encerrou com o comentário de futebol.

Na quarta-feira, 24 de março de 2021, o *Estúdio CBN* tem, como destaque a pandemia de covid-19. Em razão do primeiro pronunciamento do ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, no cargo, justamente marcado para ocorrer durante o horário do programa, Tatiana Vasconcellos ressalta aos ouvintes que a edição será diferente do habitual.

Tatiana Vasconcellos – Já te aviso, do começo, que a ordem das coisas aqui vai *tá* alterada hoje por conta *dessa*, por causa *dessa* entrevista coletiva. Primeiro pronunciamento, na verdade. Não sei se é uma coletiva, se ele vai *abrir pra* perguntas, mas é o primeiro pronunciamento dele como, como ministro da Saúde. Você vai *acompanhá* aqui. Então, então é isso, *né*, Fê. Hoje a gente não vai *tê* bastante coisa, *né*. (CBN, 24 mar. 2021b).

No giro da reportagem, após um boletim sobre suspeitas de corrupção na compra de insumos médicos no combate à covid-19 no Rio de Janeiro, a apresentadora demonstra indignação com o fato.

Tatiana Vasconcellos – Olha, *esse* país, viu. O que dizer, Fernando Andrade? Nada, *né*? A gente respira fundo, notícia, informa o nosso ouvinte, desliga o microfone, fala uns palavões, chama o próximo repórter. (CBN, 24 mar. 2021b).

Na previsão do tempo, veiculada apenas para São Paulo, Tatiana Vasconcellos lembra do aniversário do meteorologista João Basso.

Tatiana Vasconcellos – Eu quero *sabê* do que é o bolo.

João Basso – Ah, o bolo hoje é de chocolate.

Fernando Andrade – Vários ouvintes falaram aqui, antes da gente, que é seu aniversário. Parabéns, João.

Tatiana Vasconcellos – Feliz parabéns!

João Basso – Muito obrigado!

Fernando Andrade – Que legal.

Tatiana Vasconcellos – Que o tempo se comporte hoje da maneira que você *preferí* hoje, João.

João Basso – Ah, tomara. O meu desejo, de manhã, era todo mundo vacinado *pra gente podê fazê* maior festa hoje.

Tatiana Vasconcellos – O nosso também. *Fazê* montinho em você. (CBN, 24 mar. 2021b).

O *Estúdio CBN* prossegue, com um painel, de aproximadamente uma hora, reunindo especialistas em saúde para falar do cenário da pandemia de covid-19 no Brasil e dos reflexos da lotação de hospitais no atendimento de pacientes. O tema faz com que a conversa adote um tom mais sóbrio, ainda que com algumas características pontuais de coloquialidade.

O bloco de futebol, que, normalmente, encerra o programa, foi antecipado diante da possibilidade de pronunciamento do ministro da Saúde. No fim do boletim do repórter

Guilherme Pradella, sobre casos de coronavírus entre jogadores do São Paulo, Tatiana Vasconcellos pergunta sobre os ensaios do jornalista, que também toca bateria.

Tatiana Vasconcellos – *Brigada*, Pradella. Guilherme Pradella trazendo informações sobre covid, sobre o São Paulo, sobre covid no São Paulo, enfim. Qual foi a última que você *tirô* na bateria?

Guilherme Pradella – Ih.

Tatiana Vasconcellos – Nada a *vê* com São Paulo nem com covid.

Guilherme Pradella – Tem que *explicá* isso também, *né*.

Tatiana Vasconcellos – O Pradella é baterista e, vira e mexe, *tá* desenferrujando, Pradella, ou *cê* nunca *parô* de *tocá*?

Guilherme Pradella – Não, eu parei há algum tempo de *tocá*, mas estou voltando à ativa e agora estou fazendo *covers* de música na bateria. (CBN, 24 mar. 2021b).

Interrompida por uma vinheta, Tatiana Vasconcellos brinca com o ocorrido, se referindo ao operador de áudio.

Tatiana Vasconcellos – Ainda posso *falá*? Tomei uma gongada aí do Dani, me-teu uma vinheta na minha cabeça. (CBN, 24 mar. 2021b).

Na última hora do programa, Tatiana Vasconcellos volta a explicar para os ouvintes que o programa teve o roteiro alterado em razão da possibilidade de pronunciamento do ministro da Saúde.

Tatiana Vasconcellos – Você já percebeu que hoje o *Estúdio CBN* *tá* diferente, *né*. A gente *antecipô* alguns comentários, *derrubô* outros. *Derrubô*, no jargão jornalístico, é: não vai *tê*. Derrubamos João Marcelo, *derrubamo* Professor Pasquale, porque *tá* programado, *tava* programado *pras* quatro da tarde uma entrevista coletiva do novo ministro da Saúde e você vai *acompanhá* aqui. (CBN, 24 mar. 2021b)

Enquanto aguardam o pronunciamento, o *Estúdio CBN* volta a acionar repórteres. A fala do ministro começa com cerca de trinta minutos de atraso e toma cerca de vinte minutos do último bloco do programa. Como a coletiva se estende além do horário da atração, Tatiana Vasconcellos encerra o *Estúdio CBN*.

Tatiana Vasconcellos – Você *tá* ouvindo a entrevista coletiva do novo ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, e vai *continuá* acompanhando durante a programação da CBN, durante o *Ponto Final CBN* com o Rodrigo Bocardí e a Carolina Morand. Até amanhã. (CBN, 24 mar. 2021b).

No dia 25 de março, uma quinta-feira, o *Estúdio CBN* trata da influência da política na vida da população. Logo na abertura, Tatiana Vasconcellos faz um comentário para justificar a pauta do dia.

Tatiana Vasconcellos – São duas horas e dois minutos. Boa tarde *pra* você que está na CBN, hoje é quinta-feira, dia 25 de março de 2021. Um dia depois da gente *alcança* a infeliz marca de trezentas mil pessoas mortas no país por covid-19. E aí, Fernando Andrade.

Fernando Andrade – Tati Vasconcellos, boa tarde *pra* você. Boa tarde *pros* nossos ouvintes.

Tatiana Vasconcellos – Bom, o nome do quadro da Maria Cristina Fernandes é “Tudo é política”. E, vira e mexe, a gente fala sobre isso aqui, *né*. Tudo é política, a nossa existência é política, todas as nossas atitudes são políticas. Em geral, e u costume *respondê* isso *pra* ouvintes que falam: “Mas vocês só falam de política? Tem que *falá* de vacinação”.

Fernando Andrade – É política.

Tatiana Vasconcellos – É política, uma coisa não anda sem a outra. “Tem que *falá* sobre a inflação e o aumento do preço dos alimentos e as pessoas que não *tão* conseguindo, enfim, *comprá* uma cesta básica, que não *tão* conseguindo *comê*”. É política. Tudo passa pela política. É sobre isso que a gente vai *falá* hoje aqui *nesse Estúdio CBN*. A gente vai *falá* sobre os últimos acontecimentos políticos, alguns dos quais impactam diretamente na vida, como, por exemplo, a questão da vacinação. (CBN, 25 mar. 2021b).

No giro de repórteres, após a notícia de que empresários de Belo Horizonte haviam comprado doses de vacina contra a covid-19, burlando a lei, Tatiana Vasconcellos faz um comentário crítico.

Tatiana Vasconcellos – Olha, o que *dizê* de um país que tem uma elite como essa, *né? Tamo perdido, tamo perdido*. Que vergonha da elite brasileira. Vergonha, vergonha! *Vamo* em frente aqui. (CBN, 25 mar. 2021b).

Após a participação dos repórteres e o bloco local, inicia o painel do programa, com Tatiana Vasconcellos fazendo referência ao que foi dito na abertura e cumprimentando os demais participantes.

Tatiana Vasconcellos – Bom, conforme a gente te *contô* no início *desse Estúdio CBN*, a gente vai *reuní* aqui alguns comentaristas de política, dois dos nossos comentaristas e uma convidada superespecial *pra falá* sobre os últimos acontecimentos no país, porque, como diz a Maria Cristina Fernandes, tudo é política. Nós estamos recebendo o nosso comentarista, Sérgio Abranches. Ei, Sérgio, bem-vindo.

Entrevistado – Boa tarde, tudo bem?

Tatiana Vasconcellos – Tudo bem?

Entrevistado – Tudo bem, Tatiana, Fernando, Malu?

Fernando Andrade – Tudo bem.

Tatiana Vasconcellos – Estamos com Malu Gaspar, que é colunista do jornal O Globo. Ei, Malu, que prazer te *recebê* aqui.

[Silêncio]

Tatiana Vasconcellos – Alô! Não temos Malu ainda. Já, já, a gente faz outra festa *pra* ela, assim que ela estiver ouvindo a gente.

Entrevistado – Ela *tá* com o áudio fechado.

Tatiana Vasconcellos – Ela *tá* com o áudio fechado. Olha aí, Malu. Cadê você? A gente vai *arrumá*. *Dêxa* eu *dá* as boas-vindas também ao Guilherme Amado, que é colunista da revista *Época* e também nosso comentarista aqui da CBN. Ei, Guilherme, bem-vindo.

Entrevistado – Boa tarde, Tatiana. Boa tarde, Fernando, Sérgio, Malu e ouvinte da CBN.

Tatiana Vasconcellos – Cadê Malu? Não *tá* rolando não.

Entrevistada – *Ué?*

Tatiana Vasconcellos – *Ae! Uhu!*

Entrevistada – Oi, gente! Chegando, então. Tudo de novo. Prazer *tá* aqui com todo mundo, Sérgio, Fernando, Guilherme, Tati. Uma honra. (CBN, 25 mar. 2021b).

No meio do debate, antes da ida para o noticiário local e o intervalo, Tatiana Vasconcellos repassa os assuntos que deseja abordar com os colegas jornalistas convidados, tudo isso em tom coloquial, ao contrário, por exemplo, do painel anterior com dois especialistas em saúde, no qual o tom foi mais sóbrio.

Tatiana Vasconcellos – A gente já *falô* aqui de alguns elementos que *tão* compondo o momento político atual. A gente vai *pará pro Repórter CBN* agora, vai *pra* quatro minutos de informação na sua cidade e volta porque a gente ainda não *esgotô* todos eles. A gente ainda não *falô* do novo ministro da Saúde, que se *manifestô* ontem, não *falô* da pressão dos governadores e não *falô* do tal do “efeito L”, a volta do ex-presidente Lula ao cenário político, que também são três fatores que *tão* impactando o momento político atual. (CBN, 25 mar. 2021b).

A vacinação contra a covid-19 é um dos temas que desperta o compartilhamento de experiências pessoais dos apresentadores, como se viu no *CBN Brasil* e, principalmente, nos programas da Gaúcha.

Entrevistado – O fato de você saber de pessoas que você conhece, as pessoas mais idosas da sua família...

Tatiana Vasconcellos – Ah, total.

Entrevistado – Que vão *sê* vacinados ou que *tão*, já foram, isso aumenta muito a esperança, isso aumenta o conforto.

Tatiana Vasconcellos – Como a gente aqui, *né*. Fernando e eu *tamo* lá no fim da fila. Mas o pai dele, por exemplo, já foi vacinado, *né*, Fê.

Fernando Andrade – Uma dose. Dá esperança.

Tatiana Vasconcellos – *Cê* vê luz no fim do túnel, pelo menos, *né*. (CBN, 25 mar. 2021b).

Como ocorre diariamente, o painel dura, aproximadamente, uma hora. Na volta do intervalo, o *Estúdio CBN* faz novo giro de repórteres e comentaristas. Em meio ao programa, o apresentador Fernando Andrade pede licença para se ausentar, pois precisa gravar outro material para a programação da emissora. Ao mesmo tempo em que não há uma “cerimônia” para a saída momentânea do âncora, não há uma tentativa de esconder o ocorridos dos ouvintes.

Tatiana Vasconcellos – Fernando, *podemo*?

Fernando Andrade – Sim, saio.

Tatiana Vasconcellos – Ahn?

Fernando Andrade – *Vô fazê* uma gravação agora. Volto em trinta minutos.

Tatiana Vasconcellos – Ih, *começô*. *Começô* o golpe.

Fernando Andrade – *Tá bom*?

Tatiana Vasconcellos – Oh o golpe.

Fernando Andrade – *O Mundo em meia-hora*, todo sábado às nove da manhã. Beijo, até já.

Tatiana Vasconcellos – Quatro e quinze, se você não *tivé* aqui, não entra. (CBN, 25 mar. 2021b).

O comentário semanal de Patrícia Kogut, colunista de televisão, é mais um momento em que se desenvolve um bate-papo no *Estúdio CBN*. A jornalista dá dicas de filmes e séries ao público.

[Vinheta]

Tatiana Vasconcellos – *Chegô* a comentarista mais animada *dessa rádio*, Patrícia Kogut. Tudo bem?

Patrícia Kogut – Tudo bem, gente? Como é que *cê tá*, Tatiana? Como *cê tá*, Fernando?

Tatiana Vasconcellos – O Fernando não *tá* hoje, ele deu uma escapadela *pra gravá o Mundo em meia-hora*. Mas a gente *tá* indo, *né*, Patrícia. Aquela coisa, um dia de cada vez, cumprindo a nossa função, *né*, desempenhando aqui da melhor maneira que a gente consegue o nosso ofício. (CBN, 25 mar. 2021b).

Após Kogut dar sua dica de filme, Tatiana fala de outra sugestão dada pela jornalista e compartilha um pouco de seus hábitos pessoais com os ouvintes.

Patrícia Kogut – Vale a pena, viu?

Tatiana Vasconcellos – Ah, bem legal. Hoje é quinta. Hum, fim de semana *tá* aí. Talvez hoje até. Quem sabe hoje à noite. Pode ser.

Patrícia Kogut – Quem sabe, quem sabe. Depois tu me *conta*.

Tatiana Vasconcellos – Eu vi o primeiro episódio da *Nevenka*⁶⁹.

Patrícia Kogut – O *que* que *cê achô*?

Tatiana Vasconcellos – Ai, Patrícia. Eu tive um pouco de problema com o primeiro episódio. Não fiquei com vontade de *vê* o segundo. Eu *vô tentá* de novo. (CBN, 25 mar. 2021b).

Na abertura do bate-papo com o comentarista João Marcelo Bôscoli, Tatiana Vasconcellos percebe o barulho do vento no local onde o produtor musical está.

Tatiana Vasconcellos – E aí, João. Onde é que *cê tá*? No alto da montanha, com *essa ventania*?

João Marcelo Bôscoli – *Tá* muito barulho? *Vô fechá* aqui.

Tatiana Vasconcellos – Só dá *pra percebê* que tem um ventinho rolando e tal.

João Marcelo Bôscoli – É importante *pra* não *deixá* o vírus...

⁶⁹ Referência à série documental *Nevenka – Quebrando o silêncio*.

Tatiana Vasconcellos – Isso! Perfeitamente, ambientes ventilados. *Cê tá onde?*

João Marcelo Bôscoli – Eu tô dentro do táxi, indo *buscá* meu filho menor.

Tatiana Vasconcellos – Dentro do táxi com os vidros abertos. Muito bem. (CBN, 25 mar. 2021b).

O tema do comentário é a banda Bee Gees. Ao contar um pouco da história do conjunto, Bôscoli surpreende os apresentadores ao imitar o tom de voz dos integrantes do grupo, em falsete.

João Marcelo Bôscoli – Eu tô separando *essa* faixa que fala da *Lights of Broadway*, que depois *virô* *Nights of Broadway*, que é o título definitivo, porque foi a primeira vez que o Barry Gibb fez o “ah-ah”, fez o falsetezinho dele lá.

Tatiana Vasconcellos – Oi?

João Marcelo Bôscoli – É o “ah-ah”. Sabe esse negócio que ele faz?

[Risos]

Fernando Andrade – Parece um bicho!

Tatiana Vasconcellos – Parece uma gralha!

João Marcelo Bôscoli – Quem canta bem, canta. Quem não canta, parece um bicho. Pelo menos, eu tenho vergonha na cara e não gravo discos, não gravo faixas.

Tatiana Vasconcellos – Só fala no rádio *pra* todo Brasil, *pra* todo mundo. Mas *gravá* não. (CBN, 25 mar. 2021b).

O colunista repete o grito outras quatro vezes, arrancando risadas de Tatiana Vasconcellos. Após o comentário, a apresentadora brinca com os gritos e o fato de Bôscoli ter feito o comentário a bordo de um táxi.

Tatiana Vasconcellos – Mas tem os ouvintes dizendo aqui que ele vai *ganhá* nota baixa do motorista... [Risos] do aplicativo, depois desse grunhido que ele deu no ouvido do pobre motorista Marcelo. (CBN, 25 mar. 2021b).

A edição de quinta-feira do *Estúdio CBN* termina com o bloco dedicado ao futebol, seguido do mesmo clipe veiculado no *CBN Brasil*, em homenagem às vítimas da covid-19.

No programa de sexta-feira, 26 de março, é promovida a chamada “aglomeração”. Ao contrário do que o nome possa sugerir, ainda mais no contexto da covid-19, trata-se da reunião virtual dos apresentadores com todos os colunistas do *Estúdio CBN* em um bate-papo na parte final da atração.

Na abertura, ao cumprimentar Fernando Andrade, Tatiana Vasconcellos faz uma pergunta de teor íntimo ao colega, para depois justificar o motivo da questão – uma das pautas do programa.

Tatiana Vasconcellos – Quanto tempo faz que *cê*... Qual foi a última vez que você chorou?

Fernando Andrade – Hoje.

Tatiana Vasconcellos – Hoje de manhã...

Fernando Andrade – Talvez a gente ouça novamente durante o programa.

Tatiana Vasconcellos – Ah, que legal. Quero *chorá* também. *Vamo trazê*.

Fernando Andrade – E faz tão bem.

Tatiana Vasconcellos – Ai, faz. Dá uma esperança, *né*.

Fernando Andrade – Sabe, uma choradinha sempre resolve. Desopila.

Tatiana Vasconcellos – Oh, dá até *pra vê* no seu figurino, cara, que deu uma melhoria no astral. *Tá* bonito com sua camisa de estampas botânicas.

Fernando Andrade – Por que que *cê* *perguntô* qual foi a última vez que eu chorei?

Tatiana Vasconcellos – Porque hoje a gente vai *falá* sobre um livro chamado *Homens pretos (não) choram*, do Stefano Volp. Ele é escritor, roteirista. Vai *tá* com a gente a partir das duas e meia da tarde. (CBN, 26 mar. 2021b).

Após os destaques de abertura, Tatiana Vasconcellos faz um convite para o público e menciona o chamado recesso sanitário vigente em São Paulo, onde as autoridades alteraram datas de feriados na tentativa de reduzir a circulação de pessoas na rua e, conseqüentemente, a disseminação do coronavírus.

Tatiana Vasconcellos – Seja bem-vinda, seja bem-vindo. Fique à vontade. Eu espero que você não esteja dando mole por aí no meio *desse* nosso feriadão, *desse* nosso recesso sanitário. A gente fala “feriadão”, parece algo festivo, *né*, mas não é. *Esse* feriadão foi decretado justamente *pra tentá diminuí* o contágio da covid-19. Então, você, na medida do possível, fique em casa. Se você não *tá* trabalhando hoje, olha que grande oportunidade você tem de *ouví* o *Estúdio CBN* do começo ao fim. Olha que beleza. *Cê* pode nos *vê*, inclusive, se você *quisé*. Até passei um batom hoje *pra te recebê*. (CBN, 26 mar. 2021b).

Nas edições de sexta-feira, o *Estúdio CBN* conta com a participação de um repórter da Rádio França Internacional, emissora pública do país europeu para o estrangeiro.

Tatiana Vasconcellos – Como toda sexta-feira, a gente dá um pulo em Paris *pra conversá* com o pessoal da Rádio França Internacional. Hoje o papo é com Silvano Mendes. Tudo bem, Silvano?

Silvano Mendes – Olá. Bom dia, boa tarde, Tatiana. Boa tarde, Fernando. *Bonjour*⁷⁰ a todos por aí. (CBN, 26 mar. 2021b).

Em meio ao programa, a conexão de Tatiana Vasconcellos, que participa direto de sua casa, cai. Fernando Andrade explica aos ouvintes e prossegue com a condução do *Estúdio CBN*.

Fernando Andrade – Ela vai *vê* o que vai *fazê*. Talvez vá até a rádio. A gente tem feito isso com certa frequência, que é *pra ficá* em casa, que é *pra ficá*, *evitá* qualquer problema etc. Então, daqui a pouco, a Tati volta. Então, eu *vô seguí* aqui. (CBN, 26 mar. 2021b).

Em meio à entrevista com o escritor Stefano Volp, Andrade faz um pedido que evidencia uma das preocupações do rádio contemporâneo, quando muitas emissoras, entre elas a CBN, fazem transmissões também em vídeo.

Fernando Andrade – Volp, queria te *pedí* uma gentileza. A imagem *tá* bem legal aqui no YouTube, *pra* quem *tá* acompanhando a gente, mas o som *tá* um pouquinho distante. *Cê* pode *chegá* um pouquinho mais perto do microfone do computador? Eu acho que vai *melhorá* a nossa comunicação aqui. (CBN, 26 mar. 2021b).

Quando Andrade questiona o escritor sobre o título do livro, *Homens pretos (não) choram*, e o fato da palavra “não” estar entre parênteses, a resposta espontânea de Volp acaba por reforçar o caráter de bate-papo da entrevista.

Fernando Andrade – Mas o “não” *tá* em parênteses. Por quê?

Entrevistado – O “não” *tá* em parênteses porque a gente chora e chora *pra* caralho. Chora *pra* caramba, perdão. Eu sou um cara que chora.

Fernando Andrade – [Risos] A Tati *perguntô* pra mim hoje quando *começô* o programa: “Quando foi a última vez que você chorou?”. Hoje de manhã. Hoje de manhã, eu ouvi um relato de um senhor de 71 anos, que *tomô* a vacina. Ele fez um relato apoiando o SUS. Aí, ele começou a *chorá*, eu comecei a *chorá*. (CBN, 26 mar. 2021b).

A entrevista é interrompida pelo noticiário e o intervalo comercial. Na volta, Tatiana Vasconcellos já está presente, desta vez nos estúdios da CBN.

Tatiana Vasconcellos – Oi!

⁷⁰ “Bom dia” em francês.

Fernando Andrade – Aha! Tatiana...

Tatiana Vasconcellos – *Cê piscô*, eu saio de um lugar. Quase nunca aconteceu antes, *né*, gente. Sei lá, é a terceira vez que isso acontece.

Fernando Andrade – Gostaria de te *apresentá* uma figura massa que a gente *tá* conversando, Stefano Volp.

Entrevistado – Oi, tudo bem?

Tatiana Vasconcellos – Tudo bem, tudo certo. Tirando essa correria aí de *sai* correndo de casa, *largá* equipamento tudo lá, *metê* uma roupa apresentável, *chamá* um carro, vir correndo *pro* estúdio, *tá* tudo certo.

Fernando Andrade – *Tava* de roupa *home-office*.

Tatiana Vasconcellos – É, aquela que é só a parte de cima. Sabe, assim, *cê* põe aquele *short* de *corrê* e uma camisa? (CBN, 26 mar. 2021b).

Em mais um giro de reportagem, ocorrem sucessivas quedas de sinal durante os boletins ao vivo. Tatiana Vasconcellos reage, bem humorada, após mais um episódio.

Fernando Andrade – Agora sim, a participação da Aléxia Souza, do Rio de Janeiro. Oi, Aléxia, boa tarde.

[Silêncio]

Tatiana Vasconcellos – Eita, que hoje acho que só Deus, *pra* quem acredita nele. *Vamo* lá, gente. *Vamo fazê* essa força, *essa* corrente de pensamento *pra* que Deus... Deus, interfere na tecnologia aqui porque *tá* barra. (CBN, 26 mar. 2021b).

A chamada “aglomeração” de sexta-feira inicia na última hora do programa. Tatiana Vasconcellos comenta que um dos participantes, João Marcelo Bôscoli, não foi localizado pela equipe de produção.

Tatiana Vasconcellos – Bom, tem comentarista que a gente não *tá* conseguindo *localizá*. *Cê* tem meia chance *pra* *adivinhá* quem é.

Fernando Andrade – João.

Tatiana Vasconcellos – Não sei o que a gente faz com o João mais. Realmente... (CBN, 26 mar. 2021b).

Com a ausência de mais uma participante, a conversa se torna, na prática, uma extensão do comentário de Pasquale Cipro Neto, sobre a língua portuguesa, e o bloco do esporte, com um bate-papo sobre a história do goleiro Barbosa, que defendeu a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1950.

4.5 Cada Mañana

O programa *Cada Mañana* tem duração aproximada de quatro horas e é apresentado por Marcelo Longobardi e conta com a participação de María Isabel Sánchez, o humorista Rolo Villar, Willy Kohan, o repórter esportivo Leandro Buonsante e Alberto Cormillot, alguns deles por telefone, em razão do teletrabalho.

Chama atenção que os primeiros minutos da atração são dedicados a duas músicas. A primeira é a canção *Energía*, composta por Leo Sujatovich e interpretada por Mateo Sujatovich. A música lembra canção *Amanhecendo*, composta por Billy Blanco em 1974 e orquestrada pelo maestro Francisco de Moraes (MENEZES, 2007, p. 59), tocada na abertura da programação da Rádio Jovem Pan, de São Paulo. Segundo Menezes, a referida música provoca nos ouvintes a criação de “nexos e sentidos” a fim de “imaginarmos um conjunto de cenas nas quais de alguma maneira nos sentimos incluídos” (2007, p. 60).

Energía

*Alegría, alegría,
se siente en el aire todo el día.
Energía, energia,
Se siente cuando estoy en compañía.*

*Cada mañana enciendo mis ganas
de saber lo que pasa en el mundo.
Cada mañana salgo a la vida
soñando con mi futuro.*

*Toda la tarde te imagino,
acompañando mi camino.
Toda la noche yo te escucho,
como susurro en mis oídos.*

*Alegría, alegría,
esos sonidos que acarician.
Energía, energia,
que a toda hora me ilumina.*

*Yo te creo,
yo te sigo,
te acompaño,
yo te quiero.
Yo te escucho,
yo te sigo,
te acompaño,
yo te quiero. (ENERGÍA, 2016)*

Energia

*Alegria, alegria,
se sente no ar todo o dia
Energia, energia,
Se sente quando estou em companhia.*

*Cada manhã ligo meus desejos
de saber o que ocorre no mundo.
Cada manhã saio à vida
sonhando com meu futuro.*

*Toda a tarde te imagino,
acompanhando meu caminho.
Toda a noite eu te escuto,
como sussurro em meus ouvidos.*

*Alegria, alegria,
esses sons que acariciam.
Energia, energia,
que a toda hora me ilumina.*

*Eu te acredito,
eu te sigo,
te acompanho,
eu te amo.
Eu te escuto,
eu te sigo,
te acompanho,
eu te amo.*

Em seguida, é reproduzida a música *Shape of My Heart*, composta por Gordon Sumner e Dominic Miller e interpretada por Sting, para só então Marcelo Longobardi iniciar a apresentação. No dia 5 de abril de 2021, a abertura se deu da seguinte maneira:

Marcelo Longobardi – Muy bien, son las seis de la mañana y seis minutos en toda nuestra República Argentina. Hola, ¿qué tal? Muy buenos días y bienvenidos a este día lunes 5 de abril de 2021. (RADIO MITRE, 5 abr. 2021a)^{71 72}.

Na sequência, Longobardi chama cada um de seus companheiros de bancada, os cumprimentando com desejos de beijos e abraços, além de perguntar sobre o fim de semana dos colegas.

Marcelo Longobardi – Un beso para los dos y un saludo, por supuesto, para el doctor Alberto Cormillot. Alberto, buen día.

Alberto Cormillot – Buen día, Marcelo. ¿Como estás?

Marcelo Longobardi – ¿Qué hacés, doc? (RADIO MITRE, 5 abr. 2021a)⁷³.

Após comentários iniciais, sobre o início da semana durante o isolamento social durante a pandemia, o programa confere as condições do tempo na região de Buenos Aires e a previsão para o restante da semana.

Em meio ao boletim de María Isabel Sánchez, Longobardi comenta, indicando surpresa, “*mirás vos*” (RADIO MITRE, 5 abr. 2021a)⁷⁴, adotando o chamado *voseo*, em que se usa o pronome da segunda pessoa do plural “vos” em vez de “tú” com a conjugação irregular do verbo. O *voseo* é uma forma de expressão que expressa “familiaridade, informalidade, relação de intimidade e amizade entre os interlocutores” (FERNANDES, 2002, p. 32). Segundo a pesquisadora, a conjugação verbal do pronome “vos” na Argentina e no Uruguai é monotongada, ou seja, com a supressão do ditongo dos verbos flexionados na segunda pessoa do plural,

⁷¹ Opta-se pela transcrição das falas em espanhol, a fim de destacar as frases da forma como foram faladas originalmente, com as traduções em português em notas de rodapé. Da mesma maneira que os exemplos brasileiros, as palavras pronunciadas de modo informal são demarcadas em itálico nas transcrições das falas.

⁷² Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Muito bem, são seis da manhã e seis minutos em toda nossa República Argentina. Olá, como estão as coisas? Muito bom dia e bem-vindos a esta segunda-feira, 5 de abril de 2021”.

⁷³ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Um beijo para os dois e uma saudação, claro, para o doutor Alberto Cormillot. Alberto, bom dia. **Alberto Cormillot** – Bom dia, Marcelo. Como está? **Marcelo Longobardi** – Faz o que, doutor?”.

⁷⁴ Tradução nossa: “Veja você”.

“vosotros”, equivalente ao “vós” do português. No exemplo citado anteriormente, a forma regular do *voseo* “*mirás vos*” (RÁDIO MITRE, 5 abr. 2021a) seria “*miráis vos*”.

Nos programas de rádio, os ouvintes que participam estabelecem o mesmo tipo de tratamento, assim como os políticos costumam ‘vosear’ entre eles. [...] Para Fontanela de Weinberg (1994, p. 5)⁷⁵, o *voseo* é a característica que define o espanhol argentino e uruguaio por tratar-se de um fenômeno que afeta seu paradigma pronominal e verbal tanto na linguagem escrita como na oral. Os falantes nativos já o tem tão interiorizado que, no momento em que necessitam escrever, sentem-se indecisos entre a norma que aprenderam na escola e a norma de uso cotidiano. (FERNANDES, 2002, p. 33).

Em seguida, Longobardi chama Leandro Buonsante pelo apelido “Lean”, para que o colega atualize as informações do futebol no fim de semana. Ao relatar um caso de racismo no futebol europeu, o comunicador não titubeia ao descrever o episódio, repetindo a expressão ofensiva, o que, no Brasil, seria evitado:

Leandro Buonsante – Se vio un grave caso de racismo con el francés Diakhaby, jugador del Valencia, en el partido con Cádiz. Un rival, Juan Cala le dijo “negro de mierda”. (RADIO MITRE, 5 abr. 2021a)⁷⁶.

Após os destaques de abertura, a bancada do *Cada Mañana* fala do contágio por coronavírus do presidente argentino, Alberto Fernández. Nesse momento, o tom do programa é de sobriedade. Com raras intervenções dos integrantes do programa, Longobardi um comentário opinativo sobre o assunto, ampliando a situação da pandemia no mundo e no país, tecendo críticas ao ritmo da vacinação na Argentina e à política econômica do governo. O bloco dura, aproximadamente, trinta minutos.

Na volta do intervalo comercial, os comunicadores retomam o bate-papo da abertura do programa. Ao falar de um anunciante, o humorista Rolo Villar faz uma brincadeira com a situação dos preços no país:

Rolo Villar – Como cambiaron los tiempos. Mi abuelo compró en cuotas la casa. Mi viejo compró en cuotas el auto. Y yo compré en cuotas el huevo de Pascua. (RADIO MITRE, 5 abr. 2021a)⁷⁷.

Longobardi se dirige pessoalmente aos colegas e ao público com pronomes:

⁷⁵ FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. El español bonaerense, cuatro siglos de evolución lingüística. In: HIPOGROSSO, C. Recompilaciones sobre la situación actual del español. Montevideú (Uruguai): 1994. p. 5-14.

⁷⁶ Tradução nossa: “**Leandro Buonsante** – Se viu um grave caso de racismo com o francês Diakhaby, jogador do Valência, na partida com o Cádiz. Um rival, Juan Cala lhe disse: ‘negro de merda’”.

⁷⁷ Tradução nossa: “**Rolo Villar** - Como mudaram os tempos. Meu avô comprou, em prestações, a casa. Meu pai comprou, em prestações, o carro. E eu comprei, em prestações, o ovo de Páscoa”.

Marcelo Longobardi – Les cuento que el Banco Central pretende ahora saber quiénes están comprando criptomonedas. (RADIO MITRE, 5 abr. 2021a)⁷⁸.

Ao demonstrar sua irritação com a política econômica do governo, o apresentador afirma aos colegas que tentará manter a compostura:

Marcelo Longobardi – Por acá nos metemos en un capítulo complicadísimo, en resumen, y voy a procurar a no perder la compostura.

Integrante da equipe – Tranquilo, Marcelo.

María Isabel Sánchez – Tratemos de que no.

Marcelo Longobardi – Cosa que, por supuesto, no puedo garantizar. (RADIO MITRE, 5 abr. 2021a)⁷⁹.

Longobardi, mais adiante, dentro de outro comentário político, fala de suas visitas a presidentes argentinos, dividindo suas experiências pessoais, ainda que não sejam hábitos em comum com a grande maioria da população. O relato é constantemente interrompido pelos colegas de bancada, com breves falas irônicas:

Marcelo Longobardi – ¿Yo les puedo a contar mis casos?

María Isabel Sánchez – Dale.

Marcelo Longobardi – Yo visité el presidente Macri en varias oportunidades tanto en la Quinta de Olivos cuanto en la Casa Rosada, incluso he visitado algún fin de semana en su quinta particular. He visitado al presidente Fernández.

Integrante da equipe – Sí.

Marcelo Longobardi – Él tuvo la gentileza de invitarme a almorzar a la Quinta de Olivos hace un... año pasado. Y yo fui.

María Isabel Sánchez – ¡No, Marcelo! ¿Como hiciste eso? ¿Como hiciste eso?

Integrante da equipe – No, Marcelo. No.

Marcelo Longobardi – es más, en varias oportunidades visité el presidente Kirchner. Y en dos o tres de ellas, visité a la señora de Kirchner, que me invitó a conversar con ella. En su momento, visité el presidente Duhalde.

Integrante da equipe – No, a Duhalde no.

⁷⁸ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Conto a vocês que o Banco Central pretende agora saber quem está comprando criptomoedas”.

⁷⁹ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Por acá nos metemos en un capítulo complicadísimo, en resumen, y voy a procurar a no perder la compostura. **Integrante da equipe** – Tranquilo, Marcelo. **María Isabel Sánchez** – Tratemos de que no. **Marcelo Longobardi** – Cosa que, por supuesto, no puedo garantizar”.

Marcelo Longobardi – Lo hizo también a presidente Menem. Incluso estando preso.

María Isabel Sánchez – *Sos un delincuente serial.*

Marcelo Longobardi – Y, es más. En su oportunidad, visité ya en su condición de expresidente al doctor Alfonsín, en su casa en avenida Santa Fe. (RADIO MITRE, 5 abr. 2021a)⁸⁰.

Por seu posicionamento político, Longobardi faz uso constante da ironia e do sarcasmo para abordar as questões do país, inclusive contando com um humorista entre os membros de sua equipe. Há algumas inserções de personagens, com o aproveitamento de trilhas e efeitos sonoros. Na conversa com Willy Kohan, percebe-se o compartilhamento de hábitos cotidianos comuns entre radialistas e público:

Willy Kohan – Buen día, chicos. Hola, Marce querido, ¿como anda?

Marcelo Longobardi – Muy bien, muy bien, Willy. De todo corazón y con onda, debo primero darte una noticia. Anoche me despertaste.

Willy Kohan – Otra vez Marcelo, a las once de la noche. Mandé mensaje a las once de la noche.

Marcelo Longobardi – Cuando veo mensajes, yo me asusto, yo vivo preocupado, Willy. No estás considerando esto.

Willy Kohan – Me arrepentí por el horario. Pensé que era las diez y cuarto, miré mal. Cuando miré el reloj, era las once.

Marcelo Longobardi – El mensaje era, ciertamente, muy interesante y lo respondí, incluso, dormido.

Willy Kohan – Me llamó la atención. [Risos] (RADIO MITRE, 5 abr. 2021a)⁸¹.

⁸⁰ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Eu posso contar meus casos? **María Isabel Sánchez** – Sim. **Marcelo Longobardi** – Eu visitei o presidente Macri em várias oportunidades tanto na Quinta de Olivos quanto na Casa Rosada, inclusive o visitei em algum fim de semana em sua quinta particular. Visitei o presidente Fernández. **Integrante da equipe** – Sim. **Marcelo Longobardi** – Ele teve a gentileza de me convidar para almoçar na Quinta de Olivos faz um... ano passado. E eu fui. **María Isabel Sánchez** – Não, Marcelo! Como fizeste isso? Como fizeste isso? **Integrante da equipe** – Não, Marcelo. Não. **Marcelo Longobardi** – Mais, em várias oportunidades visitei o presidente Kirchner. E, em duas ou três delas, visitei a senhora de Kirchner, que me convidou a conversar com ela. Em seu momento, visitei o presidente Duhalde. **Integrante da equipe** – Não, Duhalde não. **Marcelo Longobardi** – Também o fiz com o presidente Menem. Inclusive estando preso. **María Isabel Sánchez** – É um delinquente em série. **Marcelo Longobardi** – E mais. Em sua oportunidade, visitei, já em sua condição de ex-presidente Alfonsín, em sua casa na avenida Santa Fé”.

⁸¹ Tradução nossa: “**Willy Kohan** – Bom dia, meninos. Olá, Marce querido, como anda? **Marcelo Longobardi** – Muito bem, muito bem, Willy. De todo coração e com humor, devo primeiro te dar uma notícia. Noite passada, me despertaste. **Willy Kohan** – Outra vez Marcelo, às onze da noite. Mandeí mensagem às onze da noite. **Marcelo Longobardi** – Quando vejo mensagens, eu me assusto, eu vivo preocupado, Willy. Não estás considerando isto. **Willy Kohan** – Me arrependi pelo horário. Pensei que era dez e quinze, olhei mal. Quando olhei o relógio, era

É possível ouvir risadas, interjeições e reações dos comunicadores enquanto outro fala. O *voseo* é bastante escutado no programa, com os comunicadores se dirigindo aos outros como “vos” e conjugando os verbos no modo irregular condizendo com essa adaptação do pronome.

No programa de 6 de abril, Marcelo Longobardi cumprimenta os demais falando em abraços e beijos. Em seguida, o apresentador fala com cada um dos companheiros de bancada.

Marcelo Longobardi – Es un gusto enorme para mi estar con todos ustedes hoy, así, que abrazos y besos para los oyentes que están con nosotros en Argentina y en el mundo a esta hora de la mañana y, por supuesto, saludo especial para los integrantes del equipo de *Cada Mañana*. (RADIO MITRE, 6 abr. 2021a)⁸².

María Isabel Sánchez se refere aos colegas como “chicos”, podendo ser traduzido como “garotos” em português. Em seguida, Marcelo Longobardi cumprimenta Leandro Buonsante mencionando os apelidos dos filhos do colega.

Marcelo Longobardi – El papá de Nachito y de Fede, no.

Leandro Buonsante – Exactamente.

Marcelo Longobardi – Has pensado en abandonar esa casa, ¿no?

Leandro Buonsante – Uh.

Marcelo Longobardi – [Risos] es un chiste, que se portan mal. Una broma, tomaste en serio. Pobres criaturas.

Leandro Buonsante – No, no. Yo lo me tomé en serio, pero todo bien. (RADIO MITRE, 6 abr. 2021a)⁸³.

María Isabel Sánchez apresenta as condições do tempo do dia e para o restante da semana, passagem seguida pela agenda dos campeonatos de futebol, com Buonsante. Na sequência, Longobardi faz uma longa análise do andamento da vacinação.

onze. **Marcelo Longobardi** – A mensagem era, certamente, muito interessante e te respondi, inclusive, dormindo. **Willy Kohan** – Me chamou a atenção.”

⁸² Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – É um prazer enorme para mim estar com todos vocês hoje, assim, que abraços e beijos para os ouvintes que estão conosco na Argentina e no mundo a esta hora da manhã e, claro, saudação especial para os integrantes da equipe do *Cada Mañana*.”

⁸³ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – O papai de Nachito e de Fede, não. **Leandro Buonsante** – Exatamente. **Marcelo Longobardi** – Você pensou em abandonar essa casa, não? **Leandro Buonsante** – Uh. **Marcelo Longobardi** – [Risos] É uma piada, que se comportam mal. Uma brincadeira, levou a sério. Pobres criaturas. **Leandro Buonsante** – Não, não. Eu levei a sério, mas tudo bem.”

Marcelo Longobardi – Quería decir que nuestro ritmo vacunatorio es lentísimo. ¿Argentina no puede vacunar trescientas mil personas por día? Y yo no estoy viendo que alguien se preocupe demasiado por esto ni entiendo quién es el jefe de esto. ¿Quién es el responsable argentino de la vacunación?

María Isabel Sánchez – Carla Vizzotti⁸⁴.

Marcelo Longobardi – No de la compra de la vacunación, pero la vacunación. [Es] decir, lo que hacemos con las vacunas a la vez que las vacunas llegan a Ezeiza⁸⁵. No lo sé. La doctora Vizzotti va al Congreso ofrecer explicaciones. No sé, el presidente, Cristina Kirchner, Máximo Kirchner, Sergio Massa, Axel Kicillof⁸⁶. (RADIO MITRE, 6 abr. 2021a)⁸⁷.

Longobardi fala, ainda, da situação dos hospitais públicos e privados do país e da situação da pandemia no exterior. Em uma análise da política internacional, o âncora trata com ironia a aprovação de um mecanismo que permite a reeleição na Rússia, país presidido por Vladimir Putin. O apresentador se refere ao mandatário russo como aliado do governo argentino, uma vez que a Casa Rosada comprou vacinas contra o coronavírus produzidas no país europeu.

Marcelo Longobardi – Les cuento que ayer se consagró finalmente la norma que le permite a nuestro socio y aliado, el señor Vladimir Putin, perpetuarse en el poder hasta el año dos mil treinta y pico. (RADIO MITRE, 6 abr. 2021a)⁸⁸.

A cada bloco, Rolo Villar faz comentários anedóticos relacionados aos assuntos do dia. Após novo boletim de destaques esportivos, o humorista diz a Longobardi:

Rolo Villar – Marcelo, Corea del Norte no envía sus atletas a las olimpiadas de Tokio para protegerlos del covid. Pobres norcoreanos, ni así pueden salir del país. Corea del Norte es un país donde hombres y mujeres tienen los mismos derechos, ninguno. (RADIO MITRE, 6 abr. 2021a)⁸⁹.

⁸⁴ Ministra da Saúde argentina.

⁸⁵ Aeroporto na província de Buenos Aires.

⁸⁶ Respectivamente, vice-presidente, deputado e filho da vice-presidente, presidente da Câmara dos Deputados e governador da província de Buenos Aires.

⁸⁷ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Quería dizer que o nosso ritmo de vacinação está lentíssimo. A Argentina não pode vacinar trezentas mil pessoas por dia? E eu não estou vendo que alguém se preocupe demais com isso e eu não entendo quem é o chefe disso. Quem é o responsável argentino pela vacinação? **María Isabel Sánchez** – Carla Vizzotti. **Marcelo Longobardi** – Não da compra da vacina, mas da vacinação. [É] dizer, o que fazemos com as vacinas no momento em que as vacinas chegam a Ezeiza. Não sei. A doutora Vizzotti vai ao Congresso oferecer explicações. Não sei, o presidente, Cristina Kirchner, Máximo Kirchner, Sergio Massa, Axel Kicillof.”

⁸⁸ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Conto a vocês que ontem se consagrou finalmente a norma que permite a nosso sócio e aliado, o senhor Vladimir Putin, se perpetuar no poder até o ano de dois mil e trinta e poucos.”

⁸⁹ Tradução nossa: “**Rolo Villar** – Marcelo, Coreia do Norte não envia seus atletas às olimpíadas de Tóquio para os proteger da covid. Pobres norte-coreanos, nem assim podem sair do país. Coreia do Norte é um país onde homens e mulheres têm os mesmos direitos, nenhum.”

Os comentários de María Isabel Sánchez sobre as condições do tempo são, constantemente, adjetivados.

Marcelo Longobardi – Muy bien, son las siete y cinco pasaditas.

María Isabel Sánchez – Sí, y nueve, y nueve.

Marcelo Longobardi – Y nueve minutos, exactamente. El tiempo en Buenos Aires, por favor.

María Isabel Sánchez – Temperaturas de 21 grados y una décima, y vamos a tener un lindo día com la máxima de 28 grados hoy. (RADIO MITRE, 6 abr. 2021a)⁹⁰.

Mais adiante, María Isabel Sánchez passa a comentar notícias e curiosidade do mundo das celebridades da televisão e das redes sociais, no que os argentinos chamam de “farándula”, no quadro *Resumen Blue*.

María Isabel Sánchez – es la hora, es la hora, la hora indicada para levantar al ánimo de gente, para hablar de otros temas, porque hay una realidad paralela. Hay una realidad *blue*, Marcelo, que pasa en la televisión. En la televisión y en las redes sociales. (RADIO MITRE, 6 abr. 2021a)⁹¹.

Após a leitura do patrocínio do quadro, uma vinheta descreve, de forma irônica, os assuntos tratados pela apresentadora.

Locutor – Para que tengas un día diferente, feliz, alegre y informado. Para que salgas de tu casa cargado de noticias. Para que, en tu trabajo, tengas temas de que hablar. La información que realmente interesa en la Argentina y en el mundo está en el resumen de María Isabel Sánchez.

María Isabel Sánchez – Bueno, Marcelo. Empezó el programa nuevo de Jorge Rial, que se llama *TV Nostra*, y empezó, nada más ni nada menos, con Matías Morla. Las cosas que dijo el abogado, o el exabogado, de Diego Maradona... Las cosas que dijo. Por ejemplo: “A Maradona lo mató Rocío Olivo, la cuarentena y la parte médica”. Después dijo que Maradona tenía duda sobre la paternidad de Junior, de su hijo mayor, el italiano, porque su mamá estuvo con sus hermanos. ¡Tremendo! (RADIO MITRE, 6 abr. 2021a)⁹².

⁹⁰ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Muito bem, são sete e cinco passados. **María Isabel Sánchez** – Sim, e nove, e nove **Marcelo Longobardi** – E nove, exatamente. O tempo em Buenos Aires, por favor. **María Isabel Sánchez** – Temperaturas de 21 graus e um décimo, e vamos ter um lindo dia, com máxima de 28 graus hoje.”

⁹¹ Tradução nossa: “**María Isabel Sánchez** – É a hora, é a hora, a hora indicada para levantar o ânimo da gente, para falar de outros temas, porque há uma realidade paralela. Há uma realidade blue, Marcelo, que passa na televisão. Na televisão e nas redes sociais.”

⁹² Tradução nossa: “**Locutor** – Para que tenha um dia diferente, feliz, alegre e informado. Para que saia de tua casa carregado de notícias. Para que, em seu trabalho, tenha temas dos quais falar. A informação que realmente interessa na Argentina e no mundo está no resumo de María Isabel Sánchez. **María Isabel Sánchez** – Bem, Marcelo. Começou o programa novo de Jorge Rial, que se chama *TV Nostra*, e começou, nada mais, nada menos, com Matías

Sem ser interrompida, a não ser por breves interjeições dos demais, Sánchez segue comentando sobre a vida de celebridades, inclusive fazendo uso de palavras que poderiam ser consideradas de baixo calão.

María Isabel Sánchez – Bueno, Marcelo. Mariano Iúdica fue durísimo con los que hacen fiestas clandestinas. Dijo: “No sé, son pelotudos”. (RADIO MITRE, 6 abr. 2021a)⁹³.

O isolamento social durante a pandemia – e que na Argentina foi tema de divisão social em razão da extensão das medidas de contenção (SMINK, 24 ago. 2020) – também é um dos temas das conversas entre os apresentadores, quando falam de uma pessoa que decidiu deixar o país.

María Isabel Sánchez – La verdad es que el año pasado no lo pasamos muy bien, Marcelo. Todos encerrados, con la actividad económica...

Marcelo Longobardi – Entiendo que es libre para ir, para volver, para venir a donde mejor le resulta. Yo escuché alguna controversia sobre el tema, pero me pareció muy menor. Si quiere vivir afuera, que viva afuera. Si quiere volver, que vuelva.

María Isabel Sánchez – Sí, cuantos argentinos viven afuera, ¿Marcelo?

Marcelo Longobardi – Obviamente. Si le parece toxica la Argentina, alguna razón debe tener.

María Isabel Sánchez – Aparte lo que dice, es bastante coherente, no. Acá hemos vivido encerrados un año y no resolvimos la pandemia.

Marcelo Longobardi – Yo quedo bastante peor que él.

María Isabel Sánchez – Ah, ¿sí?

Marcelo Longobardi – Sí, porque me resulta toxica... [Risos] No poder ir a ninguna parte. (RADIO MITRE, 6 abr. 2021a)⁹⁴.

Morla. As coisas que disse o advogado, ou o ex-advogado, de Diego Maradona... As coisas que disse. Por exemplo: ‘A Maradona, mataram Rocío Olivo, a quarentena e a parte médica’. Depois disse que Maradona tinha dúvida sobre a paternidade de Junior, de seu filho maior, o italiano, porque sua mamãe esteve com seus irmãos. Tremendo!’”

⁹³ Tradução nossa: “**María Isabel Sánchez** – Bueno, Marcelo. Mariano Iúdica foi duríssimo com os que fazem festas clandestinas. Disse: ‘Não sei se são idiotas’.”

⁹⁴ Tradução nossa: “**María Isabel Sánchez** – A verdade é que não passamos muito bem o ano passado, Marcelo. Todos trancados, com atividade econômica... **Marcelo Longobardi** – Entendo que você é livre para ir, para voltar, para vir aonde for melhor para você. Ouvi alguma controvérsia sobre o assunto, mas me pareceu muito menor. Se quer morar fora, more fora. Se quiser voltar, volte. **María Isabel Sánchez** – Sim, quantos argentinos vivem fora, Marcelo? **Marcelo Longobardi** – Obviamente. Se a Argentina lhe parece tóxica, deve ter algum motivo. **María Isabel Sánchez** – Fora o que disse, é bastante coerente, não. Aqui vivemos trancados há um ano e não resolvemos a pandemia. **Marcelo Longobardi** – Estou muito pior do que ele. **María Isabel Sánchez** – Ah, sim? **Marcelo Longobardi** – Sim, porque acho tóxico... [Risos] Não poder ir a nenhuma parte.”

Os demais programas mantêm a estrutura de abertura tradicional, com a música e a apresentação de Longobardi, que prossegue analisando os temas do dia, principalmente os referentes à pandemia e à política, na Argentina e no mundo. No dia 7 de abril, o âncora destaca ter muitos assuntos para discorrer, de modo informal, ao dialogar com os colegas.

Marcelo Longobardi – Es un día de verano acá en Buenos Aires.

María Isabel Sánchez – Totalmente.

Marcelo Longobardi – Totalmente de verano. Es una lástima tener que trabajar tanto, ¿no? Un abrazo para el señor Leandro Buonsante también. Lean, buen día.

Leandro Buonsante – Qué tal, Marcelo. ¿Como te vas? Buen día. ¿Todo bien?

Marcelo Longobardi – Yo no sé vos, pero yo estoy tapado de cosas. (RADIO MITRE, 7 abr. 2021a)⁹⁵.

Longobardi comenta a situação da pandemia nos países vizinhos, Uruguai e Brasil.

Marcelo Longobardi – Les cuento que el país que tiene hoy la mayor tasa de contagio, no la mayor cantidad, sino la mayor tasa, el porcentaje de la población de contagios en el mundo entero es Uruguay. Obviamente, les cuento también que Brasil es un verdadero desastre. Ayer superó los cuatro mil muertos por primera vez. Cuatro mil doscientos y pico, creo. Es una cifra algo mayor que ya el récord que habían tenido en los últimos días. (RADIO MITRE, 7 abr. 2021a)⁹⁶.

Comentando sobre a vacinação contra a covid-19, ainda em seu longo comentário, Marcelo Longobardi fala do desenvolvimento de novos imunizantes.

Marcelo Longobardi – Hay un proyecto, que va a tomar tiempo, de una vacuna desarrollada por el Ejército de los Estados Unidos. Es un tema de ayer. Es una vacuna que prevé proteger las personas contra cualquier variante surgida de coronavirus durante la pandemia. Y yo lo comenté algo antes de ayer, pero tengo un poco más de información sobre el tema. Hay un desarrollo en los Estados Unidos de una vacuna que se conoce por una sigla NDV-HXP-S, que podría producirse cómo se producen las vacunas de la gripe, dentro de los huevos de una gallina. ¿Sabía de eso? (RADIO MITRE, 7 abr. 2021a)⁹⁷.

⁹⁵ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – É um dia de verão aqui em Buenos Aires. **María Isabel Sánchez** – Totalmente. **Marcelo Longobardi** – Totalmente de verão. É uma tristeza ter que trabalhar tanto, não? Um abraço para o senhor Leandro Buonsante também. Lean, bom dia. **Leandro Buonsante** – Que tal, Marcelo. Como vai? Bom dia. Tudo bem? **Marcelo Longobardi** – Eu não sei você, mas eu estou cheio de coisas.”

⁹⁶ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Digo a vocês que o país que hoje tem a maior taxa de contágio, não a maior quantidade, mas a maior taxa, o percentual da população de contágios no mundo inteiro é o Uruguai. Obviamente, também digo a vocês que o Brasil é um verdadeiro desastre. Ontem ultrapassou quatro mil mortes pela primeira vez. Quatro mil e duzentas e poucas, creio. É um número um pouco maior do que o recorde que tiveram nos últimos dias.”

⁹⁷ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Há um projeto, que vai demorar, para uma vacina desenvolvida pelo Exército dos Estados Unidos. É um assunto de ontem. É uma vacina que pretende proteger as pessoas contra

Mais adiante, a política fiscal do governo argentino é tema de bate-papo entre o apresentador e os comentaristas, nota-se o tom irônico com o qual tratam da questão.

Marcelo Longobardi – Al mismo tiempo, ayer se anunció una flexibilización de cepo cambiario para empresas que inviertan en la Argentina más de cien millones de dólares.

[Ruído com os lábios]

Integrante da equipe – Dios mío. ¿Cien millones?

Marcelo Longobardi – [Risos] Obviamente, esto es difícil que ocurra, ¿no es cierto? Pero en el caso de que alguien lo invierta en la Argentina cien millones de dólares, el incentivo consiste, según leo en los diarios, en hacerle más flexible el cepo cambiario. Las empresas que hagan semejante inversión podrán disponer libremente del veinte por ciento de los dólares generados por las exportaciones incrementales...

María Isabel Sánchez – Ah, ahora sí. Ahora sí.

Marcelo Longobardi – Estamos totalmente salvados. El presidente Fernández argumentó ayer – el presidente sigue bien, por lo que yo sé. No vi el último parte médico, pero me imagino que estará prácticamente recuperado, lo cierto, o cerca de hacerlo. El presidente dijo ayer: “Queremos proteger al que confíe y invierta en la Argentina”.

María Isabel Sánchez – Qué suerte.

Integrante da equipe – Bien, bien.

Marcelo Longobardi – El ministro Kulfas⁹⁸ indicó que este régimen generó un marco de mayor previsibilidad y un régimen especial de acceso al mercado de cambios por grandes inversores. Totalmente ridículo. (RADIO MITRE, 7 abr. 2021a)⁹⁹.

qualquer variante do coronavírus surgida durante a pandemia. E comentei um pouco anteontem, mas tenho um pouco mais de informação sobre o assunto. Há um desenvolvimento nos Estados Unidos de uma vacina que se conhece pela sigla NDV-HXP-S, que poderia ser produzida da mesma forma que as vacinas contra a gripe são produzidas, dentro dos ovos de uma galinha. Sabia disso?”

⁹⁸ Matías Kulfas, ministro de Desenvolvimento Produtivo da Argentina.

⁹⁹ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Ao mesmo tempo, ontem se anunciou uma flexibilização do controle cambiário para empresas que investem na Argentina mais de cem milhões de dólares. [Ruído com os lábios] **Integrante da equipe** – Meu Deus. Cem milhões? **Marcelo Longobardi** – [Risos] Obviamente, isso é difícil que ocorra, não é certo? Mas no caso de que alguém invista na Argentina cem milhões de dólares, o incentivo consiste, segundo leio nos jornais, em fazer mais flexível o controle cambiário. As empresas que façam semelhante investimento poderão dispor livremente de vinte por cento dos dólares gerados pelas exportações incrementais... **María Isabel Sánchez** – Ah, agora sim. Agora sim. **Marcelo Longobardi** – Estamos totalmente salvos. O presidente Fernández argumentou ontem – o presidente segue bem, pelo que eu sei. Não vi o último boletim médico, mas imagino que estará praticamente recuperado, certamente, ou cerca de estar. O presidente disse ontem: ‘Queremos proteger a quem confie e invista na Argentina’. **María Isabel Sánchez** – Que sorte. **Integrante da equipe** – Bem, bem. **Marcelo Longobardi** – O ministro Kulfas indicou que este regime gerou um marco de maior previsibilidade e um regime especial de Acesso ao mercado de câmbios por grandes investidores. Totalmente ridículo.”

Longobardi segue analisando os temas do dia, sendo pontuado por interjeições e comentários breves dos demais componentes da bancada do *Cada Mañana*, como quando fala do estado de saúde de um opositor do presidente russo Vladimir Putin, a quem chama de *zar* (“czar”, em espanhol) preso em Moscou.

Marcelo Longobardi – En las últimas horas, Alexei Navalny reportó tener algo parecido al covid.

María Isabel Sánchez – ¿Cómo “algo parecido”?

Marcelo Longobardi – Bueno, los síntomas de covid, fiebre, dolor muscular y problemas respiratorios. Por en tanto el intento ayer de varios médicos de verificar el estado de salud del señor Navalny, inclusive exigieran verlo. Y en ese grupo de gente había periodistas, incluido uno de la cadena CNN. Terminaron dos presos.

María Isabel Sánchez – No te puedo creer.

Marcelo Longobardi – Exactamente, dos presos. El periodista de CNN, el corresponsal de CNN en Moscú, lo liberaron rápidamente para evitar un escándalo, lo imagino. El colega se llama Matthew Chance, que es el corresponsal de CNN en Moscú. Pero los médicos, todavía, no fueron liberados. (RADIO MITRE, 7 abr. 2021a)¹⁰⁰.

Depois da análise dos assuntos do dia, Longobardi fica ofegante e pede para que María Isabel Sánchez confira a temperatura em Buenos Aires, no que a apresentadora, de pronto, afirma que o colega ficou “esgotado”:

Marcelo Longobardi – [Suspiro] La temperatura en Buenos Aires, María, por favor.

María Isabel Sánchez – Quedaste agotado, Marcelo, 22 grados y medio actual, se esperan treinta lo máximo para hoy.

Marcelo Longobardi – Lo que tengo son dudas. A ver, que tengo muchas dudas. Yo no sé por qué, no lo creo en nada. ¿Qué me puede pasar, doctor?

Alberto Cormillot – Que está conectado con la realidad, Marcelo.

¹⁰⁰ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Nas últimas horas, Alexei Navalny reportou ter algo parecido à covid. **María Isabel Sánchez** – Como ‘algo parecido’? **Marcelo Longobardi** – Bem, os sintomas de covid, febre, dor muscular e problemas respiratórios. Por isso a tentativa ontem de vários médicos de verificar o estado de saúde do senhor Navalny, inclusive exigiram vê-lo. E, nesse grupo de gente, havia jornalistas, inclusive um da rede CNN. Terminaram presos. **María Isabel Sánchez** – Não posso acreditar. **Marcelo Longobardi** – Exatamente, dois presos. O jornalista da CNN, o correspondente da CNN em Moscou, o liberaram rapidamente para evitar um escândalo, imagino. O colega se chama Matthew Chance, que é o correspondente da CNN em Moscou. Mas os médicos, ainda, não foram liberados.”

Marcelo Longobardi – [Risos] (RADIO MITRE, 7 abr. 2021a)¹⁰¹.

Em mais um giro esportivo, Leandro Buonsante fala dos atletas infectados por coronavírus.

Leandro Buonsante – Por la hora el fútbol no se va a parar, “porque el virus se trae desde afuera, no está en todas las canchas”, hasta que tienen cuenta que los jugadores, técnicos o otro personaje para relacionar un plantel no es una máquina, no es un robot. Va a un supermercado, va a un cumpleaños, se junta con amigos, se descuida, se relaja. (RADIO MITRE, 7 abr. 2021a)¹⁰².

No *Resumen Blue* da edição de 7 de abril, María Isabel Sánchez cumprimenta ouvintes fãs do quadro e um que faz aniversário naquela data. Mais adiante, ela conversa com Longobardi sobre uma ex-participante de um *reality show* que passa a trabalhar em uma emissora de rádio concorrente, sem pudor de mencionar a profissional, o programa e a emissora em questão.

María Isabel Sánchez – ¿Qué va a hacer ahora? Va a trabajar en la radio, Marcelo. Todos vienen a la radio, esto me preocupa.

Marcelo Longobardi – [Risos]

María Isabel Sánchez – Porque esto significa que, en breve, nos podemos quedar sin trabajo. Decís que nuestro horario no lo quiere a nadie. Ese es lo que nos protege, nos salva de que no los saquen lo trabajo. Claudia Villafañe va a ser columnista de radio en la AM 750 del Grupo Octubre en el programa de Tití Fernández. Así que le damos las bienvenidas a el mundo del periodismo.

Rolo Villar – Bienvenida, Claudia Villafañe, al mundo del periodismo. (RADIO MITRE, 7 abr. 2021a)¹⁰³.

Minutos depois, Marcelo Longobardi e María Isabel Sánchez conversam sobre um programa de calouros na televisão com a participação de famosos.

¹⁰¹ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – [Suspiro] A temperatura em Buenos Aires, María, por favor.

María Isabel Sánchez – Ficou esgotado, Marcelo, 22 graus y meio no momento, se esperam trinta, o máximo para hoje. **Marcelo Longobardi** – O que tenho são dúvidas. A ver, que tenho muitas dúvidas. E não sei por que, não creio em nada. O que pode estar acontecendo comigo, doutor? **Alberto Cormillot** – Que está conectado com a realidade, Marcelo. **Marcelo Longobardi** – [Risos]”

¹⁰² Tradução nossa: “**Leandro Buonsante** – Por enquanto, o futebol não vai parar, ‘porque o vírus é trazido de fora, não está em todos os estádios’, até que se deem conta de que os jogadores, técnicos ou outro personagem para relacionar um time não é uma máquina, um robô. Vai a um supermercado, vai a um aniversário, se junta com os amigos, se descuida, se relaja.”

¹⁰³ Tradução nossa: “**María Isabel Sánchez** – O que vai fazer agora? Vai trabalhar no rádio, Marcelo. Todos vêm ao rádio, isto me preocupa. **Marcelo Longobardi** – [Risos] **María Isabel Sánchez** – Porque isto significa que, em breve, podemos ficar sem trabalho. Diga que, nosso horário, ninguém quer. Isso é o que nos protege, nos salva de que não nos tirem o trabalho. Claudia Villafañe vai ser colunista de rádio na AM 750 do Grupo Octubre no programa de Tití Fernández. Assim, que damos as boas-vindas ao mundo do jornalismo. **Rolo Villar** – Bem-vinda, Claudia Villafañe, ao mundo do jornalismo.”

Marcelo Longobardi – Perdón, ¿todo eso en un solo programa de televisión?

María Isabel Sánchez – Sí, en el programa de Tinelli¹⁰⁴, *La Academia*.

Marcelo Longobardi – Ah, en el programa de Tinelli.

María Isabel Sánchez – Claro, porque van a hacer todo el tipo de... ¿Para cuándo vos, Marcelo? Ya va Débora Pláger¹⁰⁵, el mundo del periodismo está incursionando también en la farándula.

Marcelo Longobardi – No puedo porque tengo compromisos ya asumidos.

María Isabel Sánchez – Pero vos ya *cantás*, Marcelo.

Marcelo Longobardi – Yo he cantado, sí, pero en el momento no lo hago profesionalmente. Por otra parte, este... Yo no sé si participaría de un programa onda hay tanta gente. (RADIO MITRE, 7 abr. 2021a)¹⁰⁶.

Sánchez brinca com a fala Longobardi, dizendo que o colega tem transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) por não querer participar de um programa com “tanta gente”, fazendo com que o apresentador peça ajuda para o médico Alberto Cormillot.

María Isabel Sánchez – ¿Otro TOC más que *tenés*, Marcelo? Eso no lo tenías antes.

Marcelo Longobardi – No, es una preferencia personal. Usted no puede confundir. A ver, Alberto, *ayudáme, defendeme*.

María Isabel Sánchez – Es otro TOC.

Alberto Cormillot – No hay que medicalizarlo.

Marcelo Longobardi – No hay que criminalizar todo, no hay que medicalizar todo. Yo tengo preferencias personales y eso no puede ser considerado una dolencia, un síndrome, una enfermedad o un TOC. (RADIO MITRE, 7 abr. 2021a)¹⁰⁷.

¹⁰⁴ Marcelo Tinelli, apresentador de televisão argentino.

¹⁰⁵ Débora Pláger, jornalista argentina.

¹⁰⁶ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Perdão, tudo isso em somente um programa de televisão? **María Isabel Sánchez** – Sim, no programa de Tinelli, *La Academia*. **Marcelo Longobardi** – Ah, no programa de Tinelli. **María Isabel Sánchez** – Claro, porque vão fazer todo o tipo de... Para quando você, Marcelo? Já vai Débora Pláger, o mundo do jornalismo está incursionando também no mundo das celebridades. **Marcelo Longobardi** – Não posso porque tenho compromissos já assumidos. **María Isabel Sánchez** – Mas você já canta, Marcelo. **Marcelo Longobardi** – Eu cante, sim, mas no momento não faço profissionalmente. Por outro lado, este... Eu não sei se participaria de um programa no qual há tanta gente.”

¹⁰⁷ Tradução nossa: “**María Isabel Sánchez** – Outro TOC mais que tem, Marcelo? Esse não tinha antes. **Marcelo Longobardi** – Não, é uma preferência pessoal. Você não pode confundir. A ver, Alberto, me ajuda, me defende. **María Isabel Sánchez** – É outro TOC. **Alberto Cormillot** – Não há que medicá-lo. **Marcelo Longobardi** – Não tem que criminalizar tudo, não tem que medicar tudo. Eu tenho preferências pessoais e isso não pode ser considerado uma doença, uma síndrome, uma enfermidade ou um TOC.”

Naquela edição, ainda, Rolo Villar interpreta a personagem Narciso, um fantasma que participa do *Cada Mañana*.

[Efeitos sonoros de porta rangendo e uivos]

Rolo Villar interpretando Narciso – Marceloooo...

Marcelo Longobardi – Ay, Narciso. Buen día, buen día.

Rolo Villar interpretando Narciso – Marcelitooo...

Marcelo Longobardi – “Marcelito”. Buen día, ¿cómo le va? Que gusto saludarlo.

Rolo Villar interpretando Narciso – Es un placer enorme estar en tu programa.

Marcelo Longobardi – Igualmente en recibirlo. No le puedo ver, pero lo escucho. (RADIO MITRE, 7 abr. 2021a)¹⁰⁸.

No dia 8 de abril de 2021, antes de analisar os temas do dia, Marcelo Longobardi cumprimenta o público e fala, adotando um tom bastante pessoal, com os demais integrantes do *Cada Mañana*, já antecipando os assuntos que gostaria de tratar.

Marcelo Longobardi – Es un gran gusto para mi estar con todos ustedes hoy, por supuesto. Un gran beso y abrazo para todos los oyentes que están despiertos a esta hora con nosotros en la Argentina y en gran parte del mundo. Y estamos encantados, yo, por lo menos, en encontrar el equipo de *Cada Mañana*, que está, a pesar de todas las cosas que pasan en Argentina, están firmes todos los santos días de la vida, empezando por María.

María Isabel Sánchez – Buen día, buen día, Marcelo. Hola, chicos. ¿Como están todos?

Marcelo Longobardi – Cómo estamos?

María Isabel Sánchez – Muy bien, todo bien, Marcelo. Todavía, es verano acá.

Marcelo Longobardi – Todavía, es verano. Sí, sí. Mucho calor en Buenos Aires. ¿Estás bien?

María Isabel Sánchez – Sí, sí. Muy bien, todo bien, Marcelo.

¹⁰⁸ Tradução nossa: “**Rolo Villar interpretando Narciso** – Marceloooo... **Marcelo Longobardi** – Ai, Narciso. Bom dia, bom dia. **Rolo Villar interpretando Narciso** – Marcelitooo... **Marcelo Longobardi** – ‘Marcelito’. Bom dia, como vai? Que prazer saudá-lo. **Rolo Villar interpretando Narciso** – É um prazer enorme estar em seu programa. **Marcelo Longobardi** – Igualmente é recebê-lo. Não o posso ver, mas te escuto.”

Marcelo Longobardi – Muchos besos. Y un abrazo para el señor Rolo Villar, que permanece allí encerrado en una torre en la Ciudad, en Balcarce¹⁰⁹. Buen día.

Rolo Villar – Un buen día para todos. ¿Como estás, Marcelo? Bárbaro.

Marcelo Longobardi -Muy bien. Bajo control, digamos. Hay un tema, un temita. Hay un temita de ayer que me molestó mucho, de la actualidad argentina. Uno solo. Que tiene que ver con el ocurrido de la vacunación ayer en el estadio de fútbol.

Rolo Villar – Una vergüenza. (RADIO MITRE, 8 abr. 2021a)¹¹⁰.

Mais adiante, reforçando o papel da previsão do tempo como forma de vinculação no programa, María Isabel Sánchez orienta o público para que leve guarda-chuva ao sair de casa.

María Isabel Sánchez – Veinte y dos grados ocho de temperatura a esta hora, 77 por ciento la humedad. Hoy tendremos treinta grados de máxima, pero, a partir de la tarde, llueve y, a la noche, llueve fuerte. Así que, si van a volver tarde, que lleven paraguas. (RADIO MITRE, 8 abr. 2021a)¹¹¹.

Quando debatem sobre as medidas de restrição de circulação anunciadas para tentar conter a disseminação do coronavírus, os apresentadores falam dos documentos exigidos para acessar determinados serviços.

Marcelo Longobardi – Las personas mayores que aún tienen, además, el viejo DNI – creo que, en Argentina, tenemos mucho trámite, viste – hay un número en el nuevo DNI¹¹² que se llama el número de trámite. Vos *tenés* el número de DNI. Catorce millones no sé cuánto es el mío. Pero, en un lugar chiquitito, chiquitito, aparece una cosa llamada número de trámite, que vos, para los trámites, incluso los de la pandemia, los *tenés* que poner. *Tenés* que poner ese número estúpido.

¹⁰⁹ Rua de Buenos Aires.

¹¹⁰ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – É um grande prazer para mim estar com todos vocês hoje, claro. Um grande beijo e abraço para todos os ouvintes que estão acordados a esta hora conosco na Argentina e em grande parte do mundo. E estamos encantados, eu, pelo menos, em encontrar a equipe do *Cada Mañana*, que está, apesar de todas as coisas que acontecem na Argentina, estão firmes todos os santos dias da vida, empezando por María. **María Isabel Sánchez** – Bom dia, bom dia, Marcelo. Olá, meninos. Como estão todos? **Marcelo Longobardi** – Como estamos? **María Isabel Sánchez** – Muito bem, muito bem, Marcelo. Todavía, é verão aqui. **Marcelo Longobardi** – Todavía, é verão. Sim, sim. Muito calor em Buenos Aires. Está bem? **María Isabel Sánchez** – Sim, sim. Muito bem, tudo bem, Marcelo. **Marcelo Longobardi** – Muitos beijos. E um abraço para o senhor Rolo Villar, que permanece ali fechado em uma torre na Cidade, em Balcarce. Bom dia. **Rolo Villar** – Um bom dia para todos. Como está, Marcelo? Bárbaro. **Marcelo Longobardi** – Muito bem. Sob controle, digamos. Tem um assunto, um assuntinho. Tem um assuntinho de ontem que me incomodou muito, da atualidade argentina. Só um. Que tem a ver com o acontecido da vacinação ontem no estádio de futebol. **Rolo Villar** – Uma vergonha.”

¹¹¹ Tradução nossa: “**María Isabel Sánchez** – Vinte e dois vírgula oito graus de temperatura a esta hora, 77 por cento de umidade. Hoje teremos trinta graus de máxima, mas, a partir da tarde, chove e, à noite, chove forte. Assim que, se vão voltar tarde, que levem guarda-chuva.”

¹¹² Sigla em espanhol para Documento Nacional de Identidade.

Leandro Buonsante – Ya me lo perdí la memoria, Marcelo.

Marcelo Longobardi – En el DNI viejo, no existe el número de trámite.

María Isabel Sánchez – Claro.

Marcelo Longobardi – Entonces, hay un montón de complicación para las personas mayores que no pueden anotarse porque no tienen el DNI tarjeta, tienen DNI libreta. Son las maravillas de un país que resuelve cambiar su formato de documento a cada tres años.

Leandro Buonsante – Son once números en el número de trámite. Once. Yo no sé el mío. (RADIO MITRE, 8 abr. 2021a)¹¹³.

Ao listar os novos protocolos adotados no país, Marcelo Longobardi diz estar confuso, o que provoca brincadeiras dos demais.

Marcelo Longobardi – Yo tengo acá la lista de los lugares más afectados, se me permite, un segundo... La verdad, que los confieso, estoy un poquito desordenado, en resumen.

María Isabel Sánchez – Ah, sí. ¿Te quedaste dormido, Marcelo?

Marcelo Longobardi – No, no me quede dormido, es que estoy tapado por la información. Son 87, perdóname, los departamentos considerados de alto riesgo por covid en la Argentina. La Ciudad de Buenos Aires, 43 municipios de la Provincia de Buenos Aires y departamentos de trece provincias. Permítame volver un segundo para tras, hay muchos casos en Mendoza. (RADIO MITRE, 8 abr. 2021a)¹¹⁴.

Longobardi se exalta, ainda que mantenha o tom de voz sóbrio, ao comentar as reações políticas às restrições anunciadas pelo governo, citando os nomes de duas lideranças, Patricia

¹¹³ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – As pessoas mais velhas que ainda não tem, ademais, o velho DNI – creio que, na Argentina, temos muita burocracia, viu – tem um número no novo DNI que se chama o número de procedimento. Você tem o número do DNI. Quatorze milhões não sei quanto é o meu. Mas, em um lugar pequeninho, pequeninho, aparece uma coisa chamada número de procedimento, que você, para os procedimentos, inclusive os da pandemia, tem que colocar. Tem que colocar esse número estúpido. **Leandro Buonsante** – Já perdi a memória, Marcelo. **Marcelo Longobardi** – No DNI velho, não existe o número de procedimento. **María Isabel Sánchez** – Claro. **Marcelo Longobardi** – Então, tem um montão de complicação para as pessoas mais velhas que não podem anotar porque não têm o cartão DNI, têm o DNI livreto. São as maravilhas de um país que resolve mudar seu formato de documento a cada três anos. **Leandro Buonsante** – São onze números no número de procedimento. Onze. Não sei o meu.”

¹¹⁴ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Eu tenho aqui a lista dos lugares mais afetados, se me permite, um segundo... A verdade, que confesso a vocês, estou um pouquinho desordenado, em resumo. **María Isabel Sánchez** – Ah, sim. Ficou adormecido, Marcelo? **Marcelo Longobardi** – Não, não fiquei adormecido, é que estou coberto de informação. São 87, me desculpa, os departamentos considerados de alto risco por covid na Argentina. A Cidade de Buenos Aires, 43 municípios da Província de Buenos Aires e departamentos de treze províncias. Me permita voltar um segundo para trás, há muitos casos em Mendoza.”

Bullrich, do partido opositor de centro-direita Juntos por el Cambio, e Máximo Kirchner, do Partido Justicialista, de situação, e do movimento social La Cámpora.

Marcelo Longobardi – Algunas lamentables controversias políticas de un lado y de otro. La señora Bullrich planteando “vamos a resistir” y Máximo Kirchner y La Cámpora planteando que el Juntos por el Cambio busca el colapso del sistema sanitario y usa el dolor para dividir y tienen las mentes perversas.

Integrante da equipe – *Mirás vos.*

Marcelo Longobardi – Toda discusión totalmente estúpida entre líderes políticos que no deberían decir esta cantidad de imbecilidades que irritan más, que irritan más lo que estamos. (RADIO MITRE, 8 abr. 2021a)¹¹⁵.

No programa de sexta-feira, 9 de abril, os apresentadores falam dos impactos das medidas de restrições, que passam a valer naquela data.

Marcelo Longobardi – Estamos aquí, obviamente, listos con nuestro resumen de hoy, viernes, que incluye, por supuesto, pilas de asuntos de esta pesadilla llamada pandemia más algunos temas económicos y políticos importantes en nuestra vida argentina por estas horas. (RADIO MITRE, 9 abr. 2021a)¹¹⁶.

Por vezes, os integrantes da bancada do *Cada Mañana* relatam o que acontece em suas rotinas pessoais, uma vez que também sofrem ou percebem os reflexos das políticas de combater ao coronavírus.

Marcelo Longobardi – Cómo estamos, María, ¿bien?

María Isabel Sánchez – Bien, bien, bien. Con una calle totalmente desierta hoy.

Marcelo Longobardi – Sí, sí.

María Isabel Sánchez – Llegué a la radio y, bueno, otro panorama, ¿no?

Marcelo Longobardi – Sí, sí, claro, claro, por supuesto. Vamos a informar bastante sobre el estado de cosas al respecto de las restricciones que operan desde hoy, sobre todo por la noche, cierto.

[...]

¹¹⁵ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Algumas lamentáveis controvérsias políticas de um lado e de outro. A senhora Bullrich sugerindo ‘vamos resistir’ e Máximo Kirchner e La Cámpora sugerindo que o Juntos por el Cambio busca o colapso do sistema sanitário e usa a dor para dividir e têm as mentes perversas. **Integrante da equipe** – Veja. **Marcelo Longobardi** – Toda discussão totalmente estúpida entre líderes políticos que não deveriam dizer esta quantidade de imbecilidades que irritam mais, irritam mais o que já estamos.”

¹¹⁶ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Estamos aqui, obviamente, prontos com nosso resumo de hoje, sexta-feira, que inclui, claro, pilhas de assuntos deste pesadelo chamado pandemia mais alguns temas econômicos e políticos importantes em nossa vida argentina por estas horas.”

Marcelo Longobardi – Un abrazo también para Rolo Villar. Hola, Rolo, buen día.

Rolo Villar – Qué tal, Marcelo. Un buen día a todos, ¿cómo están?

Marcelo Longobardi – Cómo están todos ahí, ¿bien?

Rolo Villar – Todos muy tranquilos aquí, acá duermen todos.

Marcelo Longobardi – [Risos] Balcarce duerme.

Rolo Villar – Balcarce duerme en silencio.

Marcelo Longobardi – Así van a ser las noches por tres semanas. (RADIO MITRE, 9 abr. 2021a)¹¹⁷.

O comentarista esportivo Leandro Buonsante lembra do assunto tratado no dia anterior, a exigência de documento para acessar determinados serviços públicos, e comenta com os demais que precisou apresentar sua identificação para andar de metrô.

Leandro Buonsante – Ayer, en el Subte¹¹⁸, yendo a mi trabajo a la tarde en la tele, me pidieron el DNI.

Marcelo Longobardi – Ah, *mirás vos*.

Leandro Buonsante – No hay que perder tiempo.

María Isabel Sánchez – ¿El DNI o la autorización?

Leandro Buonsante – Perdón. *Tenés razón*. La aplicación Cuidar¹¹⁹.

Marcelo Longobardi – Y tenías?

Leandro Buonsante – Sí, claro. Lo había actualizado, porque ya tenía. Y, bueno, me apareció bien porque no hay que perder tiempo.

María Isabel Sánchez – La actualicé a noche también, porque tenía que venir a la radio. (RADIO MITRE, 9 abr. 2021a)¹²⁰.

¹¹⁷ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Como estamos, María, bem? **María Isabel Sánchez** – Bem, bem, bem. Com uma rua totalmente deserta hoje. **Marcelo Longobardi** – Sim, sim. **María Isabel Sánchez** – Cheguei à rádio e, bem, outro panorama, não? **Marcelo Longobardi** – Sim, sim, claro, claro, lógico. Vamos informar bastante sobre o estado de coisas a respeito das restrições que funcionam desde hoje, sobretudo pela noite, certo. [...] **Marcelo Longobardi** – Um abraço também para Rolo Villar. Olá, Rolo, bom dia. **Rolo Villar** – Que tal, Marcelo. Um bom dia a todos, como estão? **Marcelo Longobardi** – Como estão todos aí, bem? **Rolo Villar** – Todos muito tranquilos aqui, aqui dormem todos. **Marcelo Longobardi** – [Risos] Balcarce dorme. **Rolo Villar** – Balcarce dorme em silêncio. **Marcelo Longobardi** – Assim vão ser as noites por três semanas.”

¹¹⁸ Subte é a marca que designa a empresa Subterráneos de Buenos Aires Sociedad del Estado, que opera o metrô na cidade.

¹¹⁹ Referência ao certificado de circulação, Disponível no aplicativo Cuidar, do governo argentino.

¹²⁰ Tradução nossa: “**Leandro Buonsante** – Ontem, no Subte, indo a meu trabalho à tarde na TV, me pediram o DNI. **Marcelo Longobardi** – Ah, veja você. **Leandro Buonsante** – Não tem que perder tempo. **María Isabel**

Ao falar da pandemia, Marcelo Longobardi compara a situação da Argentina com a de outros países, como faz diversas vezes. Em um dos comentários, o jornalista fala da situação do Brasil, destacando estudos feitos pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) acerca das variantes do coronavírus.

Marcelo Longobardi – Les cuento que – eso me contó Juan muy temprano – hay un instituto en Brasil que llama Fiocruz, que es, de una suerte, equivalente al Instituto Pasteur. Es un instituto de investigación. ¿Sabes cuántas... cuántas, este... Cuántas cepas he identificado en Brasil?

María Isabel Sánchez – ¿Cuántas?

Marcelo Longobardi – Noventa y dos.

María Isabel Sánchez – Eh...

Integrante da equipe – Uh...

Marcelo Longobardi – Ayer Brasil tuvo cuatro mil y trescientos muertos. (RADIO MITRE, 9 abr. 2021a)¹²¹.

Mais adiante, Longobardi fala da compra de vacinas contra a covid-19 na Europa e recorre à memória dos colegas e do público para falar da Eslováquia.

Marcelo Longobardi – Los países empiezan a actuar de individual, fuera de los dictados y las reglas de Unión Europea. En este contexto, ocurrió un episodio rarísimo de un país que está mucho afectado por los casos, que es Eslovaquia. Ustedes recuerdan de la Checoslovaquia, de Unión Soviética. Bueno, cuando se cae el Muro de Berlín y se cae la Unión Soviética, estos países dividen se. Está la República Checa, está la Eslovaquia. (RADIO MITRE, 9 abr. 2021a)¹²².

Longobardi faz uso de expressões populares para retratar uma disputa política entre governo e oposição na Argentina, demonstrando sua insatisfação com a forma que ocorre o debate no país.

Sánchez – O DNI ou a autorização? **Leandro Buonsante** – Perdão. Tem razão. O aplicativo Cuidar. **Marcelo Longobardi** – E tinha? **Leandro Buonsante** – Sim, claro. Tinha atualizado, porque já tinha. E, bem, me pareceu bom porque não tem que perder tempo. **María Isabel Sánchez** – Atualizei à noite também, porque tinha que vir à rádio.”

¹²¹ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Conto para vocês que – isso me contou Juan muito cedo – tem um instituto no Brasil que chama Fiocruz, que é, de certa forma, equivalente ao Instituto Pasteur. É um instituto de pesquisa. Sabem quantas, quantas, este... Cuantas cepas identificaram no Brasil? **María Isabel Sánchez** – Quantas? **Marcelo Longobardi** – Noventa e duas. **María Isabel Sánchez** – Eh... **Integrante da equipe** – Uh... **Marcelo Longobardi** – Ontem Brasil teve quatro mil e trezentos mortos.”

¹²² Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Os países começam a atuar de [modo] individual, fora dos ditames e as regras da União Europeia. Neste contexto, ocorreu um episódio estranhíssimo de um país que está muito afetado pelos casos, que é Eslováquia. Vocês lembram da Tchecoslováquia, da União Soviética. Bem, quando cai o Muro de Berlim e cai a União Soviética, estes países se dividem. Está a República Tcheca, está a Eslováquia.”

Marcelo Longobardi – Ayer se armó un lío. Obviamente, esta pavorosa... Contaré en la segunda parte del resumen. Entre un fuera de órbita presidente Alberto Fernández y una oposición que, tampoco, está muy alineada, digamos, con la sensatez. Fue un día de muchos insultos, de mucha locura, de muchos cruces, una cosa muy penosa, en la realidad, en la verdad. Penosa para la imagen del presidente, penosa para la Argentina y, sobre todo, penosa para nosotros, que asistimos a un espectáculo en que esa gente se califica de “imbécil”, de “barra brava”¹²³. La verdad es que fue un espanto. (RADIO MITRE, 9 abr. 2021a)¹²⁴.

Naquela edição, a equipe do *Cada Mañana* também comenta sobre a atuação de ladrões que assaltam, a bordo de motocicletas, pedestres e motoristas. Na Argentina, esse tipo de criminoso é chamado popularmente de *motochorro*, uma junção das palavras *moto*, de motocicleta, e *chorro*, de ladrão.

Marcelo Longobardi – Bueno, tenemos dos episodios... Un episodio grave de inseguridad ocurrido aquí en Escobar, en la Provincia de Buenos Aires, cuando un grupo de motochorros mataron a un señor llamado Zenón Martínez, de 45 años, nacido en Potosí, en Bolivia, que iba a buscar con su camioneta a su esposa que llegaba a una parada de colectivo. Así que el tema motochorros sigue estando en la agenda de los argentinos e de los bonaerenses en particular todos los días. (RADIO MITRE, 9 abr. 2021a)¹²⁵.

Ainda que, em boa parte do programa, o apresentador simule uma conversa com os ouvintes em vez de manter um verdadeiro diálogo com os demais integrantes do *Cada Mañana* – que se limitam a interjeições e breves comentários, a não ser quando tratam dos assuntos de suas especialidades – nota-se um ritmo de bate-papo, pois não se observa uma linearidade nos temas abordados. Um exemplo é o retorno do Brasil ao debate, após já ter sido mencionado anteriormente. Desta vez, Longobardi analisa uma declaração do vice-presidente brasileiro Hamilton Mourão sobre a economia argentina.

Marcelo Longobardi – Bueno, ayer el vicepresidente de Brasil, que es un señor bastante poco presentable, como su jefe, el presidente Bolsonaro, un tal *Jamilton Mouráo*¹²⁶, es su nombre, dijo que “Argentina es un mendigo eterno”. Uh...

¹²³ Termo argentino que designa torcidas organizadas de times de futebol.

¹²⁴ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Ontem se armou uma confusão. Obviamente, esta pavorosa... Contarei na segunda parte do resumo. Entre um fora de órbita presidente Alberto Fernández e uma oposição que, tampoco, está muito alinhada, digamos, com a sensatez. Foi um dia de muito insultos, muita loucura, muitos embates, uma coisa muito lamentável, na realidade, na verdade. Lamentável para a imagem do presidente, lamentável para a Argentina e, sobretudo, lamentável para nós, que assistimos a um espetáculo em que essa gente se qualifica de ‘imbécil’, de ‘barra brava’. A verdade é que foi um espanto.”

¹²⁵ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Bem, temos dois episódios... Um episódio grave de insegurança ocorrido aqui em Escobar, na Província de Buenos Aires, quando um grupo de *motochorros* matou um senhor chamado Zenon Martínez, de 45 anos, nascido em Potosí, na Bolívia, que ia buscar com sua caminhonete sua esposa que chegava a uma parada de ônibus. Assim que o tema *motochorros* segue estando na agenda dos argentinos e dos bonaerenses em particular todos os dias.”

¹²⁶ Destaca-se a pronúncia incorreta do nome de Hamilton Mourão.

Integrante da equipe – Mirás.

[Risos]

Marcelo Longobardi – Bueno, “y, que si Brasil quiebra, vamos a terminar como Argentina”, dijo. Una cosa bastante lamentable. (RADIO MITRE, 9 abr. 2021a)¹²⁷.

Poucos minutos depois, quando falam de descobertas arqueológicas no Egito, os apresentadores adotam um tom mais leve. Enquanto o assunto se desenvolve, toca ao fundo a fanfarra *Sunrise*, trecho de *Also sprach Zarathustra*, de Richard Strauss, popularmente conhecida como parte da trilha sonora do filme de ficção científica *2001: Uma Odisseia no Espaço*.

Marcelo Longobardi – Egipto anunció en las últimas horas uno de los hallazgos arqueológicos más importantes de la historia. Encontraron los restos de la famosísima ciudad de Luxor.

Integrante da equipe – Mirás vos.

Marcelo Longobardi – Ciertamente que tiene, básicamente, unos tres mil años. Las imágenes son increíbles, del hogar encontrado. Así que, el año que viene, podríamos encabezar una misión de la Argentina y de la Albertolandia para establecer relaciones con esta gente y con la ciudad de Luxor.

Rolo Villar – Marcelo, hay que recordar que, cuándo el doctor Cormillot conoció el Egipto, no estaban las pirámides.

[Risos]

Marcelo Longobardi – El hallazgo tiene tres mil años de antigüedad, las imágenes son increíbles. Saben que, en Egipto, hay un Ministerio de Antigüedades. Acá también hay, digamos, pero se dedica a la economía. Allá se dedica a la arqueología. Eventualmente, el doctor y yo iremos a explorar a los restos de la histórica y fundamental ciudad de Luxor, vecina...

Alberto Cormillot – La tormenta de arena, Marcelo, que nos atrapó.

María Isabel Sánchez – ¿Les van a pagar por eso, Marcelo?

Marcelo Longobardi – Vecina de la ciudad de Tebas. ¿Cómo? ¿Si vamos a pagar?

María Isabel Sánchez – Si les van a pagar por este trabajo.

¹²⁷ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Bem, ontem o vice-presidente do Brasil, que é um senhor bastante pouco apresentável, como seu chefe, o presidente Bolsonaro, um tal de *Jamilton Moráo*, é seu nome, disse que ‘Argentina é um mendigo eterno’. Uh... **Integrante da equipe** – Veja. [Risos] **Marcelo Longobardi** – Bem, ‘e que, se Brasil quebra, vamos terminar como Argentina’, disse. Uma coisa bastante lamentável.”

Marcelo Longobardi – Siempre hay un auspiciante que financia a los grandes aventureros da historia.

María Isabel Sánchez – Un mecenas, digamos. (RADIO MITRE, 9 abr. 2021a)¹²⁸.

No *Resumen Blue*, dedicado às notícias das celebridades, María Isabel Sánchez comenta sobre famosos que cobram para gravar mensagens para fãs. A apresentadora faz uso de gírias comuns na Argentina para se referir aos valores em questão.

María Isabel Sánchez – Se dice, por ejemplo, que Romina Malaspina¹²⁹ cobra cincuenta dólares el saludo personalizado. Cincuenta dólares son siete lucas¹³⁰. Eso es un choreo y hay que denunciarlo. No *podés* cobrar siete mil pesos por un saludo. (RADIO MITRE, 9 abr. 2021a)¹³¹.

Ainda na edição de sexta-feira, Marcelo Longobardi levanta um assunto, que se desdobra em um longo bate-papo, sobre os sopradores de vento utilizados para limpar calçadas em Buenos Aires.

Marcelo Longobardi – El señor Martín Esteban me envía un mensaje diciendo que el aparato que lo detesto se llama “sopladora”.

Integrante da equipe – ¿Sopladora?

Marcelo Longobardi – Sopladoras que juntan las hojas que se cortan con las motoguadañas. Es una combinación de motoguadañas y sopladoras...

Rolo Villar – [Imita ruído de máquina]

¹²⁸ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Egito anunciou nas últimas horas um dos achados arqueológicos mais importantes da história. Encontraram os restos da famosíssima cidade de Luxor. **Integrante da equipe** – Veja você. **Marcelo Longobardi** – Certamente que tem, basicamente, uns três mil anos. As imagens são incríveis, do lugar encontrado. Assim que, no ano que vem, poderíamos encabeçar uma missão da Argentina e da Albertolândia para estabelecer relações com esta gente e com a cidade de Luxor. **Rolo Villar** – Marcelo, há que lembrar que, quando o doutor Cormillot conheceu o Egito, não existiam as pirâmides. [Risos] **Marcelo Longobardi** – O achado tem três mil anos de antiguidade, as imagens são incríveis. Sabem que, no Egito, existe um Ministério de Antiguidades. Aqui também existe, digamos, mas se dedica à economia. Lá se dedica à arqueologia. Eventualmente, o doutor e eu iremos explorar os restos da histórica e fundamental cidade de Luxor, vizinha... **Alberto Cormillot** – A tempestade de areia, Marcelo, que nos pegou. **María Isabel Sánchez** – Vão pagar vocês por isto, Marcelo? **Marcelo Longobardi** – Vizinha da cidade de Tebas; Como? Se vamos pagar? **María Isabel Sánchez** – Se vão pagar vocês por este trabalho. **Marcelo Longobardi** – Sempre existe um patrocinador que financia os grandes aventureiros da história. **María Isabel Sánchez** – Um mecenas, digamos.”

¹²⁹ Influenciadora digital argentina.

¹³⁰ *Luca* é a “unidade de valor equivalente a mil pesos” (PALACIOS, 2015, p. 254).

¹³¹ Tradução nossa: “**María Isabel Sánchez** – Se diz, por exemplo, que Romina Malaspina cobra cinquenta dólares a saudação personalizada. Cinquenta dólares são sete *lucas*. Isso é um roubo e tem que denunciar. Não pode cobrar sete mil pesos por uma saudação.”

Marcelo Longobardi – ... que actúan de modo simultáneo y pueden convertir una mañana en la Ciudad de Buenos Aires en una verdadera batalla aérea. (RADIO MITRE, 9 abr. 2021a)¹³².

O programa segue com os comentários dos demais integrantes da bancada até a transição com o *Pase Longobardi-Lanata*.

4.6 *Pase Longobardi-Lanata*

O *Pase Longobardi-Lanata* é a transição entre o *Cada Mañana* e o programa *Lanata Sin Filtro*, apresentado por Jorge Lanata e equipe. O bloco aparece como uma atração independente na programação da Rádio Mitre, com duração aproximada de trinta minutos. Entretanto, essa duração é flexível, podendo ser maior ou menor, dependendo de como flui a conversa entre as equipes dos dois programas. O bloco é precedido pela execução da música *Caraluna*, composta por Jorge Villamizar e interpretada pela banda de pop latino Bacilos.

María Isabel Sánchez e outros se dirigem a Jorge Lanata como “George”, como se observa na edição do dia 5 de abril de 2021:

Jorge Lanata – “Longobardo”, ¿como estás?

María Isabel Sánchez – Hola, “George”.

Jorge Lanata – Estuve por su barrio, Longobardi. Estuve por su barrio.

Marcelo Longobardi – Ah, sí.

Jorge Lanata – En el sábado, por la mañana.

Integrante da equipe – ¿No lo quis visitarlo?

Jorge Lanata – Yo lo sé que es una persona hostil a las visitas.

María Isabel Sánchez – Tiene razón. *Mirás* se no lo abría.

Marcelo Longobardi – Pero disimulo perfecto.

Jorge Lanata – Sí, sí, sí. *Disimulás* muy bien.

Marcelo Longobardi – ¿En mi barrio?

¹³² Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – O senhor Martín Esteban me envia uma mensagem dizendo que o aparelho que eu detesto de chama ‘soprador’. **Integrante da equipe** – Soprador? **Marcelo Longobardi** – Sopradoras que juntam as folhas que se cortam com as motorroçadeiras. É uma combinação de motorroçadeiras com sopradores... **Rolo Villar** – [Imita ruído de máquina] **Marcelo Longobardi** – ... que atuam de modo simultâneo e podem transformar uma manhã na Cidade de Buenos Aires em uma verdadeira batalha aérea.”

Jorge Lanata – ¿O qué te dice? Que yo tuve en tu barrio, boludo. (RADIO MITRE, 5 abr. 2021b)¹³³.

Lanata é o que, com maior frequência, faz uso do *lunfardo*, a gíria de Buenos Aires (PALÁCIOS, 2015, p. 249). Em outra manifestação, o jornalista ironiza

Jorge Lanata – Una cosa que me impresionó, porque esa casa donde estuve dava a una laguna, la cantidad de gente que anda en bote al pedo en sábado por la mañana. (RADIO MITRE, 5 abr. 2021b)¹³⁴.

O assunto se desenrola para a fauna típica das lagunas que cercam alguns bairros residenciais de Buenos Aires e região. Em alguns momentos, sobram expressões de baixo calão:

Jorge Lanata – Y también Picasso era un hijo de puta que le pegaba las minas. Y eso no impidió que fuese un de los genios más importantes del siglo XX. (RADIO MITRE, 5 abr. 2021b)¹³⁵.

Em um momento do programa, é possível ouvir uma campainha, o que provoca risos entre os participantes:

[Campainha]

Integrante da equipe – ¿Quién está llamando al timbre?

Jorge Lanata – ¿Se escucha al timbre? No sé quien es.

María Isabel Sánchez - ¿Es en tu casa, Jorge?

Jorge Lanata – Sí, sí, sí. es en mi hogar, en mi casa.

Marcelo Longobardi – Yo no soy, porque estoy en casa.

Jorge Lanata – En lo caso de Longobardi se escuchan gruñidos.

[...]

Jorge Lanata – Pero bueno, Longobardi. La próxima vez que esté en tu barrio me voy a romper la puerta.

¹³³ Tradução nossa: “**Jorge Lanata** – “Longobardo”, como estás? **María Isabel Sánchez** – Olá, George. **Jorge Lanata** – Estive em seu bairro, Longobardi. Estive em seu bairro. **Marcelo Longobardi** – Ah, sim. **Jorge Lanata** – No sábado, pela manhã. **Integrante da equipe** – Não quis visitá-lo? **Jorge Lanata** – Eu sei que é uma pessoa hostil às visitas. **María Isabel Sánchez** – Tem razão. Veja que não abria. **Marcelo Longobardi** – Mas dissimulo perfeitamente. **Jorge Lanata** – Sim, sim, sim. Dissimula muito bem. **Marcelo Longobardi** – No meu bairro? **Jorge Lanata** – O que te disse? Que eu estive no teu bairro, imbecil”.

¹³⁴ Tradução nossa: “**Jorge Lanata** – Uma coisa que me impressionou, porque essa casa onde estive dava em uma laguna, a quantidade de gente que anda de bote à toa no sábado pela manhã”.

¹³⁵ Tradução nossa: “**Jorge Lanata** – E também Picasso era um filho puta que batia nas mulheres. E isso não impediu que fosse um dos gênios mais importantes do século XX”.

Marcelo Longobardi – No tengo timbre, Jorge, pero si vos *aplaudís*...

Jorge Lanata – Voy a golpear la puerta.

Marcelo Longobardi – *Tenés* que aplaudir, porque la puerta es de vidrio.

Jorge Lanata – Vos *sabés* que es medio *centennial*.

Marcelo Longobardi – “Buenas”, *tenés* que decir.

Jorge Lanata – De no tener timbre es muy *centennial*. Sos un pendejito.

Marcelo Longobardi – Lo que pasa es que el arquitecto se olvidó.

Jorge Lanata – No, me estás jodiendo. (RADIO MITRE, 5 abr. 2021b)¹³⁶.

Lanata prossegue abordando o assunto levantado por Longobardi no *Cada Mañana*, relatando suas visitas a presidentes argentinos, repetindo xingamentos ao mencionar o jornalista Roberto Navarro, do portal El Destape, que o teria criticado:

Jorge Lanata – Esa discusión me encanta, porque me pone, como se llama, Roberto Navarro. Nosotros hemos denunciado porque copula con una gallina. El señor Navarro...

[Risos]

Jorge Lanata – Sí, sí. Tenemos testimonio de la gallina. Me pone entre las visitas a Macri en Olivos e le digo, a la mierda. Cuántas veces yo fui a Olivos. No me acuerdo. Y fui creo que tres. Y fui con gente de Artear. O sea, que tanto quilombo no fue, yo fui a grabar. Es ridículo. (RADIO MITRE, 5 abr. 2021b)¹³⁷.

O Pase Longobardi-Lanata é o momento de maior presença de coloquialidade e vinculação. Nota-se o uso de expressões como “boludo”, que, segundo o jornalista Ariel Palacios, “é o impropério argentino *per excellence*, que indica o ‘idiota’, ‘imbecil’, ‘tonto’, ‘panaca’. A expressão-insulto – a preferida do país – designa aquele que possui ‘bolas’ (testículos) grandes”

¹³⁶ Tradução nossa: “**Integrante da equipe** – Quem está chamando na campanha? **Jorge Lanata** – Se escuta a campanha? Não sei quem é **María Isabel Sánchez** -É em sua casa, Jorge? **Jorge Lanata** – Sim, sim, sim. É no meu lar, na minha casa. **Marcelo Longobardi** – Eu não sou, porque eu estou em casa. **Jorge Lanata** – No caso de Longobardi se escutam grunhidos. [...] **Jorge Lanata** – Mas bem, Longobardi. Na próxima vez em que estiver no teu bairro vou quebrar a porta. **Marcelo Longobardi** – Não tenho campanha, Jorge, mas se você bater palma... **Jorge Lanata** – Vou bater a porta. **Marcelo Longobardi** – Tem que bater palma porque a porta é de vidro. **Jorge Lanata** – Você sabe que é meio centenário. **Marcelo Longobardi** – “Bem”, tem que dizer. **Jorge Lanata** – Não ter campanha é muito centenário. Você é um estupidozinho. **Marcelo Longobardi** – O que acontece é que o arquiteto se esqueceu. **Jorge Lanata** – Não, está de brincadeira comigo”.

¹³⁷ Tradução nossa: “**Jorge Lanata** – Essa discussão me encanta, porque me coloca, como se chama, Roberto Navarro. Nós denunciemos porque copula com uma galinha. O senhor Navarro... Sim, sim. Temos testemunho da galinha. Me coloca entre as visitas a Macri em Olivos e digo a você, à merda. Quantas vezes eu fui a Olivos. Eu não me lembro. Eu fui, creio que três. E fui com gente da Artear. Ou seja, que tanta confusão não foi, eu fui gravar. É ridículo”.

(PALACIOS, 2015, p. 260) e “quilombo”, de acordo com o autor, “bagunça ou imbróglio de considerável magnitude” (PALACIOS, 2015, p. 252).

Os integrantes dos dois programas falam juntos, se tornando, por vezes, incompreensível para o ouvinte não acostumado. Há sinais de vinculação por meio da memória comum, elementos de proximidade geográfica, hábitos e sentimentos compartilhados, menção constante aos companheiros de programa em bate-papo.

No dia 6 de abril, María Isabel Sánchez repete a saudação a Lanata. Só depois, Longobardi inicia a conversa com Lanata.

María Isabel Sánchez – Hola, “George”.

Jorge Lanata – Hola, “Maria”¹³⁸, ¿cómo vá?

María Isabel Sánchez – ¿Cómo *andás*? (RADIO MITRE, 6 abr. 2021b)¹³⁹.

Marcelo Longobardi diz que está pensando sobre sua vocação profissional e que seria correspondente de guerra, o que provoca piadas de integrantes do programa.

María Isabel Sánchez – ¿Cómo corresponsal de guerra?

Marcelo Longobardi – Corresponsal de guerra.

Jorge Lanata – Ah, de guerra.

Integrante da equipe – Ah, para eso, Marcelo... Para eso no hay que ir para ningún lado. *Quedáte acá. Sentáte y esperás*, Marcelo.

Marcelo Longobardi – Quiero ser como Hemingway¹⁴⁰, por ejemplo.

Jorge Lanata – Sí, claro. Obvio.

Marcelo Longobardi – O cómo John Lee Anderson¹⁴¹, que fue un grande corresponsal en Estados Unidos, o cómo la señora Christiane Amanpour¹⁴², una grande corresponsal de guerra de la historia.

Jorge Lanata – ¿Y a qué guerra deseas ir? (RADIO MITRE, 6 abr. 2021b)¹⁴³.

¹³⁸ Pronuncia o nome da colega como se fosse em inglês.

¹³⁹ Tradução nossa: “**María Isabel Sánchez** – Olá, “George”. **Jorge Lanata** – Olá, “Maria”, como vai? **María Isabel Sánchez** – Como anda?”

¹⁴⁰ Ernest Hemingway (1899 – 1961), escritor estadunidense que trabalhou como correspondente durante a Guerra Civil Espanhola.

¹⁴¹ Jornalista estadunidense.

¹⁴² Jornalista britânico-iraniana.

¹⁴³ Tradução nossa: “**María Isabel Sánchez** – Como correspondente de guerra? **Marcelo Longobardi** – Correspondente de guerra. **Jorge Lanata** – Ah, de guerra. **Integrante da equipe** – Ah, para isso, Marcelo... Para isso

As piadas dos demais integrantes impedem que Longobardi responda à pergunta de Lanata, que insiste. O jornalista, enfim, afirma que podem ocorrer guerras entre Rússia e Ucrânia ou na China, ao que Lanata responde:

Jorge Lanata – Tu idea es ir a un lugar así, sentar y esperar que la guerra llegue. (RADIO MITRE, 6 abr. 2021b)¹⁴⁴.

Quando os apresentadores listam líderes mundiais capazes de declarar uma guerra, como o presidente russo, Vladimir Putin, Jorge Lanata volta a usar de gírias locais.

Marcelo Longobardi – Pero Putin es un peligro, obviamente, no.

Jorge Lanata – Putin va a armar un quilombo, sí.

Marcelo Longobardi – Es un nacionalista de carácter expansionista, no.

Integrante da equipe – Ahí se entretienen entre ellos. Ahí se entretienen entre ellos.

Marcelo Longobardi – Sí, sí. Pero Crimea es un lugar que la historia la hizo un lugar explosivo. (RADIO MITRE, 6 abr. 2021b)¹⁴⁵.

Um dos comediantes do programa simula o anúncio de um radiojornal antigo chamando Marcelo Longobardi em meio a uma guerra, sob uma trilha típica e efeitos sonoros de risadas. Jorge Lanata questiona quando o colega partiria, insinuando que o desejo de Longobardi seria imediato, no que um dos integrantes do programa ironiza, dizendo ser necessário um exame PCR para detectar o coronavírus antes. As brincadeiras prosseguem:

Marcelo Longobardi – Presumo que un corresponsal porta un fuzil.

Integrante da equipe – No, no, no... Una cámara de foto, Marcelo, nada más.

Marcelo Longobardi – Una cámara de foto, una cámara de televisión para poder registrar los acontecimientos, incluso antes de que ocurran.

não há que ir para nenhum lado. Fica aqui. Senta e espera, Marcelo. **Marcelo Longobardi** – Quero ser como Hemingway, por exemplo. **Jorge Lanata** – Sim, claro. Óbvio. **Marcelo Longobardi** – Ou como John Lee Anderson¹⁴³, que foi um grande correspondente nos Estados Unidos, ou como a senhora Christiane Amanpour, uma grande correspondente de guerra da história. **Jorge Lanata** – E a que guerra deseja ir?”.

¹⁴⁴ Tradução nossa: “**Jorge Lanata** – Tua ideia é ir a um lugar assim, sentar e esperar que a guerra chegue”.

¹⁴⁵ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Mas Putin é um perigo, obviamente, não. **Jorge Lanata** – Putin vai armar uma confusão, sim. **Marcelo Longobardi** – É um nacionalista de caráter expansionista, não. **Integrante da equipe** – Aí se entretêm entre eles. Aí se entretêm entre eles. **Marcelo Longobardi** – Sim, sim. Mas Crimeia é um lugar que a história a transformou um lugar explosivo”.

Jorge Lanata – Te darán un teléfono pré pago. *Grabás* com esto. (RADIO MITRE, 6 abr. 2021b)¹⁴⁶.

Na quarta-feira, dia 7 de abril, as equipes de Longobardi e Lanata iniciam a transição entre os programas falando das personalidades de cada apresentador. A conversa desenvolve com termos da psicologia, tema que faz Palacios classificar Buenos Aires como uma “Freud city” (2015, p. 240), dada a alta proporção de psicólogos e psicanalistas na Argentina, “país com maior número desses profissionais em todo o continente americano, segundo a pesquisa *Os psicólogos na Argentina*, realizada em 2006 pelo especialista Modesto Alonso e publicada pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Palermo, Buenos Aires” (PALACIOS, 2015, p. 240). Segundo o autor, palavras próprias dessa área do conhecimento são comuns entre a população, como “projeção”, “inconsciente” e “negação” (PALACIOS, 2015, p. 241) – o que se observa no diálogo do *Pase Longobardi-Lanata*.

Jorge Lanata – Señor “Longobardo”, en plena crisis adolescente.

Marcelo Longobardi – ¿Crisis adolescente?

Jorge Lanata – Sí, buscando su personalidad. (RADIO MITRE, 7 abr. 2021b)¹⁴⁷.

Mais adiante, Longobardi explica o que está refletindo sobre o assunto, mencionando a teoria da Gestalt, o que não se imaginaria ser um tema comum em um bate-papo de rádio.

Marcelo Longobardi – Yo estoy con el cambio paradójico, ¿sabía? Es un cambio que se produce cuándo se convierte en lo que realmente es, no en lo que no es. El mundo trata de convertirte en que lo no sos.

Jorge Lanata – De eso no tengo duda.

Marcelo Longobardi – Si llama la teoría paradójica del cambio.

Jorge Lanata – El mundo, no. Es su familia...

Marcelo Longobardi – El mundo, el mundo, el mundo. El mundo conspira contra algunos, exactamente.

Jorge Lanata – Ah, el mundo.

¹⁴⁶ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Presumo que um correspondente porte um fuzil. **Integrante da equipe** – Não, não, não... Uma câmera de foto, Marcelo, nada mais. **Marcelo Longobardi** – Uma câmera de foto, uma câmera de televisão para poder registrar os acontecimentos, inclusive antes de que ocorram. **Jorge Lanata** – Te darão um telefone pré-pago. Grava com isto”.

¹⁴⁷ Tradução nossa: “**Jorge Lanata** – Senhor “Longobardo”, em plena crise adolescente. **Marcelo Longobardi** – Crise adolescente? **Jorge Lanata** – Sim, buscando sua personalidade.”

Marcelo Longobardi – Parte del mundo.

Jorge Lanata – Un poco de discurso paranoico, “el mundo”.

Marcelo Longobardi – El verdadero cambio es el que produce que uno se convierta en lo que realmente es, no en lo que no es.

Jorge Lanata – Sos un pendejito.

María Isabel Sánchez – Es el famoso “sés vos”, ¿no?

Marcelo Longobardi – Sí, sí. Es el famoso “sés vos”, pero la psicoterapia he estudiado la teoría paradójica del cambio y esta es una escuela de la psicoterapia, la Gestalt [em pronúncia hispânica, *Jestált*].

Jorge Lanata – La Gestalt [em pronúncia alemã, *Guêstalt*].

Marcelo Longobardi – Gestalt, como se pronuncia.

María Isabel Sánchez – Es hora de hacer terapia, Marcelo. (RADIO MITRE, 7 abr. 2021b)¹⁴⁸.

O médico Alberto Cormillot passa explicar a teoria, mas em tom didático, no que é interrompido pelas brincadeiras dos demais integrantes, que passam a falar sobre eventuais personalidades de cada um em vidas passadas.

Marcelo Longobardi – Entre otras vidas pasadas, encontré que fue un guerrero bárbaro, Longo Bardo¹⁴⁹.

Jorge Lanata – Longo Bardo.

María Isabel Sánchez – ¿Y cómo moriste, en una batalla?

Marcelo Longobardi – No, escape, escape. (RADIO MITRE, 7 abr. 2021b)¹⁵⁰.

¹⁴⁸ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Eu estou com a mudança paradoxal, sabia? É uma mudança que se produz quando se transforma no que realmente é, não no que não é. O mundo trata de transformar você no que não é. **Jorge Lanata** – Disso não tenho dúvida. **Marcelo Longobardi** – Se chama a teoria paradoxal da mudança. **Jorge Lanata** – O mundo, não. É sua família... **Marcelo Longobardi** – O mundo, o mundo, o mundo. O mundo conspira contra alguns, exatamente. **Jorge Lanata** – Ah, o mundo. **Marcelo Longobardi** – Parte do mundo. **Jorge Lanata** – Um pouco de discurso paranoico, ‘o mundo’. **Marcelo Longobardi** – A verdadeira mudança que se produz é a que um se transforme no que realmente é, não no que não é. **Jorge Lanata** – É um estupidozinho. **María Isabel Sánchez** – É o famoso ‘seja você’, não? **Marcelo Longobardi** – Sim, sim. É o famoso ‘seja você’, mas a psicoterapia estudou a teoria paradoxal da mudança e esta é uma escola da psicoterapia, a Gestalt. **Jorge Lanata** – La Gestalt. **Marcelo Longobardi** – Gestalt, como se pronuncia. **María Isabel Sánchez** – É hora de fazer terapia, Marcelo.”

¹⁴⁹ Associação ao bardo, pessoa encarregada de transmitir histórias, mitos, lendas e poemas de forma oral na mitologia celta.

¹⁵⁰ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Entre outras vidas passadas, encontrei que fui um guerreiro bárbaro, Longo Bardo. **Jorge Lanata** – Longo Bardo. **María Isabel Sánchez** – E como morreu, em uma batalha? **Marcelo Longobardi** – Não, escapei, escapei.”

O bate-papo prossegue por alguns minutos, com as mesmas brincadeiras tratando das vidas passadas dos apresentadores. Longobardi agora diz, aos risos dos demais, que foi o general romano Cipião Africano, que lutou na Segunda Guerra Púnica no século III a.C., e compara as disputas políticas da época ao peronismo.

Marcelo Longobardi – Yo fui, te lo voy a revelar, Jorge...

Jorge Lanata – A ver.

Marcelo Longobardi – Fui Escipión.

Jorge Lanata – A la mierda, el Escipión, el Africano.

Marcelo Longobardi – Escipión, el Africano, efectivamente. (RADIO MITRE, 7 abr. 2021b)¹⁵¹.

María Isabel Sánchez provoca Longobardi;

Marcelo Longobardi – Después tuve otras vidas.

María Isabel Sánchez – ¿Fuiste mujer en alguna?

Marcelo Longobardi – No, siempre me tocó ser hombre.

María Isabel Sánchez – Que lástima.

Integrante da equipe – Cambió la especie también.

Jorge Lanata – ¿Cómo cambió la especie?

María Isabel Sánchez – ¿Fue animal?

Jorge Lanata – ¿Qué fue, un pescado? (RADIO MITRE, 7 abr. 2021b)¹⁵².

O bate-papo sobre vidas passadas segue até o fim do *Pase Longobardi-Lanata*, com sobreposição de falas e efeitos sonoros reproduzidos.

No dia 8 de abril, os integrantes do programa iniciam a conversa considerando se são ou não trabalhadores essenciais, aqueles cuja circulação é permitida pelas ruas de Buenos Aires durante a vigência de normas mais rígidas no combate ao coronavírus.

¹⁵¹ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Eu fui, te vou revelar, Jorge... **Jorge Lanata** – A ver. **Marcelo Longobardi** – Fui Cipião. **Jorge Lanata** – À merda, o Cipião Africano. **Marcelo Longobardi** – Cipião Africano, efetivamente.”

¹⁵² Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Depois tive outras vidas. **María Isabel Sánchez** – Foi mulher em alguma? **Marcelo Longobardi** – Não, sempre deu de ser homem. **María Isabel Sánchez** – Que lástima. **Integrante da equipe** – Mudou de espécie também. **Jorge Lanata** – Como mudou a espécie? **María Isabel Sánchez** – Foi animal? **Jorge Lanata** – Que foi, um peixe?”

Integrante da equipe – Todos esenciales con permiso, Jorge.

Jorge Lanata – [Risos] Muy esenciales nosotros no somos, pero, bueno...

Integrante da equipe – El permiso lo tenemos.

Jorge Lanata – El permiso lo tenemos, el permiso lo tenemos. (RADIO MITRE, 8 abr. 2021b)¹⁵³.

Lanata pergunta a Longobardi como ele consegue fazer seu programa a um ano e meio distante dos estúdios da rádio, no que o apresentador do *Cada Mañana* explica que recebeu um aparelho que, conectado à internet, pode transmitir de casa. Marcelo Longobardi detalha de forma didática, seja para ironizar Lanata, seja para explicar ao público, como funciona a ferramenta.

Marcelo Longobardi – La T-Line es una herramienta de trabajo, como es la computadora, la *notebook*, el *iPad*, el teléfono. La T-Line requiere, para que sepas, una conexión a internet por cable, no aplica por *wi-fi*. En cualquier lugar del mundo a cualquier hora, y hace *pin-bin, pin-bin*, y ya estás conectado.

[Integrantes da equipe repetem o som de formas diferentes]

Marcelo Longobardi – *Escutás un ruidito como que enganchas.*

María Isabel Sánchez – Marcelo es el rey de las onomatopeyas. (RADIO MITRE, 8 abr. 2021b)¹⁵⁴.

Mais tarde, após outros assuntos debatidos, Sánchez diz que os ouvintes perguntam mais sobre o equipamento, fazendo com que Longobardi e Lanata voltem a explicar como funciona o T-Line.

Jorge Lanata – Es importante lo de la T-Line porque los señores están escuchando a todos con buen audio como se estuviéramos todos en lo mismo estudio. No hay lo que se llama “diferencia de plano”. Estamos hablando todos y se nos escucha parecidos. ¿Se recuerdan que Rolo estuvo un mes en que no se escuchó una mierda? No se escuchaban los chistes. (RADIO MITRE, 8 abr. 2021b)¹⁵⁵.

¹⁵³ Tradução nossa: “**Integrante da equipe** – Todos essenciais com permissão, Jorge. **Jorge Lanata** – [Risos] Muito essenciais nós não somos, mas, bem... **Integrante da equipe** – A permissão nós temos. **Jorge Lanata** – A permissão nós temos, a permissão nós temos.”

¹⁵⁴ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – O T-Line é uma ferramenta de trabalho, como o computador, o *notebook*, o *iPad*, o telefone. O T-Line requer, para que saiba, uma conexão à internet por cabo, não liga por *wi-fi*. Em qualquer lugar do mundo a qualquer hora, e faz um *pim-bim, pim-bim*, e já está conectado. [Integrantes da equipe repetem o som de formas diferentes] **Marcelo Longobardi** – Escuta um ruído como que engancha. **María Isabel Sánchez** – Marcelo é o rei das onomatopeias.”

¹⁵⁵ Tradução nossa: “**Jorge Lanata** – É importante o do T-Line porque os senhores estão escutando todos com bom áudio como se estivéssemos todos no mesmo estúdio. Não há o que se chama ‘diferença de plano’. Estamos falando todos e nos escuta muito parecidos. Se lembram que Rolo ficou um mês em que não se escutou uma merda? Não se ouviam as piadas.”

Em meio ao bate-papo, diversos integrantes da bancada pedem que Marcelo Longobardi repita sons de aparelhos eletrônicos diferentes, o que o leva a reclamar dos pedágios, cujas falhas mecânicas nas cancelas o irritam. A conversa avança sobre as diferenças entre carros movidos a gasolina e automóveis elétricos e, depois, sobre os quebra-molas.

Jorge Lanata – El tipo que inventó el lomo de burro es un hijo de puta. (RADIO MITRE, 8 abr. 2021b)¹⁵⁶.

Lanata reclama, sugerindo que, em outros países, não há lombadas na quantidade que há na Argentina. Um dos integrantes da equipe comenta o nome da estrutura, no Brasil, indica o “objetivo” de quebrar as molas dos veículos.

Integrante da equipe – Acá un colega me dice que, en Brasil, se llama “quebra muelle”. (RADIO MITRE, 8 abr. 2021b)¹⁵⁷.

Por fim, na sexta-feira, 9 de abril, o *Pase Longobardi-Lanata* começa com comentários sobre a morte do príncipe Philip, do Reino Unido, marido da rainha Elizabeth II. Os locutores argentinos pronunciam o nome do monarca britânico de maneira acastelhanada.

Willy Kohan – Acá estamos, Jorge, muy consternados, te puedes imaginar.

Jorge Lanata – ¿Por qué consternado, por la muerte de Felipe?

Willy Kohan – Se murió el Duque de Edimburgo.

Jorge Lanata – A mí, digo la verdad, me importa un pomo la muerte. (RADIO MITRE, 9 abr. 2021b)¹⁵⁸.

Longobardi permanece em silêncio, até que Lanata chame pelo colega.

Jorge Lanata – ¿Ahí está “Longobardo”?

Marcelo Longobardi – Estoy acá, sí, sí, sí.

Integrante da equipe – Nuestro Duque de Nordelta¹⁵⁹. (RADIO MITRE, 9 abr. 2021b)¹⁶⁰.

¹⁵⁶ Tradução nossa: “**Jorge Lanata** – A figura que inventou o quebra-molas é um filho da puta.”

¹⁵⁷ Tradução nossa: “**Integrante da equipe** – Aqui um colega me disse que, no Brasil, se chama ‘quebra-molas’.”

¹⁵⁸ Tradução nossa: “**Willy Kohan** – Aqui estamos, Jorge, muito consternados, pode imaginar. **Jorge Lanata** – Por que consternado, pela morte de Philip? **Willy Kohan** – Morreu o Duque de Edimburgo. **Jorge Lanata** – A mim, digo a verdade, me importa nada a morte.”

¹⁵⁹ Localidade, na Província de Buenos Aires, conhecida pelos condomínios fechados.

¹⁶⁰ Tradução nossa: “**Jorge Lanata** – Aí está ‘Longobardo’? **Marcelo Longobardi** – Estou aqui, sim, sim, sim. **Integrante da equipe** – Nosso Duque de Nordelta.”

Na sequência, Jorge Lanata brinca com um momento em que, no *Cana Mañana*, Longobardi deu uma resposta ríspida a uma pergunta de Alberto Cormillot.

Jorge Lanata – El único momento de tu programa que escuché hoy fue el momento en que Cormillot está hablando y te preguntó: “¿Me quiere hacer una pregunta?”, y vos dijiste: “No”.

Marcelo Longobardi – Me tengo que pedir disculpas al doctor, me tengo que pedir disculpas al doctor porque, en el momento, estaba... me quedé en un momento de distraje, estoy tapado de problemas, Jorge.

Jorge Lanata – Fue genial, fue genial. Yo propongo ahora una cena de desagravio al doctor Cormillot. No sé, Alberto, si estás de acuerdo en recibirla.

María Isabel Sánchez – ¿Una cena o una escena?

Marcelo Longobardi – Fue un segundo que me distraje. (RADIO MITRE, 9 abr. 2021b)¹⁶¹.

Bem humorado, Marcelo Longobardi justifica a resposta ríspida aos problemas de estresse que vem tendo. María Isabel Sánchez aproveita para contar a Lanata o último assunto que estressou o âncora do *Cada Mañana*, os sopradores de vento.

Marcelo Longobardi – Tengo muchos problemas, Jorge. Tengo muchos problemas. Estoy estresado, estoy lleno de papeles. Estoy desordenado, lleno de asuntos pendientes.

María Isabel Sánchez – Ahora agregó un nuevo problema, Jorge.

Jorge Lanata – ¿Qué problema?

María Isabel Sánchez – La sopladora de hojas.

Jorge Lanata – ¿Perdón?

María Isabel Sánchez – Sí. A él le molesta, viste, la máquina que los jardineros usan para soplar las hojas. Bueno, le molesta.

Jorge Lanata – ¿Te molesta el ruido? (RADIO MITRE, 9 abr. 2021b)¹⁶².

¹⁶¹ Tradução nossa: “**Jorge Lanata** – O único momento do seu programa que escutei hoje foi o momento em que Cormillot está falando e te perguntou: “Quer fazer alguma pergunta a mim?”, e você disse: “Não”. **Marcelo Longobardi** – Tenho que pedir desculpas ao doutor, tenho que pedir desculpas ao doutor porque, no momento, estava... Fiquei em um momento de distração, estou cheio de problemas, Jorge. **Jorge Lanata** – Foi genial, foi genial. Eu proponho agora um jantar de desagravo ao doutor Cormillot. Não sei, Alberto, se está de acordo em recebê-lo. **María Isabel Sánchez** – Um jantar ou momento? **Marcelo Longobardi** – Foi um segundo que me distraí.”

¹⁶² Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Tenho muitos problemas, Jorge. Tenho muitos problemas. Estou estressado, estou cheio de papéis. Estou desordenado, cheio de assuntos pendentes. **María Isabel Sánchez** – Agora agregou um novo problema, Jorge. **Jorge Lanata** – Que problema? **María Isabel Sánchez** – O soprador de folhas. **Jorge Lanata** – Perdão? **María Isabel Sánchez** – Sim. A ele incomoda, viu, a máquina que os jardineiros usam para soprar as folhas. Bem, lhe incomoda. **Jorge Lanata** – Te incomoda o ruído?”

Longobardi segue o bate-papo e pergunta se Lanata ouviu o comentário sobre a vacinação, ao que o apresentador do *Lanata Sin Filtro* responde que não.

Marcelo Longobardi – ¿No escuchaste mi comentario sobre la relación de Biden¹⁶³ con la vacuna?

Jorge Lanata – No lo escuché. *Contáme.*

Marcelo Longobardi – No, no.

Jorge Lanata – *Contáme, dale.*

María Isabel Sánchez – Si empacó, ahora.

Rolo Villar – [Cantando] Que lo cuente, que lo cuente...

Demais integrantes da equipe – [Cantando] Que lo cuente, que lo cuente.

Marcelo Longobardi – Acabo de contar, el público se va a aburrir escuchando dos veces.

Rolo Villar – El público si renueva, Marcelo. (RADIO MITRE, 9 abr. 2021b)¹⁶⁴.

A conversa ganha contornos mais sóbrios, com um debate sobre a origem e as fabricantes das vacinas contra o coronavírus aplicadas na Argentina. Em seguida, a resposta de Lanata a uma pergunta feita por Longobardi nos minutos finais do programa resume, de certa forma, como o apresentador enxerga sua própria atuação no rádio e simboliza o estilo coloquial adotado ao microfone.

Marcelo Longobardi – ¿O que va a hacer hoy?

Jorge Lanata – No sé. No tengo idea.

[Risos]

Jorge Lanata – Yo, si supiera lo que voy a hacer, o estaría acá. Yo estoy acá porque me permiten improvisar. (RADIO MITRE, 9 abr. 2021b)¹⁶⁵.

Nos segundos restantes, Longobardi e Lanata comentam possíveis assuntos que podem ser discutidos, como cultura e comportamento.

¹⁶³ Joe Biden, presidente dos Estados Unidos da América.

¹⁶⁴ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – Não escutou meu comentário sobre a relação de Biden com a vacina? **Jorge Lanata** – Não escutei. Me conta. **Marcelo Longobardi** – Não, não. **Jorge Lanata** – Me conta, vai. **María Isabel Sánchez** – Empacou agora. **Rolo Villar** – [Cantando] Conta, conta... **Demais integrantes da equipe** – [Cantando] Conta, conta... **Marcelo Longobardi** – Acabo de contar, o público vai se entediar escutando duas vezes. **Rolo Villar** – O público se renova, Marcelo.”

¹⁶⁵ Tradução nossa: “**Marcelo Longobardi** – O que vai fazer hoje? **Jorge Lanata** – Não sei. Não tenho ideia. [Risos] **Jorge Lanata** – Eu, se soubesse o que vou fazer, não estaria aqui. Eu estou aqui porque me permitem improvisar.”

5. ELEMENTOS DO BATE-PAPO

Após a descrição dos exemplos, parte-se para a análise de elementos do bate-papo nos programas, além do enquadramento dessas características como correspondentes à coloquialidade, à vinculação e à representação. Para tal, cumpre-se um roteiro de verificação de conceitos já abordados, a fim de conferir a presença de cada fenômeno.

Como elementos de coloquialidade, busca-se identificar sinais explícitos, como pronúncias específicas de cada localidade, mas também características implícitas, como o sotaque e até mesmo alguma expressão do comportamento da cidade, que se mistura aos elementos de representação. Nos casos de Porto Alegre e São Paulo, são observadas contrações de palavras, pronúncias particulares, substituições e combinações de pronomes com verbos de outra conjugação, além de gírias de cada uma das cidades. Já no caso de Buenos Aires, atém-se ao chamado *voseo*, com a conjugação irregular de verbos com o pronome “vos”, e à linguagem coloquial local, com a utilização de gírias do chamado *lunfardo*.

Os elementos de vinculação procurados são aqueles que cumprem papel de sincronizador social, ativam memórias e narrativas comuns, partilham estado de ânimo e/ou seduzem o ouvinte (MENEZES, 2007) ou aqueles que despertam paixão, solidificam um senso de identificação grupal ou de comunidade e permitem ao ouvinte tanto o reconhecimento e a identificação da fala como própria quanto concordar ou discordar daquilo que é transmitido (SALOMÃO, 2003).

A representação no ar é analisada a partir da identificação de itens como a fachada criada para aquela apresentação, pontos de distanciamento e proximidade advindos da postura dos indivíduos, a abertura dos bastidores ao público e como são contornados os erros e lapsos na conversa, além da incorporação e da forma fala, bem como da postura do enunciador no ar (GOFFMAN, 1981; 2002). Por fim, ainda neste enquadramento, observa-se a estrutura da conversa (PRADO, 1989).

5.1 *Gaúcha Atualidade*

No *Gaúcha Atualidade*, a coloquialidade é vista na maioria das interações entre os apresentadores e demais comunicadores da emissora, como repórteres e comentaristas. Os verbos no infinitivo são pronunciados quase sempre sem o “r” no final. Também se nota esse tipo de supressão na pronúncia de alguns verbos terminados em ditongo, como “encontrô” e “vô”, entre outras. Igualmente presente é a contração da palavra “para”, pronunciada “pra”, fenômeno que se repete em São Paulo, por exemplo.

Uma das características mais marcantes da coloquialidade porto-alegrense, porém, é dosada durante o *Gaúcha Atualidade*. O pronome “tu” seguido do verbo conjugado na terceira pessoa do singular é ouvido apenas em conversas entre os apresentadores. Vez ou outra, contudo, a conjugação do verbo é feita na segunda pessoa, como quando Rosane de Oliveira se dirige a Daniel Scola para perguntar da vacinação de suas filhas – um tema mais sério: “Tu mandarias tuas filhas pra escola?” (RÁDIO GAÚCHA, 15 abr. 2021a). Na conversa com entrevistados, o “tu” é substituído por “o senhor” ou “a senhora”, exemplo observado em pergunta de Rosane de Oliveira ao presidente do Instituto Butantan, Dimas Covas: “O que o senhor poderia dizer *pros* nossos ouvintes sobre esses estudos?” (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021a) – nota-se, aliás, formalidade ao tratar o entrevistado, mas coloquialidade ao se referir aos ouvintes. Da mesma maneira, o uso das palavras “nós” e “a gente” é dosado. No entanto, a diferenciação não ocorre considerando o grau do interlocutor, seja ele colega ou entrevistado, parecendo, na realidade, ser mais aleatório.

Outros elementos de coloquialidade são observados, principalmente os que correspondem à fala porto-alegrense, com forte presença de sotaque. A interjeição “bá” ou “bah”, que “significa tanto aprovação quanto desaprovação; já se disse que é uma redução de ‘barbaridade’¹⁶⁶” (FISCHER, 2011, p. 63) e o “né”, contração de “não é”, pronunciado de forma aberta, se repetem nos exemplos descritos.

Os apresentadores tentam, por diversas vezes, estabelecer vínculos com os ouvintes. Acentuado pelo drama coletivo da pandemia, que afastou a população do convívio presencial, o compartilhamento de histórias e sentimentos pessoais e de fatos cotidianos vivenciados pelos jornalistas é percebido muitas vezes. Daniel Scola e Rosane de Oliveira falam dos familiares, dos hábitos de consumo e comportamento e, até mesmo, do impacto de certas notícias em suas próprias rotinas – o trânsito, as obras da cidade, a vacinação, entre outras.

O uso de referências geográficas que se imaginam comuns aos ouvintes também fazem parte do *Gaúcha Atualidade*, principalmente quando falam do trânsito ou de alguma localidade mais conhecida do público, como “a [rua] Sarmiento Leite”, na fala do repórter Tiago Boff (RÁDIO GAÚCHA, 13 abr. 2021a) e “a [rodovia BR-] 290”, em falas de Scola e Rosane (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021a). Nomes de vias, bairros, cidades e, inclusive, menções a locais apenas designados como “aqui” ou “ali” também são observadas.

¹⁶⁶ “Barbaridade”, por sua vez, é “a palavra é usada aqui como exclamação genérica, para aplaudir ou reprovar uma situação, para concordar com algo que foi dito, para enfatizar; etc.” (FISCHER, 2011, p. 73).

Por contar com dois apresentadores, na época da análise, e realizar entrevistas em vez de mesas-redondas¹⁶⁷, o bate-papo do *Gaúcha Atualidade* não conta com sobreposição de falas. Essa situação é percebida durante a pandemia, uma vez que os âncoras estão em suas casas e parecem tomar mais cuidado para não interromper o colega ou o convidado. Nas vezes em que isso eventualmente ocorre, se dá justamente pelo atraso da transmissão via internet ou em alguma interrupção deliberada, como nas perguntas de Daniel Scola a entrevistados ou repórteres. Já o uso de vocativos é grande, reforçando, neste caso, a imagem do bate-papo.

Espaços à participação dos ouvintes são raros, com mensagens lidas em momentos específicos, de acordo com o tema discutido, sem recorrência. Todavia, é bastante usual ouvir Daniel Scola e Rosane de Oliveira se colocando na posição do ouvinte, forma de representação a ser discutida a seguir. Não há grandes apelos à memória da audiência, com menção a fatos ou lembranças de um passado mais distante, salvo referências a notícias de dias anteriores.

Daniel Scola e Rosane de Oliveira fazem uso de diversos elementos de representação na condução do programa. Se uma impressão da fachada pessoal, na concepção de Goffman (2002, p. 31) fica prejudicada, por se tratar de uma transmissão radiofônica, algumas são perceptíveis e institucionalizadas. Como mencionado no parágrafo anterior, os apresentadores assumem a representação do ouvinte ao microfone, tanto defendendo demandas de parte do público – algumas vezes com linguajar mais usual e chavões como “fim da picada”, “deboche” e “elas por elas” para retratar algum acontecimento –, quanto expondo comportamentos cotidianos. No *Gaúcha Atualidade*, contudo, não se observa com frequência um transborde dos bastidores para o ar, com as ações ocorrendo no palco e, assim, mantendo a apresentação homogênea e reforçando o espaço de mistificação criado, como analisa Goffman (2002, p. 58-69).

O quadro de participação, conceito em que Goffman insere as pessoas que estão no alcance da palavra falada (1981, p. 2-3), do *Gaúcha Atualidade* ora é mantido entre os apresentadores, que falam entre si ou com os demais interlocutores no ar, ora com o público, em uma simulação de conversa. Da mesma forma, flutua entre o ambiente do estúdio e o alcance da audiência o espaço de incorporação, que é definido por Goffman como a capacidade de se falar em nome de outros sujeitos, implícitos ou explícitos. Em alguns momentos, os âncoras falam em nome próprio, emitindo opiniões pessoais – o autor (PESSOA, 2008, p. 5); em outros, aparentam falar em nome do programa e da empresa; enquanto em outras tantas vezes, pretendem,

¹⁶⁷ As mesas-redondas podem ser do tipo painel, no qual “cada integrante da mesa expõe suas opiniões, que vão se complementando” (FERRARETTO, 2014, p. 74), ou debate, reunindo “pessoas com pontos de vista conflitantes” (FERRARETTO, 2014, p. 74).

como reforçado, assumir o lugar de fala do público ou de parte dele – nas duas últimas, papel de diretor ou responsável (PESSOA, 2008, p. 5).

Com a produção vocal quase sempre espontânea e improvisada, com exceção dos momentos em que há a leitura não memorizada de textos comerciais e da recitação de falas de abertura e encerramento, o *Gaúcha Atualidade* ainda mantém seu bate-papo em modo triangular, no qual a conversa ocorre entre os participantes do programa, enquanto o público, embora tratado como participante, não pode falar junto (GOFFMAN, 1981, p. 234). Essa estrutura se assemelha à que Prado esquematiza no eixo da “comunicação unidirecional diferida”, na qual o ouvinte recebe o que surge das respostas do entrevistado a partir das provocações do entrevistador (1989, p. 58).

5.2 *Timeline Gaúcha*

O *Timeline Gaúcha* talvez seja o programa, entre todos os analisados, que mais se aproveita da coloquialidade e das técnicas de vinculação e representação para se posicionar diante do público. A atração é a única das quatro brasileiras com mais de dois integrantes fixos na bancada, fator que propicia o bate-papo. Além disso, pode ser considerada a hipótese de que essa característica se justifique, ainda, pelo perfil voltado ao *infotainment* (BAINI, 2021) e pelas biografias de Kelly Matos, David Coimbra e Luciano Potter:

Três apresentadores, de perfis completamente diferentes, dividem a mesma bancada: uma jornalista, experiente em coberturas políticas na Capital Federal; um escritor, colunista de jornal e autor de diversos livros; e um humorista, ex-apresentador de televisão. Juntos, os comunicadores conduzem entrevistas, comentam temas do momento e transitam por assuntos que vão desde os mais sérios até os mais leves e divertidos. De forma descontraída, quebram o gelo com os participantes, transformando os depoimentos em um simples e leve bate-papo. (BAINI, 2021, p. 12).

Todos os elementos de coloquialidade observados nesta análise se fazem presentes durante o *Timeline*, sem distinção de blocos ou de interlocutor – seja a artista ou o profissional de saúde. A única exceção é a alternância entre “nós” e “a gente”, que, no entanto, não parece seguir uma regra de uso para determinada ocasião. A principal diferença na comparação com o *Gaúcha Atualidade* ocorre no uso de uma linguagem jovial, mais presente no *Timeline*.

O que mais se destaca, contudo, é o aproveitamento do bate-papo como forma de se vincular ao público. Nos exemplos observados, os apresentadores contam passagens de suas vidas pessoais, os aproximando do dia a dia dos ouvintes, como quando falam em passear com o cachorro, de problemas de saúde, da relação com os filhos, da expectativa pela vacinação, entre outros. Da mesma forma, Potter, Kelly e David tratam abertamente de sentimentos pessoais, que vão além do simples relato de acontecimentos pelos quais passaram, e dividem com

os ouvintes gostos, angústias e dúvidas. Salomão (2003) destaca que a paixão e a identificação grupal reforçam os vínculos entre rádio e público. É isso que ocorre, por exemplo, quando Luciano Potter pergunta ao entrevistado uruguaio para qual time ele torce e ouve do convidado a declaração de sua simpatia pelo Grêmio, na edição de 15 de abril, e da familiaridade da atriz e apresentadora Fernanda Lima com os sotaques gaúcho e porto-alegrense, em 16 de abril.

É recorrente o reforço da proximidade geográfica, fazendo com que o ouvinte se sinta parte do que é debatido no programa. Exemplos desse elemento de vinculação estão presentes nas entrevistas e nas conversas entre os apresentadores, como quando Kelly Matos fala do encontro com ouvintes “ali na João Abott” (RÁDIO GAÚCHA, 12 abr. 2021b), em referência a uma rua de Porto Alegre, de uma história ocorrida no bairro IAPI, na mesma edição, e da vacinação “no Beira-Rio”, estádio do Internacional, no dia 16 de abril.

A sobreposição de falas, ainda que com a ressalva da transmissão a distância por causa da pandemia, é igualmente presente no *Timeline*. Além disso, é possível perceber que o bate-papo acontece em um ritmo mais rápido, de “pingue-pongue”, com perguntas e respostas curtas entre os apresentadores, o que não ocorre com tanta frequência nos diálogos das outras atrações brasileiras analisadas.

Da mesma forma que no *Gaúcha Atualidade*, são raras as ocasiões em que os apresentadores do *Timeline* leem mensagens de ouvintes. A participação do público é mais comentada quando ocorre um contato direto com um dos âncoras, como no exemplo em que Kelly Matos relata ter sido abordada por jovens na rua no programa de 12 de abril de 2021. Já os comentários que remetem à memória da audiência são mais presentes, principalmente vindos de David Coimbra, integrante da bancada com mais idade. Na mesma conversa sobre os ouvintes que se encontraram com Kelly Matos, Coimbra menciona jogadores antigos de Internacional e Grêmio. Em outra edição, o jornalista recorda de amigos de adolescência na escola, o que pode proporcionar ao público memórias semelhantes.

Se, no *Gaúcha Atualidade*, os âncoras buscam assumir uma representação do público, no *Timeline Gaúcha* os apresentadores fazem representações deles próprios. Essa observação é confirmada pela editora-chefe da Rádio Gaúcha, Andressa Xavier, que lista o que se espera de Luciano Potter, Kelly Matos e David Coimbra no programa:

A gente queria o cara que fizesse as perguntas do povo, que é o Potter, que é o cara que vem do entretenimento, que talvez se faz de “desavisado” um pouco pra perguntar o que quiser; o David que é o cara que fala de todos os assuntos, que na época a gente trazia esse olhar dos Estados Unidos, o cara que está de fora vendo o Rio Grande do Sul, e a Kelly pra dar a cara gaúcha pra coisa, a jornalista *hard news*. (XAVIER, 25 fev. 2021 in BAINI, 2021, p. 119).

Esses elementos constroem as fachadas pessoais de cada um deles e consolidam a fachada institucional do *Timeline* como um programa que se apresenta como jovem e focado em buscar “uma maior proximidade com os ouvintes, para estreitar os laços com a audiência” (BAINI, 2021, p. 115). A evidência dada às regiões de fundo ou aos bastidores também reforçam essa ideia de aproximação, sendo exemplos claros as interações de Luciano Potter com o filho, nas edições de 12 e 13 de abril, e a conversa sobre a ausência da imagem de Kelly Matos na chamada de vídeo que reúne os três apresentadores no ar, ainda que os ouvintes não pudessem vê-la, também no dia 13 de abril. Considerando as posições do locutor propostas por Goffman e descritas por Pessoa (2008, p. 5), infere-se que os apresentadores do *Timeline* são autores de mensagens, uma vez que não estão realizando a representação de um grupo senão deles próprios. A projeção da conversa no programa ocorre de modo triangular, como no *Gaúcha Atualidade*, colocando o ouvinte no fim do fluxo da comunicação unidirecional diferida (PRADO, 1989, p. 58).

5.3 CBN Brasil

Ao contrário do *Timeline Gaúcha*, o *CBN Brasil* é um programa que explora menos o bate-papo e suas características, sendo linear e sóbrio. Isso não significa, contudo, que não exista espaço para vinculação entre a atração, com Carlos Alberto Sardenberg e Cássia Godoy, e o público.

Os exemplos de coloquialidade mais observados são aqueles que acabaram incorporados na linguagem da população brasileira de forma generalizada, como as contrações de “estar” e “para” como “tá” e “pra”, respectivamente. Todavia, outras formas mais flexíveis de pronúncia são dosadas em blocos ou interações específicas. Na conversa com repórteres, cumpre-se certo ritual de distanciamento, em que o âncora pouco dialoga com o colega. Já nas participações de comentaristas, se observa uma maior variação, com conversas menos expressivas em alguns casos e mais expressivas em outros.

Nos comentários de política e economia, por exemplo, há menos elementos de coloquialidade nas participações de Merval Pereira, uma maior flexibilização no contato com Miriam Leitão e uma conversa mais leve com Vera Magalhães. Já o bloco dedicado à tecnologia, com Thássius Veloso, é mantido como um bate-papo, em que até os apresentadores, Carlos Alberto Sardenberg e Cássia Godoy, se permitem mais flexíveis. Isso é demonstrado pela conversa decorrente de cada comentário. Nas participações de Merval, o assunto raramente seve de gancho para um bate-papo. Com outros colunistas, eventualmente o tema se desenrola em uma

conversa. Na edição de 24 de março, Sardenberg e Cássia dialogam sobre mensagens de texto indesejadas.

A linguagem coloquial paulistana é mais contida tanto em comparação com os programas de Porto Alegre e Buenos Aires, com suas respectivas particularidades, quanto no paralelo com o *Estúdio CBN*.

Nota-se no *CBN Brasil* o uso de vinhetas e de um controlado relógio para a inserção dos blocos do programa. Essas características não podem ser desconsideradas como formas de vinculação, ainda que menos expressivas, pois ditam o ritmo da atração e, como observa Menezes (2007), ajudam a sincronizar o dia da população e da cidade. Por outro lado, esse ritmo pode prejudicar um tom mais coloquial na conversa.

No que compete aos apresentadores, é possível notar elementos de vinculação motivados por eles durante a condução do programa. No entanto, em razão do roteiro estruturado da atração, a presença desses elementos não é constante, ainda que esses episódios ocorram por diversas vezes. Toma-se como exemplo o compartilhamento de hábitos e sentimentos entre Sardenberg, Cássia e ouvintes. Eventualmente, o apresentador opina sobre algum fato, trazendo uma observação mais pessoal. Em outra ocasião descrita, no dia 23 de março, Cássia Godoy menciona o horário em que inicia sua jornada de trabalho, surpreendendo Sardenberg. No dia seguinte, 24 de março, Sardenberg pergunta à companheira de bancada como está o tempo na região onde ela se encontra. Essa postura não é exclusiva dos apresentadores. Também no dia 24 de março, Miriam Leitão pede licença para manifestar sua tristeza em razão do número de mortes pela covid-19 no Brasil.

Por ser um programa transmitido para todo o Brasil a partir de São Paulo, entende-se como natural não haver tantas referências geográficas como, por exemplo, há nos programas da Gaúcha – ainda que a emissora de Porto Alegre transmita para além dos limites da capital do Rio Grande do Sul. Mesmo assim, há menções a locais específicos, como as regiões do estúdio da CBN e da casa de Carlos Alberto Sardenberg, de onde o jornalista apresenta o programa durante a pandemia, e na leitura de mensagens de ouvintes.

A participação do público, aliás, tem maior incidência no *CBN Brasil*, ainda que em blocos específicos. Nesses momentos, Sardenberg e Cássia batem papo sobre os recados de ouvintes, muitos relacionados aos protocolos de combate à pandemia, tema recorrente na semana em que o programa foi analisado. Nos diálogos que mantém entre si, a dupla de apresentadores faz uso de vocativos, o que amplia o tom de uma conversa mais leve. Essa situação é

acentuada quando, bem-humorados, os âncoras se tratam como “Carlos Alberto” e “Cássia Regina”. Não há, por outro lado, grandes menções que recorram à memória do público nem conversas com sobreposição de falas.

A representação observada no *CBN Brasil* é composta de fachadas, pessoais e institucional, pouco expressivas, ou seja, que revelam pouco dos indivíduos ao público, delimitando certo distanciamento e um espaço de mistificação do programa, nas palavras de Goffman (2002). Há pouco acesso às regiões de fundo, salvo em algum lapso pessoal ou tecnológico que obrigue os apresentadores a saírem do roteiro estabelecido.

No programa, se observa maior trânsito de Sardenberg e Cássia nas posições de incorporação da fala (PESSOA, 2008, p. 5), com a dupla ora assumindo papel de animador, aquele que emite elocuições sem ser o autor ou o responsável pela fala, ora assumindo essas funções, em comentários pessoais ou posicionamentos em nome da atração, da emissora e do público. Ocorrem poucos momentos de fala improvisada, sendo mais presentes as memorizações, principalmente da estrutura do roteiro e dos assuntos em questão no programa, e as leituras não memorizadas de manchetes e mensagens de ouvintes. A locução predominante no *CBN Brasil* é a de modo simultâneo, pois os apresentadores, repórteres e comentaristas se colocam perante o ouvinte de forma a observar e relatar o que enxergam de suas posições. Essa postura pode ser comparada com os fluxos de comunicação unidirecional direta e descritiva, na concepção de Prado (1989, p. 58), nos quais o ouvinte recebe informações do entrevistado (neste caso específico, de repórteres e comentaristas) de forma espontânea ou as observações, narrativas e descrições dos apresentadores, respectivamente.

5.4 Estúdio CBN

O *Estúdio CBN*, por sua vez, lança mão dos mais diversos elementos de coloquialidade conferidos na análise de conteúdo desta pesquisa. Além das contrações de palavras, recorrentes nos programas brasileiros observados, nota-se o uso da linguagem paulistana, sublinhada pelo sotaque dos apresentadores Tatiana Vasconcellos e Fernando Andrade. A atração também explora os elementos de vinculação, diferenciando-se do *CBN Brasil* em ambos os aspectos.

Uma das palavras mais presentes no bate-papo do programa é o “cê”, para se referir a “você”. Observa-se também o uso de expressões populares como “puxada de tapete”, “luz no fim do túnel” e “traíra”, além de onomatopeias e interjeições. Os verbos são pronunciados sem o “r” no final. Tais fenômenos acontecem na maioria das falas, até mesmo na conversa com repórteres e sendo mais destacada durante os comentários e os painéis – estrutura que propicia

o bate-papo e se torna mais flexível que as entrevistas realizadas pela Gaúcha tanto no *Atualidade*, mais sóbrio, quanto no *Timeline*, mais leve.

A vinculação entre programa e ouvintes se dá de diversas maneiras. Tatiana Vasconcellos, principalmente, e Fernando Andrade dividem seus hábitos e sentimentos de forma aberta. São exemplos as conversas sobre o que fizeram no fim de semana, os cuidados que a população pode tomar durante a pandemia, a crítica à falta de respeito aos protocolos sanitários e à falta de políticas públicas de combate ao coronavírus, as menções às conversas entre apresentadores e comentaristas fora do ar, os parabéns ao aniversário de um colega e às experiências musicais de outro, comentários sobre a vacinação de parentes, sobre tristeza e choro, entre outros. A presença de vocativos, que conota proximidade, é ressaltada com o uso de apelidos entre os apresentadores, “Tati” e “Fê”.

Os painéis, realizados a distância, fazem com que aconteçam episódios de sobreposição de falas, alguns desses casos em razão do atraso nas conexões. Não são raras as ocasiões em que Tatiana Vasconcellos precisa ordenar as falas de cada um, perguntar se alguém deseja comentar ou, até mesmo, questionar quem falou em meio a outra manifestação para poder identificar o interlocutor – exemplos todos vistos na edição de 23 de março. Essa situação, contudo, não ocorre durante todo o programa.

A participação e a memória dos ouvintes são reforçadas, principalmente, nos blocos em que o professor Pasquale Cipro Neto e o produtor musical João Marcelo Bôscoli batem papo com os apresentadores. No primeiro caso, as dicas sobre a língua portuguesa são todas baseadas em dúvidas do público, enviadas por e-mail ao comentarista. Pasquale se dirige ao ouvinte que escreveu a mensagem e reforça seus vínculos ampliando a conversa para os demais que, eventualmente, têm a mesma dúvida. Além disso, o professor repete o que chama de “auxílios luxuosos”, músicas que exemplificam o bom ou mau uso de determinada expressão do idioma, conversando com a memória da audiência. Da mesma forma, Bôscoli se dirige ao público pedindo lembranças que determinada música ou artista provocam. Um exemplo explícito é quando Tatiana Vasconcellos, ao listar os destaques do programa de 23 de março, pede que os ouvintes enviem “historinhas” pessoais relacionadas à obra de Jorge Ben Jor. Na mesma data, outro exemplo que demonstra o uso da memória na construção de uma fala é quando Bôscoli, ao dizer que não ouvia Tatiana Vasconcellos, menciona Tim Maia e seu conhecido bordão, utilizado nos palcos, reclamando da dificuldade técnica do áudio: “cadê o retorno?”. Ao contar passagens de artistas, o comentarista ilustra seus comentários com trechos das músicas sobre as quais se

refere e, de forma didática, explica como ocorreu a composição de determinada canção, como na edição de 25 de março, ao falar do grupo Bee Gees.

As fachadas pessoais dos apresentadores e dos comentaristas são bem definidas e explícitas aos ouvintes. O padrão expressivo de Tatiana Vasconcellos e Fernando Andrade indica sinais de sensibilidade, por exemplo, perceptíveis nas pautas abordadas, como deficiência, religiosidade e racismo, e de hospitalidade, como quando a apresentadora diz, bem humorada, que irá “passar batom” para receber os ouvintes, como se o *Estúdio CBN* fosse uma casa.

Os bastidores são evidenciados ao público, como quando Fernando e Tatiana precisam deixar o programa momentaneamente, ele em razão de uma gravação e ela por problemas na conexão, nas edições de 25 e 26 de março, respectivamente. Há conversas ao vivo sobre problemas técnicos e lapsos cometidos pela equipe do programa, sem cerimônia para escondê-los ou disfarçá-los, como observado nos episódios da ausência de um dos entrevistados, em 22 de março; da reverberação do áudio, o “sanduíche-iche”, no dia 23; do aguardo pelo pronunciamento do novo ministro da Saúde, em 24 de março; dos problemas com o áudio de uma das participantes do painel do dia 25 e, no mesmo dia, a participação de João Marcelo Bôscoli de dentro de um táxi; e do uso de um palavrão por parte de um entrevistado, no dia 26 de março.

Levando em consideração os conceitos discutidos por Goffman (1981), observa-se que os locutores do *Estúdio CBN* são *autores* de suas falas e que elas são espontâneas. Diferentemente do que ocorre no *CBN Brasil*, a postura adotada por Tatiana e Fernando é de modo triangular (GOFFMAN, 1981, p. 234), se aproximando do que acontece nos programas da *Gaúcha*, presente em *talk shows* ou entrevistas, em estrutura de comunicação unidirecional diferida (PRADO, 1989, p. 58).

5.5 Cada Mañana

Na Rádio Mitre, o *Cada Mañana* se aproxima, na proposta deste estudo, ao *Gaúcha Atualidade* e ao *CBN Brasil*, por ser um programa jornalístico de análise e repercussão dos fatos do dia com a presença do bate-papo, enquanto o *Pase Longobardi-Lanata* se aproxima do *Timeline Gaúcha* e do *Estúdio CBN* por ser um programa essencialmente de bate-papo, embora esses utilizem repórteres e comentaristas, bem como cumprem determinadas estruturas de produção. Contudo, são observadas algumas diferenças em ambos os casos.

Antes, considera-se importante ressaltar que os programas argentinos analisados têm um marcante tom local, assinalado pelo sotaque – ponderando ser mais perceptível a diferença

a ouvintes brasileiros não acostumados com o espanhol falado na Argentina e em Buenos Aires do que, imagina-se, a nativos. Ariel Palacios explica que:

Não existe um sotaque argentino propriamente dito, já que as entonações ao falar variam muito entre diversas regiões do país. No entanto, por magnitude populacional e por influência cultural, predomina na maior parte dos habitantes do país a forma portenha¹⁶⁸ de falar (e é assim que os argentinos são retratados no exterior). Os portenhos falam o espanhol com uma entonação italianizada, afirma Jorge Gulekian, do Laboratório de Investigações Sensoriais do Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (Conicet). (PALACIOS, 2015, p. 248).

Outros elementos a serem considerados nesse aspecto são a ironia, às vezes autoironia (PALACIOS, 2015, p. 13), e o sarcasmo, além do gestual, impossível de ser notado em uma transmissão radiofônica, a não ser que seja transmitida em vídeo.

Marcelo Longobardi e os demais integrantes do *Cada Mañana* fazem uso do *voseo*, tanto para se dirigirem aos ouvintes quanto nos diálogos que mantêm entre si. A presença dessa forma de conjugação é tão destacada que, por diversas vezes, ocorre até em sentido de interjeição, como nos repetidos “mirás vos”, ditos quase que automaticamente para demonstrar surpresa com alguma fala anterior.

A linguagem coloquial de Buenos Aires é explorada, principalmente, nas interações entre Longobardi e os colegas. Contudo, o apresentador não adota o mesmo tom durante suas análises quase monológicas.

O *Cada Mañana* ainda explora elementos de vinculação para com o público, demonstrando os mais diversos sentimentos diante das notícias e dividindo relatos do cotidiano dos apresentadores, entre os quais estão conversas sobre o que fizeram ao longo do dia, deslocamentos pela cidade, a exposição de diálogos ocorridos fora do ar, preferências por determinados programas de televisão, referências a familiares, entre outros descritos anteriormente. As referências a locais de Buenos Aires e da região da capital argentina também são usuais, pois não ocorrem em todos os blocos do programa. O uso de vocativos é muito presente, seja com os nomes de cada um deles, seja com apelidos como “Lean”, “Marce” ou “Marcelito”. Isso pode ser justificado pela grande quantidade de pessoas participando ao mesmo tempo do programa, o que, eventualmente, provocaria desencontro a um ouvinte mais desatento. O elevado número de integrantes também propicia um bate-papo com recorrentes interrupções e sobreposições de falas, inclusive no monólogo de Longobardi, mesmo que, neste momento, as intervenções sejam rápidas e pontuais.

¹⁶⁸ Adjetivo relativo a Buenos Aires.

Ainda que Marcelo Longobardi se dirija aos ouvintes em suas falas, não são usuais comentários acerca de eventuais participações do público, com leitura de mensagens e afins. Por outro lado, ocorrem, em alguns momentos, lembranças que buscam provocar a memória da audiência, como recordações de passagens antigas da carreira do apresentador relacionadas a eventos contemporâneos da política argentina. Cita-se, ainda, o constante reforço das condições do tempo e da previsão para cada dia, uma das formas de vinculação e sincronização motivadas pelo rádio na vida do ouvinte.

As representações de cada integrante são demarcadas com clareza. Longobardi assume o papel principal, como um guia das ações dos demais participantes do *Cada Mañana* e alguém que referenda as opiniões ali lançadas. As demais representações, passíveis de problematização, da mulher que assessora o protagonista, do comediante que rompe padrões, do médico que orienta o público ou do homem atento ao mundo do esporte, reforça o descrito por Goffman, que pontua existir em cada membro de uma equipe perfis diferentes para que o efeito final seja atingido (2002, p. 76-78).

O longo editorial do âncora, no qual analisa as notícias do dia, remete à observação de Goffman, que verifica a realização de uma espécie de atuação dramática por parte de um indivíduo na presença de outros (2002, p. 36) e, como já mencionado, cita o exemplo do rádio, no qual o locutor planeja seu texto com cuidado, ensaiando frases, conteúdo, linguagem, ritmo e fluência (GOFFMAN, 2002, p. 38). A ritualização da fala de Longobardi parece dominar as posições de autor e diretor, compreendendo tanto o caráter próprio da manifestação do apresentador quanto a possibilidade daquela mensagem ser também a posição de um grupo – seja a emissora ou a coletividade a qual ele se propõe representar. Ao mesmo tempo, o jornalista transita entre a recitação e a fala improvisada, modulando o impacto de seu discurso ao público. Nesse momento, Longobardi projeta sua locução de forma direta ao público, aquela na qual um apresentador fala apenas com o público, como se cada ouvinte fosse o único, em uma simulação de conversa entre duas pessoas (GOFFMAN, 1981, p. 235). Já nos momentos em que Marcelo Longobardi dialoga com seus colegas, há um alinhamento de fala no modo triangular ou de *talk show*. Essa alternância também é observada no esquema comunicativo proposto por Prado (1989, p. 58), ora com comunicação unidirecional descritiva, ora com comunicação unidirecional diferida. Por fim, apesar de incluir na representação elementos pessoais de cada integrante, o *Cada Mañana* não expõe os bastidores ou as regiões de fundo do programa ao ouvinte, mantendo certo distanciamento.

5.6 *Pase Longobardi-Lanata*

Apesar da curta duração, o *Pase Longobardi-Lanata* tem alta presença dos fenômenos analisados. Sem pauta ou roteiro aparentes, o programa permite a exploração do bate-papo ao máximo, potencializado pela personalidade efusiva de Jorge Lanata e pela quantidade de presentes.

O *voseo* é recorrente, inclusive com o sujeito oculto – ou seja, sem o “vos” presente – como é possível ver nos exemplos da abertura da edição de 5 de abril, quando María Isabel Sánchez e Jorge Lanata se referem diretamente a Longobardi com as expressões “mirás” e “disimulás”, e nos demais diálogos descritos ao longo da semana analisada. Na mesma interação, Lanata chama o colega jornalista de “boludo”, uma característica do *lunfardo* que se repete em diversas ocasiões, principalmente por parte do apresentador. São vistas palavras (palavrões, em alguns casos) como “hijo de puta”, “minas”, “jodiendo”, “a la mierda”, “quilombo”, “pendejito”, “me importa un pomo”, entre outros.

A vinculação de radialistas e público também é bastante presente. Entre os elementos elencados pela pesquisa, nota-se, mais uma vez, grande aproximação ao relatarem, no ar, seus hábitos e sentimentos pessoais diante do que acontece. São feitas referências a passeios, à rotina doméstica, aos problemas da profissão e aos anseios profissionais dos apresentadores, questões psicológicas ou, inclusive, do cotidiano urbano, como nas conversas sobre os quebra-molas e os sopradores de vento, entre outros temas. Por vezes, o bate-papo se desenrola no que se costuma chamar de “conversa de bar”, em que um assunto se desencadeia em outro.

O apelo à proximidade se dá em menções aos bairros onde vivem ou a ruas conhecidas da cidade. A residência de Longobardi, por exemplo, é citada quando Lanata diz que esteve passando pela região onde mora o colega e quando os integrantes se referem ao jornalista como o “Duque de Nordelta”, respectivamente nos programas dos dias 5 e 9 de abril. A vinculação pela memória também é presente, como nas menções a escritores e jornalistas na conversa sobre correspondentes de guerra. O uso de vocativos e a sobreposição de falas são fenômenos presentes. O segundo elemento, inclusive, dificultou a transcrição completa de alguns dos diálogos, tamanha a quantidade de pessoas falando, além do ritmo da conversa, com frases curtas e rápidas. Uma das consequências do intenso bate-papo é a repetição de palavras, com o objetivo de enfatizar o eventualmente não ouvido pelos demais. A participação dos ouvintes é praticamente nula.

A fachada de Marcelo Longobardi no *Cada Mañana* se altera no *Pase*, uma vez que passa a ser provocada pelo perfil de Lanata. Esse, então, faz evidente sua própria representação, construída por décadas de atuação em meios impressos, na televisão e no rádio. O estilo pretensamente rebelde e politicamente incorreto está presente no modo de falar. Na transmissão por vídeo do programa, é possível ver Lanata fumando no estúdio, em uma bancada com garrafas térmicas e cuias de mate, reforçando essa imagem e completando o cenário propício para um bate-papo radiofonizado.

As regiões de fundo são acessíveis ao público quando, por exemplo, o som da campanha da casa de Lanata vaza durante o programa ou, de modo deliberado, os apresentadores conversam sobre as ferramentas utilizadas para transmissão. No *Pase Longobardi-Lanata*, todos se comportam como autores de falas improvisadas, sem que sirvam apenas como animadores que recitam ou façam leituras não memorizadas, ou responsáveis pelos posicionamentos de um determinado grupo (PESSOA, 2008, p. 5). A locução ocorre em modo triangular (GOFFMAN, 1981, p. 234), o que reflete na comunicação unidirecional diferida (PRADO, 1989, p. 58).

Ao fim da análise, nota-se, então, diferenças entre os formatos dos programas, considerando que *Gaúcha Atualidade*, *CBN Brasil* e *Cada Mañana* são mais sóbrios em comparação com *Timeline Gaúcha*, *Estúdio CBN* e *Pase Longobardi-Lanata*. Ainda, é possível também perceber diferenças entre as três cidades, permitindo considerações sobre os problemas elencados pela pesquisa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios da radiofonia – no passado, no presente e no futuro – passam pela necessidade de alcançar o maior número de pessoas e de ser acessível a elas, o que “obriga o rádio a uma linguagem mista, complexa, de sabor todo especial” (ANDRADE, 2005, p. 115). Da mesma forma que as comunidades têm seus cardápios tradicionais, que carregam histórias e hábitos comuns, os “sabores” do rádio também se relacionam com as particularidades da vida de determinada região. Foi com o objetivo de compreender como se manifestam as linguagens do meio que esta pesquisa se dedicou a analisar como se apresentam, na contemporaneidade, as semelhanças e diferenças entre três localidades que, há cerca de um século, iniciaram a missão de falar com as pessoas pelas ondas eletromagnéticas (e hoje não limitada a elas).

Marshal McLuhan ressalta o caráter tribal do rádio, que remonta aos tempos da oralidade, mas agora transbordando os limites da aldeia ao mundo (1972, p. 270). Ao mesmo tempo em que se expande a essa dimensão global, o meio alcança o interior do corpo e da consciência, que, de igual forma acontece com outras tecnologias, culminaria em um processo criativo do conhecimento que “se estenderá coletiva e corporativamente a toda a sociedade humana” (McLUHAN, 1974, p. 17). O impacto dos meios de comunicação se dá sobre as mensagens, alterando a forma como elas se manifestam, e sobre o ambiente, que, como lembra Postman, é um complexo sistema que impõe determinados modos de pensar, sentir e se comportar (1970, p. 161).

Como resultado dessas interações proporcionadas pelos meios de comunicação – neste caso, o rádio – criam-se vínculos: sonoros, que consideram como o meio determina a mensagem e sincroniza a vida humana no ambiente (MENEZES, 2007); e sociais, que compreendem o fortalecimento dos laços dos que fazem parte daquela aldeia (SALOMÃO, 2003). Essas relações fazem com que o rádio dialogue e se identifique com determinadas comunidades, cuja representação mais íntima desses complexos é a aldeia (TÖNNIES, 1995, p. 245). Para lograr a identificação que proporcione tais vínculos, uma das formas é representar valores comuns da comunidade (GOFFMAN, 2002, p. 41) – um deles, a fala coloquial, sugere esta pesquisa.

Como hipótese, esta pesquisa sugere que o bate-papo no ar coloca o rádio de Porto Alegre mais próximo de Buenos Aires do que de São Paulo, a partir da exploração de aspectos próprios da linguagem coloquial da região, do reforço de vínculos entre meio e ouvinte e de uma representação marcadamente local de si. Os elementos verificados permitem confirmar a hipótese, não sem algumas ponderações.

Nota-se que, de fato, o rádio de Porto Alegre lança mão de elementos da coloquialidade local para se aproximar de seu público. O primeiro senão a ser considerado é que menor ou maior expressividade são vistas de acordo com o formato de cada programa, neste caso, *Gaúcha Atualidade* e *Timeline Gaúcha*, respectivamente. Em ambos os exemplos, são criados vínculos entre comunicadores e ouvintes, ainda que a conversa ocorra dentro do estúdio (ou, no cenário pandêmico, da casa dos apresentadores) com o público recebendo as informações em um fluxo de comunicação diferida (PRADO, 1989, p. 58). Além disso, as representações criadas são demarcadas claramente, com a repetição de valores sensíveis às comunidades porto-alegrense e gaúcha.

Da mesma forma, em Buenos Aires, o bate-papo é mantido com vasta exploração da coloquialidade, em maior grau no *Pase Longobardi-Lanata* e, como analisado em Porto Alegre, mais controlado no *Cada Mañana*. Os vínculos existentes, adequados à realidade local da capital argentina, também são consolidados pela forma em que a conversa se desenvolve no ar, aproximando os apresentadores da realidade do público com quem se propõem a conversar. Na Rádio Mitre, aliás, a conversa não é apenas entre os comunicadores, pois, em alguns momentos, há a simulação de um diálogo direto entre jornalista e ouvinte. Como na Rádio Gaúcha, a emissora bonaerense faz da conjunção das representações individuais a sua representação coletiva perante a comunidade, retransmitindo suas crenças àqueles com quem divide os hábitos da vida cotidiana argentina.

Por outro lado, nota-se diferença entre Gaúcha e Mitre, observando que na emissora de Porto Alegre o bate-papo ora é ensimesmado, correndo o risco de deixar o ouvinte de fora da conversa, concentrada apenas aos interesses e problemas dos comunicadores. Além disso, o “hiperlocalismo” relatado pro Gambaro (2019, p. 222) pode tangenciar o bairrismo, soando artificial e tornando-se jocoso. Já na emissora argentina, ainda que, por vezes, sejam abordados temas pessoais das vidas dos apresentadores ou aspectos notadamente locais, busca-se maior conexão com a realidade do público, usando exemplos particulares para ilustrar algo de interesse coletivo.

Traçar os paralelos entre Porto Alegre e Buenos Aires, confirmando as premissas que nortearam o estudo, sugere o questionamento de que o rádio em São Paulo não exploraria, no seu bate-papo, a coloquialidade, as formas de vinculação e representações de si para o público. Contudo, verifica-se que há, sim, a existência dessas características na CBN, mas de forma diferente do que ocorre nas outras praças analisadas. A emissora paulistana alterna seu foco, justamente, entre a cidade de São Paulo e o Brasil como um todo. A linguagem coloquial e a

vinculação são mais presentes quando a estação não necessita conversar com realidades locais tão distintas ao mesmo tempo. No *CBN Brasil*, com o factual dos acontecimentos do dia, não permite com tanta frequência o reforço dos elos locais, uma vez que se fala de São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e outras cidades em um curto espaço de tempo, enquanto a vinculação se manifesta mais por estímulos do ritmo do dia do que por laços sociais. Já no *Estúdio CBN*, por exemplo, os temas mais subjetivos e/ou tratados de forma mais generalista e ampla, como nos debates e comentários de política, acessibilidade, racismo, língua portuguesa, música e esporte, podem ser desenvolvidos com maior flexibilidade, e a vinculação no programa ocorre menos por aspectos regionais e mais pelo caráter humano, “gente como a gente”, dos apresentadores.

Em Porto Alegre e Buenos Aires, o bate-papo de Gaúcha e Mitre é mais do que uma simples conversa e incorpora os elementos da *charla*, cuja definição do *Diccionario de la Lengua Española* vai além do sentido estrito de “conversar” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2001, p. 520), pontuando o ato como uma “dissertação oral ante um público, sem solenidade nem excessivas preocupações formais” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2001, p. 520)¹⁶⁹. Percebe-se, na língua espanhola, significados sutilmente diferentes daqueles que as palavras “conversar” e “conversa” têm no português. No Brasil, o verbo é definido como “trocar palavras, ideias (com alguém), sobre qualquer assunto” (DICIONÁRIO HOUAISS CORPORATIVO, [s.d.]), enquanto o substantivo significa “troca de palavras, de ideias entre duas ou mais pessoas sobre assunto vago ou específico” (DICIONÁRIO HOUAISS CORPORATIVO, [s.d.]).

Nas capitais do Rio Grande do Sul e da Argentina, ainda que se reconheçam as vinculações sonoras, predominam os laços sociais, uma vez que promove a identificação coletiva a partir do compartilhamento de experiências e emoções.

As pessoas exercitam a partir do rádio e com ele, desde o debate público, a busca da cidadania, a celebração ritualística, a festa, o folclore, o desejo, a frustração, o limite, o desejo de justiça, valores morais até a fofoca, o medo, o tabu, o mito... O rádio é, por assim dizer, a permanência e reenquadramento de nossa tradição oral, formulada institucionalmente e formatada a partir de códigos, técnicas e regras de linguagem [...]. (SALOMÃO, 2003, p. 128).

Já na capital de São Paulo, embora também existam vínculos sociais, o principal estímulo é sonoro, pois, com as vinhetas, blocos bem definidos e manchetes rápidas, o ouvinte vibra com os ritmos do rádio e os relaciona com os ritmos do corpo e da cidade em sincronia.

¹⁶⁹ No original: “disertación oral ante un público, sin solemnidad ni excesivas preocupaciones formales.”

Os sons, também percebidos nas diversas mídias sonoras, tocam o mundo e acariciam – ou incomodam – os nossos corpos. Assim, como percebemos vibrações sonoras com todo o corpo, podemos dizer que as emissoras de rádio são muito mais misturas comunicativas que simples meios de comunicação. [...] Em uma cidade como São Paulo, diferentes grupos socioculturais se articulam a partir da coesão e aproximação. (MENEZES, 2007, p. 121).

São reconhecidas lacunas e outras hipóteses que, sob novos olhares, podem contribuir para um retrato mais completo deste complexo cenário estudado. Em um estudo futuro, no aspecto metodológico, pode-se considerar a validade de uma análise quantitativa da frequência dos elementos aqui discutidos. São questionadas outras questões, como a possibilidades de a coloquialidade ser explorada como estratégia de mercado a fim de se aproximar do formato de *podcasts* e *videocasts*, popularizados no início desta década de 2020, e de seus respectivos públicos, para ampliar o alcance das emissoras. É interessante ressaltar, além de exemplos nacionais, a produção da própria Gaúcha, no *Era uma vez no oeste*, *podcast* conduzido por Daniel Scola, Luciano Potter e Magro Lima, e *Descomplica, Kelly!*, com Kelly Matos. Outro ponto que merece destaque é que a coloquialidade e a vinculação podem ter sido acentuadas durante a pandemia de covid-19. O isolamento provocado pela doença e os consequentes efeitos sociais e psicológicos disso podem reforçar a busca pelo rádio como companheiro. Diante disso, e também afetados pelos mesmos efeitos, comunicadores podem ter reforçado um comportamento mais próximo do público em meio à crise. Nas primeiras semanas de abril de 2020, logo depois do início da disseminação do coronavírus, um levantamento verificou que 71% da população ouvia rádio da mesma forma ou até mais do que antes da pandemia e que 20% disseram ouvir muito mais o meio no isolamento (KANTAR IBOPE MEDIA, 2020).

Assim, considera-se que o bate-papo do rádio de Porto Alegre, a partir do exemplo da Gaúcha, se aproxima mais de Buenos Aires, com a Mitre, do que de São Paulo, com a CBN. Todavia, pelo exposto anteriormente, essa aproximação ocorre pela forma de execução do bate-papo, mais regionalizado, e não pela ausência do fenômeno no rádio paulistano, que busca ser mais nacional. Por este motivo, torna-se mais fácil fazer uso da coloquialidade comum a um público mais concentrado, reforçar vínculos com essa comunidade específica e expressar representações mais condizentes com os valores desse grupo do que alcançar esses mesmos objetivos quando os ouvintes aos quais se destinam as mensagens é mais heterogêneo.

7. REFERÊNCIAS

- “ATUALIDADE” e “Gaúcha Mais” anunciam reforços no time de apresentadores. **GZH**, Porto Alegre, 10 set. 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2021/09/atualidade-e-gaucha-mais-anunciam-reforc-os-no-time-de-apresentadores-cktdi1uq300bn0193prdv3u82.html>. Acesso em: 18 set. 2021.
- “NÃO vejo a hora de voltar para o ar”, conta Daniel Scola. **GZH**, Porto Alegre, 25 ago. 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2021/08/nao-vejo-a-hora-de-voltar-para-o-ar-conta-daniel-scola-cksrjv4n1002u0193xk374n7u.html>. Acesso em: 29 jan. 2022.
- AGUSTI, M. S.; MASTRINI, G.; ARRIBÁ, S. Radio, economía y política entre 1920 y 1945: de los pioneros a las cadenas. In: MASTRINI, G. (Ed.). **Mucho ruido, pocas leyes: economía y políticas de comunicación en la Argentina (1920-2004)**. Buenos Aires (Argentina): La Crujía Ediciones, 2006. p. 29-51.
- ANDRADE, M. A língua radiofônica. In: MEDITSCH, E. (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005. p. 113-117.
- ANDRÉ Machado deixa a Rádio Gaúcha e ingressa na política. **GZH**, Porto Alegre, 24. Set. 2013. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/09/andre-machado-deixa-a-radio-gaucha-e-ingressa-na-politica-cj5vcxbh8063ixbj06pgdwqn5.html>. Acesso em: 23 nov. 2021.
- ARNHEIM, R. O diferencial da cegueira: estar além dos limites dos corpos. In: MEDITSCH, E. (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005. p. 61-98.
- BAINI, L. A. **O infotainment em rádios de hard news: Uma análise do programa Timeline**. 2021. 223 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/224273/001128507.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2021.
- BANDNEWS FM. **Veja nossa programação**. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/bandnews-fm/programacao>. Acesso em: 29 set. 2021.
- BARBOSA, R. M. Compreendendo McLuhan: o que são meios quentes e meios frios. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 19., 2017, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. p. 1-15. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1545-1.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011. Tradução de: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.
- BETTI, J. C. G.. **A especificidade das redes de rádio all-news brasileiras: os casos da CBN e da BandNews FM**. 2009. 195 f. Tese (Doutorado) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/92959/275874.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021.
- CBN. **História: a rádio que toca a notícia**. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/institucional/historia/HISTORIA.htm>. Acesso em: 29 set. 2021.
- CBN. **Rede CBN**. Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/institucional/rede-cbn/REDE-CBN.htm>. Acesso em: 29 set. 2021.
- CBN. **CBN Brasil**. São Paulo, 22 mar. 2021. Fragmento de programa de rádio.
- CBN. **CBN Brasil**. São Paulo, 23 mar. 2021. Fragmento de programa de rádio.

CBN. **CBN Brasil**. São Paulo, 24 mar. 2021. Fragmento de programa de rádio.

CBN. **CBN Brasil**. São Paulo, 25 mar. 2021. Fragmento de programa de rádio.

CBN. **CBN Brasil**. São Paulo, 26 mar. 2021. Fragmento de programa de rádio.

CBN. **Estúdio CBN**. São Paulo, 22 mar. 2021. Fragmento de programa de rádio.

CBN. **Estúdio CBN**. São Paulo, 23 mar. 2021. Fragmento de programa de rádio.

CBN. **Estúdio CBN**. São Paulo, 24 mar. 2021. Fragmento de programa de rádio.

CBN. **Estúdio CBN**. São Paulo, 25 mar. 2021. Fragmento de programa de rádio.

CBN. **Estúdio CBN**. São Paulo, 26 mar. 2021. Fragmento de programa de rádio.

CBN PODCAST. **CBN Brasil**. Disponível em: <https://audioglobo.globo.com/cbn/podcast/feed/173/cbn-brasil>. Acesso em: 6 out. 2021.

CBN PODCAST. **Estúdio CBN**. Disponível em: <https://audioglobo.globo.com/cbn/podcast/feed/325/estudio-cbn>. Acesso em: 6 out. 2021.

CHAGAS, G. M.; FERRARETTO, L. A. O bate-papo no ar: coloquialidade e vinculação no programa Timeline Gaúcha. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE RÁDIO, 4., 2021, Cuiabá. **Anais [...]**. Cuiabá: UFMT, 2021. p. 9-11. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1eIPmC62kN-KuC1LLnNXagEgqM_nS64XT/view. Acesso em: 20 set. 2021.

CIENRADIOS. **Mitre institucional**: Nuestra programación. Disponível em: <https://institucional.cienradios.com/mitre-institucional/>. Acesso em: 6 out. 2021.

DEL BIANCO, N. R. O tambor tribal de McLuhan. In: MEDITSCH, E. (Org.). **Teorias do rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005. p. 153-162.

DICIONÁRIO HOUAISS CORPORATIVO. Rio de Janeiro, s.d. Disponível em: <https://www.houaiss.net/corporativo/apps/www2/v6-0/html/index.php>. Acesso em 2 mar. 2022.

EL TENSO momento en el pase entre Jorge Lanata y Marcelo Longobardi que provocó una drástica decisión de Radio Mitre. **La Nación**, Buenos Aires (Argentina). 13 ago. 2021. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/espectaculos/el-tenso-momento-que-se-vivio-en-el-pase-entre-jorge-lanata-y-marcelo-longobardi-que-genero-malestar-nid13082021/>. Acesso em: 18 set. 2021.

ENERGÍA. Intérprete: Mateo Sujatovich. Compositor: Leo Sujatovich. Buenos Aires (Argentina): Epsa Music, 2016. Spotify (3 min 49 s).

ESPADA, A. **90 años de Mitre, la radio de los multimedios**. Buenos Aires (Argentina). 19 ago. 2015. Disponível em: <https://agustinespada.wordpress.com/2015/08/19/90-anos-de-mitre-la-radio-de-los-multimedios/>. Acesso em: 17 set. 2021.

ESPADA, A. **Datos de penetración de la radio en los principales centros urbanos según @K_IBOPEMediaAL Via el gran @RMarianoprod**. Buenos Aires (Argentina), 21 fev. 2021. Twitter: @AgustinEspada. Disponível em: <https://twitter.com/AgustinEspada/status/1495742808304590849>. Acesso em: 27 fev. 2022.

FERNANDES, F. P. F. Voseo: aspectos e variantes voseantes dentro da hispanoamérica. **Revista Ideias**, Santa Maria (RS): Universidade Federal de Santa Maria, v. 16, n. 2, p. 31-34, jul.-dez. 2002. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistaideias/Artigos%20revista%2016%20em%20PDF/voseo.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2022.

FERRARETTO, L. A. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40):** dos pioneiros às emissoras comerciais. Canoas (RS): Editora da Ulbra, 2002.

FERRARETTO, L. A. **Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul:** as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20. Canoas: Editora da Ulbra, 2007.

FERRARETTO, L. A. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e da Comunicação**, São Cristóvão (SE), v. 14, n. 2, p. 1-24, ago. 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufs.br/index.php/epic/article/view/418/332>. Acesso em: 18 set. 2021.

FERRARETTO, L. A. **Rádio:** Teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

FERRARETTO, L. A. Estruturação da mercadoria das emissoras comerciais sob a convergência: apontamentos para uma economia política da indústria radiofônica. **Revista Famecos**, Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, v. 21, n. 3, p. 943-965, set.-dez. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/18855/12571>. Acesso em: 17 dez. 2021.

FERRARETTO, L. A. André Machado e o Gaúcha Atualidade. **Uma história do rádio no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://www.radiornors.jor.br/2001/10/andre-machado-e-o-gaucha-atualidade.html>. Acesso em: 23 nov. 2021.

FERRARETTO, L. A. Radiojornalismo 24 horas: cheio de *talk*, um *all-news* que não é *all-news*. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 13., 2021, Juiz de Fora (MG). **Anais [...]**. Juiz de Fora: Alcar, 2021. p. 1-16. Disponível em: https://secureservercdn.net/50.62.195.83/jga.766.myftpupload.com/wp-content/uploads/2021/08/20_gt_historiadamidiasonora.pdf. Acesso em: 20 nov. 2021.

FERRARETTO, L. A.; MORGADO, F. Mercado em acomodação: uma proposta conceitual a partir do segmento de radiojornalismo em Porto Alegre e da TV aberta no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0201-1.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021.

FISCHER, L.A. **Dicionário de Porto-Alegres**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.

GAMBARO, D. **A instituição social do rádio:** (Re)agregando as práticas discursivas da indústria no ecossistema midiático. 2019. 455 f. Tese (Doutorado) - Curso de Meios e Processos Audiovisuais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27161/tde-23072019-105047/publico/DanielGambaro.pdf>. Acesso em: 16 set. 2021.

GARCIA, R. Grandes gafes da TV. **Veja São Paulo**, São Paulo, 1 nov. 2017. Coluna Memória. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/memoria/grandes-gafes-da-tv/>. Acesso em: 4 fev. 2022.

GOFFMAN, E. **Forms of talk**. Filadélfia (EUA): University of Pennsylvania Press, 1981.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2002. Tradução de: Maria Célia Santos Raposo.

GRUPO DE MÍDIA SÃO PAULO. **Mídia dados Brasil 2020:** Para todxs. São Paulo: Grupo de Mídia São Paulo, 2020. Disponível em: <https://midiadadosgmsp.com.br/2020/>. Acesso em: 16 set. 2021.

JACKS, N. A. **Mídia nativa: Indústria cultural e cultura regional**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Brasil / Consumo de Rádio**. São Paulo: Kantar Ibope Media, 2020. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/brasil-consumo-de-radio/>. Acesso em: 2 mar. 2022.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Inside radio 2021**. São Paulo: Kantar Ibope Media, 2021. Disponível em: https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2021/09/INSIDE-RADIO-2021_Kantar-IBOPE-Media.pdf. Acesso em: 16 set. 2021.

KEITH, M. C. **The radio station: broadcast, satellite and internet**. 8. ed. Burlington (EUA): Focal Press, 2010.

KISCHINHEVSKY, M. Cultura da portabilidade – Novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora. **Observatorio (Obs*) Journal**, Lisboa (Portugal), v. 3, n. 1, p. 223-238, 2009. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/271/241>. Acesso em: 22 set. 2021.

KISCHINHEVSKY, M. Métodos de pesquisa qualitativa aplicada à comunicação radiofônica. In: MOURA, C. P.; LOPES, M. I. V. (Org.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2016. p. 277-294. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/Acessolivre/Ebooks/Pdf/978-85-397-0803-1.pdf>. Acesso em: 27 set. 2021.

LEVINSON, P. McLuhan and Media Ecology. **Proceedings of the media ecology association**, Nova Iorque (EUA), v. 1, p. 17-22, 2000. Disponível em: <https://www.media-ecology.org/resources/Documents/Proceedings/v1/v1-03-Levinson.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2021.

LOGAN, R. K. McLuhan's Philosophy of Media Ecology: An Introduction. **Philosophies**, Basileia (Suíça), v. 1, n. 2, p. 133-140, ago. 2016. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2409-9287/1/2/133/htm>. Acesso em: 7 nov. 2021.

LOPEZ, D. C. **Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. 2009. 299 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5209/1/DeboraLopez.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021.

LONGOBARDI, M. La despedida de Marcelo Longobardi después de 21 años en Cada Mañana: "He sido muy feliz". **Marcelo Longobardi**, Buenos Aires (Argentina), 3 nov. 2021. Disponível em: <https://marcelolongobardi.cienradios.com/la-despedida-de-marcelo-longobardi-disfrute-mucho-de-estos-21-anos-he-sido-muy-feliz/>. Acesso em: 4 nov. 2021.

LOREGIAN, L. **Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil**. 1996. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/111267/104709.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

MARANGONI, N. Programação Jornalística: Vinte e quatro horas por Dia: o pioneirismo da CBN - Central Brasileira de Notícias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 22., 1999, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 1999. p. 1-18. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/46dabee89f6c788909315cf3a621ae9.PDF>. Acesso em: 29 set. 2021.

- MASCAREÑO, P. Rating: Marcelo Longobardi y el fin de una era exitosa de 21 años con récords de audiencia en Radio 10 y Mitre. **La Nación**, Buenos Aires, 03 nov. 2021. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/espectaculos/radio/marcelo-longobardi-y-el-fin-de-una-era-exitosa-21-anos-con-records-de-audiencia-en-radio-10-y-mitre-nid03112021/>. Acesso em: 23 nov. 2021.
- MASSARO, C. Rádio Gaúcha comemora os seis anos na liderança de audiência em Porto Alegre. **TudoRádio.com**, Curitiba, 12 mar. 2021. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/25071-radio-gaucha-comemora-os-seis-anos-na-lideranca-de-audiencia-em-porto-alegre>. Acesso em: 29 jan. 2022.
- MATTELART, A; MATTELART, M. **História das teorias da comunicação**. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999. Tradução de: Luiz Paulo Rouanet.
- MAZUI, G. Número de mortos por Covid-19 ‘ultrapassou o limite do bom senso’, diz Mourão. **G1**, Brasília, 25 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/25/mourao-diz-que-numero-de-mortos-por-covid-19-no-brasil-ultrapassou-o-limite-do-bom-senso.ghtml>. Acesso em: 3 fev. 2022.
- McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 4. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1974. Tradução de: Décio Pignatari.
- McLUHAN, M. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo: Editora Nacional, Editora da USP, 1972. Tradução de: Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira.
- MEDICIONES Y MERCADO. **Medición general de audiencia de radio**: Agosto - Setiembre 2018. 37. ed. Montevideu (Uruguai): Mediciones y Mercado, 2018.
- MENEZES, J. E. O. **Rádio e cidade: vínculos sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.
- MORTES e casos de coronavírus nos estados. **G1**, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-mo-vel/>. Acesso em: 21 nov. 2021.
- PALACIOS, A. **Os argentinos**. São Paulo: Contexto, 2015.
- PESSOA, S. C. Goffman: a fronteira sutil entre a fala cotidiana e a locução no rádio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal. **Anais [...]**. Natal: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008. p. 1-12. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0840-1.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.
- POSTMAN, N. The reformed English curriculum. In: EURICH, A. C. (Ed.). **High school 1980: the shape of the future in American secondary education**. Nova Iorque (EUA): Pitman Publishing Corporation, 1970. p. 160-168. Disponível em: <https://nysgs.org/resources/Documents/Reformed%20English%20Curriculum.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2021.
- POSTMAN, N. The humanism of Media Ecology. **Proceedings of the Media Ecology Association**, Nova Iorque (EUA), v. 1, p. 10-16, 2000. Disponível em: <https://www.media-ecology.org/resources/Documents/Proceedings/v1/v1-02-Postman.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2021.
- POSTOLSKI, G.; MARINO, S. Relaciones peligrosas: los medios y la dictadura entre el control, la censura y los negocios. In: MASTRINI, G. (Ed.). **Mucho ruido, pocas leyes: economía y políticas de comunicación en la Argentina (1920-2004)**. Buenos Aires (Argentina): La Crujía Ediciones, 2006. p. 155-184.

PRADO, E. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus Editorial, 1989.

RÁDIO GAÚCHA. **Gaúcha Atualidade**. Porto Alegre, 12 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RÁDIO GAÚCHA. **Gaúcha Atualidade**. Porto Alegre, 13 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RÁDIO GAÚCHA. **Gaúcha Atualidade**. Porto Alegre, 14 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RÁDIO GAÚCHA. **Gaúcha Atualidade**. Porto Alegre, 15 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RÁDIO GAÚCHA. **Gaúcha Atualidade**. Porto Alegre, 16 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RÁDIO GAÚCHA. **Timeline Gaúcha**. Porto Alegre, 12 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RÁDIO GAÚCHA. **Timeline Gaúcha**. Porto Alegre, 13 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RÁDIO GAÚCHA. **Timeline Gaúcha**. Porto Alegre, 14 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RÁDIO GAÚCHA. **Timeline Gaúcha**. Porto Alegre, 15 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RÁDIO GAÚCHA. **Timeline Gaúcha**. Porto Alegre, 16 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RADIO MITRE. **Cada Mañana**. Buenos Aires (Argentina), 5 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RADIO MITRE. **Cada Mañana**. Buenos Aires (Argentina), 6 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RADIO MITRE. **Cada Mañana**. Buenos Aires (Argentina), 7 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RADIO MITRE. **Cada Mañana**. Buenos Aires (Argentina), 8 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RADIO MITRE. **Cada Mañana**. Buenos Aires (Argentina), 9 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RADIO MITRE. **Pase Longobardi-Lanata**. Buenos Aires (Argentina), 5 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RADIO MITRE. **Pase Longobardi-Lanata**. Buenos Aires (Argentina), 6 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RADIO MITRE. **Pase Longobardi-Lanata**. Buenos Aires (Argentina), 7 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RADIO MITRE. **Pase Longobardi-Lanata**. Buenos Aires (Argentina), 8 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RADIO MITRE. **Pase Longobardi-Lanata**. Buenos Aires (Argentina), 9 abr. 2021. Fragmento de programa de rádio.

RADIODIFUSIONDATA. **Ratings de radio de julio en el AMBA**. Buenos Aires (Argentina). Disponível em: <http://www.radiodifusiondata.com.ar/ratings-radio.htm>. Acesso em: 29 jan. 2022.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la Lengua Española**. Madrid (Espanha): Espasa Calpe, 2001.

RICCO, F. Rádio Globo encerra, amanhã, as suas atividades em São Paulo. **UOL**, São Paulo, 30 maio 2020. Coluna Flávio Ricco (UOL TV e Famosos). Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/colunas/flavio-ricco/2020/05/30/radio-globo-encerra-amanha-as-suas-atividades-em-sao-paulo.htm>. Acesso em: 16 set. 2021.

ROSSI, D. La radiodifusión entre 1990-1995: Exacerbación del modelo privado-comercial. In: MASTRINI, G. (Ed.). **Mucho ruido, pocas leyes: economía y políticas de comunicación en la Argentina (1920-2004)**. Buenos Aires (Argentina): La Crujía Ediciones, 2006. p. 235-255.

RÜDIGER, F. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1993.

RÜDIGER, F. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011. (Coleção Cibercultura).

RÜDIGER, F. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SABALLA JR, L. H. **A mudança do padrão de emissão na reportagem da Gaúcha: Uma análise da preponderação do ao vivo na fase da convergência**. 2019. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/189350/001089251.pdf>. Acesso em: 6 out. 2021.

SALOMÃO, M. **Jornalismo radiofônico e vinculação social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SCOLARI, C. A. Los ecos de McLuhan: ecología de los medios, semiótica e interfaces. **Palabra Clave**, Chía (Colômbia), v. 18, n. 4, p. 1025-1056, dez. 2015. Disponível em: <https://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/5419/pdf>. Acesso em: 6 nov. 2021.

SCHMITZ, K. L. Comunidade: a unidade ilusória. In: MIRANDA, O. (Org.) **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. p. 177-193.

SEIS vezes obrigado: Gaúcha celebra confiança dos gaúchos. **Grupo RBS**, Porto Alegre, 10 mar. 2021. Disponível em: <http://www.gruporbs.com.br/noticias/2021/03/10/seis-vezes-obrigado-gaucha-celebra-confianca-dos-gauchos>. Acesso em: 29 jan. 2022.

SEM evidências, Onyx diz que lockdown não funciona porque insetos podem transportar o vírus; especialistas rebatem afirmação. **G1**, São Paulo, 26 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/26/sem-evidencias-onyx-diz-que-lockdown-nao-funciona-porque-insetos-podem-transportar-o-virus-especialistas-rebatem-afirmacao.ghtml>. Acesso em: 3 fev. 2022.

SILVEIRA, F. A galáxia de McLuhan. **Verso e Reverso**, São Leopoldo (RS), v. 25, n. 59, p. 129-139, maio-ago. 2011. Disponível em: <http://revistas.unisinus.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2011.25.59.06/461>. Acesso em: 20 set. 2021.

SMINK, V. 'Estamos exaustos': o efeito da quarentena mais longa do mundo sobre os argentinos. **BBC News Brasil**, [S.l.], 24 ago. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53870868>. Acesso em: 9 fev. 2022.

STARCK, D. Panorama: Rádio de São Paulo crava mais uma alta de audiência e renova melhor marca desde 2018. **TudoRádio.com**, Curitiba, 11 jan. 2022. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/26701-panorama-radio-de-sao-paulo-crava-mais-uma-alta-de-audiencia-e-renova-melhor-marca-desde-2018>. Acesso em: 29 jan. 2022.

STARCK, D. Panorama: Panorama: Rádio 92 avança de novo e entra no top 3. Rádio Gaúcha segue líder isolada em Porto Alegre. **TudoRádio.com**, Curitiba, 28 jan. 2022. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/26701-panorama-radio-de-sao-paulo-crava-mais-uma-alta-de-audiencia-e-renova-melhor-marca-desde-2018>. Acesso em: 29 jan. 2022.

STRATE, L. Studying media as media: McLuhan and the Media Ecology Approach. **Media Tropes**, Ottawa (Canadá), v. 1, p. 127-142, 2008. Disponível em: <https://mediatropes.com/index.php/Mediatropes/article/view/3344/1488>. Acesso em: 7 nov. 2021.

STRATE, L.; BRAGA A.; LEVINSON P. **Introdução à ecologia das mídias**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2019.

TAROUCO, V. C. **Tradução de dialetos em trainspotting**: o dialeto porto-alegrense como solução. 2018. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/193082/001090855.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

TÖNNIES, F. Comunidade e sociedade: textos selecionados. In: MIRANDA, O. (Org.) **Parler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995. p. 231-352.